

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

WILLIAN LIMA MELO

**O processo de institucionalização científica na Ciência da Informação no  
Brasil: um campo disciplinar sob a perspectiva transversalista**

RECIFE  
2020

WILLIAN LIMA MELO

**O processo de institucionalização científica na Ciência da Informação no  
Brasil: um campo disciplinar sob a perspectiva transversalista**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do Título de Doutor em Ciência da Informação.

**Área de Concentração:** Informação, Memória e Tecnologia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leilah Santiago Bufrem.

**Coorientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia.

RECIFE

2020

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

M528p Melo, Willian Lima  
O processo de institucionalização científica na Ciência da Informação no Brasil: um campo disciplinar sob a perspectiva transversalista / Willian Lima Melo. – Recife, 2020.  
264f.: il.

Orientadora: Leilah Santiago Bufrem.  
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2020.

Inclui referências e apêndices.

1. Campo Científico. 2. Ciência da Informação. 3. Sociologia da Ciência. 4. Perspectiva Transversalista. 5. Política Científica. I. Bufrem, Leilah Santiago (Orientadora). II. Título.

020 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2021-04)

WILLIAN LIMA MELO

**O processo de institucionalização científica na Ciência da Informação no  
Brasil: um campo disciplinar sob a perspectiva transversalista**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do Título de Doutor em Ciência da Informação.

Aprovada em: 10/ 11/ 2020.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leilah Santiago Bufrem (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Fábio Mascarenhas e Silva (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cláudia Cabrini Grácio (Examinadora Externa)  
Universidade Estadual Paulista

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bruna Silva do Nascimento (Examinadora Externa)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves (Examinador Externo)  
Universidade Federal da Paraíba

## AGRADECIMENTOS

Por todos os esforços e compartilhamentos acadêmicos, únicos neste caminhar, por se mostrar serena diante minhas angústias emocionais e intelectuais, agradeço à minha orientadora, Leilah Bufrem. A dedicação, o amor, o entusiasmo e a humildade de nossa parceria superaram barreiras temporais e espaciais. À Anna Elizabeth Correia, minha coorientadora, agradeço o companheirismo, a ética e o profissionalismo. Vocês foram essenciais neste processo.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPE e ao quadro de servidores/colaboradores técnicos que dele faz parte, especialmente à Suzana Wanderley, pelo acolhimento e incentivo.

Agradeço as professoras Maria Cláudia Grácio, Nancy Tarragó e Bruna Nascimento e aos professores Edvaldo Alves e Fábio Mascarenhas pelas contribuições acadêmicas voltadas ao aperfeiçoamento deste trabalho.

Agradeço à Sandra Nunes, ao Josealdo Tonholo, à Silvia Uchôa, à Sandra Paz e à Neide Almeida, todos grandes mestres e incentivadores da minha carreira acadêmica. Aos colegas professores e técnicos do curso de Relações Públicas e Biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas que, com muita compreensão, apoiaram essa trajetória.

Agradeço à Isabel Perini e à Patrícia Magalhães pelo profissionalismo médico, acolhida e incentivos.

Agradeço a Jesús Mena-Chalco e Roberto Cesar Júnior pelo desenvolvimento e compartilhamento gratuito da ferramenta scriptLattes.

Aos amigos de turma de mestrado e doutorado, os quais com carinho carregarei na lembrança por longas datas. Em especial, agradeço a paciência e disponibilidade de Márcio Ferreira que me auxiliou no processamento dos dados.

À Roseane Souza, pela verdadeira amizade e demonstração genuína do receptivo espírito pernambucano. Minha querida amiga, sua trajetória é uma inspiração para mim.

Reservo meus agradecimentos aos amigos alagoanos, sobretudo aos que souberam aproveitar minhas presenças pontuais. Agradeço à Ana Azevedo e família, à Ceres Louise e Izaac Alencar, à Lyana Munt e Lyara Munt, à Roseane Lopes, ao Orlando Pimentel e à Danielle Agnes.

A minha esposa, Izadora Garcia, pelo cumprimento diário dos votos de cuidado emocional e mental, sem esse suporte não teria conseguido chegar aonde estou e nem ter a esperança de ir mais longe.

Sou grato as minhas famílias materna e paterna por me acompanharem, oferecendo apoio e sempre comemorando comigo minhas conquistas, em especial à Geysa Loren, Iolanda Alves e Alice Lyra.

Reservo minha eterna gratidão a minha mãe, Maria Cristina, meus irmãos, Priscila Lima e Pedro Henrique e meu sobrinho, Gabriel Henrique. Reservo, ainda, um agradecimento especial aos meus irmãos (amigos de vida) Roberto e Melissa Augusto, Isabela e Meghan Garcia e Ezequiel e Antonieta Machado, pelo apoio, carinho e paciência que ultrapassaram qualquer limite.

## RESUMO

O trabalho apresenta, com base na perspectiva transversalista, que propõe uma visão pluralista da organização e do desenvolvimento da Ciência, levantamentos e discussões que caracterizam a presença dos regimes disciplinar, utilitário, transitório e transversal no campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil. Argumenta que as expressões da ciência são decorrentes de eventos temporais, intelectuais, institucionais e culturais que reverberam nos agentes científicos e em suas respectivas trajetórias. Situa como problema de pesquisa a questão de como estaria sendo construído, sob a ótica da perspectiva transversalista, o campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil. Estabelece como objetivo geral verificar o desenvolvimento desse campo disciplinar específico. Autores como Bourdieu (1996a; 2004; 2008b; 2012), Shinn (2008b) e Shinn e Ragouet (2008) compõem um quadro teórico que estabelece diálogos sobre sistemas simbólicos, campo científico, sociologia transversalista da atividade científica. Para a observação do objeto de estudo proposto, percebe a ciência, os agentes e as instituições científicas como realidade material, situados no decorrer do tempo e de processos contextuais bem como suscetíveis ao contraditório. Apresenta um modelo de identificação, categorização e respectiva proposta analítica dos regimes de produção e comunicação da ciência, definindo características de identificação do objeto estudado, baseadas na teoria da sociologia transversalista. Procede analisando a trajetória de 83 agentes científicos (levantamento diacrônico dos bolsistas PQ em CI); a participação/envolvimento dos bolsistas em Grupos de Pesquisa; elaborando análises estatísticas de conteúdo e qualificando-os de acordo com a seleção e construção do modelo. Em síntese, o estudo considera a percepção de sólidos elementos da sociologia transversalista presentes na institucionalização do campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil e verifica a eficácia de métodos e teorias alternativos capazes de propor uma visão mais realista e dinâmica do campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil, que demonstre dinâmicas internas, práticas de produção e circulação da ciência e as relações estabelecidas entre esse campo disciplinar específico e outros microcosmos sociais.

**Palavras-chave:** Campo Científico. Ciência da Informação. Sociologia da Ciência. Perspectiva Transversalista. Política Científica.

## ABSTRACT

This thesis shows (based on the transversalist perspective, which proposes a pluralist view of the organization and development of Science) surveys and discussions that are able to characterize the presence of disciplinary, utilitarian, transitory and transversal regimes on the Information Science's disciplinary field in Brazil. Thereby, the work argues that the science's expressions are arising from temporary, intellectual, institutional and cultural events, which reverberate on the scientific agents and also in their respective trajectories. It also determinates, as its research problem, how the Information Science's disciplinary field has been constructed in Brazil, under the transversalist perspective. It sets as the main goal to observe the development of this specific disciplinary field. Authors such as Bourdieu (1996a; 2004; 2008b; 2012), Shinn (2008b) and Shinn and Ragouet (2008), compose a theoretical framework that establishes dialogues about symbolic systems, scientific field, transversal sociology of scientific activity. For the observation of the proposed study object, science, agents and scientific institutions are perceived as material reality, placed over time and contextual processes, as well as susceptible to contradiction. It presents an identification and categorization method and proposes the analysis of the science's production and communication, as it defines identification characteristics of the study's object based on the transversalist sociology. The thesis analyses the trajectory of 83 scientific agents in a diachronic survey of the PQ fellows in IS); the participation in research groups; and also analyses, statistically, the content giving sense to the data. In summary, the study finds elements of the transversalist sociology in the institutionalization of the Information Science's disciplinary field in Brazil and checks the efficacy of alternative methods and theories that are capable of giving a more realistic and dynamic vision of the Information Science's disciplinary field in Brazil, showing the inner dynamics, production practices and circulation of the science. It also shows the relationship between this specific field and others social microcosms.

**Keywords:** Scientific Field. Information Science. Sociology of Science. Transversalist Perspective. Scientific Policy

## RESUMEN

El trabajo, fundamentado en la perspectiva transversal de la Ciencia, la cual propone una visión pluralista de su organización y desarrollo, presenta la recolección de datos y los debates que caracterizan la presencia de regímenes disciplinares, utilitarios, transitorios y transversales en el campo de la Ciencia de la Información en Brasil. Se argumenta que las diferentes formas de expresión de la ciencia son el resultado de eventos temporales, intelectuales, institucionales y culturales que repercuten en los agentes científicos y en sus respectivas trayectorias. El problema de investigación busca explorar cómo estaría siendo construido el campo disciplinar de la Ciencia de la Información en Brasil, a partir de la perspectiva transversal de la ciencia. Para eso, como objetivo general, se verifica el desarrollo de este campo disciplinar. Autores como Bourdieu (1996a; 2004; 2008b; 2012), Shinn (2008b) y Shinn y Ragouet (2008), componen un marco teórico que establece diálogos sobre sistemas simbólicos, campo científico, sociología transversal de la actividad científica. Para la observación del objeto de estudio propuesto, la ciencia, los agentes y las instituciones científicas se perciben como una realidad material, ubicada en el tiempo y procesos contextuales, además de susceptibles de contradicción. Se presenta un modelo para la identificación y categorización de los regímenes de producción y comunicación de la ciencia, así como su respectiva propuesta analítica, definiendo las características que identifican al objeto de estudio a partir de la teoría sociológica transversal. Se analiza la trayectoria de 83 agentes científicos (estudiando diacrónicamente a los investigadores PQ en CI) y su participación en grupos de investigación; se presentan los análisis estadísticos de contenido y calificándolos de acuerdo con la selección y construcción del modelo. En resumen, el estudio considera que en la institucionalización del campo disciplinar de la Ciencia de la Información en Brasil, se perciben elementos sólidos de la sociología transversal y, por lo tanto, se verifica la efectividad de métodos y teorías alternativas para su estudio, capaces de proponer una visión más realista y dinámica sobre ese campo, demostrando la dinámica interna, las prácticas de producción y circulación de la ciencia y las relaciones establecidas entre este campo disciplinar y otros microcosmos sociales.

**Palabras claves:** Campo Científico. Ciencia de la Información. Sociología de la Ciencia. Perspectiva Transversal; Política Científica.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de bolsas PQ: Ciências Sociais Aplicadas (2001-2017) .....	28
Tabela 2 - Programas e Cursos <i>stricto sensu</i> : Comunicação e Informação – Brasil (2020) .....	94
Tabela 3 - Expansão dos PPGs e cursos <i>stricto sensu</i> : 2009-2020 .....	95
Tabela 4 - Crescimento dos Cursos - Regiões: Comunicação e Informação	96
Tabela 5 - Produções bibliográficas dos bolsistas PQ em CI (1956-2019) ....	105
Tabela 6 - Variação de produtividade dos bolsistas PQ em CI entre períodos políticos (FHC; Lula; Dilma Rousseff/Michel Temer) .....	107
Tabela 7 - Atividades de orientação dos bolsistas PQ em CI (1956-2019) ....	108
Tabela 8 - Variação percebida em atividades de orientação dos bolsistas PQ em CI entre períodos políticos (FHC; Lula; Dilma Rousseff/Michel Temer) .....	110
Tabela 9 - Crescimento das modalidades <i>stricto sensu</i> 2009-2020 (%) .....	116
Tabela 10 - Quantitativo de cursos <i>lato sensu</i> – Brasil (2020) .....	119
Tabela 11 - Produções utilitárias dos 30 bolsistas PQ em Ciência da Informação (1981-2019) .....	121

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Regimes de produção e comunicação da ciência .....	27
Quadro 2 -	Bolsistas PQ em CI: envolvimento (ano) e respectivas categorias .....	30
Quadro 3 -	Número de participação dos bolsistas PQ em CI no período 2001 - 2017 .....	34
Quadro 4 -	Categorias investigadas: regime disciplinar .....	37
Quadro 5 -	Categorias investigadas: regime utilitário .....	38
Quadro 6 -	Categorias investigadas: regime transitório .....	39
Quadro 7 -	Categorias investigadas: regime transversal .....	41
Quadro 8 -	Última data de atualização do Currículo Lattes dos 83 bolsistas PQ em CI (2001-2017) .....	42
Quadro 9 -	IES ofertantes e cursos <i>stricto sensu</i> em CI no Brasil (2020) ....	97
Quadro 10 -	Mestrados profissionais na área de Ciência da Informação (2020) .....	117
Quadro 11 -	Transitoriedades Exógenas e Endógenas .....	124
Quadro 12 -	Percepção nuclear e transitória de bolsistas PQ em CI .....	125
Quadro 13 -	Repertório conceitual dos Grupos de Trabalho (XX ENANCIB)	129
Quadro 14 -	Movimentações transitórias centrífugas .....	132
Quadro 15 -	Movimentações transitórias centrífugas intencionais: linhas de pesquisa e conceitos .....	134
Quadro 16 -	Movimentações transitórias centrífugas colaborativas: linhas de pesquisa e conceitos .....	135
Quadro 17 -	Movimentações transitórias centrípetas .....	138
Quadro 18 -	Movimentações transitórias centrípetas intencionais: linhas de pesquisa e conceitos .....	140
Quadro 19 -	Movimentações transitórias centrípetas colaborativas: linhas de pesquisa e conceitos .....	140
Quadro 20 -	Formações superiores mistas dos bolsistas PQ em CI .....	146
Quadro 21 -	Trajetórias disciplinares lineares - 23 bolsistas PQ em CI .....	148
Quadro 22 -	Apreciação temática e conceitual de teses e dissertações dos bolsistas PQ em CI: formação <i>stricto sensu</i> USP e UFRGS .....	149

Quadro 23 -	Trajétórias disciplinares intersticiais – 59 bolsistas PQ em CI ...	150
Quadro 24 -	Trajétórias disciplinares utilitárias ( <i>lato sensu</i> ) dos bolsistas PQ em CI – lineares e intersticiais .....	153
Quadro 25 -	Atividades profissionais intersticiais dos bolsistas PQ em CI .....	156

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Expansão dos cursos <i>stricto sensu</i> : 2009-2020 – Regiões do Brasil .....	96
Gráfico 2 - Crescimento da produção bibliográfica dos bolsistas PQ em CI (FHC; Lula; Dilma Rousseff/Michel Temer) .....	106
Gráfico 3 - Crescimento das atividades de orientação dos bolsistas PQ em CI (FHC; Lula; Dilma Rousseff/Michel Temer) .....	109
Gráfico 4 - Relação de coautoria de produções bibliográficas entre bolsistas PQ em CI .....	114
Gráfico 5 - Ocorrência dos conceitos comuns à CI em outras Grandes Áreas .....	137
Gráfico 6 - Ocorrência dos conceitos comuns à CI em Áreas das Ciências Sociais Aplicadas .....	142
Gráfico 7 - Formação superior dos bolsistas PQ em CI (2001-2017) .....	145

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

aaaa	Ano
ABEBD	Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia e Documentação
ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ADI	American Documentation Institute
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
ASIS	American Society for Information Science
ASIS&T	American Society for Information Science and Technology
ASIS&T	Association for Information Science and Technology
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
BNDE	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
BRES	Base Brasil/Espanha de Artigos de Periódicos da área em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia
C&T	Ciência e Tecnologia
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CO	Centro-Oeste
CT&I	Ciência, Tecnologia e Inovação
CI	Ciência da Informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNRS	French National Centre for Scientific Research
COVID-19	Corona Virus Disease - 2019
DO	Doutorado
DOAJ	Directory of Open Access Journals
DGP	Diretório dos Grupos de Pesquisa
DLI	Digital Library Initiatives
e-MEC	Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior

ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
EUA	Estados Unidos da América
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FEBAB	Fundação Brasileira de Associações de Bibliotecários
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FNDCT	Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GEMAS	Groupe d'Études des Méthodes de l'Analyse Sociologique
GT	Grupo de Trabalho
h	Hora
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBECC	Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IC	Iniciação Científica
ICT	Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação
ID	Identidade
IDR	Interdisciplinary Researche
IES	Instituição de Ensino Superior
IIB	Instituto Internacional de Bibliografia
IID	Instituto Internacional de Documentação
ISKO	International Society for Knowledge Organization
ISSN	International Standard Serial Number
LISA	Library and Information Science Abstracts
LISTA	Library, Information Science and Technology Abstracts
LTI	Laboratório de Tecnologias Intelectuais
ME	Mestrado Acadêmico
MEC	Ministério da Educação
mm	Mês
MP	Mestrado Profissional
NE	Nordeste
NSF	National Science Foundation
OC	Organização do Conhecimento
PADCT	Plano de Apoio ao Desenvolvimento à Ciência e a Tecnologia

PCT	Parque Científico e Tecnológico
PIB	Produto Interno Bruto
PNPG	Plano Nacional de Pós-Graduação
PPG	Programa de Pós-Graduação
PPGCOM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PQ	Bolsa de Produtividade em Pesquisa
PQ 1A	Bolsa de Produtividade em Pesquisa 1A
PQ 1B	Bolsa de Produtividade em Pesquisa 1B
PQ 1C	Bolsa de Produtividade em Pesquisa 1C
PQ 1D	Bolsa de Produtividade em Pesquisa 1D
PQ 2	Bolsa de Produtividade em Pesquisa 2
PQ SR	Bolsa de Produtividade em Pesquisa Sênior
PUC	Pontifícia Universidade Católica
ROAD	Directory of Open Access Scholarly Resources
S	Sul
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SE	Sudeste
SLA	Special Libraries Association
SNPG	Sistema Nacional de Pós-Graduação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UC3M	Universidade Carlos III de Madrid
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação
UFPR	Universidade Federal do Paraná
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>24</b>
2.1	ESCOLHA DO TEMA, PROBLEMA E OBJETIVO .....	25
2.2	CATEGORIZAÇÃO E PROCESSO ANALÍTICO .....	26
<b>2.2.1</b>	<b>Regime disciplinar .....</b>	<b>36</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Regime utilitário .....</b>	<b>37</b>
<b>2.2.3</b>	<b>Regime transitório .....</b>	<b>39</b>
<b>2.2.4</b>	<b>Regime transversal .....</b>	<b>40</b>
2.3	FERRAMENTAS: MICROSOFT EXCEL E SCRIPTLATTES .....	41
2.4	DIFICULDADES ENCONTRADAS .....	45
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>46</b>
3.1	LEITURAS SOBRE OS SISTEMAS SIMBÓLICOS .....	47
3.2	BOURDIEU E O CAMPO CIENTÍFICO .....	51
3.3	A SOCIOLOGIA TRANSVERSALISTA DA ATIVIDADE CIENTÍFICA	62
<b>3.3.1</b>	<b>O regime disciplinar .....</b>	<b>69</b>
<b>3.3.2</b>	<b>O regime utilitário .....</b>	<b>71</b>
<b>3.3.3</b>	<b>O regime transitório .....</b>	<b>72</b>
<b>3.3.4</b>	<b>O regime transversal .....</b>	<b>73</b>
<b>3.3.5</b>	<b>A ciência e a tecnologia no Brasil: em busca de uma percepção pluralista .....</b>	<b>74</b>
3.4	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UM CAMPO DISCIPLINAR EM EXPANSÃO .....	81
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>93</b>
4.1	A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O REGIME DISCIPLINAR .....	93
<b>4.1.2</b>	<b>Entidade de Classe, Periódicos, Bases de Dados, Eventos Científicos .....</b>	<b>99</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Os agentes científicos (bolsistas PQ) e o regime disciplinar .....</b>	<b>104</b>
<b>4.1.4</b>	<b>Publicações bibliográficas: coautoria, produtividade e o grupo de 83 bolsistas PQ .....</b>	<b>111</b>
4.2	A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O REGIME UTILITÁRIO .....	115

4.2.1	A consolidação institucional do regime utilitário por meio de pós-graduações <i>lato sensu</i> .....	118
4.2.2	As produções utilitárias dos bolsistas PQ em CI: circulações de uma ciência material .....	120
4.3	A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O REGIME TRANSITÓRIO .....	123
4.3.1	A Ciência da Informação, os conceitos e o regime transitório ....	127
4.3.2	O regime transitório: a percepção de movimentos centrípetos e centrífugos .....	130
4.3.2.1	<i>Os movimentos centrífugos e a presença de conceitos comuns à Ciência da Informação</i> .....	131
4.3.2.2	<i>Os movimentos centrípetos e a presença de conceitos comuns à Ciência da Informação</i> .....	138
4.4	A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O REGIME TRANSVERSAL .....	143
4.4.1	Formações disciplinares: formação superior, <i>stricto sensu</i> e <i>lato sensu</i> dos 83 bolsistas PQ em CI .....	144
4.4.2	Trajetória de atuação profissional dos bolsistas PQ em CI .....	155
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	161
	REFERÊNCIAS .....	168
	APÊNDICE A – DETALHAMENTO DOS BOLSISTAS PQ EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (2001-2017) .....	180
	APÊNDICE B – LISTA DAS 88 BASES DE DADOS DISPONÍVEIS NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES EM/OU CORRELATAS À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO .....	182
	APÊNDICE C – LISTA DOS 82 PERIÓDICOS INDEXADOS NA BRAPCI E OS RESPECTIVOS ESTRATOS QUALIS (COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO) .....	185
	APÊNDICE D – MATRIZ DE COLABORAÇÕES INTERINSTITUCIONAIS .....	188
	APÊNDICE E – HISTÓRICO E DETALHAMENTO DE PRODUÇÃO UTILITÁRIA DOS BOLSISTAS PQ EM CI: PRODUTO TECNOLÓGICO; PRODUÇÃO TÉCNICA SEM PATENTE; INOVAÇÕES PATENTEADAS .....	192

<b>APÊNDICE F – LEVANTAMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISA DOS 83 BOLSISTAS PQ EM CI (2001-2017): NOME DO GRUPO; LINHA DE PESQUISA; GRANDE ÁREA; ÁREA; LIDERANÇA .....</b>	<b>224</b>
<b>APÊNDICE G – TRAJETÓRIAS DISCIPLINARES E UTILITÁRIAS DOS 83 BOLSISTAS PQ EM CI .....</b>	<b>244</b>
<b>APÊNDICE H – TRAJETÓRIAS LINEARES E INTERSTICIAIS DOS BOLSISTAS PQ EM CI .....</b>	<b>259</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para a ciência ser entendida como produção cultural, resultante de uma construção social, torna-se evidente a necessidade de considerar o fator da socialização entre os agentes, instituições e outros micro e macrocosmos sociais. A produção e a comunicação da informação germinam em um campo de relações de ações não fortuitas, caracterizadas pela convergência e pela divergência de interesses, o campo científico.

Para Bourdieu, quanto maior a autonomia de um campo, maior o poder de refração das imposições externas (BOURDIEU, 2004). No caso da Ciência da Informação no Brasil, devido a características políticas, científicas, econômicas e até mesmo pela sua própria natureza interdominial, é difícil imaginar uma institucionalização marcada pela autonomia plena.

Este trabalho está inserido nos estudos sobre a sociologia da ciência, sendo orientado na missão de acompanhar e tentar compreender os elementos relacionados ao desenvolvimento científico do campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil.

Shinn (2008a; 2008b) e Shinn e Ragouet (2008) oferecem contribuições a essa discussão ao reafirmarem as noções defendidas por Bourdieu (2004; 2008b), contribuindo com perspectivas alternativas para o entendimento da ciência de modo mais realista e dinâmico. Esses autores oferecem uma percepção do processo de institucionalização da ciência por meio da perspectiva transversalista. Os argumentos partem da sugestão “[...] de análises mais afinadas das inter-relações entre a ciência e a sociedade, prestando atenção à plasticidade das fronteiras e a seus imbricamentos possíveis” (SHINN; RAGOUET, 2008, p.124).

Apresentando a sociologia transversalista, Shinn (2008b) e Shinn e Ragouet (2008) compartilham a percepção pluralista da organização da ciência, tendo como fundamentos três pilares: fronteiras, travessia e historicidade. É possível, com a percepção da estrutura pluralista da ciência, explorar desenvolvimentos históricos, modos e mercados de produção e consumo, sendo esses últimos descritos por meio de quatro regimes: o disciplinar; o utilitário; o transitório e o transversal. Em síntese, a percepção pluralista da organização da ciência é descrita por Shinn (2008b, p. 12) como “[...] uma oportunidade de explorar os mecanismos que mantêm unidos os

subsistemas, que permitem a circulação e a comunicação entre eles e que promovem a inteligibilidade transversal”.

Sobre os pilares da percepção pluralista da organização da ciência, percebe-se o fundamento das fronteiras como necessário para demarcação e distinção das atividades da ciência em relação a outras ações de atividade social, que devem ser legítimas ao seu campo de origem. Porém, as fronteiras não assinalam isolamento, sugerindo com isso o fundamento da travessia. Sendo pontuais ou frequentes, os movimentos de travessia demarcam a diferenciação e a integração, bem como sugerem a transferência e troca necessária entre agentes e instituições. Finalizando, sabe-se que é no tempo que novas pressões e conformações podem surgir, requerendo adequações dos fluxos e das estruturas. São assinadas na história as expressões adaptadas (fundamento da historicidade), servindo, assim, de registros autorreferentes (SHINN, 2008b).

Com isso, apresenta-se como tema a investigação do processo de institucionalização, autonomia científica e a plasticidade das fronteiras presentes no campo disciplinar da Ciência da Informação (CI), partindo de uma perspectiva transversalista. Por meio da leitura dos indicadores científicos ligados a esse objeto e às categorias selecionadas para o estudo, foi possível suscitar argumentos relativos à transversalidade presente no campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil.

Como recorte, a pesquisa trabalha com as trajetórias intelectuais e profissionais dos agentes científicos e, mais especificamente, nas possíveis correspondências que se podem identificar entre esses percursos (SHINN; 2008a). Os bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ) em Ciência da Informação são os agentes selecionados para o estudo. Sobre esses bolsistas, Melo e Correia (2017), em concordância com a Resolução 016/2016, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), reforçam a importância desse grupo para a melhoria do campo teórico-científico das diversas áreas do conhecimento.

Sob a ótica da perspectiva transversalista, apresenta-se como problema a seguinte questão: como as instituições e os agentes científicos consagrados (bolsistas de produtividade em pesquisa) estariam construindo o campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil? Demonstra-se como justificativa a contribuição acadêmica para a área da Ciência da Informação por meio de proposta metodológica para o reconhecimento alternativo do campo disciplinar da CI no Brasil em diferentes dimensões: a disciplinar, a utilitária, a transitória e a transversal. Também é percebido

que a corrente da sociologia transversalista da atividade científica busca uma superação, destacando, criticamente, pontos de encontro entre perspectivas anteriores, aparentemente divergentes (diferencionista e antidiferencionista). Dessa forma, coloca-se como problemática a proposição de um sistema de compreensão voltado aos fenômenos de convergência intelectual, considerando aspectos como a diversidade, a heterogeneidade e a contextualidade das práticas cognitivas concretas. O quadro de análise aqui proposto ousa compreender, de maneira correlacionada, a autonomia relativa do campo científico como resultado de forças transversais que o atravessam e o ligam aos outros microcosmos sociais (SHINN; RAGOUET, 2008).

Com o objetivo geral de verificar a construção do campo disciplinar da CI no Brasil por meio das ações das instituições e dos agentes de capital científico reconhecido (bolsistas PQ), é oferecida uma proposta que almeja alcançar um reconhecimento e compreensão mais amplo dos elementos envolvidos nesse processo, tornando-se fundamental para o preenchimento de possíveis lacunas científicas, bem como para o aumento dos saberes disponíveis.

A perspectiva transversalista é apresentada e fundamentada por Shinn (2008a; 2008b) e Shinn e Ragouet (2008) na convicção da operação e coexistência de quatro regimes envolvidos na produção e comunicação científica. Com base nesses estudos, o trabalho propõe um modelo para identificação de características dos regimes de produção e comunicação da ciência, sendo salvaguardadas, nessa proposta, as categorias relacionais ao objeto de estudo deste trabalho<sup>1</sup>.

Com isso, os objetivos específicos, alinhados sequencialmente ao objetivo geral e ao problema do estudo em questão, podem ser descritos:

- a) sistematizar um modelo de análise por meio da perspectiva transversalista, respeitando as dinâmicas presentes entre o campo disciplinar da CI e outros microcosmos sociais;
- b) identificar os agentes e instituições de capital científico reconhecido para o progresso do campo disciplinar da CI no Brasil;
- c) caracterizar, nas fontes documentais, por meio de mapeamento, os regimes disciplinar, utilitário, transitório e transversal;

---

<sup>1</sup> Ver “Quadro 1: Regimes de produção e comunicação da ciência”, ilustrado na p. 27.

- d) relacionar a construção teórica da sociologia transversalista da atividade científica às características presentes nas fontes documentais escolhidas para o estudo.

Para percepção sociológica do objeto, entende-se a ciência, os agentes e as instituições científicas como realidade material, situados no decorrer do tempo e de processos contextuais, bem como suscetíveis ao contraditório. Para o estudo do campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil, evidencia-se a necessidade de submersão na particularidade empírica, datada e situada historicamente, possibilitando, assim, que a observação seja realizada de modo respeitoso e que os resultados sejam cientificamente fecundos e próximos da representação da validade universal. Ressalta-se que esta pesquisa é inicialmente pautada na busca exploratória de informações concernentes ao objeto de estudo, visando, com isso, melhor entendê-lo ou compreender elementos a ele relacionados ou dele consequentes.

O alcance do objetivo proposto sugere uma compreensão mais aprofundada do processo multifacetado de institucionalização disciplinar da Ciência da Informação no Brasil, e, para isso, o trabalho se estrutura sob um olhar plural para os diferentes regimes de produção e comunicação que marcam historicamente o desenvolvimento científico de campos disciplinares. Acompanhada da contribuição teórica e metodológica, a propositura do modelo de análise se alinha aos objetivos, previamente definidos e, para isso, realiza recortes necessários de categorias, identificáveis de acordo com o referencial teórico proposto. Contudo, a proposta não se mostra fechada a possibilidades de adequação a outras categorias, desde que haja compatibilidade teórica-empírica. É reforçado o argumento da necessidade de recortes dessas categorias para o alcance de resultados específicos, possibilitando, assim, particulares discussões. Para o alcance de objetivos semelhantes, o modelo de metanálise aqui defendido mostra-se potencialmente replicável e exequível, tanto para a CI quanto para outros campos disciplinares, respeitando devidos ajustes/valorações, conforme as variáveis, critérios ou indicadores, com os quais venham a se trabalhar.

O trabalho está estruturado em quatro seções. A primeira parte diz respeito ao capítulo dos Procedimentos Metodológicos. A introdução dessa divisão é esclarecedora ao demonstrar a orientação epistemológica e metodológica seguida, bem como elucida a natureza descritiva desta pesquisa. Ainda nessa seção,

detalham-se elementos como a escolha do tema, o referido problema e o objetivo do trabalho. A execução do estudo teve por base um modelo de identificação, categorização e respectiva proposta analítica dos regimes de produção e comunicação da ciência, em que foram definidas características de identificação do objeto estudado baseadas na teoria da sociologia transversalista apresentada por Shinn (2008b) e Shinn e Ragouet (2008).

A segunda seção corresponde ao Referencial Teórico, na qual se encontra a base teórica de apoio correspondente às reflexões lançadas neste documento. São apresentados apreciações sobre os sistemas simbólicos, o campo científico, a sociologia transversalista da atividade científica, a tentativa de uma percepção pluralista da organização da ciência e da tecnologia no Brasil e, por último, a demonstração da Ciência da Informação como um campo disciplinar em expansão. Essas análises circulam criticamente o problema levantado e contribuem para a sua resolução.

Na seção dos Resultados e Discussões, são apresentados os levantamentos e as discussões que caracterizam o regime disciplinar, utilitário, transitório e transversal do campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil. Diante do estudo descritivo e propositivo apresentado, verifica-se nessa seção e na divisão das Considerações Finais a percepção de sólidos elementos da sociologia transversalista na institucionalização do campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil.

A possibilidade de leitura transversal de um campo específico permite o entendimento de uma lógica alternativa de funcionamento, que requer um modelo de análise próprio. Afinal, à medida que são entendidas as inter-relações colaborativas presentes no processo de institucionalização de um campo, verificam-se, também, as possíveis intenções advindas de outros campos.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o contexto da pesquisa envolvendo a investigação do campo científico da Ciência da Informação, propõe-se o levantamento de indicadores qualitativos relacionados ao processo de institucionalização científica da CI no Brasil, atendendo a necessidade de compreensão de como esse campo disciplinar está sendo construído por meio dos diferentes regimes de produção e comunicação da ciência.

A sociologia de Bourdieu preza, por vezes, uma visão realista que denuncia o niilismo das ações (BOURDIEU, 1996a; 2019). Referente à percepção sociológica do objeto de estudo aqui proposto, bem como no desvelamento dos movimentos com ele envolvidos, verifica-se a ciência, os agentes e as instituições científicas como realidade material, situados no decorrer do tempo e de processos contextuais, bem como suscetíveis ao contraditório (BURAWOY, 2010).

A tentativa de construir um caso particular do possível<sup>2</sup> é evidenciada com a necessidade de submersão na particularidade empírica, datada e situada historicamente, possibilitando, assim, que a observação seja realizada de modo respeitoso e não exclusivamente pelo “interesse que tem o curioso pelos exotismos” (BOURDIEU, 1996a, p. 15), possibilitando que os resultados sejam, cientificamente, fecundos e próximos da representação da validade universal.

Ressalta-se o argumento defendido por Laville e Dionne (1999, p. 225), pelo qual é possível entender que as perspectivas quantitativas e qualitativas não se opõem “[...] e podem até parecer complementares, cada uma ajudando à sua maneira o pesquisador a cumprir sua tarefa, que é a de extrair as significações essenciais da mensagem”. Inicialmente, esta pesquisa é pautada pela busca exploratória de informações concernentes ao objeto de estudo, visando, com isso, melhor entendê-lo ou compreender elementos relacionados ou consequentes a ele. Em seguida, a pesquisa desenvolve-se em âmbito descritivo e propositivo visando apresentar sólidos elementos da sociologia transversalista na institucionalização do campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil.

---

<sup>2</sup> Expressão original de Gaston Bachelard que exprime a ideia de “[...] uma figura em um universo de configurações possíveis” (BOURDIEU, 1996a, p. 15). Bourdieu se apropria da expressão para defender a necessidade de um empreendimento científico para alcançar o entendimento de algo compartilhado socialmente.

## 2.1 ESCOLHA DO TEMA, PROBLEMA E OBJETIVO

Para Eco (2008, p. 6, grifo do autor), na existência e concordância das escolhas do pesquisador, a eleição do tema deve ocorrer respeitando:

- 1) *que o tema responda aos interesses do candidato* (ligado tanto ao tipo de exame quanto às suas leituras, sua atitude política, cultural ou religiosa).
- 2) *que as fontes de consulta sejam acessíveis*, isto é, estejam ao alcance material do candidato;
- 3) *que as fontes de consulta sejam manejáveis*, ou seja, estejam ao alcance cultural do candidato;
- 4) *que o quadro metodológico da pesquisa esteja ao alcance da experiência do candidato.*

Nesta tese, em específico, encontra-se a escolha de um tema voltado ao processo de institucionalização científica na Ciência da Informação no Brasil, sob o prisma da sociologia transversalista da atividade científica. A escolha do tema pode ser interpretada como desafio ativo na busca do conhecimento do autor, demonstrando ainda que tentativas anteriores moldaram a atual proposta apresentada (MELO, 2015; MELO; CORREIA, 2015; 2016; 2017a; 2017b; MELO; BUFREM; CORREIA, 2018).

Verifica-se, na escolha do tema, mínima experiência na busca, escolha e acessibilidade das informações. Nessa expectativa, foi desenvolvido um modelo de análise próprio, na tentativa de entender uma dinâmica alternativa de funcionamento presente no campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil.

A promoção da consonância entre pesquisa e biografia do pesquisador, como aponta Oliveira (1998), é apresentada como parte da justificativa desta pesquisa. Outra parcela determinante pode ser verificada na contribuição acadêmica para área da Ciência da Informação por meio de proposta metodológica para o reconhecimento do campo disciplinar da CI no Brasil em diferentes dimensões (disciplinar; utilitária; transitória e transversal).

É sabido que relevância, originalidade, possibilidades de execução e tempo, por exemplo, são questões importantes em um problema de pesquisa (ECO, 2008; CAJUEIRO; 2015). Uma proposta que ofereça um melhor conhecimento e/ou compreensão dos elementos é fundamental no preenchimento de lacunas científicas e no aumento dos saberes disponíveis.

Para a mobilização desta pesquisa, define-se como problema a questão de como estaria sendo construído, sob a ótica da perspectiva transversalista, o campo disciplinar da CI no Brasil. Como hipótese, entende-se que o atual entendimento do conceito de interdisciplinaridade limita possibilidades ao campo disciplinar da Ciência da Informação, tornando necessária uma percepção pluralista da organização transversal do conhecimento (fronteiras, travessia e historicidade) da CI.

## 2.2 CATEGORIZAÇÃO E PROCESSO ANALÍTICO

Esta pesquisa trabalha com as trajetórias científicas e profissionais dos agentes científicos e, mais especificamente, nas possíveis correspondências que se podem identificar entre esses percursos (SHINN; 2008a). Os bolsistas PQ em Ciência da Informação são os agentes selecionados para o estudo.

Neste estudo, em específico, para o alcance dos objetivos preliminarmente definidos, foi necessário o estabelecimento de recortes de categorias, identificáveis de acordo com o referencial teórico proposto. A proposta não se mostra fechada a possibilidades de adição a outras categorias, desde que compatíveis ao ordenamento teórico-empírico demonstrado. Contudo, é reforçado o argumento da necessidade de recortes das categorias para o alcance de específicos resultados e discussões.

Em correspondência ao referencial teórico utilizado, é realizada a escolha das categorias de análise. Com base em Shinn (2008b) e Shinn e Ragouet (2008), o Quadro 1 apresenta, por meio de características defendidas pelos referidos autores, a identificação de elementos presentes nos regimes de produção e comunicação da ciência e, em sequência, para o alcance dos objetivos propostos, a seleção das categorias.

Quadro 1 - Regimes de produção e comunicação da ciência

	CARACTERÍSTICAS E IDENTIFICAÇÃO DO REGIME	CATEGORIAS (TESE)
DISCIPLINAR	As disciplinas científicas são estruturadas em torno de instituições fáceis de identificar e dotadas de <u>estabilidade</u> . Produzem e deixam importantes traços <u>escritos</u> , facilitando assim sua análise.	<p>Laboratórios, institutos de pesquisa; Departamentos universitários (PPG); Periódicos; Congressos</p> <p><i>Programas/institutos de pós-graduação em CI no Brasil;</i> <i>Produtividade científica dos bolsistas PQ;</i> <i>Atividades de orientação;</i> <i>Entidades de Classe, Periódicos, Base de Dados, Ambientes de comunicação científica reconhecidos<sup>3</sup>;</i> <i>Interações entre bolsistas PQ.</i></p>
UTILITÁRIO	Agentes e instituições do regime utilitário estão envolvidos na <u>técnica</u> , na <u>especialização profissional</u> , na <u>aplicação do conhecimento</u> , na <u>constituição e atividades de associações profissionais</u> que controlam as entradas de profissionais na sociedade por meio de certificação. Configura-se a <u>produção de patentes</u> como um indicativo desse regime.	<p>Produção técnica e aplicada; Ações acadêmicas <i>Lato sensu</i>; Projeto de desenvolvimento tecnológico; Produção técnica e inovadora</p> <p><i>Programas/institutos de pós-graduação (modalidade profissional);</i> <i>Programas/institutos de pós-graduação lato sensu;</i> <i>Participação dos bolsistas PQ em projeto de desenvolvimento tecnológico (produção técnica, aplicada e de caráter inovador dos Bolsistas PQ).</i></p>
TRANSITÓRIO	Oportunidades intelectuais, técnicas e profissionais aparecem, por vezes, na <u>periferia de campos disciplinares</u> . A execução de uma pesquisa exige dos praticantes desse regime a <u>travessia provisória das fronteiras de suas disciplinas de origem</u> . A travessia busca o encontro de diferentes técnicas, dados, conceitos e cooperação de colegas situados no seio de disciplinas vizinhas.	<p>Travessia provisória de fronteira disciplinar (pesquisa)</p> <p><i>Participação dos Bolsistas PQ em grupos de pesquisa cadastrados na Plataforma DGP (área predominante; linhas de pesquisa; conceitos temáticos);</i> <i>Investigação dos movimentos transitórios exógenos e endógenos (trajetórias centrífugas e centrípetas; movimentos intencionais e colaborativos).</i></p>
TRANSVERSAL	O regime transversal se assemelha muito ao regime transitório. Porém, no regime transversal o <u>grau de liberdade</u> e o <u>campo de ação</u> dos participantes são maiores. Aqueles que contribuem para o regime transversal são <u>alvos móveis</u> : a relação entre os praticantes e os empregadores, as disciplinas e as profissões é fugaz.	<p>Trajetórias transversais (formação disciplinar; atuação profissional; linhas de pesquisa)</p> <p><i>Formação disciplinar dos bolsistas PQ (formação superior, stricto e lato sensu) – percepções lineares e intersticiais;</i> <i>Trajetória de atuação profissional utilitária – percepções lineares e intersticiais.</i></p>

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Shinn (2008b); Shinn; Ragouet (2008).

<sup>3</sup> Ambiente de comunicação científica reconhecido como canal qualificado para a exposição do conhecimento científico (CAPES, 2017).

Para esta pesquisa, efetuou-se um levantamento para realizar uma análise diacrônica no âmbito das Bolsas de Produtividade (PQ) no site do CNPq<sup>4</sup>. A entidade conta com um serviço de consulta aberta referente ao pagamento de bolsas a pesquisadores (20 modalidades no total, incluindo a de Produtividade em Pesquisa). Outra característica dos dados abertos fornecidos pelo CNPq é o intervalo temporal, estabelecido de 2001 a 2017. A análise diacrônica da presença dos bolsistas PQ (2001-2017) revelou a participação de 1753 agentes na Grande Área das Ciências Sociais Aplicadas, sendo 83 bolsistas na área de Ciência da Informação, como aponta a Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição de bolsas PQ: Ciências Sociais Aplicadas (2001-2017)

<b>2001-2017 - TOTAL (%)</b>	
<b>Economia</b>	<b>434 (25%)</b>
<b>Administração</b>	<b>349 (20%)</b>
<b>Comunicação</b>	<b>209 (12%)</b>
<b>Arquitetura e urbanismo</b>	<b>157 (9%)</b>
<b>Planejamento Urbano e Regional</b>	<b>121 (7%)</b>
<b>Serviço Social</b>	<b>129 (7%)</b>
<b>Direito</b>	<b>117 (7%)</b>
<b>Ciência da Informação</b>	<b>83 (5%)</b>
<b>Demografia</b>	<b>55 (3%)</b>
<b>Desenho Industrial</b>	<b>53 (3%)</b>
<b>Turismo</b>	<b>26 (1%)</b>
<b>Museologia</b>	<b>12 (≥1%)</b>
<b>Economia Doméstica</b>	<b>8 (≤1%)</b>
<b>TOTAL</b>	<b>1753 (100%)</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A bolsa PQ do CNPq é concedida por meio de chamadas públicas para as quais os pesquisadores submetem propostas, que passam a ser sujeitas ao atendimento dos requisitos e critérios para concessão. Em termos gerais, segundo a resolução 016/2016, são requisitos e critérios necessários para a concessão: i) mérito científico do projeto; ii) relevância, originalidade e repercussão da produção científica do

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao1>>. Acesso em: 10 out. 2019.

candidato; iii) formação de recursos humanos em nível de Pós-Graduação; iv) contribuição científica, tecnológica e de inovação, incluindo patentes; v) coordenação ou participação em projetos e/ou redes de pesquisa; vi) inserção internacional do proponente; vii) participação como editor científico; viii) participação em atividades de gestão científica e acadêmica; ix) foco nos grandes problemas nacionais<sup>5</sup>; x) abordagens multi e transdisciplinares<sup>6</sup>; xi) impacto social<sup>7</sup>; xii) comunicação com a sociedade<sup>8</sup>; xiii) interação com o parque produtivo<sup>9</sup>; e xiv) conservação ambiental<sup>10</sup>.

Sobre os 83 bolsistas de produtividade em pesquisa em Ciência da Informação, a trajetória científica e social desses agentes, de reconhecido capital científico, está intimamente ligada ao processo contínuo de consolidação do campo disciplinar da Ciência da Informação do Brasil (BUFREM, 2018). Estando a concepção de ciência pluralista ligada diretamente aos princípios das fronteiras, travessias e historicidade, este trabalho pontua a necessidade da percepção de análise diacrônica de seu objeto de estudo<sup>11</sup>.

Segundo Mota *et al.* (2018, p. 136), “a implementação da bolsa PQ teve início em 1976, com os objetivos de incentivar a produção científica e contribuir para que o Brasil viesse a alcançar alto grau de maturidade e consolidação científica”. Neste estudo, a seleção ocorreu devido à identificação das bolsas PQ em Ciência da Informação concedidas a pesquisadores pelo CNPq no período entre os anos de 2001 a 2017. Vale registrar, a escolha para análise do intervalo 2001-2017 é devido ao serviço de consulta oferecido pelo CNPq, que detalha o histórico de bolsas concedidas apenas no intervalo mencionado. Segundo o referido conselho, com a oferta do serviço de consulta pública, o órgão estabelece o compromisso com a transparência da aplicação dos recursos públicos. O Quadro 2 identifica as categorias (hierarquias) das bolsas (PQ SR; PQ 1 – A, B, C, D; PQ 2<sup>12</sup>). Visualizam-se relações estabelecidas entre os agentes e o programa PQ (2001-2017), verificando, historicamente, a utilização desse dispositivo, por parte dos bolsistas selecionados para o estudo, para a consolidação do campo científico da CI.

---

<sup>5</sup> Quando pertinente, considerado na análise das propostas (CNPQ, 2016).

<sup>6</sup> Quando pertinente, considerado na análise das propostas (CNPQ, 2016).

<sup>7</sup> Quando pertinente, considerado na análise das propostas (CNPQ, 2016).

<sup>8</sup> Quando pertinente, considerado na análise das propostas (CNPQ, 2016).

<sup>9</sup> Quando pertinente, considerado na análise das propostas (CNPQ, 2016).

<sup>10</sup> Quando pertinente, considerado na análise das propostas (CNPQ, 2016).

<sup>11</sup> A identificação e o endereço Lattes dos 83 bolsistas PQ constam detalhados no Apêndice A.

<sup>12</sup> No período 2001-2004 as bolsas PQ 2 tinham a apresentação de PQ 2, PQ 2A, PQ 2B e PQ 2C. De 2005 até 2017 a bolsa PQ 2 deixa de apresentar as categorias PQ 2A, PQ 2B, e PQ 2C.







	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
<b>Z. L. C. OLIVEIRA</b>			PQ 2C	PQ 2	PQ 2	PQ 2	PQ 2										

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tomando por base a literatura de Bourdieu (2008b), a visualização de componentes históricos ajuda a compreender conjunturas e movimentos de consolidação científica, bem como composições e reproduções de estruturas pelos agentes e instituições envolvidas com o campo disciplinar. O Quadro 3 demonstra a participação anual individual dos 83 bolsistas PQ analisados no período 2001-2017.

Quadro 3 - Número de participação dos bolsistas PQ em CI no período 2001-2017

BOLSISTA	NÚMERO DE PARTICIPAÇÃO
Emir José SUAIDEN (IBICT) José Augusto Chaves GUIMARÃES (UNESP) Jose Maria JARDIM (UNIRIO) Lena Vania Ribeiro PINHEIRO (IBICT) Maria Nelida GONZALEZ de GOMEZ (UFF) Mariângela Spotti Lopes FUJITA (UNESP) Regina Maria MARTELETO (IBICT)	17
Aldo de Albuquerque BARRETO (IBICT) Carlos Henrique MARCONDES de Almeida (UFF) Marilda Lopes Ginez de LARA (USP) Marta Lígia Pomim VALENTIM (UNESP) Raimundo Nonato Macedo dos SANTOS (UFPE) Rosali Fernandez de SOUZA (IBICT) Sueli Angelica do AMARAL (UnB)	16
Gilda OLINTO de Oliveira (IBICT) Sarita ALBAGLI (IBICT)	15
Evelyn Goyannes Dill ORRICO (UNIRIO) Plácida Leopoldina V. A. Costa SANTOS (UNESP)	14
Maria de Fátima Gonçalves Moreira TÁLAMO (USP) Maria Yêda Falcão Soares de Filgueiras GOMES (UFBA) Nair Yumiko KOBASHI (USP) Suzana Pinheiro Machado MUELLER (UnB)	13
Jaime ROBREDO (UnB) Maria Luiza de Almeida CAMPOS (UFF) Miriam Figueiredo Vieira da CUNHA (UFSC) Silvana Drumond MONTEIRO (UEL) Vera Lucia D. Louzada de Mattos DODEBEI (UNIRIO) Vera Silvia Marao BERAQUET (PUC-CAMPINAS) Virginia Bentes PINTO (UFCE)	12
Beatriz Valadares CENDÓN (UFMG) Helen de Castro Silva CASARIN (UNESP) Maria Aparecida MOURA (UFMG)	11
Eduardo Ismael MURGUIA Marañon (UFF) Isa Maria FREIRE (UFPB)	10
Icleia THIESEN (UNIRIO) João Batista Ernesto de MORAES (UNESP) Sonia Elisa CAREGNATO (UFRGS)	9

<b>André Porto Ancona LOPEZ (UnB)</b> <b>Leilah Santiago BUFREM (UFPE)</b>	<b>8</b>
<b>Dinah Aparecida de Mello Aguiar POBLACIÓN (USP)</b> <b>Ely Francina Tannuri de OLIVEIRA (UNESP)</b> <b>Marisa BRASCHER Basilio Medeiros (UFSC)</b> <b>Marlene OLIVEIRA (UFMG)</b> <b>Mirian de Albuquerque AQUINO (UFPB)</b> <b>Nanci Elizabeth ODDONE (UNIRIO)</b> <b>Silvana Aparecida Borsetti Gregorio VIDOTTI (UNESP)</b>	<b>7</b>
<b>Marco Antônio de ALMEIDA (USP)</b> <b>Maria Cristina P. Innocentini HAYASHI (UFSCAR)</b> <b>Renato Rocha SOUZA (FGV)</b>	<b>6</b>
<b>Edberto FERNEDA (UNESP)</b> <b>Guilherme Ataíde DIAS (UFPB)</b> <b>Maria Cláudia Cabrini GRÁCIO (UNESP)</b> <b>Rubens Ribeiro Gonçalves da SILVA (UFBA)</b> <b>Sofia Galvão BAPTISTA (UnB)</b> <b>Teresinha FRÓES BURNHAM (UFBA)</b> <b>Zuleica Lopes Cavalcanti de OLIVEIRA (UFRJ)</b>	<b>5</b>
<b>Eise Benetti Marques VALIO (PUC-CAMPINAS)</b> <b>Geraldo Moreira PRADO (IBICT)</b> <b>Katia Maria Coelho de CARVALHO Custódio (UFBA)</b> <b>Lídia Silva de FREITAS (UFF)</b> <b>Liz Rejane ISSBERNER (IBICT)</b> <b>Maria Inês TOMAÉL (UEL)</b> <b>Sueli Mara Soares Pinto FERREIRA (USP)</b>	<b>4</b>
<b>Barbara FADEL (UNESP)</b> <b>Daisy Pires NORONHA (USP)</b> <b>Georgete Medleg RODRIGUES (UnB)</b> <b>Helio KURAMOTO (UFMG)</b> <b>Maria das Graças TARGINO (UFPI)</b>	<b>3</b>
<b>Carlos Cândido de ALMEIDA (UNESP)</b> <b>Daniel FLORES (UFF)</b> <b>Gustavo Silva SALDANHA (IBICT)</b> <b>Johanna Wilhelmina SMIT (USP)</b> <b>Ricardo Medeiros PIMENTA (IBICT)</b> <b>Rosângela Schwarz RODRIGUES (UFSC)</b> <b>Vinicius Medina KERN (UFSC)</b>	<b>2</b>
<b>Edmir PERROTTI (USP)</b> <b>Eliany Alvarenga de ARAÚJO (UFG)</b> <b>Lidia ALVARENGA (UFMG)</b> <b>Ligia Maria Arruda CAFÉ (UFSC)</b> <b>Maria de Nazaré Freitas PEREIRA (IBICT)</b> <b>Maurício Barcellos ALMEIDA (UFMG)</b> <b>Samile Andréa de Souza VANZ (UFRGS)</b> <b>Waldomiro de Castro Santos VERGUEIRO (USP)</b>	<b>1</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre o processo analítico e de categorização, o trabalho se desenvolve em quatro níveis, em que cada regime de produção e comunicação da ciência (disciplinar,

utilitário, transitório e transversal) necessitou de diferentes aportes metodológicos de investigação. Os agentes (bolsistas PQ em CI) e instituições de capital científico reconhecido para o progresso do campo disciplinar da CI no Brasil são delimitados de acordo com as características presentes em cada regime.

Para o processo de apreciação dos quatro regimes (disciplinar, utilitário, transitório e transversal), foram utilizadas análises de conteúdo, com aplicação estatística e matemática para mapear informações, e atribuição de sentido aos dados, qualificando-os de acordo com a seleção e construção da temática e do referencial teórico.

### **2.2.1 Regime disciplinar**

O campo disciplinar está voltado para atividades que garantam estabilidade nas instituições. Universidades, institutos científicos e tecnológicos, laboratórios, periódicos, eventos científicos de referência são, por exemplo, modelos claros de instituições capazes de oferecer amparo a pesquisadores para a institucionalização científica de um campo disciplinar por meio do regime disciplinar (SHINN, 2008b; SHINN; RAGOUET, 2008).

Para o desenvolvimento desta etapa, foram identificados, em um primeiro momento, os aportes institucionais, como, por exemplo, universidades, institutos, programas de pós-graduação, entidades de classe, periódicos, base de dados e eventos científicos.

Em um segundo momento, as discussões estão voltadas para as ações dos agentes científicos (bolsistas PQ) dentro do regime. Foram examinadas as produções bibliográficas, as atividades de orientação, bem como as relações de coautoria realizadas e responsáveis por produções bibliográficas.

O Quadro 4 apresenta as categorias do regime disciplinar investigadas neste estudo.

Quadro 4 - Categorias investigadas: regime disciplinar

	CATEGORIAS: REGIME DISCIPLINAR
<b>BOLSISTAS PQ EM CI: PRODUÇÃO CIENTÍFICA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Universidades/Instituição Científica e Tecnológica</li> <li>▶ Programas e institutos de pós-graduação em CI</li> <li>▶ Entidades de Classe, Periódicos científicos, Base de dados, Eventos científicos reconhecidos na área</li> <li>▶ Produções bibliográficas e atividades de orientação</li> <li>▶ Interações entre agentes científicos</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Destacaram-se como fontes documentais para o levantamento de informações sobre esse regime: Plataforma Sucupira (Cursos Avaliados e Reconhecidos<sup>13</sup>; Qualis-Periódicos)<sup>14</sup>; Plataforma Lattes<sup>15</sup>; Relatório de Avaliação Quadrienal (2017)<sup>16</sup>; Documento de Área – Comunicação e Informação (2017; 2019)<sup>17 18</sup>; Portal da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação – ANCIB<sup>19</sup>; Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação – BRAPCI<sup>20</sup>; Portal de Conferências do Laboratório de Tecnologias Intelectuais (LTI)<sup>21</sup>; Repositório BENANCIB<sup>22</sup>.

### 2.2.2 Regime utilitário

Ações técnicas, especialidades profissionais e aplicações do conhecimento dizem respeito ao regime utilitário. Indicativos desse regime específico podem ser percebidos nas bases institucionais e nos agentes científicos (bolsistas PQ) por meio

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.xhtml>>.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>>.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>.

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4662-ciencias-sociais-aplicadas-i>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4662-ciencias-sociais-aplicadas-i>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Disponível em:

<[http://capes.gov.br/images/Documento\\_de\\_%C3%A1rea\\_2019/COMUNICACAO.pdf](http://capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/COMUNICACAO.pdf)>. Acesso em 13 dez. 2019.

<sup>18</sup> Em consonância com a data do levantamento das Bolsas PQ (10 jan. 2019) seguem vigentes o Relatório de Avaliação Quadrienal e o Documento de Área em suas respectivas versões quadrienais - 2017.

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.ancib.org.br/>>.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/>>.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/>>.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/2>>.

de ações envolvidas com a ciência aplicada, com a produção de caráter técnico e com a proteção/registro de patentes (inovação).

Entende-se, para a identificação e compreensão do regime utilitário, a necessidade de percepção da aproximação dos agentes com elementos relacionados com tecnologias e com a ciência aplicada/prática. Desse modo, a averiguação teve por objetivo verificar as bases institucionais utilitárias presentes no Brasil por meio de cursos *stricto sensu* (modalidade profissional)<sup>23</sup> e cursos *lato sensu*<sup>24</sup>. Foram observadas as ações utilitárias dos agentes científicos (bolsistas PQ) por meio de registros de cunho técnico (produtos tecnológicos; programas de computador sem patente; inovação/patente). O Quadro 5 detalha as categorias escolhidas para o estudo do regime utilitário.

Quadro 5 - Categorias investigadas: regime utilitário

CATEGORIAS: REGIME UTILITÁRIO	
<b>BOLSISTAS PQ EM CI: PRODUÇÃO TÉCNICA/APLICADA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Cursos <i>stricto sensu</i> (modalidade profissional)</li> <li>▶ Cursos <i>lato sensu</i></li> <li>▶ Produção técnica (produtos tecnológicos; programas de computador sem patente; inovação/patente)</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Plataforma Sucupira, o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior, Cadastro e-MEC, e a Plataforma Lattes – Currículo Lattes foram as principais fontes documentais para o levantamento das informações.

<sup>23</sup> Segundo a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (2011), a modalidade profissional de cursos *stricto sensu* tem por objetivo a formação de recursos humanos especializados para atuar em setores não acadêmicos.

<sup>24</sup> Segundo Brasil (2006), cursos *lato sensu* (especialização) proporcionam atender demandas do mercado de trabalho. Ou seja, mesmo em ambiente disciplinar (universidades, faculdades, centros de ensino, por exemplo), a pós-graduação *lato sensu* é baseada em fatores exógenos (mercado), apresentando características de uma pós-graduação profissionalizante (BRASIL, 2006).

### 2.2.3 Regime transitório

O movimento provisório de travessia de fronteiras disciplinares é o referente do regime transitório. Os agentes praticantes desse regime, no atendimento de necessidades de desenvolvimento/execução do conhecimento, transferem-se de seu domínio para outro, provisoriamente ou, em menor número, definitivamente. Ressaltando a identidade primária dos agentes (Ciência da Informação), pretende-se investigar a participação dos bolsistas PQ em CI no campo da pesquisa.

O movimento transitório foi percebido pela forma de participação/envolvimento (intencionais ou colaborativos) dos bolsistas PQ em Grupos de Pesquisa cadastrados na Plataforma do Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP). As variáveis investigadas foram: a área predominante do grupo de pesquisa na qual o bolsista PQ atua; as linhas de pesquisa presentes no grupo de atuação do bolsista PQ; os conceitos temáticos presentes nas linhas de pesquisa dos grupos investigados; e as movimentações transitórias exógenas (centrífuga) e endógenas (centrípeta). O Quadro 6 detalha as categorias escolhidas bem como suas respectivas variáveis.

Quadro 6 - Categorias investigadas: regime transitório

	<b>CATEGORIAS: REGIME TRANSITÓRIO</b>
<b>BOLSISTAS PQ EM CI: TRAVESSIA PROVISÓRIA DE FRONTEIRA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Participação/envolvimento em Grupos de Pesquisa, registrados no DGP (área predominante; linhas de pesquisa; conceitos temáticos presentes nas linhas de pesquisa)</li> <li>▶ Movimentos transitórios exógenos e endógenos (trajetórias centrífugas e centrípetas; movimentos intencionais e colaborativos).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor.

O processo analítico correspondeu à percepção da participação/envolvimento dos bolsistas PQ em CI em Grupos de Pesquisa, sendo considerada a área predominante do Grupo uma característica para a análise. A triagem dos conceitos temáticos presentes nas linhas de pesquisa desses grupos teve como objetivo a percepção de uma “socialização’ da linguagem” (GREIMAS, 1981, p. 41) entre possíveis áreas do conhecimento e a Ciência da Informação. Para percepção do movimento de travessia provisória dos agentes, foi executado o método comparativo de aproximação conceitual entre os conceitos temáticos presentes nas linhas de

pesquisa dos Grupos de Pesquisa, com os quais os bolsistas PQ estão envolvidos e os conceitos temáticos presentes nas ementas dos 11 Grupos de Trabalho (GT) da ANCIB. Outra referência chave para esse processo foi a utilização da percepção da dicotomia saussuriana “língua e fala” (SAUSSURE, 2006; COELHO NETTO, 2007).

Algumas variáveis foram utilizadas para as análises desta seção. Em relação à percepção de participação/movimentação dos bolsistas em grupos de pesquisa fora da Grande Área de Ciências Sociais Aplicadas, classificou-se como um regime de transitoriedade exógena, que seria o movimento de afastamento da Área da Ciência da Informação, ou seja, uma ação que executa uma força centrífuga de afastamento do núcleo (CI). Em relação à percepção de movimentação e participação dos bolsistas PQ em grupos de pesquisa fora da CI, mas dentro da Grande Área de Ciências Sociais Aplicadas, classificou-se como um regime de transitoriedade endógena, que seria o movimento de proximidade com a Área da Ciência da Informação, ou seja, que executa uma força centrípeta de aproximação do núcleo (CI).

Outra variável correspondeu ao fator de “liderança” ou “colaboração” desses bolsistas PQ nos grupos de pesquisa estudados. Foram consideradas intencionais, ou seja, deliberadas, as transitoriedades de pesquisadores que eram líderes de grupos de pesquisas fora da Área da CI; foram consideradas colaborativas, ou seja, presença convidada ou voluntária, as transitoriedades de pesquisadores que não eram líderes de grupos de pesquisas fora da Área da CI.

O Diretório dos Grupos de Pesquisa<sup>25</sup> do CNPq, os Grupos de Trabalho da ANCIB<sup>26</sup> e a BRAPCI configuraram-se como as principais fontes documentais consultadas. A atribuição de sentido aos dados, qualificando-os, seguiram de acordo com a seleção e construção da temática e do referencial teórico.

#### **2.2.4 Regime transversal**

Três características são importantes para identificar os agentes que operam no regime transversal: 1) a produção da pesquisa instrumental genérica (aquela que pode ser absorvida por diversas áreas do conhecimento e diversos segmentos – universidade, indústria, setor militar, por exemplo); 2) o fato de estarem engajados em arenas “intersticiais” (não estão exclusivamente ligados a uma disciplina e nem a um

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/home>>.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-01>>.

empregador, apresentam, em seu histórico, relações relativamente temporárias); e 3) não se detêm em fronteiras institucionais e cognitivas. O método de apreensão utilizado nesta etapa focaliza na percepção da formação disciplinar dos bolsistas PQ em CI (*stricto e lato sensu*) e na trajetória de atuação profissional (características 2 e 3).

Esta etapa procurou analisar o engajamento transversal presente nas trajetórias dos agentes científicos por meio do reconhecimento de potenciais pontos de tensão que poderiam ser responsáveis por atualização e revisamentos para o campo disciplinar da CI no Brasil. Procedeu-se de modo a classificar trajetórias lineares (aquelas que não demarcavam pontos de tensão, ou seja, trajetórias derivadas originalmente da CI e suas respectivas bases) e trajetórias transversais (aquelas que demarcavam pontos de tensão, ou seja, trajetórias que traziam o registro da multiplicidade intersticial). Focada unicamente na história dos agentes (bolsistas PQ), foram levantados e cruzados dados referentes a formação disciplinar – formação superior, *stricto sensu* (linear e intersticial); formação disciplinar utilitária – *lato sensu* (linear e intersticial); e trajetória de atuação profissional utilitária intersticial. O Quadro 7 detalha as categorias selecionadas para esta análise.

Quadro 7 - Categorias investigadas: regime transversal

CATEGORIAS: REGIME TRANSVERSAL	
<b>BOLSISTAS PQ EM CI: TRAJETÓRIAS TRANSVERSAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Formação disciplinar dos bolsistas PQ (formação superior, <i>stricto e lato sensu</i>) – percepções lineares e intersticiais;</li> <li>▶ Trajetória de atuação profissional utilitária – percepções lineares e intersticiais.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Plataforma Lattes – Currículo Lattes foi a principal fonte documental para o levantamento das informações.

### 2.3 FERRAMENTAS: MICROSOFT EXCEL E SCRIPTLATTES

Duas ferramentas foram utilizadas na organização e tratamento dos dados: Microsoft Excel e o *software* livre scriptLattes. Sobre o scriptLattes, em especial, é

reforçada a possibilidade de “extração de dados de produção científica, identificação de padrões bibliométricos, e modelagem e visualização efetiva de redes de interação entre coautores” (MENA-CHALCO; CESAR JÚNIOR, 2013, p. 109).

Outro reforço para a utilização do scriptLattes vem da segurança sobre as projeções relativas à compilação e sumarização da produtividade e trajetória científica dos agentes selecionados para o estudo (NASCIMENTO, 2016). A demanda de um exaustivo trabalho manual, devido ao expressivo número de agentes e do recorte temporal escolhido para a análise, ampliaria a possibilidades de falhas nos resultados. Sobre o scriptLattes, indicam Mena-Chalco e Cesar Júnior (2013, p. 110):

[...] foi projetado para a extração e compilação automática de produções bibliográficas, técnicas e artísticas, orientações, projetos de pesquisa, prêmios e títulos, grafo de colaborações, e mapa de geolocalização de um conjunto de pesquisadores cadastrados na plataforma Lattes. O scriptLattes baixa automaticamente os currículos Lattes (em formato HTML) de um grupo de pessoas de interesse, compila as listas de produções, tratando apropriadamente as produções duplicadas e similares. Em seguida, são gerados relatórios, em formato HTML, com listas de produções e orientações separadas por tipo e colocadas em ordem cronológica invertida. Adicionalmente, a ferramenta permite a criação automática de grafos (redes) de coautoria entre os membros do grupo e um mapa de geolocalização dos membros e alunos (de pós-doutorado, doutorado e mestrado) com orientação concluída.

Para este estudo, o *software* scriptLattes realizou uma extração e compilação automática de produções bibliográficas, produções técnicas, orientações, projetos de pesquisa, prêmios e títulos, grafo de colaborações e mapa de geolocalização. A data de processamento foi 16/12/2019, às 15:54:37 h., horário de Brasília. O Quadro 8 apresenta as últimas datas de atualização dos Currículos Lattes dos 83 bolsistas PQ em CI selecionados para o estudo, o que significa que foram minerados apenas dados anteriores à última data de atualização no Lattes desses pesquisadores

Quadro 8 - Última data de atualização do Currículo Lattes dos 83 bolsistas PQ em CI (2001-2017)

BOLSISTA PQ	ÚLTIMA DATA DE ATUALIZAÇÃO
A. A. BARRETO	12/10/2016
A. P. A. LOPEZ	21/10/2019
B. FADEL	25/02/2019

B. V. CENDÓN	15/10/2018
C. C. ALMEIDA	10/11/2019
C. H. M. ALMEIDA	12/12/2019
D. P. NORONHA	13/05/2019
D. FLORES	14/12/2019
D. A. M. A. POBLACIÓN	25/07/2016
E. FERNEDA	13/12/2019
E. PERROTTI	04/09/2019
E. I. MURGUIA	16/05/2015
E. A. ARAÚJO	21/04/2019
E. B. M. VALIO	15/03/2004
E. F. T. OLIVEIRA	27/06/2017
E. J. SUAIDEN	28/05/2019
E. G. D. ORRICO	03/10/2019
G. M. RODRIGUES	09/12/2019
G. M. PRADO	02/02/2015
G. OLINTO	10/03/2019
G. A. DIAS	16/12/2019
G. S. SALDANHA	28/10/2019
H. C. S. CASARIN	09/12/2019
H. KURAMOTO	26/09/2014
I. THIESEN	11/12/2019
I. M. FREIRE	23/11/2019
J. ROBREDO	05/11/2010
J. B. E. MORAES	06/12/2019
J. W. SMIT	30/06/2019
J. A. C. GUIMARÃES	06/12/2019
J. M. JARDIM	05/08/2018
K. M. C. CARVALHO	29/06/2017
L. S. BUFREM	14/12/2019
L. V. R. PINHEIRO	09/12/2019
L. ALVARENGA	29/07/2016
L. S. FREITAS	14/11/2019
L. M. A. CAFÉ	18/07/2019
L. R. ISSBERNER	11/12/2019
M. A. ALMEIDA	21/11/2019
M. A. MOURA	10/10/2019
M. C. C. GRÁCIO	11/11/2019
M. C. P. I. HAYASHI	04/10/2019

<b>M. G. TARGINO</b>	15/12/2019
<b>M. F. G. M. TÁLAMO</b>	03/03/2016
<b>M. N. F. PEREIRA</b>	06/08/2019
<b>M. I. TOMAÉL</b>	02/12/2017
<b>M. L. A. CAMPOS</b>	24/10/2019
<b>M. N. GONZALEZ de GOMEZ</b>	16/12/2019
<b>M. Y. F. S. F. GOMES</b>	18/01/2015
<b>M. S. L. FUJITA</b>	09/12/2019
<b>M. L. G. LARA</b>	04/09/2019
<b>M. BRASCHER</b>	24/09/2018
<b>M. OLIVEIRA</b>	20/03/2019
<b>M. L. P. VALENTIM</b>	15/12/2019
<b>M. B. ALMEIDA</b>	30/07/2019
<b>M. F. V. CUNHA</b>	05/01/2019
<b>M. A. AQUINO</b>	22/05/2015
<b>N. Y. KOBASHI</b>	10/11/2019
<b>N. E. ODDONE</b>	15/06/2019
<b>P. L. V. A. C. SANTOS</b>	12/09/2019
<b>R. N. M. SANTOS</b>	04/12/2019
<b>R. M. MARTELETO</b>	12/11/2019
<b>R. R. SOUZA</b>	12/12/2019
<b>R. M. PIMENTA</b>	04/11/2019
<b>R. F. SOUZA</b>	12/12/2019
<b>R. S. RODRIGUES</b>	10/11/2019
<b>R. R. G. SILVA</b>	17/10/2019
<b>S. A. S. VANZ</b>	26/10/2019
<b>S. ALBAGLI</b>	14/12/2019
<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>	02/12/2019
<b>S. D. MONTEIRO</b>	24/11/2019
<b>S. G. BAPTISTA</b>	24/02/2016
<b>S. E. CAREGNATO</b>	12/12/2019
<b>S. A. AMARAL</b>	11/12/2017
<b>S. M. S. P. FERREIRA</b>	26/11/2019
<b>S. P. M. MUELLER</b>	04/07/2019
<b>T. FRÓES BURNHAM</b>	18/10/2018
<b>V. L. D. L. M. DODEBEI</b>	13/12/2019
<b>V. S. M. BERAQUET</b>	17/11/2010
<b>V. M. KERN</b>	18/10/2019
<b>V. B. PINTO</b>	23/11/2019

<b>W. C. S. VERGUEIRO</b>	04/12/2019
<b>Z. L. C. OLIVEIRA</b>	20/02/2014

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os responsáveis pelo desenvolvimento do programa admitem que inconsistências no preenchimento dos Currículos Lattes podem gerar falhas nos resultados.

O editor de planilhas Microsoft Excel auxiliou na organização de dados/informações. Verificou-se uma melhor representação e visualização dos dados por meio de composição de planilhas, confecção de gráficos, quadros e tabelas.

#### 2.4 DIFICULDADES ENCONTRADAS

Alguns problemas foram percebidos no desenvolvimento do presente estudo. Referente às fontes de dados, destacam-se instabilidades nos seguintes ambientes: Plataforma Sucupira, Cadastro e-MEC e no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP). Essas dificuldades foram responsáveis por demandar mais tempo para confecção dos resultados e análises.

Do ponto de vista de execução técnica, vale o registro de problemas no processamento do *software* scriptLattes, em que não foi possível minerar dados referentes à dimensão utilitária (programas de computador sem registro; programas de computador com registro; patentes). Em resposta à dificuldade encontrada, estabeleceu-se a realização de conferência manual e isolada em todos os 83 Currículos Lattes dos bolsistas de produtividade selecionados para este estudo.

Na linha metodológica proposta para o estudo, foram realizadas revisões referentes à percepção sincrônica dos bolsistas PQ, postura adotada inicialmente, mas que, posteriormente, foi superada pela análise diacrônica dos bolsistas de produtividade, considerada a mais pertinente.

Por último, situa-se que a pandemia causada pela Covid-19 (*Corona Virus Disease - 2019*) foi determinante na adaptação de posicionamentos técnicos para o desenvolvimento deste material.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

É possível afirmar que o interesse estrito sobre a sociologia do conhecimento é relativamente novo, começando por volta das décadas de 1960 e 1970 (SHAPIN; 1995). Incipiente no início do século XX, nos estudos de Max Scheler, a sociologia do conhecimento começa a demonstrar vitalidade e originalidade nas propostas compartilhadas por Karl Mannheim. É na obra *Ideologie und Utopia* que Mannheim consegue convergir influências do historicismo alemão, do pensamento marxista sobre consciência social e da teoria da estratificação de Max Weber (BURKE, 2003; ÁGOAS, 2017).

Autores como Barry Barnes, David Bloor, Gaston Bachelard, Paul Feyerabend, Thomas Kuhn, Derek John de Solla Price também são exemplos de autores seminais sobre o assunto. Outra importante contribuição partiria de Robert Merton (1942<sup>27</sup>; 1977), apresentando o entendimento sobre as variáveis responsáveis pela institucionalização da ciência, bem como do *ethos* científico.

Na literatura do sociólogo Pierre Bourdieu, é possível encontrar contribuições para o entendimento de diversos sistemas, dentre eles o campo científico. Bourdieu (2008b; 2012) oferece problematizações sobre a ciência e seus elementos constitutivos (agentes e instituições). Sua construção intelectual de interpretação de microcosmos sociais é apresentada com originalidade. O autor (1983a; 2012) trabalha com a representação de campos sociais, considerados, por ele, microcosmos de estruturas complexas inseridas num plano macro. Os campos são responsáveis pelas produções culturais como a filosofia, a ciência, a arte, a religião, e a literatura, por exemplo (BOURDIEU, 2004).

Bourdieu (1996a) argumenta que cada campo apresenta uma dinâmica própria. Trabalhar essa ideia de unicidade é valioso, afinal possibilita ao pesquisador/observador explorar diferentes objetos e diferentes universos. O referencial teórico aqui apresentado é constituído de forma a explorar primeiramente a construção sobre sistemas simbólicos e, em sequência, o campo científico. Em seguida é apresentada a concepção da sociologia transversalista da atividade científica, explorando a perspectiva de entendimento de uma ciência pluralista,

---

<sup>27</sup> MERTON. Robert King. A ciência e a estrutura social democrática. In: MARCOVICH, A.; SHINN, T. (Org.). **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Associação Filosófica *Scientiae Studia*; Editora 34, 2013. cap.7, p.181-198.

emergindo a necessidade de compreensão de quatro regimes de produção e comunicação científica, a saber, o regime disciplinar, o regime utilitário, o regime transitório e o regime transversal. E, para finalizar, encontra-se uma seção destinada a discussões sobre o campo disciplinar da Ciência da Informação, levantando características históricas dessa área em perspectiva mundial e nacional.

### 3.1 LEITURAS SOBRE OS SISTEMAS SIMBÓLICOS

Deixando de lado o relativismo extremo, é proveitoso julgar que a compreensão do funcionamento da realidade seja algo complexo e de difícil representação (BURKE, 2005). A tentativa de entendimento e representação do real, daquilo que está posto e sendo reproduzido, exige do observador um desprendimento, historicamente situado e datado, para aquilo a ser observado na tentativa de compreensão (BOURDIEU, 1996a).

Ao tratar do tema “Da representação à construção”, Burke (2005) discute sobre a construção da realidade em ângulos distintos, como por exemplo, arte, monarquia, gênero, identidade e comunidades. O pesquisador, em nota introdutória do capítulo, revisita autores seminais e compara suas concepções:

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer já havia argumentado que o “o mundo é minha representação” (*Die Weltistmeine Vorstellung*), enquanto Friedrich Nietzsche afirmava que a verdade é criada, e não descoberta. Nietzsche também descreveu a linguagem como uma prisão, enquanto Ludwig Wittgenstein afirmava que “os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”. O movimento filosófico norte-americano conhecido como “pragmatismo” moveu-se em direção semelhante. John Dewey, por exemplo, afirmou que nós criamos a realidade, que cada indivíduo constitui seu mundo a partir do encontro entre o eu e o ambiente. William James argumentou que “interesses mentais... ajudam a fazer a verdade que eles declaram” (BURKE, 2005, p. 100, grifo do autor).

É possível dissecar e trazer diversas reflexões sobre cada argumento exposto na referida citação. No entanto, para fim de desenvolvimento deste trabalho, alguns conceitos merecem devida atenção: ‘mundo’, ‘representação’, ‘verdade’, ‘realidade’. Utilizando-se da literatura de Bourdieu (2012), esses conceitos podem ser entendidos como resultado direto dos sistemas simbólicos.

A realidade nos é apresentada por meio da arte, da religião, da língua, da filosofia, da história, da ciência e da literatura<sup>28</sup>. Duas sínteses estão diretamente ligadas na inteligibilidade dessa ideia de realidade: i) os sistemas simbólicos são instrumentos de conhecimento e de comunicação; ii) os sistemas simbólicos além de instrumentos de conhecimento e de comunicação impõem a definição do mundo social por meio da domesticação.

A primeira síntese explicita a função social dos instrumentos de conhecimento e comunicação como integradores sociais. A informação, presente nos sistemas simbólicos, resultado de conhecimento anteriormente organizado, tem, em processos comunicacionais, sua possibilidade de representação. Bourdieu (2012, p. 9-10, grifo do autor) evoca a noção de poder simbólico advindo da existência dos sistemas simbólicos. Nessa primeira leitura de poder, o autor traz as seguintes explicações:

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*<sup>29</sup>: o sentido imediato de mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama de *conformismo lógico*, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. [...] Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral.

Admitir esse pensamento é permitir refletir que a execução do poder simbólico não é incondicional. Sua luta é por um consenso de uma realidade imediata. Encontram-se nessa linha de pensamento dependências entre a noção de realidade e o poder simbólico incrustado em quem exerce esse poder e, não necessariamente, nos sistemas simbólicos em si. Fugindo de uma rápida apreensão temporal, além da realidade poder ser interpretada como imediata e simbólica, ela é resultado de um processo artificial daqueles que conseguem a representação social de conhecimentos. Essa reflexão é percebida na seguinte passagem:

Isto significa que o poder simbólico não reside nos «sistemas simbólicos» em forma de «*illocutionary force*» mas que se define numa

---

<sup>28</sup> Bourdieu (2004) usa a terminologia “produtos culturais” ao comentar os referidos elementos.

<sup>29</sup> “Gnoseologia” ou “Gnosiologia” pode ser entendida como os estudos das fontes, limites e valor do conhecimento humano, também como a teoria do conhecimento.

relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe são sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença*. (BOURDIEU, 2012, p.14, grifo do autor).

Bourdieu (2012) recorre à tradição marxista ao referir que os sistemas simbólicos impõem a definição do mundo social por meio da domesticação. Além dos sistemas simbólicos serem instrumentos de conhecimento e comunicação, como vistos na primeira síntese, é possível afirmar a existência do privilégio das funções políticas em relação à função gnosiológica. Ou seja, para o autor, o sentido de poder e de dominação é enaltecido e faz do entendimento de construção imediata do conhecimento um coadjuvante.

Segundo Bourdieu (2012, p. 10), os sistemas simbólicos, neste caso, atuam como instrumento de dominação, “este funcionalismo [...] explica as produções<sup>30</sup> simbólicas relacionando-as com os interesses da classe dominante”. É na segunda síntese que o autor considera redundante afirmar a existência de relações de poder nas relações de comunicação e suas variáveis, bem como o reconhecimento e acúmulo de poder simbólico advindo desse processo. Para além dessa tautologia, Bourdieu (2012, p. 11) indica que:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados.

O autor reconhece a existência de uma cultura dominante e dissimulada que trabalha para integrar de forma real a classe dominante. Essa, por sua vez, consegue criar uma integração social fictícia, possibilitando a desmotivação e domesticação das classes dominadas. Isso é possível devido à existência da legitimação de uma ordem por meio do estabelecimento e reconhecimento de hierarquias, também em decorrência da existência dessa cultura dominante.

Cuche (1999, p.145), também sob influência do pensamento de Marx e Weber, corrobora com esse pensamento ao reconhecer que “a força relativa de diferentes

---

<sup>30</sup> “Sistemas simbólicos” e “produções simbólicas” recebem a mesma conotação na referida obra.

culturas em competição depende diretamente da força social relativa dos grupos que as sustentam”. O que, de fato, ocorre é a existência de grupos sociais que estão em relação de dominação e outros de subordinação.

O contexto da luta tem representação mais intensa na segunda síntese descrita pelo autor. Bourdieu (2012, p.12) indica que “o campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes” e complementa:

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por meio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem aos interesses dos dominantes *por acréscimo*, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação [...]. (BOURDIEU, 2012, p.12, grifo do autor).

Sendo instrumento de dominação estruturante, a produção dos sistemas simbólicos está incluída em um processo de luta pelo monopólio da produção ideológica. É necessário existir o que Bourdieu (2012) chama de homologia entre o campo de produção e o campo das classes sociais para se ter uma noção da estrutura de campo das classes sociais. Não existe total autonomia entre os campos citados, eles apresentam semelhanças formais, no entanto, funções de produção e apropriação dos sistemas simbólicos diferentes.

Existem variáveis que interferem na validação das ideologias embutidas nos sistemas simbólicos: as condições sociais da sua produção<sup>31</sup> e da sua circulação. Para o autor, essas variáveis estão diretamente ligadas aos interesses em grande parte dos “especialistas” (grupo/corpo que concorre pelo monopólio das competências: científica, religiosa, jurídica, artística, por exemplo) e, em menor grau, dos “não especialistas”. Para Bourdieu (2012, p.13, grifo do autor), é necessário “ter presente que as ideologias são sempre *duplamente determinadas*”. Considerando a circulação (produção e apropriação), nenhum sistema de ideias é autônomo, mesmo sabendo que ele obedece majoritariamente aos interesses de monopólio dos especialistas que os produzem.

---

<sup>31</sup> Não necessariamente essa expressão ideológica venha de uma classe coesa em sua totalidade, mas sim uma expressão majoritariamente legitimada entre os pares concorrentes de cada campo.

O efeito propriamente ideológico consiste precisamente na imposição de sistemas de classificação políticos sob a aparência legítima de taxionomias filosóficas, religiosas, jurídicas, etc. Os sistemas simbólicos devem a sua força ao facto de as relações de força que neles se exprimem só se manifestarem neles em forma irreconhecível de relações de sentido (deslocação). (BOURDIEU, 2012, p.13-14).

A finalização dessa citação chama atenção, ao passo que demonstra o deslocamento de forças existentes na percepção dos sistemas simbólicos. O sentido de mundo imediato, proposto pelos sistemas simbólicos, nos é mais aparente do que qualquer questionamento sobre o interesse de determinado grupo/corpo responsável pela sua autoria. Ou seja, a enunciação do conhecimento desloca o entendimento das relações de força presentes nos sistemas simbólicos.

Indica-se que este trabalho é direccionado à compreensão dos elementos relacionados ao campo científico, aos seus respectivos agentes e instituições, bem como aos constructos decorrentes desse campo.

### 3.2 BOURDIEU E O CAMPO CIENTÍFICO

O sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002) foi responsável pela construção de uma vasta literatura sobre a questão das ações e relações dos agentes (indivíduos). Sua compreensão do real como relacional dentro dos espaços sociais/espaços simbólicos (BOURDIEU, 1996a; 1996b) é inspiradora na tentativa de compreensão dos elementos sociais correntes.

Bourdieu sistematizou uma teoria sobre os diversos campos em muitas obras, tendo-se como exemplos: *Les règles de l'art – genèse et structure du champ littéraire*<sup>32</sup>; *Le champ scientifique*<sup>33</sup>; *Raisons pratiques – Sur La théorie de l'action*<sup>34</sup>; *Science de la science et réflexivité Cours au Collège de France 2000-2001*<sup>35</sup>; *Les modes de domination*<sup>36</sup>. Suas obras refletem os fatos sociais e relacionais dos agentes, bem como respeitam um método para o alcance da lógica do mundo social. Segue a seguinte declaração do autor:

<sup>32</sup> BOURDIEU, P. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>33</sup> BOURDIEU, P. O campo científico. *In*: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983a. cap. 4, p. 122-155.

<sup>34</sup> BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996a.

<sup>35</sup> BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2008b.

<sup>36</sup> BOURDIEU, P. Modos de Dominação. *In*: BOURDIEU, P. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3 ed. Porto Alegre: Zouk, 2008a.

De fato, todo meu empreendimento científico se inspira na convicção de que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la, porém, como ‘caso particular do possível’, conforme a expressão de Gaston Bachelard, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis. (BOURDIEU, 1996a, p.15).

De fato, a dinâmica mais profunda do mundo social como “caso particular do possível” inevitavelmente carregará as arbitrariedades objetivas e subjetivas das escolhas feitas por aqueles que resolveram assumir essas tarefas. Continua Bourdieu:

O pesquisador [...] objetiva apreender estruturas e mecanismos que, ainda que por razões diferentes, escapam tanto ao olhar do nativo quanto ao olhar do estrangeiro, tais como os princípios de construção do espaço social ou os mecanismos de reprodução desse espaço e que ele acha que pode representar em um modelo que tem a pretensão de *validade universal*. Ele pode, assim, indicar as diferenças reais que separam tanto as estruturas quanto as disposições (os *habitus*) e cujo princípio é preciso procurar, não na singularidade das naturezas – ou das ‘almas’ –, mas nas particularidades de *histórias coletivas* diferentes. (BOURDIEU, 1996a, p. 15, grifo do autor).

Juntamente com a análise de que cada campo é um microcosmo responsável por produções culturais (filosofia; religião; ciência; literatura; arte), faz jus à apreciação de que esses microcosmos adquirem relativa autonomia e que essa característica é determinante para a interpretação e entendimento das relações de produção, consumo e reprodução dos produtos e concorrência entre os agentes e instituições (BOURDIEU, 2004).

Outro elemento essencial para a leitura e apreensão dos movimentos presentes em um espaço social é o cuidado com o que o autor chama de leitura “substancialista”. Bourdieu (1996a, p. 16-17, grifo do autor) prioriza a leitura intercambiável dos fatos e de suas consequências e, quando possível e necessário, a remissão temporal na tentativa de justificar/entender as práticas e os consumos específicos de cada espaço.

Para me fazer entender, direi que a leitura ‘substancialista’ e ingenuamente realista considera cada prática (por exemplo, a prática do golfe) ou consumo (por exemplo, a cozinha chinesa) em si mesmas e por si mesmas, independentemente do universo das práticas intercambiáveis e concebe a correspondência entre as posições sociais (ou as classes vistas como conjuntos substanciais) e os gostos ou as práticas como uma relação mecânica e direta [...].

A ciência, enquanto construção social, um produto cultural particular, está inserida num processo de circulação, no qual estão presentes agentes e instituições (BOURDIEU, 2004). Uma melhor visualização desse organismo pode ser imaginada ao pensar uma dinâmica corrente entre agentes (pesquisadores, cientistas, professores, por exemplo) e as instituições (universidades, instituições de fomento, laboratórios) em um espaço único. A leitura de “espaço único” não adota a noção exclusiva de extensão dimensional, mas sim um espaço de correlações e influências físicas e sociais, com exigências, expectativas e impactos. Ou seja, a produção cultural (ciência, por exemplo) não é compartilhada num meio social como um simples resultado cognitivo do indivíduo ou de um grupo, ela é também resultado de um contexto social exigente e específico.

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo da linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, *tornar necessário*, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir. (BOURDIEU, 2012, p. 69, grifo do autor)

Com isso, julga-se necessário o entendimento dos movimentos de criação, reprodução e circulação de bens culturais – estruturados e estruturantes, por sinal. Sobre o campo científico, a leitura das distribuições que definem a estrutura das relações objetivas, existente entre os agentes e instituições, retira da dinâmica do campo seu irenismo e aspecto fortuito.

Bourdieu ganha atenção em um espaço de discussões ao apresentar uma “tendência de ir contra a maré, contra a corrente [...] para defender a autonomia da pesquisa contra modismos” (BOURDIEU, 2002, p. 17). Esse posicionamento é verificado com veemência em outras obras (BOURDIEU, 1983a; BOURDIEU, 2008b), inclusive em ataques diretos a autores e estudos consagrados na sociologia do conhecimento, tais como o de Talcott Parsons, de Paul Lazarsfeld e de Robert Merton, todos reconhecidos pela comunidade acadêmica. Para Bourdieu (2012), mesmo estando consolidados na sociologia desde 1950, os estudos desses autores refletiam a impossibilidade de encontrar o concreto. A crítica de Bourdieu surge em um período assinado por fortes debates sobre os estudos sociais voltados a Ciência:

[...] as décadas de 1930 e 1940 ficaram marcadas, também, pelo intenso debate em torno dos Estudos Sociais da Ciência, tendo como principais representantes Karl Mannheim, com a sistematização da Sociologia do Conhecimento, de viés hermenêutico e historicista, e Robert Merton com a consolidação da Sociologia da Ciência. Não obstante, esta contenda em relação aos estudos sobre o conhecimento estendeu-se ao longo do século XX – décadas de 40, 50 e 60 – com os epistemólogos de orientação histórica, como Gaston Bachelard, Georges Canguilhem e Michel Foucault. Por fim, a publicação, em 1962, de 'A Estrutura das Revoluções Científicas', de Thomas Kuhn, revitalizando o debate dos Estudos Sociais da Ciência, foi essencial para a posterior emergência – fim da década de 1960, meados da década de 1970 – do Programa Forte de Sociologia, da Sociologia do Conhecimento Científico ou Social Studies, representada por renomados autores como David Bloor, Barry Barnes, Steven Shapin, entre outros. (COELHO, 2017, p. 268)

Nos anos de 1975<sup>37</sup> e 1976<sup>38</sup>, Bourdieu rompe de fato com a tradição dos estudos sociais da ciência que eram dominantes na época. A presença da crítica de uma ciência irênica, sem interesses, livre de amarras, é apresentada e com ela os conceitos campo científico, capital científico e autonomia. Segundo Burke (2003), autores como Bourdieu, Foucault e Lévi-Strauss fazem parte de um movimento de renascimento denominado de “nova sociologia do conhecimento”.

Como visto na referida citação, um dos estudiosos mais notáveis foi o norte-americano Robert Merton, com obras entre 1930 e 1960. O autor tratava sobre o puritanismo e a ciência, trazendo nítidas influências das ideias de Max Weber, sobre o capitalismo e o puritanismo.

Nomes como Florian Znanieck, Georges Gurvitch, Peter Berguer e Thomas Luckmann tiveram influência significativa, no entanto instantânea. Znanieck publicou em 1940 “O papel social do homem do saber”, mas logo depois o autor decide migrar para outras temáticas. Em Paris, na década de 1960, Gurvitch começa a desenvolver sistematicamente a revitalização do tema, mas falece logo após fazer o esboço de seu programa (BURKE, 2003). Berguer e Luckmann lançam em 1966 o livro “A construção social da realidade”. A obra é bem recebida pela comunidade científica, porém os autores “[...] não lhe deram continuidade com estudos substantivos na ampla perspectiva da sociologia do conhecimento que defendiam” (BURKE, 2003, p. 15).

---

<sup>37</sup> Obra intitulada *La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison* pelo periódico *Sociologie et Sociétés*.

<sup>38</sup> Obra intitulada *Le champs scientifique* publicado no periódico *Actes de la Recherche em Sciences*.

Cabe notar que, após a década de 1960, áreas correlatas à sociologia trouxeram um novo fôlego à sociologia do conhecimento.

Claude Lévi-Strauss, na antropologia, tornou-se reconhecidamente notável com estudos sobre o “pensamento selvagem” (concreto por oposição ao abstrato), estudos culturais sobre os povos ocidentais e os ameríndios. Michael Foucault, na filosofia, conquista espaço ao apresentar estudos sobre a relação entre conhecimento e poder em diferentes níveis – micronível da família até o macronível do Estado –, problematiza também os espaços/lugares de conhecimento (como, por exemplo, a escola). Outra importante contribuição de Foucault é a invenção de todo um vocabulário: “arqueologia”; “genealogia”; “regime”. (BURKE, 2003). Thomas Kuhn, em inclinações filosóficas, propõe a ideia das revoluções científicas e sua recorrência histórica. Segundo o autor, esses acontecimentos apresentam uma estrutura, ou um ciclo de desenvolvimento. John Ziman, envolvido em estudos sociais e históricos, propõe o diagnóstico relativo ao surgimento de novos modos de produção científica, sugerindo o conceito de “ciência pós-acadêmica”. Além de Ziman, as análises sobre as consequências das transformações sucedidas na prática científica estão presentes em outros autores, com destaque a Michael Gibbons, Camille Limoges, Helga Nowotny, Simon Schwartzman, Peter Scott, Martin Trow, Silvio Funtowicz, Jerry Ravetz, Henry Etzkowitz, Loet Leydesdorff. Para Reis e Videira (2013), esse conjunto de autores marca uma nova vertente dos *science studies*.

Bourdieu traz o tema conhecimento de volta para a sociologia tratando de conceitos como “prática teórica”, “capital cultural” e o poder de agentes e instituições – elementos constituintes do campo científico – no desenvolvimento do conhecimento legítimo. Para fins de conhecimento, anteriormente a Bourdieu, autores como Norbert Elias e Jurgen Habermas já tinham apresentado discussões semelhantes:

Próximo ao final de sua carreira, Norbert Elias, antigo assistente de Mannheim, estudou o processo de autonomia intelectual e também formulou o que chamou de uma ‘teoria dos *establishments* científicos’. Jurgen Habermas discutiu a relação entre conhecimento, interesses humanos e esfera pública. (BURKE, 2003, p. 16, grifo do autor).

Para Almeida (2017, p. 200), Bourdieu, com proposições de perspectivas classificadas como um “construtivismo estruturalista”, preocupou-se em entender as estruturas sociais e suas respectivas reproduções. Almeida (2017) entende que Bourdieu procedeu em realizações intelectuais que romperam “entre o pensamento

institucionalizado e cristalizado dos pesquisadores e a ‘sociologia espontânea’ dos atores sociais”. E foi com o desenvolvimento e a articulação dos conceitos de *habitus* e de campo que a compreensão dos movimentos de interiorização do exterior e a de exteriorização do interior tornou-se fecunda.

Sob influência do pensamento de Bourdieu, Almeida (2017) recorre à estratégia de que para entender o conceito de *habitus* é necessário, antes, tentar entender a natureza das “disposições”. Gatilhos sociais, chamados por Bourdieu (1983b; 1996a) de aprendizagem implícita ou explícita, fornecem experiências sensoriais de abstrações diversas, no entanto a aceitação ou negação é um processo distinto em cada classe social, localidade, comunidade, sociedade. Esses processos de aprendizagem levaram à construção social do indivíduo. Bourdieu (1983a, p. 94, grifo do autor) pontua da seguinte maneira:

O *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim.

A citação configura um detalhe interessante no pensamento de Bourdieu: a ideia de que por meio da aprendizagem, e somente por ela, seria promovido um esquema gerador de ações. Com isso, o conceito de *habitus* pode ser interpretado como um movimento de interiorização do exterior, visto a necessidade da aprendizagem, em primeiro momento, para depois a promoção das disposições (específicas a cada indivíduo). Cabe ressaltar a característica relacional do *habitus*:

[...] o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*); [...] A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de *gostos*) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo. O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolha de pessoas, de bens, de práticas. (BOURDIEU, 1996a, p. 21-22, grifo do autor).

As disposições costumam ser persistentes, embora possam mudar em determinadas condições. Para Almeida (2017, p. 201), as disposições são “adquiridas ao longo de certas experiências e espaços de socialização (família, escola) [e] exercem efeitos sobre outras esferas de experiências (profissionais, por exemplo)”. Nesse contexto, a articulação do conceito de *habitus* e de campo é fundamental.

O campo se configura como um espaço específico em que é permitido, obedecendo às dinâmicas acordadas e determinadas entre os agentes, exteriorizar produções culturais (ciência, literatura, arte, por exemplo), sendo que a compreensão das produções<sup>39</sup> não depende exclusivamente da leitura direta das obras ou no estabelecimento direto entre o texto e o contexto. Ou seja, para entender os produtos, Bourdieu valoriza como método a recorrência à história do campo de produção e a análise sociológica dos agentes e a respectiva dinâmica de ação presente no campo (BURAWOY, 2010).

A imagem complexa de Bourdieu (2004; 2012) sobre o campo social caracteriza-o como um espaço multidimensional de posições que apresenta um sistema de diversas coordenadas, com valores distintos. Mesmo diante da difícil abstração, o autor demonstra entusiasmo na defesa da aplicação de sua elaborada teoria e metodologia de análise. Para Bourdieu (2012, p. 67), ao defender a gênese do conceito de campo e a aplicação das práticas deste método, existe a potencial garantia do alcance de “[...] um nível de generalidade e de formalização mais elevado”.

O campo é um microcosmo dotado de suas próprias leis, o que quer dizer que cada campo apresenta sua própria dinâmica, porém, em uma perspectiva macrocós mica, Bourdieu (2004, p. 20-21) argumenta que o campo “é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada”. Isso quer dizer, por exemplo, que o campo científico constrói sua própria dinâmica (microcosmo), mas em um contexto de dependência com outros campos (político, econômico, midiático, por exemplo) essa mesma dinâmica pode e é constantemente alterada. A autonomia e a heteronomia configuram a dinâmica presente no campo permeando instituições, agentes, produções culturais e suas respectivas reproduções.

Para Bourdieu (2004, p. 22), “o grau de autonomia de um campo tem por indicador principal seu poder de refração, de retradução”. Se há movimentações

---

<sup>39</sup> Os agentes nativos, por questões de situação, são mais propensos ao reconhecimento legítimo das produções (BOURDIEU, 1983b).

variantes de refração (desvio/transfiguração) e retradução (moderada aceitação) das imposições externas, configuram-se nos campos, em um contexto macrocósmico, características de autonomia significativa. Porém, quando há o entendimento de licitude na intervenção de forças externas ao campo, proporcionando concorrências imperfeitas entre agentes e instituições, o campo se torna heterônomo (BOURDIEU, 2004). Autonomia e heteronomia, de certo modo, coexistem, pois não existe um campo integralmente autônomo, com isso, a utilização da terminologia “relativa autonomia” se torna adequada (MELO, 2015).

Em perspectiva macrocósmica, os campos podem sugerir relações de imposição de necessidade/problemas bem como lidar com elas. Na perspectiva microcósmica, além dos imperativos de campos externos, existe a constante busca do estabelecimento da estrutura das relações objetivas. Afirma Bourdieu (2004, p. 23-24, grifo do autor):

*É a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem e não podem fazer. Ou, mais precisamente, é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, pelo menos negativamente, suas tomadas de posições. Isso significa que só compreendemos, verdadeiramente, o que diz ou faz um agente engajado num campo [...] se estamos em condições de nos referirmos à posição que ele ocupa no campo, se sabemos ‘de onde ele fala’ [...]*

Segundo Bourdieu (2012, p. 135), a estrutura das relações objetivas é resultado de diferentes variáveis pertinentes, em que os agentes se distribuem “[...] na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital”. O capital global constitui a soma de dois capitais capazes de reger os princípios de diferenciação presentes nas sociedades desenvolvidas, que, segundo Bourdieu (1996a, 2012), seriam o capital econômico e o capital cultural. Já na segunda dimensão, é reconhecido o relativo peso individual das posses, em que é analisado separadamente o capital econômico e o capital cultural.

O reconhecimento dos variados capitais pode ser sutil ou escancarado e até mesmo violento. Ele provém de conquistas estabelecidas de acordo com a dinâmica constituída nos diversos campos sociais e apresenta um largo espectro de alcance capaz, por exemplo, de modificar movimentações dos agentes e suas respectivas ações. Para Bourdieu (1996a, p. 170, grifo do autor), a transfiguração de relações de dominação e submissão em relações de reconhecimento, e até mesmo carisma, é

característica de violência simbólica, fenômeno respectivo da presença do capital simbólico dos agentes. Para o autor,

O capital simbólico é uma propriedade qualquer – força física, riqueza, valor guerreiro – que, percebida pelos agentes sociais dotados das categorias de percepção e avaliação que lhes permitem percebê-la, conhecê-la e reconhecê-la, se torna simbolicamente eficiente, como uma verdadeira *força mágica*: uma propriedade que, por responder às ‘expectativas coletivas’, socialmente construídas em relação às crenças, exerce uma espécie de ação à distância, sem contato físico. Damos uma ordem e ela é obedecida: é um ato quase mágico.

Uma das grandes contribuições de Bourdieu (2008b), ao proporcionar a adoção do método de análise de campo, poderia ser, respeitando particularidades, a capacidade de perceber princípios sociais presentes no campo científico e formular questões sobre a especificidade destes princípios. Bourdieu (2004) demonstra a capacidade de construir uma análise particular para universos diferentes responsáveis por produzir, reproduzir e difundir as produções culturais.

A análise de campo (macro e micro) retira a generalidade dos exames, pois não é conivente com a apreciação igualitária sobre as condições de produção, reprodução e comunicação das variadas produções culturais. Cada campo, com seus agentes e instituições, apresenta uma dinâmica de funcionamento e de relacionamento com outros campos.

Como anteriormente citado, foi na década de 1970 que Bourdieu iniciou uma sistematização de um pensamento voltado ao mundo intelectual. O entendimento de ciência pura e pacífica (irênica) e livre de tormentas externas é a principal crítica apresentada por Bourdieu (1983a), principalmente aos estudos amplamente defendidos por Merton (1942; 1997). Essa posição antimertoniana opõe-se à ideia de uma ciência perfeita e solidamente estruturada como sistema de ideias e ações comprometido com a objetividade e livre de influências de outros contextos. Essa ciência seria regida por padrões e prescrições idealizados como forma de explicitação da engrenagem científica ideal e sua concepção incluiria o estabelecimento de normas de conduta científica, pautadas no compromisso social do pesquisador com a ciência, por meio de práticas compartilhadas ao longo do tempo.

Em breve apreciação do pensamento mertoniano, Shinn e Ragouet (2008) referem-se ao clássico artigo da sociologia do conhecimento assinado por Merton, em 1942. A evidência da quintessência da ciência moderna, descrita por Merton (1942),

ocorre por meio da existência de quatro normas que constituem o *ethos* da ciência. Sobre as normas que orientam os agentes envolvidos com a ciência, Shinn e Ragouet, à luz das ideias do referido autor, comentam:

o universalismo, o comunalismo, o desinteresse e o ceticismo organizado são, segundo Merton, normas [...] interiorizadas pelos cientistas, durante seu aprendizado, e [...] que fazem da ciência um sistema social distinto dos outros. Elas estabilizam e regulam o sistema, protegem-no de abusos internos ao mesmo tempo em que asseguram sua autonomia com relação aos microcosmos sociais do entorno; elas são, ademais, homogêneas e uniformes. (2008, p. 21)

Em 1976, Bourdieu publicou no periódico *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (França) o artigo *Le champs scientifique (O campo científico)*, obra rica em detalhes sobre a abstração do sentido pragmático presente do campo científico. O autor (1983a, p. 123) é categórico ao afirmar que:

Dizer que o campo é um lugar de lutas não é simplesmente romper com a imagem irenista da ‘comunidade científica’ tal qual a hagiografia científica descreve [...]. É também recordar que o próprio funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse (as práticas científicas não aparecendo como ‘desinteressadas’ senão quando referidas a interesses diferentes, produzidas e exigidas por outros campos).

A breve passagem traz a síntese de uma construção que viria a desconstruir o trabalho de Merton (1942). Para Bourdieu (1983a), encontram-se no campo científico, assim como em qualquer outro campo social, relações de força, lutas, monopólios, estratégias, lucros e interesses. Sob essas condições, o autor indica que a verdade científica reside em condições particulares de produção, “[...] mais precisamente, num estado determinado da estrutura e do funcionamento científico” (BOURDIEU, 1983a, p. 122).

A autoridade e a competência científica é o que está em jogo no campo científico, é a busca do monopólio desses elementos que configura as lutas, “o campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, espaço de jogo de uma luta concorrencial” (BOURDIEU, 1983a, p. 122).

Bourdieu (1983a) argumenta que para os agentes detentores de reconhecida capacidade técnica, intelectual e de poder social e que se dispõem a participar dos

jogos/lutas no campo, é outorgada socialmente a qualidade de autoridade científica (capital científico). A outorga social da competência científica é dada àqueles agentes com capacidade de falar e de agir legitimamente, ou seja, os que detêm autoridade e são autorizados pelos pares.

Então, é necessário não somente o domínio intelectual, mas também o poder social para se dispor ao reconhecimento dos pares (autoridade científica), bem como conquistar um lugar de fala para o reconhecimento legítimo das competências.

As práticas dos agentes estão voltadas para a conquista do monopólio da autoridade e competência científica, que podem ser traduzidas pelo prestígio e reconhecimento científico. Bourdieu (1983a; 2008a) desvincula a pureza como exclusividade da criação científica e apresenta uma teoria da atividade científica voltada não apenas ao desenvolvimento da ciência, mas, também, aos interesses individuais ou coletivos de seus agentes. Para Bourdieu (1983a, p. 125), “[...] é artificial e mesmo impossível a distinção entre interesse intrínseco e interesse extrínseco, entre o que é importante para o pesquisador determinado e o que é importante para os outros pesquisadores”.

Sobre a acumulação do capital científico, é necessário o constante engajamento para imposição do valor da produção científica e da renovação da autoridade conquistada. Inserem-se nesse engajamento, nos jogos de poder, constantes imposições do desenvolver científico amadurecidas pelos agentes (limitação do campo de problemas, metodologias, teorias, por exemplo). Mas, a analogia do jogo se faz presente porque existem vitoriosos e derrotados nesse contínuo processo.

Assim, a definição do que está em jogo na luta científica faz parte do jogo da luta científica: os dominantes são aqueles que conseguem impor uma definição da ciência segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem (BOURDIEU, 1983a, p.128).

Entretanto, essa realização da garantia social do reconhecimento dada pelos pares-concorrentes é verificada pelo valor distintivo e pela originalidade dos produtos apresentados, que podem ser percebidos por meio de chancelas quantitativas e qualitativas, como, por exemplo, produtividade e citação, palestras, premiações (nacionais e internacionais) (BOURDIEU, 2004). Coletivamente, luta-se pelo

reconhecimento a respeito da contribuição dos produtos sob os saberes científicos até então acumulados (BOURDIEU, 1983a).

O capital científico (autoridade/competência científica) pode ser acumulado, transmitido e, até mesmo, convertido em outras espécies de capital simbólico. Bourdieu (1983a) comenta que uma carreira científica bem-sucedida tem potencial gerador de acúmulo de capital. O autor chama atenção para o fato de que o pesquisador carrega com sua boa reputação, agregada ao constante reconhecimento por parte dos pares da autoridade/competência científica, melhores condições de obtenção de fundos para pesquisa (para atrair estudantes/pesquisadores), para conseguir subsídios e bolsas (para o desenvolvimento de pesquisas), convites, consultas, distinções. Estudos mais atuais sobre os limites fronteiriços envolvendo o acúmulo de capital científico, conversão de capital, e práticas dos agentes científicos para obtenção de reconhecimento foram apresentados por Bourdieu em “Para uma sociologia da Ciência” (2008b). Porém, o autor, admite, humildemente, limitações e imperfeições. Ainda com a tônica da perceptível perda de autonomia do campo científico, Bourdieu traz uma mais extensa, aprofundada em minúcias, mas muito semelhante, em essência, ao seminal artigo *Le champs scientifique* de 1976.

Estudos sobre relações de agentes e instituições envolvidos na atividade científica continuam a ser desenvolvidos, um exemplo que vem a somar a essas discussões são os estudos desenvolvidos por Shinn (2008b) e Shinn e Ragouet (2008). Com perspectivas originais, a obra desses autores oxigena a temática.

### 3.3 A SOCIOLOGIA TRANSVERSALISTA DA ATIVIDADE CIENTÍFICA

A sociologia transversalista da atividade científica foi inspirada fortemente nos estudos sociológicos expressos por Bourdieu. Seu principal idealizador é Terry Shinn, que concentra atenção nas trajetórias intelectuais e profissionais dos agentes científicos e nas possíveis relações entre essas trajetórias (SHINN, 2008a).

Autor dos livros “*Savoir scientifique et pouvoir social: l’École polytechnique – 1794 -1914*” em 1980, “*Instrumentation between science, state and industry*” em 2001, em coautoria Bernward Joerges, e “*Controverses sur la science: pour une sociologie transversaliste de l’activité scientifique*” em 2005, em parceria com Pascal Ragoeut, Shinn figura entre estudiosos contemporâneos da sociologia da ciência. Atualmente pesquisador do *French National Centre for Scientific Research (CNRS)*, no *Groupe*

*d'études des méthodes de l'analyse sociologique* (GEMAS), Shinn já lecionou, em nível de doutorado, na Sorbonne e na *École des Hautes Études em Sciences Sociales*. Seus estudos estão direcionados a temas como pesquisa tecnológica, história e sociologia da educação científica e técnica, história da pesquisa industrial, e interações entre a indústria e a universidade na perspectiva histórica dos séculos XIX e XX. No Brasil, Shinn ganha notoriedade pelas relações acadêmicas estabelecidas com Associação Filosófica *Scientiae Studia* em 2008<sup>40</sup>, resultando em uma série de conferências no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, também no ano de 2008.

O autor (2008b) percebe no campo científico, descrito por Bourdieu (1983a; 2004; 2008b), uma oportunidade para percepção da ciência como uma estrutura pluralista, com desenvolvimentos históricos delineados e modos de produção e comunicação definidos (regime disciplinar; regime utilitário; regime transitório; regime transversal).

Sendo uma vertente da perspectiva crítica da sociologia da ciência desenvolvida por Bourdieu, a concepção pluralista da organização e do desenvolvimento da ciência, por trazer o campo científico envolvido a outros domínios da atividade social, oferece oportunidades de explorar o entendimento de dinâmicas de produção e comunicação da ciência que os agentes e instituições científicas estabelecem com a própria ciência e com outras formas de atividade social de forma mais realista e precisa historicamente (SHINN, 2008b; SHINN; RAGOUET, 2008).

Assinala-se a sociologia transversalista como uma vertente crítica devido à tentativa de superação imposta a duas perspectivas anteriores: a diferenciacionista e a antidiferenciacionista. A primeira predominou entre os anos de 1940 e 1970, sendo um movimento que trouxe contribuições consideráveis relacionadas à sociogênese da ciência, bem como aportes voltados a percepções sobre os mecanismos internos de regulação científica. A considerável ascendência dos estudos que preconizavam as análises das estruturas normativas foi figurada por Merton em sua defesa voltada aos imperativos institucionais que constituíam o *ethos* da ciência (o universalismo; o comunalismo; o desinteresse; e o ceticismo organizado).

---

<sup>40</sup> Grupo formado por professores, pesquisadores e estudantes de filosofia da Universidade de São Paulo. A Associação é responsável pelo periódico *Scientiae Studia* e por coleções de livros voltados a estudos sobre ciência e tecnologia e epistemologia e filosofia analítica.

A perspectiva diferenciacionista, principalmente a concepção da sociogênese da ciência, enfrentou notáveis revisões e críticas. Se por um lado ficou um legado referente à percepção da construção da ciência em processos de diferenciação horizontal<sup>41</sup> e vertical<sup>42</sup>, houve também a condenação de alguns pressupostos. Um claro exemplo foi a invalidação da condição exclusiva de desenvolvimento da ciência atrelada à democracia. Sobre o cultuado artigo de Merton, “*Science and technology in a democratic order*”, publicado em 1942, Shinn e Ragouet (2008, p. 23) indicam que “[...] Merton pretende afirmar que a autonomia da ciência pode ser posta em causa e que, em certas condições políticas, a comunidade científica não pode senão dobrar-se ao peso das pressões exteriores”. Contudo os autores reforçam que o argumento defendido por Merton se tornou frágil quando foi percebido que, mesmo em regimes fechados, a pesquisa continuou a produzir resultados de qualidade, como, por exemplo, a ciência produzida na Alemanha nazista.

A perspectiva diferenciacionista contribui para o entendimento de que a ciência é um organismo isolado, concebido por regulamentações e relações próprias e praticamente independente de outros campos sociais. Segundo Shinn e Ragouet (2008, p. 10), essa visão enquadra a ciência como

[...] um modo de conhecimento epistemologicamente diferente dos outros modos de apreensão da realidade. Por consequência, a ciência não somente é institucionalmente distinta das outras regiões do espaço social, mas ela se demarca como superior aos outros modos de cognição.

Incertezas voltaram-se ao movimento diferenciacionista a partir de 1980. Contrariando prerrogativas responsáveis por conferir estabilidade e homogeneidade à ciência, seus agentes e suas instituições, correntes etnográficas, construtivistas e inspiradas no Programa Forte promoveram o surgimento de um novo movimento: a perspectiva antidiferenciacionista. Destacam-se, nesse processo, pesquisadores como Barry Barnes, David Bloor, Donald MacKenzie, Bruno Latour, Steve Woolgar, Michel Callon e Michael Lynch. Foi a partir desse movimento que foram levantados os seguintes argumentos:

---

<sup>41</sup> Apreensão da do processo de institucionalização das ciências em diferentes nações refletidos no crescimento dos conhecimentos e na organização das instituições.

<sup>42</sup> Percepção das “[...] desigualdades manifestas entre os cientistas do ponto de vista da notoriedade e da produtividade” (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 36). Destacam-se nesses estudos Harriet Zuckerman, Stephen Cole, Jonathan Cole, Jerry Gaston, Derek De Solla Price e Eugen Garfield.

[...] **a ciência não existe enquanto campo social dotado de certo grau de integração**: as noções de disciplina e de especialidades são assim amplamente criticadas e apagam-se em proveito da noção de rede, que se considera que descreve melhor a realidade da produção científica e a extrema plasticidade de seu contexto. Além disso, **a ciência não existe enquanto campo social dotado de certa autonomia**; a noção de rede permite ultrapassar essa espécie de física espontânea dos sólidos, que colocou até agora, de modo muito simplista, a ciência e a sociedade em uma relação face a face. (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 10, grifo nosso)

Contrapondo a rigidez dos argumentos dos sociólogos diferenciacionistas sobre as estruturas responsáveis por conferir homogeneidade à ciência, os trabalhos de Barry Barnes e David Bloor (*Strong Program*) problematizam a percepção sociológica sobre os atores sociais envolvidos no processo de construção científica. O Programa Forte apresentava o sociólogo sob a responsabilidade de “[...] construir teorias capazes de explicar todas as crenças, [e] qualquer que seja a validade que lhe atribui o pesquisador”. (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 66). Sugestivo a esse trabalho, Bloor (2009, p. 21, grifo nosso) aponta ao sociólogo a adoção de quatro princípios para a execução de sua pesquisa:

1. Ela deverá ser **causal**, ou seja, interessada nas condições que ocasionam as crenças ou os estados de conhecimento. Naturalmente, haverá outros tipos de causas além das sociais que contribuirão na produção da crença.
  2. Ela deverá ser **imparcial** com respeito à verdade e à falsidade, racionalidade e irracionalidade, sucesso ou fracasso. Ambos os lados dessas dicotomias irão requerer explicação.
  3. Ela deverá ser **simétrica** em seu estilo de explicação. Os mesmos tipos de causa deverão explicar, digamos, crenças verdadeiras e falsas.
  4. Ela deverá ser **reflexiva**. Seus padrões de explicação terão que ser aplicáveis, a princípio, à própria sociologia. Assim como a condição de simetria, essa é uma resposta à necessidade da busca por explicações gerais. É uma óbvia condição de princípio, pois, de outro modo, a Sociologia seria uma constante refutação de suas próprias teorias.
- Esses quatro princípios, da causalidade, da imparcialidade, da simetria e da reflexividade, definem o que será chamado de programa forte na sociologia do conhecimento.**

Como corrente inicial, o Programa Forte proporciona variantes de cunho etnográfico voltadas à percepção da produção científica. A obra “A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos”, de Latour e Woolgar (1997), sintetiza, a partir de um

diário de campo de seis anos (1975-1977), sucessivas aplicações dos princípios descritos por Bloor (2009), como por exemplo, a imparcialidade do sociólogo frente a construção de um fato científico, no caso específico descrito pelos autores, a caracterização da substância TRF (H).

De traço construtivista, Latour (2012) e Callon (1989) são expoentes de outra corrente antidiferencionista responsável pela construção da teoria do ator-rede, que, em partes, ao compreender que a ciência é social de ponta a ponta, afasta o rigor do Programa Forte responsável por assinalar a separação relativa à percepção sobre “[...] o modo pelo qual os cientistas consideram a natureza e a sociedade” (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 81).

Se, por um lado, existe o reforço da ala diferenciacionista sobre uma unidade científica rígida e independente, a linha antidiferencionista adota uma multiplicidade relativista que beira o descrédito sobre as percepções da produção dos fatos científicos. E é nesse ponto que a perspectiva da sociologia transversalista da atividade científica busca uma superação, convergindo, criticamente, pontos de encontro entre as duas correntes anteriores. Com isso, apresenta-se na sociologia transversalista a seguinte problemática:

A perspectiva diferenciacionista postula a unidade epistemológica da ciência que a perspectiva antidiferencionista recusa, sob o pretexto de que a *atividade do conhecimento* científico é produto de condições sociais e técnicas heterogêneas, ancoradas no local e no contingente. Mas não será possível propor um sistema de compreensão que permita dar conta dos fenômenos de convergência intelectual, levando em conta a diversidade, a heterogeneidade, a contextualidade das práticas cognitivas concretas? Não seria desejável construir um quadro de análise que permitisse apreender a autonomia relativa do campo científico como resultado de forças transversais que o atravessam e o ligam aos outros campos sociais? (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 11, grifo do autor).

Mesmo diante de publicações que antecedem e amadurecem seus estudos sobre a sociologia transversalista da atividade científica, Shinn (2008b, p.12) “[...] está evidentemente consciente de que, em muitas esferas, trata-se apenas do lance inicial” para o alcance de respostas mais sólidas. Essa afirmação não fragiliza esta perspectiva, mas, reforça as complexidades de apreensão e sistematizações do caráter pluralista, que surge da ideia de desunidade do desenvolvimento e

organização da atividade científica e sua conseqüente institucionalização (SHINN, 2000).

Para entender a perspectiva transversalista da atividade científica, Shinn (2008b) apresenta três princípios fundamentais: o princípio das fronteiras, o princípio da travessia dos agentes científicos e o princípio da historicidade. Inicialmente, entende-se que o princípio de fronteira adotado por Shinn (2008b, p. 12) está voltado para assinalar diferenças sobre atividades sociais. Por exemplo, para o autor “fronteiras são essenciais para distinguir entre a ciência e as outras formas de atividade social”. Em cada forma particular de ação, reconhecidamente demarcada pelas atuações sociais, está uma fronteira, segundo o autor:

As várias expressões da ciência, que compõem seu todo, demarcam as especificidades das formas particulares de treinamento e certificação, de designação de tarefas, de modos de trabalho, de critérios de validação, de sistemas de premiação, de trajetórias de carreira, de modalidades de produtos, da forma e da extensão dos mercados, e do vínculo entre a produção e a distribuição. **As fronteiras proporcionam uma assinatura, uma marca característica, de cada uma das expressões pluralistas da ciência.** (SHINN, 2008b, p. 13, grifo nosso).

A delimitação de marcas características (fronteiras) confere a particularidade de cada forma de ação dos agentes/instituições sociais. No entanto, cabe ressaltar que as fronteiras não existem para isolar as expressões sociais dos agentes, elas conferem um grau de reconhecimento das ações entre os indivíduos/instituições dentro e fora de cada campo social (científico; jurídico; econômico, por exemplo). Com isso, o sentido do princípio da travessia de fronteiras é visto pela necessidade de transferência e troca, elementos vitais para o entendimento de uma ciência plural e multidiversificada. Reforça Shinn (2008b, p. 13, grifo do autor):

Na ciência, as ideias, os instrumentos e os homens envolvem-se em uma travessia seletiva de fronteiras. A travessia de fronteiras (*boundary-crossing*) é equivalente à operação e vitalidade da ciência pluralista. Ela compreende o modo de fertilização por cruzamento, sendo também, por vezes, veículo para a geração de novas configurações. As fronteiras e a travessia de fronteiras não são opostas, mas constituem um todo. Elas são a chave para os dois lados da moeda da diferenciação/integração, que são complementares e não devem ser concebidas como alternativas ou como contraditórias.

A visão pluralista da organização e do desenvolvimento da ciência entende que as ações e desenvolvimentos científicos são produtos circunstanciados por fatores históricos contextuais. As expressões da ciência são, para Shinn (2008b, p. 13), “[...] fruto de eventos específicos, que ocorreram em um momento particular no tempo, marcado por eventos intelectuais, institucionais e culturais observados”. Como fator de estigma, o princípio da historicidade carrega características do tempo sobre produções e ações da ciência. Além disso, opera na emergência da transformação, adquirida por pressões históricas, como esperança ou descrença.

Sistematizando a perspectiva transversalista, encontram-se: i) é enriquecedor a interpretação do campo científico como distinto de outros campos sociais, o campo científico é o lugar de formas particulares de ações reconhecidas e controle reputacional de seus agentes participantes; com isso, ii) a ciência consegue promover estruturas, processos organizacionais e intelectuais; iii) a ideia de campo disciplinar no campo científico, mesmo dotada de relativa estabilidade (institucional e histórica), não está livre de possibilidade de plasticidade com outros campos disciplinares; iv) a busca pelo reconhecimento [agentes] no campo científico demarca uma zona concorrencial, ou seja, existe a recusa da concepção irênica da ciência (intelectuais puros e desinteressados). Essa sistematização é considerada a espinha dorsal da perspectiva que considera obter, segundo Shinn e Ragouet (2008, p. 136),

[...] uma visão mais realista e dinâmica dos campos disciplinares, tentando apreender, ao mesmo tempo, (1) suas dinâmicas internas e (2) a emergência de dinâmicas transversais, mas que visa igualmente (3) restituir as relações de interpenetração entre o campo científico e outros microcosmos sociais.

Caminhando para o entendimento da visão realista e dinâmica dos campos disciplinares que constituem a ciência, Shinn e Ragouet (2008) entendem que é necessária a compreensão do fenômeno da convergência que caminha para o estabelecimento de resultados que transcendem as fronteiras internas dos campos disciplinares (campo científico e outros microcosmos sociais).

Para Barros (2011), os ditos e interditos presentes nos campos disciplinares não estão facilmente sujeitos a transformações. Permissões e interdições são conquistas históricas travadas pela rede humana que constitui os campos disciplinares, configurando uma relativa autonomia. A dimensão de “rede humana”, de Barros (2011), responsabiliza as ações dos agentes pelas constantes estabilidades e

transformações que ocorrem nos campos disciplinares. As dinâmicas estão ligadas a uma rede de realizações como a produção científica, tecnologias, patentes, instrumentos de medição, fórmulas, periódicos e os possíveis desdobramentos desses elementos, dentro e fora do campo científico. Nesse sentido, a contribuição de Foucault (2011, p. 30) volta-se à institucionalização dos campos disciplinares:

[...] o que é suposto no ponto de partida, não é um sentido que precisa ser redescoberto, nem uma identidade que deve ser repetida; é aquilo que é requerido para a construção de novos anunciados. Para que haja disciplina é preciso, pois, que haja possibilidade de formular, e de reformular indefinidamente, proposições novas.

Na perspectiva transversalista, Shinn (2008b) e Shinn e Ragouet (2008) apresentam a interpretação de quatro sistemas de produção e consumo intelectual e institucional da ciência: o regime disciplinar, o regime utilitário, o regime transitório e o regime transversal. Cada regime apresenta sua própria divisão de trabalho, modos de desenvolvimento cognitivo e de produções específicas.

Nessa representação das práticas científicas, Shinn (2008b) considera que exista autonomia em cada regime, ao mesmo tempo que afirma que esses regimes podem estar intimamente entrelaçados. Para o autor, “na ciência e na tecnologia, a autonomia não é antitética à interdependência e a reciprocidade” (SHINN, 2008b, p. 11). Diferenciar os quatro regimes não significa negar a interoperabilidade e coexistência desses, mas sim trabalhar na identificação de dinâmicas que resultam em diferentes práticas, conceitos e produções.

### **3.3.1 O regime disciplinar**

Historicamente, o regime disciplinar está solidamente baseado e localizado nas universidades. As ações e produções científicas dos agentes em laboratórios, departamentos universitários, periódicos e eventos científicos, por exemplo, circunstanciaram e efetivaram o surgimento de novas disciplinas, bem como fortalecem as já existentes.

O nascimento, o desenvolvimento e o declínio das disciplinas estão diretamente ligados à constante busca pela estabilidade da produção, comunicação e circulação de conhecimentos. Shinn (2008b, p.14) detalha que a expansão desse regime ocorre

desde o século XVIII, percebendo que “novas especialidades disciplinares são intermitentemente adicionadas à lista unitária oficial de disciplinas”.

Para Shinn (2008b, p. 16), é importante frisar o duplo caráter do regime disciplinar. Seria ele: “[...] reproduzir o conhecimento na forma de ensino, o que resulta na obtenção de diplomas pelos estudantes; e produzir conhecimento original na forma da pesquisa, o que toma a forma de publicações”. Outro detalhe é que, ainda segundo o referido autor, o regime disciplinar estabelece seu próprio mercado, sendo assim,

Os praticantes são os consumidores de suas próprias produções. O resultado da pesquisa está dirigido aos pares disciplinares, que avaliam, portanto, a qualidade do resultado e consomem os produtos cognitivos gerados por outros colegas disciplinares. O regime é, em muitos aspectos, circular na lógica. Ele se retroalimenta – tanto gerando quanto absorvendo suas produções [...] A passagem da função de produção para a função de consumo é direta, sem qualquer mediação de forças exógenas. **É correto dizer que o regime disciplinar constitui amplamente, se não inteiramente, uma economia cognitiva fechada.** (2008b, p. 17, grifo nosso).

Porém, mesmo com essa configuração de autonomia descrita pelo autor (retroalimentação e economia cognitiva amplamente fechada), vale salientar a impossibilidade de afirmar que não haja interdependência entre os demais regimes e o regime disciplinar, mesmo esse último estando em uma posição axial para a configuração de um campo disciplinar. Shinn (2008b, p. 17) comenta que:

As disciplinas possuem como seu referente primário e privilegiado a própria disciplina; seu principal propósito era desenvolver seu aprendizado disciplinar endógeno. Em alguns casos, isso estava ligado em paralelo à solução extra-disciplinar de problemas práticos, e o impacto era algumas vezes de maior importância econômica ou social. Contudo, isso não era a função capital nem o mercado do regime disciplinar.

Com a referida passagem, percebe-se que a natureza das variadas disciplinas não deve ser generalizada. A singularidade de um campo disciplinar específico pode propor potenciais conjecturas de relações entre os campos disciplinares e outros microcosmos sociais (BARROS, 2011; SHINN; RAGOUET, 2008).

As disciplinas, e suas especificidades, funcionam como eixo para as práticas dos agentes envolvidos com o regime disciplinar. Shinn (2008b) pontua três divisões essenciais de trabalho funcional dentro do regime disciplinar, seriam as práticas de: i)

experimentadores, ii) teóricos e iii) especialistas do conhecimento aplicado. Essa diferenciação não configura uma desintegração, mas sim ajuda a compreender afinidades desenvolvidas e reforçadas ao longo do tempo pelos agentes que desenvolvem questões de pesquisa, produções específicas, grupos de relacionamentos de interesse comum (pares), e fluxo em periódicos selecionados de acordo com a natureza prática do agente.

### 3.3.2 O regime utilitário

Objetivando a utilidade (produção técnica; ciência aplicada) da ciência e da tecnologia, o regime utilitário começa a ser percebido na metade do século XIX dentro das universidades, sugerindo e fixando, com o passar do tempo, um novo tipo de unidade do conhecimento, a ciência material (SHINN, 2008b; SHINN; RAGOUET, 2008).

Percebida historicamente na Europa, a convergência dos regimes disciplinar e utilitário foi apenas inicial, sendo estrategicamente embrionária para esse último. Em 1920, França e Alemanha, principalmente, começam a estabelecer um dinamismo circulante para as produções específicas desse regime. Pontua-se, historicamente, que essas iniciativas estabeleceram o vigor inicial necessário para o regime utilitário, entendendo que

Foi durante a segunda metade do século XIX que o número de instituições relevantes cresceu rapidamente em número, adquiriu os direitos de atribuir diplomas e ocupou uma posição legítima no ensino, na economia, nas profissões e na sociedade como um todo. (SHINN, 2008b, p. 22).

Sobre os praticantes do regime utilitário, entende-se que se trata de uma comunidade cujos membros não constituem o mercado do regime, como o que é visto no regime disciplinar. Os membros podem servir a indústria, a serviços da economia, instituições militares e até mesmo atuar com competências especializadas e consultorias. O objetivo, como mencionado anteriormente, consiste na

[...] produção de um artefato tecnicamente válido, útil, prático e vendável. As considerações giram, assim, em torno de sistemas técnicos que exibem uma solidez técnico-física. Os artefatos exibem, portanto, um caráter fenomenológico/físico. A realização pode

requerer experimentação; entretanto esta não é necessariamente a experimentação do regime disciplinar. O trabalho experimental do praticante utilitário é guiado pela capacidade performativa de seu artefato em realizar precisamente e sem erro a tarefa pretendida. [...] O guia é, mais uma vez, o cliente e o mercado potenciais. (SHINN, 2008b, p. 24).

A competência técnica dos agentes e dos seus respectivos produtos e serviços, ou seja, a utilidade, configura basicamente os fins do regime utilitário, que obedecem a necessidades locais e práticas, sendo que “os produtos frequentemente correspondem às demandas da clientela, possuindo um caráter basicamente específico” (SHINN, 2008b, p. 23).

Sobre a comunicação científica deste regime, uma qualidade se sobressai: além da produção e publicação científica, é possível verificar o registro/depósito de patentes (SHINN; RAGOUET, 2008). Essa característica consegue abrir margem para possibilidades de circulação da ciência em ambientes de domínio público e privado.

### **3.3.3 O regime transitório**

O movimento oscilatório de ir e vir dos agentes científicos é a característica principal do regime transitório. A travessia provisória de fronteira ocorre pelo interesse na busca de técnicas, conceitos, dados e cooperações passíveis de existir em disciplinas correlatas ou em outros domínios de produção (empresas, por exemplo).

Os praticantes desse regime detêm como referente primário o regime disciplinar, ou seja, nesses movimentos oscilatórios e provisórios “o praticante se identifica com sua disciplina e busca estrategicamente estar a ela vinculado” (SHINN, 2008b, p. 26). Isso pode ser evidenciado em travessias realizadas de um campo disciplinar para outro, ou seja, limitado ao campo científico, bem como de uma economia fechada e relativamente autônoma (campo científico) para uma economia de produção de bens/instrumentos, como por exemplo, empresas.

Salienta-se, porém, que travessias definitivas do regime disciplinar para empresas (regime utilitário) não são comuns devido à cultura profissional acadêmica (*habitus*) presente no regime disciplinar. Shinn (2008b, p. 27) esclarece que

Quando é dada uma escolha entre a academia e a indústria para indivíduos que por várias vezes optaram pela empresa, muitos lastimam sua passagem pela fronteira do regime disciplinar em

direção à empresa [...] Eles consideram a empresa como um passo menor, mesmo face às representações de que a globalização dirigida para inovação é um horizonte cultural inevitável e desejável. A outra consideração é estrutural. O regime disciplinar de produção e difusão da ciência caracteriza-se pelo autorecrutamento, pela autoseleção das questões de pesquisa, da metodologia, pela autodeterminação dos critérios de qualidade e esse regime constrói, por meio da citação de pares e de atribuições internas de prêmios e outros reconhecimentos, seu próprio sistema de compensação. Com efeito, ele forma uma economia fechada relativamente autônoma.

A percepção de crescimento e força do regime transitório, e até mesmo de como ele está posicionado nas relações entre agentes e instituições, é complexa. Segundo Shinn (2008b, p. 29), “os dados e as observações acerca do regime transitório são complicados e contraditórios”. Se tomados, numa concepção mais abrangente, deduz-se que variáveis históricas, políticas e culturais das nações e instituições científicas influenciam diretamente nas possíveis tentativas de travessia provisória.

### **3.3.4 O regime transversal**

O regime transversal pode ser percebido pela trajetória dos agentes científicos enquanto atuam na produção de bens/instrumentos genéricos em arenas não delimitadas (arenas intersticiais). Os agentes praticantes do regime transversal, diferente do regime transitório, operam na possibilidade utilitária de tecnologias genéricas, sobrepujando ligações disciplinares, o que significa dizer que “os praticantes do regime transversal não se detêm nas fronteiras institucionais e cognitivas” (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 146).

As arenas de operabilidade dos agentes são conceituadas como “intersticiais”, sendo o fator temporal determinante, ou seja, a identidade das produções não está ligada perenemente a um campo disciplinar ou a uma empresa contratante. Os agentes “[...] mudam constantemente de instituições e são dotados de um capital de relações com cientistas, administradores, que trabalham em especialidades e organizações muito diferentes” (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 146). De trajetória fluida, os praticantes desse regime apresentam a característica de permanecerem em grupos específicos de trabalho em instituições/empresas o tempo necessário para importação, implementação e apropriação de ideias e dados necessários na finalidade de busca de adaptação e corrente uso.

Configuram-se, em um plano comparativo, dificuldades na identificação dos agentes que operam o regime transitório. A liberdade de ação desses agentes é correlacionada a aspectos históricos, culturais e político-institucionais de cada país, que reverberam diretamente em instituições científicas, setor privado e sociedade. Sobre o negligenciamento da percepção desse regime por historiadores e sociólogos que trabalham a ciência, Shinn e Ragouet (2008, p. 150-151) comentam:

Uma parte da resposta a esta questão liga-se ao fato de que aqueles que contribuem para o regime transversal são alvos móveis. A relação entre esses praticantes e os empregadores, as disciplinas e as profissões é fugaz. [...] Para os sociólogos, cujas investigações estão ancoradas na detecção e análise de instituições estáveis e de divisões claras do trabalho intelectual e material, as transações de praticantes do regime transversal revelam-se difíceis de detectar e analisar.

A sinergia entre domínios distintos também é um indicador da presença do regime transversal na trajetória de um agente científico. Quando diferenças entre domínios se apresentam de forma sinérgica, existe a busca de formas de integração que se materializem em bens/instrumentos genéricos, procurando utilidade para além das expectativas disciplinares.

### **3.3.5 A ciência e a tecnologia no Brasil: em busca de uma percepção pluralista**

A tentativa de sistematizar um pensamento correspondente à percepção pluralista exige o entendimento convergente dos três princípios fundamentais que a sustentam: fronteiras, travessia e historicidade. A convergência dos princípios, obrigatoriamente, deverá respeitar particularidades contextuais. Os estímulos e orientações partem dos(as) agentes/instituições científicos(as) e da própria ciência (instituição social), processo semelhante ao de sedimentação (VELHO, 2010b).

Para pensar a percepção pluralista da organização e do conhecimento no Brasil, necessita-se entender a evolução das políticas científicas que caracterizaram e caracterizam a ciência do país, e que possibilitam predisposições relacionais desse campo com outros domínios da atividade humana. Por isso, entende-se que os modos de produção e comunicação da ciência e da tecnologia (regime disciplinar, regime utilitário, regime transitório e regime transversal) apresentam dinâmicas

características de acordo com cada nação/sociedade, em um contínuo de estímulos e orientações particulares que variam conforme o tempo.

O processo de institucionalização das atividades científicas no Brasil começa a ocorrer, timidamente, nas primeiras décadas do século XX, sendo efetivamente reconhecido na década de 1950, com a criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e da “Campanha Nacional de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior”<sup>43</sup>. Criados em 1951, o CNPq tinha como objetivo a promoção e o estímulo do desenvolvimento e da pesquisa científica e tecnológica e a CAPES foi instituída para estimular a qualificação docente das Universidades (VELHO, 2010a; SCHWARTZMAN, 2015).

Após a implantação do governo civil militar (1964), foi executada uma série de modificações que estabeleceu um esforço de “despolitização” da sociedade, por meio de intervenções nas universidades (ataques diretos às liberdades de cátedra) e aos órgãos de fomento à pesquisa. De caráter regulatório, e não propriamente ideológico, o governo da época teve um movimento intenso nas regulamentações de políticas voltadas à Ciência e a Tecnologia (C&T):

Em 1965 foi publicado o parecer nº 977 do Conselho Nacional de Educação – Parecer Sucupira – que reconhecia e regulamentava os programas de pós-graduação nas universidades brasileiras. Em 1968 tem início uma reforma compreensiva de todo o ensino superior, **que implicou a implantação de uma política de contratação de professores em regime de dedicação integral nas universidades públicas**; a substituição do antigo sistema de cátedras pela organização departamental; a criação de institutos especializados nas áreas básicas e incentivos para a implantação de programas de mestrado e doutorado. (BALBACHEVSKY, 2010, p. 62-63, grifo nosso).

Sobre a implantação da política responsável por boa parte da formação de recursos humanos/docentes (contratação em regime de dedicação integral/exclusiva), a legislação brasileira estabelece (BRASIL, 1968):

Art 18. Fica proibido ao docente em regime de dedicação exclusiva o exercício de qualquer outro cargo, ainda que de magistério, ou de qualquer função ou atividade remunerada, ressalvadas as seguintes hipóteses:

I - o exercício em órgãos de deliberação coletiva, desde que relacionado com o cargo ou função;

---

<sup>43</sup> Atualmente Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

II - as atividades de natureza cultural ou científica exercidas eventualmente sem prejuízo dos encargos de ensino e pesquisa.

Em 1971, iniciativas correspondentes à política científica brasileira colocam em operação o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT)<sup>44</sup><sup>45</sup>. Essa operação conseguiu assegurar recursos vultuosos, nunca então percebidos para área de Ciência e Tecnologia no país. Sobre esses investimentos, Balbachevsky (2010) pontua que, quando contratados, eles ajudavam a consolidar laboratórios, programas pós-graduação (PPG) e centros de pesquisa. Serviam para aquisição de equipamentos, custeio de obras, pagamentos e/ou suplementação de salários (pesquisadores, técnicos) e bolsas de estudos.

Outra característica notória na execução do FNDCT, além do impulso positivo para C&T brasileira, estaria na ligação direta desse programa com os líderes dos grupos de pesquisa, passando por cima de instâncias formais administrativas das universidades do país. Com isso, somando ao já existente apoio das agências de fomento à pesquisa e à concessão de bolsas de custeio e manutenção de pesquisadores e estudantes, é possível concordar que:

[...] esse desenho impediu que recursos se diluíssem no custeio geral das universidades, viabilizando a consolidação de um parque de pesquisa e a concentração da pós-graduação, em especial dos programas de doutorado, no interior da universidade pública [...] A entrada em operação do FNDCT trouxe para cena um terceiro instrumento – o apoio institucional direto aos grupos de pesquisa – viabilizando a sua consolidação no interior de universidades públicas e institutos de pesquisa. (BALBACHEVSKY, 2010, p. 63-64).

Outro grande esforço institucional à C&T surge em 1985 com o Programa de Apoio ao Desenvolvimento à Ciência e a Tecnologia (PADCT)<sup>46</sup>. Os investimentos desse programa permitiam a manutenção de grupos de pesquisa até então consolidados, principalmente em áreas consideradas estratégicas para o governo (SCHWARTZMAN, 1993). As duas edições do PADCT (1985 e 1990) suscitaram

---

<sup>44</sup> Iniciativa fruto da parceria entre o Ministério do Planejamento e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE).

<sup>45</sup> Mesmo criado em 1969, o FNDCT entra em operação em 1971 por meio da execução da estatal Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP).

<sup>46</sup> A iniciativa foi decorrente de relações entre o governo brasileiro e o Banco Mundial (SCHWARTZMAN, 1993).

dúvidas relativas à sua efetividade, pois a melhoria da competitividade industrial estava sendo pouco percebida, principalmente no contexto internacional.

O baixo valor do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro destinado à C&T e a precária participação de recursos procedentes do setor empresarial (empresas privadas) foram fatores que associavam, na década de 1990, a ciência brasileira à baixa capacidade inovadora, principalmente na indústria, e, com isso, o governo federal iniciou reformas institucionais que atingiram diretamente o CNPq e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Sobre a negociação da terceira fase do PADCT, Balbachevsky (2010, p. 68) aponta que:

Para ser renegociado, o projeto precisaria ser redefinido como um programa de reformas capaz de atuar no lado da demanda por C&T, revisando a adequação da estrutura de incentivos para o investimento do setor privado na área e melhorando a efetividade dos investimentos públicos. A negociação da terceira fase do PADCT foi longa, estendendo-se por quase três anos, e terminou com um desenho institucional que permitiu a incorporação de boa parte dos novos instrumentos no âmbito das agências executoras do programa: FINEP, CNPq e CAPES.

As negociações atingiram o CNPq entre 1995 e 1999, resultando na adoção de um modelo de apoio por meio de chamadas que priorizassem pesquisas voltadas a temas considerados estratégicos para o desenvolvimento do país e apoio de redes de pesquisa para o atendimento de demandas regionais, por exemplo. De modo que é possível afirmar que as articulações realizadas em 1990 visavam atender requisitos de competitividade da economia brasileira frente os mercados mundiais. Firma-se, à época, o conceito de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) alinhado à ideia de necessidade de competitividade diante da perspectiva do mundo globalizado (BALBACHEVSKY, 2010; CASTELLS, 2005).

A Lei da Inovação – 10.973/2004 – (BRASIL, 2004), aprovada em 2004 e regulamentada em 2005, visava facilitar a cooperação universidade-empresa para o aprimoramento científico e tecnológico, promovendo a circulação de pesquisadores e de conhecimento das universidades para as empresas. Em tese, essa lei garantiria uma ruptura nos modos de produção da ciência no Brasil visto que:

Quando aprovada, em 2005, a lei propôs o apoio a alianças e projetos cooperativos; o compartilhamento de laboratórios entre o setor produtivo e as universidades e centros de pesquisa; a permissão para

que universidades (públicas) participem, minoritariamente, do capital de empresas tecnológicas; o apoio a mecanismos de remuneração diferenciados a pesquisadores envolvidos em projetos de inovação e sua participação nos ganhos derivados da exploração de criação protegida por direitos de propriedade intelectual; e a possibilidade de que o pesquisador obtenha uma licença em sua instituição de pesquisa para formar empresa que explore inovações tecnológicas desenvolvidas a partir de suas pesquisas. (BALBACHEVSKY, 2010, p. 74)

Porém, como pontuam criticamente Naves e Pannunzio (2011), a Lei de Inovação somou-se a um inadequado e ultrapassado conjunto regulatório voltado à CT&I no Brasil. Sobre a então apresentação da Lei 10.973/2004, as principais críticas dos referidos autores estão voltadas aos seguintes pontos: i) o Estado continua como grande controlador e não como facilitador do desenvolvimento científico e tecnológico; ii) incertezas em relação aos direitos de propriedade intelectual de projetos desenvolvidos em parcerias universidade-empresa; iii) dúvidas envolvendo transferência de tecnologia e/ou licenciamento de uso ou exploração da criação; iv) insegurança para firmar parcerias visando a celebração da modalidade “encomenda tecnológica”<sup>47</sup>. Salientam-se, porém, expectativas positivas com o atual Decreto Federal nº 9.283 (BRASIL, 2018), de fevereiro de 2018. Para especialistas, a aproximação entre Instituições de Pesquisa Científica e Tecnológica (ICTs) e o setor produtivo pode, finalmente, ocorrer de maneira fluida (IZIQUE, 2018), embora provavelmente o impacto real dessa medida só venha a ser percebido nas próximas décadas.

Percebe-se a importância do pressuposto da historicidade quando observado o panorama particular de estímulos e orientações voltados à ciência e à tecnologia que o Brasil recebeu nos últimos anos. O entendimento de sua relação direta com o pressuposto das fronteiras e o pressuposto da travessia torna-se evidente para a busca e compreensão de uma perspectiva pluralista. Nesse entendimento, não existe pressuposto uno em sua existência, o que implica que fronteiras, travessia e historicidade estarão sempre em sentido correspondente. Sobre a historicidade, pontua Shinn (2008b, p. 13):

---

<sup>47</sup> Contratação pela administração pública de Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação (ICT), entidades de direito privado sem fins lucrativos ou empresas, isoladamente ou em consórcios para “[...] a realização de atividades de pesquisa e desenvolvimento, que envolvam risco tecnológico, para solução de problema técnico específico ou obtenção de produto ou processo inovador” (BRASIL, 2004).

A visão pluralista da ciência sublinha que as expressões da ciência são produtos de circunstâncias históricas. Elas são o fruto de eventos específicos, que ocorrem em um momento particular no tempo, marcados por eventos intelectuais, institucionais e culturais observados. Com o tempo, novas configurações e pressões históricas emergem, e elas requerem a adaptação das expressões pluralistas da ciência.

Suscitando a convergência dos pressupostos (fronteiras, travessia, historicidade), percebe-se que, historicamente, as políticas voltadas à C&T no Brasil acarretaram o fortalecimento de uma cultura acadêmica institucional fortemente endógena, que ocasionou, em seus agentes científicos, dificuldades de relacionamento com outros domínios da atividade social.

As relações estabelecidas entre a Ciência e outros campos sociais são únicas e variam, a depender do grau de influência e refração imposto e disposto a cada campo. No Brasil, assinala-se que o acúmulo de pressões institucionais de outros microcosmos sociais resultou no efeito de valorização intensa da promoção de elementos acadêmicos internos, como a dedicação integral/exclusiva docente e o fortalecimento de grupos de pesquisa, por exemplo. Com isso, consolidam-se, na maioria das vezes, modos de produção cognitiva e de bens específicos às suas próprias audiências, neste caso, seus próprios pares.

Referindo-se à ciência, a concentração de estímulos em determinados pontos pode provocar discrepâncias e acúmulos nos modos de produção e circulação da ciência. Mesmo autônomos em sua existência, os regimes disciplinar, utilitário, transitório e transversal têm seus condicionamentos devido a estruturas, processos organizacionais e intelectuais de estímulos e orientações promovidos pelos agentes e instituições. Outra característica apontada por Shinn (2008b) é que os regimes, mesmo autônomos, podem estabelecer elos de interdependência e reciprocidade.

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (2011), em uma série de estudos e levantamentos, apresenta o Brasil (depois do Parecer Sucupira e do I e II Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG) como um país que obteve êxito na expansão e aumento de qualidade referente à capacitação docente do ensino superior.

Porém, o aumento efetivo da formação de mestres e doutores que atendam ao setor empresarial é apontado como desafio. Sobre essa questão, os levantamentos da SBPC (2011) recomendam a ampliação da formação de recursos humanos em

cursos *stricto sensu* na modalidade profissional – mestrado e doutorado. Concomitante aos estudos apresentados pela SBPC (2011), Maculan (2010), Martins (2010) e Tarapanoff (2010) inserem os cursos *lato sensu* como um caminho para educação continuada e qualificada que consegue obter mais efetividade e proximidade com o setor empresarial.

Sobre estágios provisórios de compartilhamento de conhecimento entre pesquisadores, os grupos de pesquisa se configuram como potenciais espaços para estabelecer aproximações e relações de interdependências ideológicas, de condutas, normas, valores e crenças entre os membros e conformam-se a uma tendência da ciência moderna que é a colaboração (MOREIRA; VILAN FILHO; MUELLER, 2015). No Brasil, na década de 1970, o FNDCT conseguiu fortalecer a presença e participação da comunidade científica em grupos de pesquisa, devidamente registrados no CNPq. O Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) hoje é uma plataforma vitrine para os pesquisadores, técnicos e estudantes exporem as linhas de pesquisa e especialidades do conhecimento de interesse comum.

Paralelamente às atividades de ensino e extensão, mas não isolados, os grupos de pesquisa tornam-se espaços de intercâmbio cognitivo, possibilitando movimentos profícuos para o desenvolvimento e enriquecimento científico de áreas afins e até mesmo distintas<sup>48</sup>. Cabe, nesta perspectiva, a concepção de interdomínio proposta por Bufrem e Freitas (2015), pela qual as autoras defendem a existência de espaços de cruzamento de relações interdisciplinares e colaborativas entre diferentes domínios. O fortalecimento institucional dos ambientes dos grupos de pesquisa<sup>49</sup>, e suas respectivas atividades, engendram a conceituação defendida pelas referidas autoras, que pontuam:

[...] os tipos de relações interdominiais manifestam-se objetivamente, não apenas nas escolhas por objetos e temáticas, mas, também, nas trajetórias metodológicas adotadas pelos autores, agentes participantes do capital cultural de um determinado campo de conhecimento e atuação, adquirindo significado no contexto do campo de produção científica. Defende-se, entretanto, que não há interação definitiva ou estado permanente de interação entre ciências e entre domínios, já que as potenciais relações são temporais, contingentes e

---

<sup>48</sup> Características observadas, por exemplo, em circuitos do regime transitório.

<sup>49</sup> O fortalecimento institucional dos grupos de pesquisa não é, necessariamente, correlato ao estabelecimento de uma institucionalização do interdomínio, esse último é “[...] um processo relacional representado em um espaço comum entre dois ou mais domínios ou áreas do conhecimento” (BUFREM; FREITAS, 2015).

dependem da conjuntura em que ocorrem, dos sujeitos, dos acontecimentos e das instituições envolvidas. Nesse caso, o estudo de um interdomínio requer a análise das relações conjunturais que se efetivam conforme os movimentos de atores em direções a outros domínios e mesmo dentro do seu próprio, motivados por interesses e necessidades similares de estabelecimento de relações entre domínios. (BUFREM; FREITAS, 2015).

No Brasil, assim como em outras nações, o envolvimento com a ciência e a tecnologia não se manifesta de forma única. As escolhas e os caminhos realizados pelos agentes são potencialmente difusos e mostram-se correspondentes às necessidades históricas, econômicas, culturais, pessoais e/ou de interesse, de ambiência, entre outros. Isso pode gerar ações que vão de acordo a uma estrutura posta/fortalecida (estruturas estruturantes), ou exigir dos agentes um dínamo frequente de adaptação a instáveis exigências advindas de necessidades variadas (arenas intersticiais de produção). É difícil estabelecer a existência e localidade dessas ocorrências, mas elas existem e a percepção de suas manifestações requer análises nas trajetórias científicas dos agentes científicos.

Uma percepção pluralista da ciência e da tecnologia emerge da necessidade de um entendimento mais próximo da realidade e dos dinamismos existentes nos campos disciplinares. A recente institucionalização da política científica no Brasil reverberou impactos nas diversas áreas do conhecimento. Para a área de Ciência da Informação, abrangendo seus agentes e instituições, e as respectivas dinâmicas envolvidas, sugere-se um debate plural, atento às perspectivas históricas contextuais. O debate parte da visualização sobre a presença de forças atuantes advindos de variados campos. O entendimento da CI, e sua respectiva expansão, no Brasil deve ser multidiversificada, de um ponto de vista macro, ou seja, dos movimentos e influências mundiais, e micro, levando em consideração os dispositivos, resistência e adequações nacionais.

### 3.4 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UM CAMPO DISCIPLINAR EM EXPANSÃO

O recente surgimento da Ciência da Informação pode ser, ainda, o principal elemento que configura imprecisões sobre sua consolidação. Não que seu aparecimento tenha sido prematuro ou tardio, ou até mesmo que não haja tentativas frequentes de expansão desse campo disciplinar, o que de fato existe é uma ciência

nova em comparação a um conjunto de outras disciplinas consideradas ancestrais (BRAGA; GUERRA; REIS, 2008).

Mesmo tendo surgido em 1960, a Ciência da Informação tem, em sua gênese, influências que datam desde o século XV. Indica-se que as relações, influências e formações de disciplinas científicas como a bibliografia, a documentação e a biblioteconomia, configuram-se como importantes marcos na oferta de condições institucionais, sociais e cognitivas, para essa recente ciência.

Responsável pela atividade de inventariar a produção intelectual contida em livros e manuscritos, a bibliografia remonta ao século XV. O imperativo tecnológico da prensa de tipos móveis implicou diretamente na necessidade de produção das primeiras listagens. Para Araújo (2018), a bibliografia possuía um caráter exclusivamente prático, demandando o desenvolvimento de construções teóricas que se aproximavam da biblioteconomia, principalmente no que se referia à questão de descrição de livros e manuscritos.

Durante o século XIX, ocorreram mudanças significativas nas formas de descrever e organizar documentos impressos, impulsionadas diretamente pelo aumento da quantidade de livros e periódicos. Os principais marcos institucionais para o avanço dessas discussões ocorrem com a criação do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), em 1895, por Paul Otlet e Henri La Fontaine. Neste sentido, analisa Araújo (2018, p. 10):

No plano propriamente científico, Otlet começou a visualizar a criação de uma nova disciplina científica, que viria a ser chamada de documentação. Ela seria, para os arquivos, os museus, os centros de cultura e demais instituições que custodiavam registros humanos, aquilo que a bibliografia tinha sido para a biblioteconomia. É nesse sentido que a documentação representou uma novidade em relação a outras áreas do conhecimento e instituições (como os arquivos, as bibliotecas e os museus) que também lidavam com o conhecimento registrado: seu objetivo não era juntar uma coleção, guardar um estoque numa determinada instituição, mas sim promover um serviço transversal, cooperativo entre as diferentes instituições (e entre os diferentes tipos de instituição, também), intensificando, assim, a natureza pós-custodial das ações que já vinham sendo feitas pela bibliografia.

Sobre o nascimento dessa nova disciplina, é também perceptível a importância de eventos e encontros que assinalaram a dimensão social responsável por tornar a documentação uma disciplina científica. Em 1931, intensas atividades socio-

intelectuais resultaram na mudança do nome do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) para Instituto Internacional de Documentação (IID), em um claro sinal de reconhecimento de uma nova disciplina. Ainda nesse caminho, é visto que no início da década de 1930 a documentação começa a se desenvolver institucionalmente, não só em aspectos sociais, mas também cognitivos, ou seja, em aspectos teórico-científicos. Em diferentes regiões houve avanços nesse sentido, como, por exemplo, no Reino Unido com Samuel Clement Bradford, na França com Suzanne Briet e na Espanha com José López Yopez.

A publicação em 1934 do *Traité de Documentation* por Otlet é considerada um dos principais marcos para a documentação pois é nele que está o precedente desenvolvimento do conceito “documento”, entendido como todos artefatos humanos “[...] registrados das mais diversas maneiras, nos mais diversos suportes: livros, manuscritos, fotografias, pinturas, esculturas, imagens em movimentos, registros fonográficos, selos, estampas, etc” (ARAÚJO, 2018, p. 11). É na obra de Otlet, de 1934, que germina o entendimento do conceito de “informação”, em que inteligência humana, apreensão do conhecimento, registro e organização se mostram favoráveis a um intenso debate.

O desenvolvimento da biblioteconomia e da documentação tiveram pontos em comum, principalmente os relativos aos aspectos voltados ao tratamento técnico de documentos. Institucionalmente, os Estados Unidos (EUA) ofereceram campo fértil para essas relações, consolidando, a partir do século XIX, a criação de associações, de cursos de graduação e de pós-graduação. Porém, segundo Araújo (2018, p. 13), foi peculiar, nos EUA, a incompatibilidade de movimentos por parte de bibliotecários, em que uns estavam “voltados para o incremento dos procedimentos e serviços de tratamento técnicos dos documentos” e outros estavam “voltados para as bibliotecas públicas, atendimento ao público em geral e papel educativo da biblioteca”.

Criada em 1876, a *American Library Association* (ALA) presenciou um movimento de dissidência de membros que iam de encontro a uma ala mais conservadora de bibliotecários. Sobre esse movimento, em 1908 foi criada a *Special Libraries Association* (SLA) e em 1937 o *American Documentation Institute* (ADI), essa última fundada por Watson Davis. Esse movimento de busca, conquista e reconhecimento de espaços institucionais culmina, em 1968, na mudança de nome

da ADI para *American Society for Information Science (ASIS)*<sup>50</sup>. Se tornando, com isso, a primeira associação de Ciência da Informação no mundo.

Em linha histórica, a documentação surge no século XIX para o atendimento de demandas específicas da área de bibliografia e, ainda no século XIX, a documentação estabelece cruzamentos com a biblioteconomia, sugerindo laços sociais e cognitivos que resultaram, em parte, nas primeiras apresentações institucionais da CI.

Da mesma forma que conteúdos de documentação começaram a ser inseridos em currículos de cursos de biblioteconomia nas décadas de 1930 a 1960, a partir desse momento foram os conteúdos de Ciência da Informação que começaram a ser inseridos. (ARAÚJO, 2018, p. 13).

Nessa crescente institucionalização da Ciência da Informação, em 1972, no estado de Nova Iorque, a *Syracuse University* altera sua denominação para *Syracuse School of Information Studies*, primeira instituição de ensino e pesquisa a vincular exclusivamente seu nome à CI (ARAÚJO, 2018). No Brasil, foi na década de 1980 e 1990 que essa influência associativa começou a ser percebida na CI, sendo quase, exclusivamente, à pós-graduação.

Além da relação objetiva existente entre as disciplinas aqui mencionadas, outro imperativo mostra-se determinante para o surgimento da Ciência da Informação. Ainda segundo Araújo (2018, p. 14), entre “[...] 1920 a 1940, diversos químicos, físicos e engenheiros, entre outros cientistas, começaram a se dedicar ao trabalho de elaborar índices, resumos, promover canais de disseminação, de forma a facilitar e agilizar o trabalho de seus pares”, o autor afirma que mesmo tendo sido iniciada com finalidades práticas, esses empreendimentos foram alcançando fortes marcos institucionais de reconhecimento. Nesse sentido, percebe-se: nos EUA, houve a criação da *National Science Foundation* em 1950, a realização da *International Conference on Scientific Information*, em 1958, e dois encontros no *Georgia Institute of Technology* denominados *Conferences on training science information specialists*, respectivamente em 1961 e 1962; no Reino Unido, ocorreu a realização da *Royal Society Scientific Information Conference*, em 1948, e a criação do *Institute of*

---

<sup>50</sup> Em 2000, a ASIS muda seu nome *American Society for Information Science and Technology (ASIS&T)* e em 2013 muda sua denominação para *Association for Information Science and Technology*, porém, preservando a sigla ASIS&T.

*Information Scientist*, em 1958; na União Soviética, houve a criação do *Vsesoyuz Institut Nauchnoi i Tekhnicheskoi Informatsii* em 1952.

Sobre as Conferências do *Georgia Tech (Georgia Institute of Technology)*, nos Estados Unidos da América (EUA). Por meio de análise dos *Proceedings* (1962) das *Conferences on Training Science Information Specialists*<sup>51</sup>, realizadas em 1961 e 1962, Garcia (2002) indica que esses eventos emergiram a partir da necessidade de novos treinamentos sobre o tratamento de todo tipo de informação por profissionais da biblioteconomia (bibliotecários – função, diretores ou administradores de biblioteca – cargos de gestão) e por faculdades de ciência e tecnologia. Sistematizou-se no *George Tech* estudos de como “[...] desenvolver treinamento em ciência para bibliotecários e treinamento em informação para cientistas, enfocando conceitos, *curriculum*, habilidades e recrutamento” (GARCIA, 2002, p. 56, grifo do autor).

Interfaces digitais frente aos registros impressos, a “explosão da informação”, principalmente em ciência e tecnologia; início da conexão dos computadores por rede, antes restrito ao(s) governo/militares; e contexto geopolítico, (Guerra Fria – plano econômico, militar e político), são elementos sugestivos do papel fundamental dessa ciência emergente, que, segundo Araújo (2018, p. 6):

Começou ali, por meio da designação de eventos, associações e periódicos, o projeto de construção de uma ciência da informação, uma ciência profundamente envolvida com as problemáticas da época: a necessidade militar, o clima de competição entre os países, a informação como recurso a ser usado no conflito, a necessidade de um uso instrumental e a busca por eficácia e eficiência.

O movimento realizado por estudiosos que configuravam relações diretas entre a explosão informacional e o desenvolvimento de novas tecnologias, como, por exemplo, o microfilme, os computadores. Nessa linha, acesso, guarda e compartilhamento começavam a ser entendidos de forma desprendida da matéria abrindo novos entendimentos para o conceito de “informação”. Repercutem as reflexões de Vannevar Bush<sup>52</sup>, Claude Shannon, Bertrand Russel, Alan Turing, Kurt Gödel, Richards Dawkins, Calvin Mooers e Tefko Saracevic, esse último a partir da década de 1970. Outras perspectivas teóricas também emergiram na União Soviética,

---

<sup>51</sup> Eventos ocorridos em 1961 e 1962.

<sup>52</sup> Autor de “*As we may think*”, apresentando o Memex numa proposição de extensão da memória envolvida na problemática da recuperação da informação.

Inglaterra e Estados Unidos. Nomes como Alexander Mikhailov (União Soviética)<sup>53</sup>, Jason Farradame (Inglaterra), Fritz Machlup, Alvin Weinberg (EUA), ganham destaque no reforço à institucionalização cognitiva da CI.

Marcante contribuição também é reconhecida no cultuado artigo, de tom positivista<sup>54</sup>, de Borko (1968), que sustenta a formal definição da Ciência da Informação como uma disciplina emergente importante e o cientista da informação como um ator de extraordinária função na sociedade. O artigo de Borko (1968) se apresenta como um estimulante à discussão até então nova a profissionais da biblioteconomia, da documentação e, naquela época, aos que buscavam uma necessidade instrumental eficaz e eficiente da informação.

Sobre o que venha ser Ciência da Informação, Borko (1968) apresenta as seguintes propostas: definição, com a síntese de ideias e conceitos que venham a identificar essa nova ciência; a necessidade da Ciência da Informação, que, segundo Borko (1968, p. 2, grifo do autor, tradução nossa), teria como meta “[...] fornecer um *corpus* teórico sobre informação em prol da melhoria de várias instituições e procedimentos dedicados à acumulação e transmissão do conhecimento”; e a harmoniosa dicotomia da CI como ciência pura e aplicada. Segundo o autor:

[...] a Ciência da Informação tem ambos os aspectos, ciência pura e aplicada. Os membros dessa disciplina, dependendo do interesse ou prática, enfatizaram um ou outro aspecto. No âmbito da Ciência da Informação, há, portanto, lugar para os teóricos e para os práticos, e claramente ambos são necessários. A teoria e a prática são inexoravelmente relacionadas; uma alimenta o trabalho da outra. (BORKO, 1968, p. 3, tradução nossa).

A obra de Borko (1968), como coloca Garcia (2002), segue uma ordem cronológica, sendo ela: as *Conferences on Training Science Information Specialists* (realizadas em 1961 e 1962 no *George Tech*) e os respectivos *Proceedings* (1962), e, por último, a publicação de Robert Taylor intitulada “*Professional aspects of information science and technology*” no *Annual Review of Information Science and Technology* de 1966. Vale frisar, contudo, que em 1961 e 1962, nos eventos do *George Tech*, a preocupação com a intensificação da educação foi decisiva para que outros eventos ocorressem, como, por exemplo, os ocorridos na *Western Reserve*

---

<sup>53</sup> Autor responsável pela apresentação da disciplina “*Informatika*”.

<sup>54</sup> Araújo (2018) pondera como característica no artigo de Borko (1968) uma “[...] determinada forma de se compreender os fenômenos humanos e sociais em busca de seu controle”.

(EUA), em 1964, na *American Documentation Institute* (EUA), em 1965, na *Fédération Internationale de Documentation*, na Bélgica, em 1965 e na *The University of Chicago* (EUA), em 1984.

Os encontros do *George Tech* congregaram ideias de diversos especialistas, com destaque para matemáticos, psicólogos, cientistas da computação e bibliotecários. O resultado das conferências, comenta Garcia (2002), foram dois cursos de graduação, um na Escola de Ciência da Informação do *George Tech* (EUA) e outro na Divisão de Ciências da Informação, da *Lehigh University* (EUA). Para a expansão do novo campo disciplinar, advindo por meio de novos programas acadêmicos, recomendava-se:

- a) que as escolas de biblioteconomia desenvolvam programas em ciência e tecnologia para bibliotecários;
- b) que cooperem com departamentos de ciências para treinamento dos analistas de literatura técnica;
- c) que os institutos de tecnologia e algumas universidades criem oportunidades para possibilitar a cooperação entre essas instituições e se tornem capazes de oferecer e financiar programas para bibliotecários e analistas de literatura técnica. (GARCIA, 2002. p. 59).

Pontua-se, como recomendação fundamental, relatada nos *Proceedings* (1962), a necessidade de financiamento para pesquisa científica em Ciência da Informação pela *National Science Foundation* (NSF), incluindo aqui ajuda financeira aos estudantes. De fato, a NSF aceitou as recomendações e pedidos de investimentos à Ciência da Informação nos Estados Unidos, como comenta Saracevic (2013, grifo do autor):

Nos Estados Unidos, através da *National Science Foundation* (NSF) e outras agências, o governo criou pesquisas em bibliotecas digitais, a partir de 1994, com o programa chamado *Digital Library Initiatives* (DLI). A partir de então, surge uma forte comunidade internacional de pesquisadores do tema, oriundos de campos variados, incluindo da CI. Cabe destacar, também, que o Google foi inicialmente desenvolvido na Universidade de Stanford, com o apoio da NSF no próprio DLI.

Nisenbaum e Pinheiro (2026, p. 3) consideram que “agências de fomento como a NSF incentivam a IDR [*Interdisciplinary Research*] por entenderem que as pesquisas promissoras e de interesse da sociedade são melhor abordadas de forma

interdisciplinar”. Realmente, isso pode explicar a continuidade de investimentos da NSF na área da Ciência da Informação.

No Brasil, as estruturas institucionais favoráveis ao aparecimento da CI são iniciadas em 1954, com a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). A presença e relação estratégica de Lydia de Queiroz Sambaquy, bibliotecária do Serviço de Intercâmbio de Catalogação da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com a Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO) foi fundamental para esse acontecimento histórico. Sobre esse episódio, aponta Odonne (2006, p. 48-49):

Sobre o período imediatamente anterior à criação do IBBB em 1954, Luiz Antonio Gonçalves da Silva já nos apresentou, na dissertação de mestrado que defendeu em 1987 na Universidade de Brasília, todos os mínimos detalhes das intrincadas negociações, dos interesses que cada uma das instituições envolvidas disputava, dos problemas ocorridos entre Lydia e Herbert Coblans, o consultor enviado pela Unesco para tratar da implantação do centro bibliográfico, e, por fim, do resultado favorável alcançado por Simões Lopes em favor do projeto que vinha sendo delineado por Lydia há já alguns anos. Embora muitas outras investigações ainda possam ser conduzidas em torno desta questão, pode-se dizer de imediato que os documentos pessoais de Lydia são claros, autorizando perfeitamente uma conclusão: todo o projeto de criação do IBBB foi inteiramente planejado, definido e escrito por Lydia [...].

Sambaquy, antes da criação do IBBB, já demonstrava protagonismo em proposições voltadas ao melhoramento estratégico de ações direcionadas a bibliotecas públicas, como as apresentadas, em modelo de relatório, ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC). O trabalho de Sambaquy na FGV, transformou a instituição “[...] em um órgão que aos poucos ia construindo uma sólida reputação e uma visível centralidade no cenário político, administrativo e também científico brasileiro” (ODONNE, 2006, p. 48). Com isso, foi estabelecida a Fundação Getúlio Vargas, referência nas atividades voltadas à documentação e à bibliografia, como sede do IBBB.

No Brasil, a criação e presença do IBBB representa diversos marcos. Foram influências responsáveis por mudanças perceptíveis na esfera política científica (BUFREM, 1997), e, também de rupturas referentes a padrões e modelos de tratamento da informação, principalmente a científica.

Embora a história da biblioteconomia e da documentação no Brasil simule uma longa e contínua série de fatos que se encadeiam com precisão e naturalidade, a trajetória da área se caracteriza por seguidas rupturas. Em 1954, quando foi criado, o IBBB provocou um definitivo rompimento com a limitada tipologia de serviços que os estabelecimentos brasileiros dedicados à organização de acervos bibliográficos ofereciam a seus usuários. Se durante a primeira metade do século XX, por falta de outros locais onde fosse possível obter serviços de informação, as bibliotecas cobriam, sozinhas, toda a gama de possíveis práticas biblioteconômicas, a partir da década de 1950 surgiram diferentes espaços onde o fluxo da informação, sobretudo da informação científica [...] (ODONNE, 2006, p. 47).

Sobre os novos regimes de informação propostos pelo instituto, Odonne (2006, p. 49-50) pontua:

A nova ordem, caracterizada pela centralidade do fenômeno informacional, só viria a desenvolver-se plenamente ao longo das décadas seguintes, mas já definia suas primeiras diretrizes. Marcados por novas posturas profissionais, mas também pela força das novas construções teóricas que começavam a circular no contexto do órgão, os serviços prestados pelos bibliotecários do IBBB sob a liderança de Lygia Sambaquy abriram um novo campo de ação profissional. Influenciado ao mesmo tempo pela biblioteconomia, pela documentação e pelo então moderníssimo conceito de 'informação científica', esse novo regime estabeleceu as condições de possibilidade para a futura emergência da ciência da informação.

Em 1970, o então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), sob direção de Celia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes, iniciou a oferta do primeiro curso de mestrado no Brasil em Ciência da Informação<sup>55</sup>, a presença do programa também foi pioneira na América Latina. O intercâmbio internacional docente foi percebido na presença de professores renomados como, por exemplo, Tefko Saracevic, Wilfrid Lancaster, LaVahn Marie Overmyer, Bert Roy Boyce, Jack Mills, Derek Langridge, John Joseph Eyre, Engetraut Dahlberg, Suman Datta e Derek de Solla Price. Em um primeiro momento, a oferta seguiu a linha de oferta para o aperfeiçoamento de pessoal interno<sup>56</sup> do instituto sendo estendido, futuramente, para o público em geral (IBICT, 2018).

---

<sup>55</sup> Originário do Curso de Documentação Científica, ofertado pelo IBBB desde 1955, de forma ininterrupta, na modalidade *lato sensu*.

<sup>56</sup> Na década de 1980, inserido no Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), a presença do IBBB ganha destaque na "formulação de uma política para o setor de informação científica e tecnológica e a instalação de redes dessa mesma natureza" (FERREIRA, 1999, p. 1).

Nas demais regiões do Brasil, é importante frisar, como pontua Gomes (2009, p. 191), que “[...] o campo da Biblioteconomia e da Documentação é aquele a que, academicamente e institucionalmente este novo campo em formação [a Ciência da Informação] se articula”. Com isso, vale situar historicamente que a expansão da área ocorre junto aos esforços empreendidos pelo Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). Foram abertos, ainda na década de 1970, mais quatro cursos de mestrado em Biblioteconomia (Universidade de São Paulo – USP; Universidade de Minas Gerais – UFMG; Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC CAMPINAS; Universidade de Brasília - UNB).

No Brasil, Odonne (2006, p. 50) salienta que o IBBD teve papel fundamental no movimento de expansão institucional da CI no país. Sobre a disciplina praticada e disseminada em cursos, a autora considera que até o “[...] final da década de 1950 a biblioteconomia nacional ainda não havia se ajustado às questões postas desde 1930 pela documentação de Paul Otlet”. Entre as décadas de 1970 e 1990, período de expansão dos programas de mestrado na área e criação dos primeiros cursos de doutorado, é percebido o estabelecimento da nomenclatura Ciência da Informação, preterindo, em substituição, “[...] faculdades, escolas ou departamentos de biblioteconomia” (ARAÚJO, 2018, p. 14). Sobre os três primeiros cursos de doutorado em Ciência da Informação, eles surgiram, respectivamente, em 1992 na UnB e no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT, antigo IBBD), e, em 1997, na UFMG. Sobre esse afloramento da CI no Brasil, comenta Gomes (2009, p. 193):

Ao longo de suas trajetórias, todos sofreram reformulações em suas áreas de concentração, linhas de pesquisa e grade curricular, notando-se inclusive a progressiva e reveladora alteração de suas denominações, de ‘Biblioteconomia e Documentação’ para ‘Ciência da Informação’. De um modo geral, pode-se afirmar que esses programas, inicialmente, vieram atender às necessidades relativas à preparação de agentes de informação tecnológica, de analistas de sistemas de informação, de animadores culturais, de gerentes de recursos informacionais e de administradores de redes e sistemas de informação, além, naturalmente, da formação de docentes para o ensino superior.

Para Arboit (2010, p. 55), a consolidação e expansão da Ciência da Informação no Brasil foi impulsionada por diversos fatores contextuais a partir da década de 1950,

como, por exemplo, a criação de eventos<sup>57</sup>, associações profissionais<sup>58</sup>, o conselho federal da profissão<sup>59</sup>, periódicos<sup>60</sup>. Observa-se, segundo a autora,

[...] a indissociabilidade do fazer científico com o fazer social, uma vez que a ciência é construída por pessoas inseridas e influenciadas por um contexto social. Contudo, pode-se afirmar que a institucionalização é fruto tanto do desenvolvimento cognitivo quanto do desenvolvimento social, bem como da relação entre ambos.

Nesse ponto, Arboit (2010) apoia-se na clássica obra de Whitley (1974) a respeito da institucionalização científica por meio da dimensão social e cognitiva. A dimensão cognitiva é representada pelos conceitos, teorias, problemas e métodos, já a dimensão social é percebida com a criação de instituições formais representativas da ciência (livros, cursos de graduação, eventos, organizações científicas, cursos de pós-graduação, por exemplo). À luz do pensamento de Whitley (1974), a autora reafirma, para convergência equilibrada das estruturas (social e cognitiva), a importância da existência das publicações científicas, das organizações científicas, das escolas (universidades, institutos), dos grupos de pesquisa, dos eventos de pesquisa. Claramente, esses elementos estão ligados ao desenvolvimento natural de um campo disciplinar.

Em resumo, a CI tem início no Brasil na década de 1970, perde impulso de expansão em 1980 e volta a se desenvolver na década de 1990 com novos programas de mestrado e doutorado, bem como “[...] uma maior consistência epistemológica, com o consequente aumento de atividades (publicações, orientações) resultante desse esforço” (GOMES, 2009, p. 201).

No caso da Ciência da Informação no Brasil, o fomento científico, por parte das principais agências voltadas à pesquisa e pós-graduação e formação de pessoal para o nível superior (CNPq e CAPES), fundamental para o pleno desenvolvimento desse

---

<sup>57</sup> Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (CBBB), criado em 1955; Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), criado em 1994.

<sup>58</sup> Fundação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), criada em 1959; Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), criada em 1967 e, em 2001, passando a se chamar Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN); Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ANCIB).

<sup>59</sup> Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), criado em 1966.

<sup>60</sup> O periódico “Ciência da Informação” (IBICT), criado em 1972; a “Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG” (UFMG), criado em 1972, passando a se chamar “Perspectivas em Ciência da Informação” em 1996.

campo disciplinar, pode ser considerado inferior às reais necessidades de expansão da área.

A respeito desse descompasso, como ponto negativo, vale destacar o sistema de avaliação continuada da CAPES, que contribuiu, e ainda contribui, para a competitividade desnecessária entre áreas distintas do conhecimento, projetando desvantagens entre áreas novas e ainda em processo de consolidação, como é o caso da Ciência da Informação (GOMES, 2009).

Algumas iniciativas voltadas ao desenvolvimento do sistema de Pós-Graduação, contudo, merecem o devido reconhecimento. Uma dessas iniciativas é o programa de bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq (SBPC, 2011). O programa beneficiou, no intervalo percebido entre 2001-2017, 1753 bolsistas na Grande Área das Ciências Sociais Aplicadas. Nesse período, 83 pesquisadores da Ciência da Informação receberam essa concessão do CNPq, o que faz a área ser a oitava colocada no recebimento de auxílios dessa natureza, atrás, por exemplo, de áreas como Direito (117), Planejamento Urbano e Regional (121), Serviço Social (129), Arquitetura e Urbanismo (157), Comunicação (209), Administração (349) e Economia (434)<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao1>>. Acesso em: 13 jan 2019.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O campo científico é resultado de um conjunto de relações sociais, mais especificamente, relações dotadas de dinâmicas e leis próprias. As ações e produtos, reflexos das movimentações presentes nesse campo específico, engendram as cadeias de produção e consumo dos regimes disciplinar, utilitário, transitório e transversal.

Nesta seção, os números organizados e apresentados contextualizam-se em uma série de fatores históricos, englobando aspectos políticos, econômicos e de relações de poder. A qualidade da informação aqui proposta torna-se rica, dinâmica e próxima de uma visão realista quando é afirmada a necessidade de entendimento sobre características das fronteiras, das necessárias travessias entre esses campos e da historicidade como vetor direto de mudanças e/ou estabelecimento de práticas sociais. Apresentam-se o levantamento descritivo dos aportes disciplinares, utilitários, transitórios e transversais da Ciência da Informação no Brasil, bem como as relações de contribuição advindas das ações dos agentes científicos selecionados para o estudo (83 bolsistas PQ em CI - 2001-2017).

### 4.1 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O REGIME DISCIPLINAR

Situa-se, historicamente, o contexto de desenvolvimento disciplinar no Brasil em quatro grandes fases: abril de 1500 (descobrimto do Brasil); de 1930-1960 com a reforma da educação brasileira<sup>62</sup>; de 1964 até o final dos anos de 1980 (período de intervenção militar), caracterizada pela lei 5.540/68<sup>63</sup>; e do final da década de 1980 até a atualidade, marcada pela nova Constituição do Brasil (1988) e a lei 9.394/96<sup>64</sup> (SOUZA, 2018).

Para o estudo, inicialmente, apresentam-se os cursos de pós-graduação reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>65</sup>. A CAPES situa a Ciência da Informação na Área de Avaliação

---

<sup>62</sup> Culminando na criação da Universidade de São Paulo em 1961.

<sup>63</sup> Conhecida como lei das reformas universitárias.

<sup>64</sup> Novas diretrizes e bases da educação.

<sup>65</sup> Disponível em: [http://capes.gov.br/images/Documento\\_de\\_%C3%A1rea\\_2019/COMUNICACAO.pdf](http://capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/COMUNICACAO.pdf). Acesso em: 28 dez. 2019.

“Comunicação e Informação”. Na referida área de avaliação encontram-se as áreas de Comunicação, Ciência da Informação, Desenho Industrial<sup>66</sup> e Museologia. Essas áreas concentram 89 programas de pós-graduação que oferecem 136 cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado profissional; mestrado acadêmico e doutorado acadêmico). A Tabela 2 demonstra, em detalhes, o quantitativo dos programas da Grande Área Comunicação e Informação.

Tabela 2 - Programas e Cursos *stricto sensu*: Comunicação e Informação – Brasil (2020)

ÁREA	PPGs	CURSOS			TOTAL - CURSOS
		ME	DO	MP	
<b>Comunicação</b>	56	48 (54%)	32 (36%)	9 (10%)	89 (100%)
<b>Ciência da Informação</b>	27	19 (47%)	13 (33%)	8 (20%)	40 (100%)
<b>Museologia</b>	6	4 (57%)	1 (14%)	2 (29%)	7 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Documento de Área “Área 31: Comunicação e Informação”<sup>67</sup> indica a área de Comunicação e Informação como um “[...] campo de conhecimento e pesquisa cuja consolidação é relativamente recente, experimentou uma forte expansão nas últimas décadas, particularmente nos Anos 2000” (CAPES, 2019a, p. 3).

Em 2009, a área tinha um total de 52 cursos, registra em 2013 o quantitativo de 84, e consegue chegar no ano de 2020 à marca de 136 cursos. Esse alcance representa, segundo o documento, algo próximo a 2% do total de cursos ofertados pelos programas de pós-graduação credenciados pela CAPES (Doutorado – DO; Mestrado Acadêmico – ME; Mestrado Profissional – MP). Ao contextualizar os dados presentes na Tabela 2, percebe-se que a área de Comunicação possui 107,4% a mais de PPGs em comparação à área de Ciência da Informação e 522,2% a mais quando comparada à área de Museologia.

É inegável que esses números são favoráveis à área da Comunicação, principalmente, na concorrência para o estabelecimento de diretrizes relacionadas à política científica nacional. No entanto, quando comparado as áreas de Comunicação

<sup>66</sup> A referida área não possui Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*.

<sup>67</sup> O documento é apresentado sob a supervisão de Edson Fernando D’Almonte (Coordenador da Área), Fabio Assis Pinho (Coordenador Adjunto de Programas Acadêmicos) e Jonathas Luiz Carvalho Silva (Coordenador Adjunto de Programas Profissionais).

e Ciência da Informação, respectivamente as áreas mais representativas em números de PPGs, duas considerações podem ser realizadas: a primeira diz respeito à percepção do crescimento das respectivas duas áreas do conhecimento em uma década (Tabela 3), registrando a CI, em número de PPGs, um crescimento superior à área de Comunicação.

A segunda diz respeito à distribuição dos cursos de modalidade acadêmica (ME; DO) e profissional. Sobre os cursos acadêmicos, eles se apresentam de forma proporcionalmente equânime, quando comparados às áreas mencionadas. Sobre a modalidade profissional, a área da CI, proporcionalmente, demonstra maior estabelecimento desse tipo de modalidade do que a área da Comunicação. Sobre essa percepção de crescimento sistemático ocorrido na Ciência da Informação, infere-se o argumento de que a CI está cada vez mais em uma posição de justa concorrência por espaços representativos relativos às diretrizes na política científica da área de Comunicação e Informação.

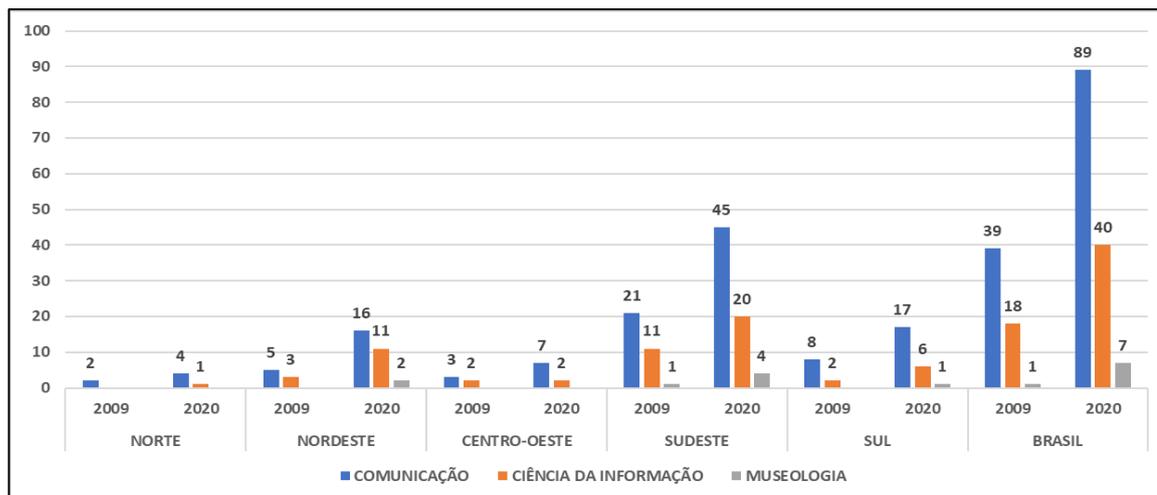
Tabela 3 - Expansão dos PPGs e cursos *stricto sensu*: 2009-2020

ÁREA	2009		2020		Crescimento 2009-2020 (%)	
	PPGs	Cursos	PPGs	Cursos	PPGs	Cursos
<b>Comunicação</b>	36	39	56	89	<b>55%</b>	<b>128%</b>
<b>Ciência da Informação</b>	12	18	27	40	<b>125%</b>	<b>122%</b>
<b>Museologia</b>	1	1	6	7	<b>500%</b>	<b>600%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre a distribuição desses PPGs/Cursos, majoritariamente, existe uma concentração na região sudeste do Brasil. Porém, houve expansão de cursos na Área Comunicação e Informação em todas as regiões do país.

O Gráfico 1 demonstra esse movimento de expansão dos cursos *stricto sensu* em Comunicação e Informação, sendo o Nordeste e o Sudeste as regiões com maior expansão.

Gráfico 1 - Expansão dos cursos *stricto sensu*: 2009-2020 – Regiões do Brasil

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pormenorizando os dados presentes no Gráfico 1, a Tabela 4 apresenta a porcentagem de crescimento registrado nas regiões. O Nordeste se destaca no aumento de cursos de Comunicação e Ciência da Informação, essa última área do conhecimento se sobressaindo nacionalmente. O Sudeste registra aumento isolado de programas na área de Museologia. Convém, contudo, o esclarecimento referente ao surgimento, em 2020, de cursos na área de CI no Norte e de Museologia no Nordeste e Sul que não puderam ser representados devido à execução do parâmetro comparativo de cálculo de taxa de crescimento porcentual.

Tabela 4 - Crescimento dos Cursos - Regiões: Comunicação e Informação

Regiões – Comunicação e Informação 2009-2020 (%)					
ÁREA	N	NE	CO	SE	S
<b>Comunicação</b>	100%	220%	133%	114%	113%
<b>Ciência da Informação</b>	--	267%	0%	82%	200%
<b>Museologia</b>	--	--	--	300%	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para Souza (2018, p. 51-52), os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2018)<sup>68</sup>, esses dois últimos de forma mais acentuada, foram responsáveis por avanços

<sup>68</sup> Com maior ênfase, os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (CGEE, 2016; 2012; 2010; SBPC, 2011).

significativos no sistema universitário público brasileiro, em especial, as universidades. A autora esclarece que:

El gobierno invirtió recursos considerables en la educación superior a lo largo de los últimos años, por lo que actualmente las universidades públicas brasileñas son mejores en oferta formativa, en infraestructura, en calidad de la enseñanza y de la investigación que las privadas y han adquirido un prestigio y reconocimiento en toda América Latina. [...] El nivel de posgrado ha crecido de una manera muy bien planificada y guiada. La expansión y la calidad del sistema universitario brasileño también se debe, en parte, a la financiación pública continua y a la institucionalización de un proceso de evaluación sistemática.

Sobre a área de Ciência da Informação, consideram-se os cursos (DO; ME; MP) com os respectivos registros/nomenclaturas: Ciência da Informação; Ciências da Informação; Arquivologia; Biblioteconomia; Gestão da Informação e do Conhecimento; Gestão e Organização do Conhecimento; Gestão de Documentos e Arquivos; Memórias e Acervos; Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento.

Por meio de 24 Instituições de Ensino Superior (IES) (Quadro 9), a área de Ciência da Informação conta com uma oferta de 13 cursos de Doutorado (DO), 19 cursos de Mestrado Acadêmico e 8 Mestrados Profissionais.

Quadro 9 - IES ofertantes e cursos *stricto sensu* em CI no Brasil (2020)

IES	CURSO
<b>NORDESTE</b>	
Universidade Federal de Sergipe	Ciência da Informação (MP)
Universidade Federal da Bahia	Ciência da Informação (ME/DO)
Universidade Federal da Paraíba	Ciência da Informação (ME/DO)
Universidade Federal de Alagoas	Ciência da Informação (ME)
Universidade Federal de Pernambuco	Ciência da Informação (ME/DO)
Universidade Federal do Cariri	Biblioteconomia (MP)
Universidade Federal do Ceará	Ciência da Informação (ME)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Gestão da Informação e do Conhecimento (MP)
<b>NORTE</b>	
Universidade Federal do Pará	Ciência da Informação (ME)
<b>CENTRO-OESTE</b>	
Universidade de Brasília	Ciências da Informação (ME/DO)
<b>SUDESTE</b>	

<b>Fundação Casa de Rui Barbosa</b>	Memória e Acervos (MP)
<b>Universidade de São Paulo</b>	Ciência da Informação (ME/DO) Gestão da Informação (MP)
<b>Universidade Estadual Paulista</b>	Ciência da Informação (ME/DO)
<b>Universidade Federal de Minas Gerais</b>	Ciências da Informação (ME/DO) Gestão & Organização do Conhecimento (ME/DO)
<b>Universidade Federal de São Carlos</b>	Ciência da Informação (ME)
<b>Universidade Federal do Espírito Santo</b>	Ciência da Informação (ME)
<b>Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro</b>	Biblioteconomia (MP) Gestão de Documentos e Arquivos (MP)
<b>Universidade Federal do Rio de Janeiro</b>	Ciência da Informação (ME/DO)
<b>Universidade Federal Fluminense</b>	Ciência da Informação (ME/DO)
<b>Universidade FUMEC</b>	Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento (ME/DO)
<b>SUL</b>	
<b>Universidade do Estado de Santa Catarina</b>	Gestão da Informação (MP)
<b>Universidade Estadual de Londrina</b>	Ciência da Informação (ME/DO)
<b>Universidade Federal de Santa Catarina</b>	Ciência da Informação (ME/DO)
<b>Universidade Federal do Rio Grande do Sul</b>	Ciência da Informação (ME)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A CAPES realiza, por meio de avaliações quadrienais, o monitoramento da qualidade desses programas/cursos de pós-graduação, essas avaliações resultam em conceitos/notas para os programas/cursos que podem variar de 1 a 7. Segundo a CAPES (2017, p. 12),

Os conceitos atribuídos sintetizaram as avaliações qualitativa e quantitativa dos programas, de acordo com as métricas e critérios definidos em cada item e quesito da Ficha de Avaliação pelo documento da Área. Conceitos e notas foram aplicados de modo comparativo e a combinação de 5 conceitos (Muito Bom, Bom, Regular, Fraco e Insuficiente) em 7 notas (7, 6, 5, 4, 3, 2 e 1) permitiu expressar a qualidade de cada Programa.

Para a CAPES, além de avaliar a proposta do curso, o corpo docente, o corpo discente (respectivas teses e dissertações), a produção intelectual e a inserção social e a relevância do programa/curso, é determinante que para os programas/cursos receberem os melhores conceitos, esses devem oferecer: i) programa de excelência e de referência nacional e internacional; ii) programa diferenciado em relação aos

demais programas da área; iii) programa com desempenho equivalente ao dos centros internacionais de excelência da área. Sobre a escala de conceitos/notas, são enquadrados na categoria de 7, 6 e 5 os programas/cursos com avaliação “MUITO BOM” (excelência/potencial crescimento); na categoria 4 estão os programas/cursos avaliados como “BOM” (desenvolvimento satisfatório/potencial crescimento); com a categoria 3 estão os programas/cursos avaliados como “REGULAR” (alcance mínimo de desempenho de qualidade/potencial crescimento); os programas/cursos enquadrados nas categorias 2 e 1 representam, respectivamente, desempenho “FRACO” e “INSUFICIENTE” (não atendem a padrões mínimos de qualidade exigidos na área/inoperantes).

A área de Ciência da Informação conseguiu um importante marco na última Avaliação Quadrienal (CAPES, 2017; 2019a) ao alcançar uma avaliação de excelência quase máxima em um de seus programas (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/UNESP – nota 6).

#### **4.1.2 Entidade de Classe, Periódicos, Bases de Dados, Eventos Científicos**

Por outro lado, além das instituições científicas, como, por exemplo, IES, PPGs e cursos, outras instâncias também são características no regime disciplinar de uma área. Enquadram-se, nessa perspectiva, entidades de classe, os periódicos científicos e os congressos e conferências.

Na área de Ciência da Informação no Brasil, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), fundada em 1989, é uma entidade de referência que tem por finalidade o estímulo às atividades de ensino dos PPGs em CI no país. Tendo como frentes de trabalho os PPGs *stricto sensu* em CI e o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)<sup>69</sup>, seus objetivos são descritos como:

- (a) Promover o desenvolvimento da pesquisa e de estudos avançados em ciência da Informação no País;

---

<sup>69</sup> A primeira edição do ENANCIB ocorreu em 1994 em Belo Horizonte/MG. Da primeira à quinta edição, os encontros ocorreram em períodos intercalados de um, dois e até três anos, é a partir da sexta edição, realizada em 2005, que os encontros começam a ocorrer anualmente. Também é na sexta edição que os trabalhos começam a ser submetidos em formato de artigo científico, padrão adotado para edições posteriores na modalidade comunicação oral (MELO; BUFREM; CORREIA, 2018).

- (b) Contribuir para o aperfeiçoamento intelectual dos sócios, incentivando o intercâmbio e cooperação entre as instituições, os profissionais, pesquisadores e os estudantes de pós-graduação em Ciência da Informação e áreas afins;
- (c) Promover o intercâmbio e a cooperação entre associações e organismos congêneres, em nível regional, nacional e mundial;
- (d) Fomentar a divulgação da produção da área;
- (e) Contribuir para desenvolvimento de atividades de produção científica e cultural e de representação social em congressos, seminários e outros eventos, de acordo com seus objetivos;
- (f) Representar e atuar junto aos órgãos de fomento da pesquisa e agências de coordenação e avaliação da pesquisa e da pós-graduação, no País e no exterior, de acordo com os seus objetivos. (ANCIB, 2010).

Sobre os periódicos científicos na área de Comunicação e Informação, a última avaliação quadrienal (2013-2016) realizada pela CAPES chegou à estratificação de 1760<sup>70</sup> periódicos nas seguintes escalas: A1 (mais elevada); A2; B1; B2; B3; B4; B5; C (avaliação de peso zero). A divisão dos estratos, atualmente, encontra-se da seguinte forma: A (A1 e A2 – 167 periódicos); B (B1, B2, B3, B4 e B5 – 1236 periódicos); e C (357 periódicos). Esse universo pode ser muito maior, visto as limitações de avaliações proporcionadas pela CAPES.

A estratificação de 1760 periódicos (online e impresso<sup>71</sup>) na área Comunicação e Informação, que abrange quatro campos disciplinares próximos (Comunicação; Ciência da Informação; Museologia e Desenho Industrial), abre possibilidades de reconhecimento de produtividade interdominiais. Outros domínios, além da área Comunicação e Informação, como por exemplo, administração, educação, psicologia, ciências da computação, linguística, história, também oferecem essa possibilidade de reconhecimento. Ou seja, autores de uma área podem, devido à organização de classificação elaborada pela CAPES, publicar em periódicos de áreas correlatas, localizadas em um grupo em comum, partilhando comum reconhecimento de capital científico. Essa alternativa não é regra, mas, de fato, torna-se um facilitador da percepção de que fronteiras e travessias, dois elementos fundantes da perspectiva transversalista, existem e podem ser facilitados por ações de instituições científicas.

---

70

Disponível

em:

<<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

<sup>71</sup> Considerou-se o quantitativo de exclusividade do *International Standard Serial Number* (ISSN), removendo-se qualquer duplicata.

A CAPES, por meio de seu Portal de Periódicos, oferece a consulta a 1609 bases de dados, auxiliando, como ferramenta de pesquisa, a busca de fontes de conhecimento e informação. Desse total, 88 são específicas e/ou correlatas à área de Ciência da Informação (Apêndice B), como, por exemplo, a *Library and Information Science Abstracts* – LISA (400 periódicos indexados), Emerald (200 periódicos indexados) e a *Library, Information Science and Technology Abstracts* – LISTA (cerca de 500 periódicos especializados). Também são disponibilizados conteúdos de acesso aberto nas bases *Directory of Open Access Journals* (DOAJ) e *Directory of Open Access Scholarly Resources* (ROAD).

É louvável a criação de iniciativas nacionais, como a da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) pelo IBICT, e a da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)<sup>72</sup>.

Referente a CI, a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação configura um marco histórico para a área. Concebida em 1996, por meio de projeto de pós-doutorado da professora Leilah Santiago Bufrem, a base era, inicialmente, denominada Base Brasil/Espanha de Artigos de Periódicos da área em Ciência da Informação (BRES) e era objeto de estudos e fonte de investidas científicas dos grupos de pesquisa coordenados pelo professor Elías Sanz Casado, da Universidade Carlos III de Madrid (UC3M) e pela professora Leilah Bufrem, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Por meio de um convênio interinstitucional entre a UC3M e a UFPR em 2005, a implementação da BRAPCI no Brasil ganha força e diversas atividades relativas ao projeto conseguiram ser implementadas (BUFREM *et al*, 2010).

Sobre as coleções indexadas pela BRAPCI, verificam-se três seções: i) Eventos; ii) Revistas Brasileiras; iii) Revistas Internacionais. Na divisão “Eventos”, estão indexadas as coleções: “Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria”; “Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação”; e “ISKO-Brasil”. Essa seção reúne os Anais de edições dos referidos eventos (EBBC; ENANCIB, e ISKO-Brasil). Nas seções “Revistas Brasileiras” e “Revistas Internacionais” estão indexados 82 periódicos (66 periódicos nacionais e 16 internacionais) (Apêndice C).

---

<sup>72</sup> Projeto realizado em parceria com Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME).

Sob outro ângulo, vale frisar que no Brasil os periódicos científicos também refletem um árduo trabalho coletivo de pesquisadores e programas de pós-graduações. Em uma perspectiva diacrônica, o papel laboral dos agentes científicos na legitimação dos periódicos científicos é fundamental para o estabelecimento de um campo científico, afinal as revistas científicas podem ser entendidas como a ponta de um processo editorial intenso orientado cientificamente, “[...] a partir de parâmetros desenvolvidos por estudos de editoração científica e diretrizes de órgãos que regulam tal campo, de modo a fomentar a produção de conhecimento sério e consistente” (VASCONCELLOS, 2017, p. 9).

Shinn e Ragouet (2008) indicam os eventos científicos, congressos e conferências, como instâncias do regime disciplinar de um campo disciplinar. Por meio de uma interlocução interacional dialógica (KOCH, 2003), presente na avaliação entre os pares (pareceristas/ou ouvintes), essas arenas disciplinares proporcionam trocas simbólicas e impulsionam o consumo de produções desse regime. Na área da CI, em especial, historicamente, devido a reconhecida excelência, destacam-se eventos como: o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), maior evento da pesquisa em CI voltado a pós-graduação; o Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria (EBBC), primeiro evento no Brasil a discutir temáticas sobre estudos métricos (OLIVEIRA, 2018); e a *International Society for Knowledge Organization* (ISKO-Brasil), capítulo nacional do maior evento voltado a discussões relativos à organização do conhecimento.

Iniciando suas atividades em 1994, o ENANCIB é reconhecido como o maior evento da pós-graduação voltado à área de Ciência da Informação no Brasil. Para Oliveira (2018, p. 88), o evento contextualiza discussões entre pesquisadores e PPGs em busca de um “[...] trabalho de prospecção e aprofundamento, que envolve desde o desenvolvimento de políticas até as investigações acerca dos fundamentos epistemológicos da área”. Já foram compartilhadas no ENANCIB, até sua vigésima edição, aproximadamente 4720 comunicações científicas (artigos e pôsteres).

Os eventos promovidos pela ISKO e pelo capítulo brasileiro ISKO-Brasil são mais específicos de uma subárea da CI, a Organização do Conhecimento (OC). Vale notar que é no final do século XX que a OC começa a assumir um caráter estrategicamente mais acadêmico (institucionalização científica), segundo Guimarães (2015, p. 13-14, grifo do autor),

Tal fato, por sua vez, teve, na criação da *International Society for Knowledge Organization* – ISKO, um elemento-marco, na medida em que se configurou, em âmbito internacional, um espaço para abrigar os avanços investigativos, a interlocução científica e a divulgação de um conhecimento produzido por meio de uma efetiva sistemática de publicações.

O capítulo da ISKO no Brasil foi instalado oficialmente pela aprovação de seu respectivo estatuto em assembleia do VIII ENANCIB, realizada no ano de 2007. A ISKO-Brasil começou a promover, a partir de 2011, o Congresso Brasileiro em Organização e Representação do Conhecimento. O evento já teve cinco edições, com um acumulado de compartilhamento de 262 comunicações científicas (artigos).

Registrando sete edições no intervalo de 12 anos, os EBBCs tornaram-se um reforço institucional aos estudos métricos desenvolvidos no Brasil (bibliometria, cientometria, webmetria, patentometria, altmetria e infometria). Pioneiro no país, inicialmente, o evento apresentou como objetivos: i) a reunião e socialização de diferentes grupos de pesquisas atuante na área dos estudos métricos; ii) discussão das tendências e carências teóricas e perspectivas futuras sobre os estudos métricos; iii) estabelecer maior proximidade, e possibilidade de êxito, em comunicações na *International Conference on Scientometrics and Infometrics* (ISSI), evento que em 2009 seria realizado no Brasil. Para Oliveira (2018, p. 91, grifo nosso), a continuidade dos EBBCs atenua o seguinte fenômeno:

[...] a comunidade científica percebeu a necessidade de maior interação entre os estudiosos, a fim de aprofundar a discussão de assuntos relacionados à ciência brasileira e aperfeiçoar os métodos e abordagens aplicados à área. Além dessas questões, os EBBCs alertaram para a necessidade de se empreender esforços em pesquisas que desenvolvam a área de Bibliometria. [...] seria a Bibliometria para os Bibliometristas, que vai além de aplicações metodológicas e de estudos que buscam a criação de indicadores nacionais, em C&T, e se prestam a políticas científicas. **Os demais encontros buscaram enfrentar essas questões, especialmente no sentido de consolidar a identidade acadêmica da área, no Brasil.**

Percebe-se, em todo esse levantamento, a importância das ações dos agentes científicos. Todo o capital científico acumulado e reconhecido nas e pelas instituições só pode existir devido às ações não fortuitas dos agentes científicos. Dando mais significado aos resultados apresentados nesta seção, a próxima subdivisão irá

apresentar investidas disciplinares dos 83 bolsistas PQ selecionados para este estudo.

#### 4.1.3 Os agentes científicos (bolsistas PQ) e o regime disciplinar

O regime disciplinar abrange inúmeras possibilidades de ações responsáveis pelo desenvolvimento e, por vezes, declínio de um campo disciplinar. Vale frisar, as ações do regime disciplinar são favorecidas em ambientes de produção que possibilitem deixar “[...] importantes traços escritos que facilitam sua análise” (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 141). É um sistema que pode coexistir com os demais regimes, porém, as instituições científicas são, por excelência o reduto da cadeia de produção e consumo desse regime.

Tomando por base a literatura científica explorada para o estudo, serão demonstradas as colaborações, descritas como categorias de análise, dos 83 bolsistas de produtividade relativas ao regime disciplinar da CI. Com base na mineração de dados realizada pelo *software* scriptLattes (MENA-CHALCO; CESAR JUNIOR, 2009; 2013), apresentam-se, em perspectiva histórica, métricas gerais e individuais da produção bibliográfica desse grupo de pesquisadores.

Os 83 bolsistas PQ são responsáveis por uma extensa colaboração disciplinar ao campo da CI, representada por 13.875<sup>73</sup> produções de caráter bibliográfico, entre os anos 1956 a 2019, e 6.119<sup>74</sup> como atividades de orientação, no período de 1985 a 2019. Essas ações resultaram no desenvolvimento acadêmico da área, seja pela sedimentação dos saberes, seja pelo aperfeiçoamento de recursos humanos do campo disciplinar da CI. Em perspectiva diacrônica, a trajetória institucional disciplinar desses agentes pode se configurar em influência positiva para desenvolvimento das instituições científicas em que eles atuam e/ou atuaram. Vale lembrar que a chancela de excelência dada pelo CNPq a esses pesquisadores por meio da bolsa PQ está vinculada à análise correlata do desenvolvimento das instituições e a presença e prática acadêmica e profissional desses agentes.

Sobre a diversidade de produções de caráter bibliográfico relacionados ao regime disciplinar encontram-se os “artigos completos publicados em periódicos”, os “livros publicados/organizados ou edições”, os “capítulos de livros publicados”, os

---

<sup>73</sup> Data de coleta: 15 jan. 2020.

<sup>74</sup> Data de coleta: 15 jan. 2020.

“trabalhos completos publicados em anais de congresso”, os “resumos expandidos publicados em anais de congressos”, e as “apresentações de trabalho”. As nomenclaturas dessas categorias têm por base o Currículo Lattes (mineração scriptLattes), porém, para efeito de organização deste estudo, serão apresentadas as seguintes terminologias: 1) artigos em periódicos<sup>75</sup>; 2) livros<sup>76</sup>; 3) capítulos de livros<sup>77</sup>; 4) trabalhos completos em anais<sup>78</sup>; 5) resumos expandidos/anais<sup>79</sup>; e 6) apresentações de trabalho/congressos<sup>80</sup>.

Com base nas trajetórias intelectuais do grupo PQ estudado, a Tabela 5 apresenta o quantitativo de produções bibliográficas acumuladas, desde o primeiro registro. Salienta-se que, para a apresentação dos seguintes números, duplicações causadas por atividades de coautoria foram excluídas.

Tabela 5 - Produções bibliográficas dos bolsistas PQ em CI (1956-2019)

	PRIMEIRO REGISTRO	QUANTITATIVO	%
<b>Apresentação de trabalhos/congressos</b>	1969	4195	<b>30%</b>
<b>Artigos em periódicos</b>	1956	3660	<b>26%</b>
<b>Trabalhos completos em anais</b>	1959	3403	<b>25%</b>
<b>Capítulos de livros</b>	1962	1622	<b>12%</b>
<b>Livros</b>	1959	558	<b>4%</b>
<b>Resumos expandidos/anais</b>	1988	437	<b>3%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A mineração desses dados mostrou que boa parte das produções tiveram seus registros iniciados na metade do século XX, fase que coincide, inclusive, com o surgimento da Ciência da Informação (ARAÚJO, 2018). Porém, foi na década de 1990 que a produtividade começa a demonstrar maior vigor, alcançando nas duas primeiras décadas do século XXI (2000-2018) seus maiores ápices, esses dados correlacionam-se com o sensível aumento dos PPGs em Ciência da Informação percebidos no Brasil, em especial, na região Nordeste e Sul. Contextualiza-se, diretamente e positivamente,

<sup>75</sup> Artigos completos publicados em periódicos.

<sup>76</sup> Livros publicados/organizados ou edições.

<sup>77</sup> Capítulos de livros publicados.

<sup>78</sup> Trabalhos completos publicados em anais de congresso.

<sup>79</sup> Resumos expandidos publicados em anais de congressos.

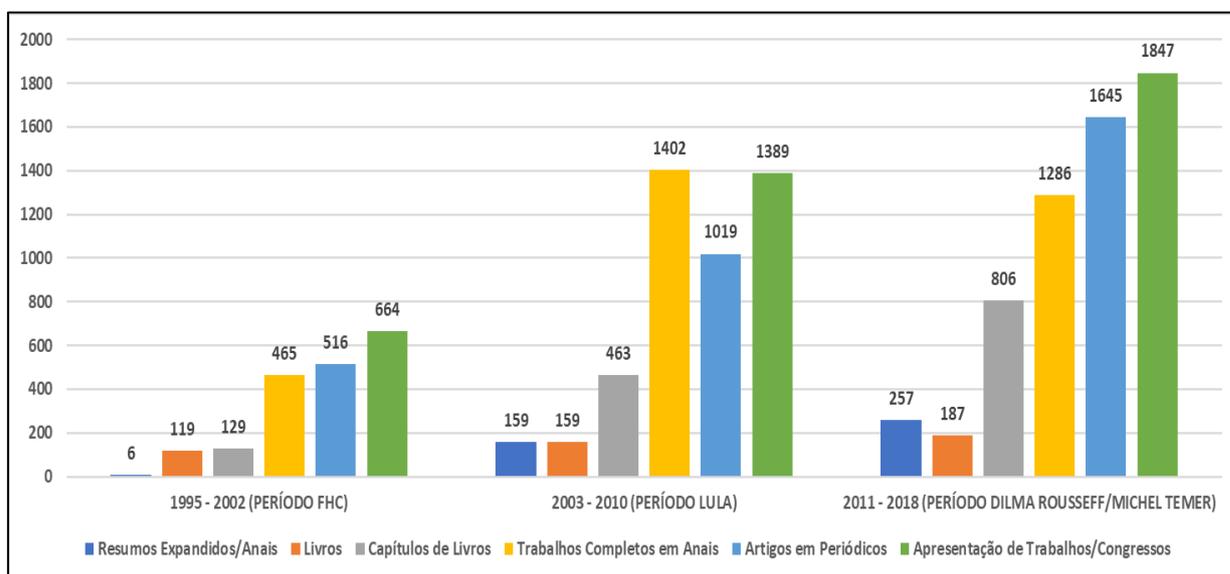
<sup>80</sup> Apresentações de trabalho.

as políticas de incentivo ao desenvolvimento da Ciência e à Tecnologia adotadas pelos governos vigentes à época.

O Gráfico 2 apresenta, por meio de três recortes temporais [1995 - 2002 (Período Fernando Henrique Cardoso - FHC); 2003 – 2010 (Período Lula); 2011 – 2018 (Período Dilma Rousseff/Michel Temer), o aumento gradual passando para expressivo da produtividade dos bolsistas PQ. Esse recorte tem como justificativa o estabelecimento de uma correlação entre as políticas de incentivo à C, T&I adotadas nos governos FHC, Lula e Dilma Rousseff/Michel Temer e o aumento de produtividade das produções bibliográficas estudadas.

Essa análise diacrônica demonstra possíveis regimes de valorização nas diferentes formas de produção bibliográfica, talvez sugerindo que houve um acompanhamento às pressões históricas impostas tanto pelo próprio campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil, quanto por instituições científicas e outros microcosmos sociais.

Gráfico 2 - Crescimento da produção bibliográfica dos bolsistas PQ em CI (FHC; Lula; Dilma Rousseff/Michel Temer)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisando de forma comparativa os períodos políticos (1995-2002; 2003-2010 e 2011-2018), descritos no Gráfico 2, verifica-se na Tabela 6 as variações significativas na produtividade registrada por esses bolsistas PQ nas diversas formas de comunicações científicas aqui apresentadas.

Tabela 6 - Variação de produtividade dos bolsistas PQ em CI entre períodos políticos (FHC; Lula; Dilma Rousseff/Michel Temer)

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA	Variação da Produtividade				
	1995-2002	2003-2010		2011-2018	
	Quant.	Quant.	(%)	Quant.	(%)
<b>Resumos expandidos/anais</b>	6	159	2550%	257	62%
<b>Livros</b>	119	159	34%	187	18%
<b>Capítulos de Livros</b>	129	463	259%	806	74%
<b>Trabalhos Completos em Anais</b>	465	1402	201%	1286	-8%
<b>Artigos em Periódicos</b>	516	1019	97%	1645	61%
<b>Apresentação de Trabalhos/Congressos</b>	664	1389	109%	1847	33%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Mesmo alcançando seus maiores ápices quantitativos no período Dilma Rousseff/Michel Temer (2011-2018), foi durante o governo Lula que todas as formas de produção bibliográfica registraram maior variação positiva de produtividade. Contextuais ao conjunto das exigências do sistema nacional de Pós-Graduação do Brasil, em que figuras institucionais como a CAPES, o CNPq, os PPGs e os próprios agentes científicos, configuram uma rede de exigências e expectativas para pesquisadores e instituições científicas.

Percebe-se que no lado direito da Tabela 6 (coluna 2011-2018) dois tipos de produção bibliográfica chamam atenção pela positiva/expressiva variação da produtividade: “Capítulos de Livros” e “Artigos em Periódicos”. Considera-se que a superação da produção de Capítulos de Livros e Artigos de Periódicos venha atender a demandas distintas, com exigências diferentes. Se esses tipos de comunicação científica promovem a manutenção da presença desses pesquisadores, a mensuração desse efeito não se mostra igual em ambas. Historicamente, a economia presente na produção de artigos em periódicos (produção e consumo) mostra-se mais concorrencial e reconhecida entre os pares científicos e instituições, contudo, como percebido na Tabela 6, a produtividade de capítulos de livros ainda demonstra vigor, sugerindo uma alternativa de presença para os pesquisadores ofertada pela dimensão social e cognitiva dos agentes científicos presentes nesse campo disciplinar.

Em resumo sobre esses movimentos, os efeitos desse sistema demandam dos atores envolvidos com a produção científica movimentos responsáveis pela valorização ou depreciação de algumas comunicações. Confirma-se, com isso, a expressão de Bourdieu (2004), em perspectiva micro, sobre a condição de relativa autonomia, ou seja, mesmo formando uma elite, os bolsistas PQ seguem uma linha de adaptação devido as pressões sociais.

Sob a ótica da institucionalização cognitiva, destaca-se que a CI, vista como campo disciplinar, segue em fase de expansão em seus objetos de pesquisa desde o final da segunda guerra mundial. Nota-se uma variedade de investidas, desde epistemológicas (HJØRLAND, 2015) até as que respondam aos anseios mais diretos de uma sociedade e de uma época (ARAÚJO, 2018; VITORINO; PIANTOLA; 2019). Portanto, acredita-se que, em um movimento de expansão, essas produções disciplinares têm como significado o acompanhamento de um campo disciplinar a uma diversidade de demandas (endógenas e exógenas à CI), não deixando de citar, contudo, a importância do apoio das instituições político-científicas para o desenvolvimento das ações desses agentes.

Além das produções anteriormente citadas, é possível citar a importância desses agentes para o aperfeiçoamento de recursos humanos do campo da CI e, em menor número, em outros campos disciplinares. Eles desenvolvem atividades de orientação em cursos de graduação (iniciação científica – IC, trabalhos de conclusão de curso – TCC), especialização (*lato sensu*), mestrados (ME/MP) e doutorados (DO), e supervisão de pós-doutorado (*stricto sensu*).

Ainda com base nas trajetórias intelectuais do grupo PQ estudado, a Tabela 7 apresenta o quantitativo de atividades de orientações acumuladas, desde o primeiro registro (1980). Salienta-se, para a apresentação dos seguintes números, que duplicações não foram excluídas, visto que, nesse tópico, o foco está no quantitativo de atividades de orientação, que podem ser executadas em regime de colaboração.

Tabela 7 - Atividades de orientação dos bolsistas PQ em CI (1956-2019)

(continua)

	PRIMEIRO REGISTRO	QUANTITATIVO	%
<b>TCC – Graduação</b>	1987	2147	<b>35%</b>
<b>Dissertação (ME/MP)</b>	1980	1726	<b>28%</b>
<b>Iniciação Científica</b>	1985	1145	<b>19%</b>

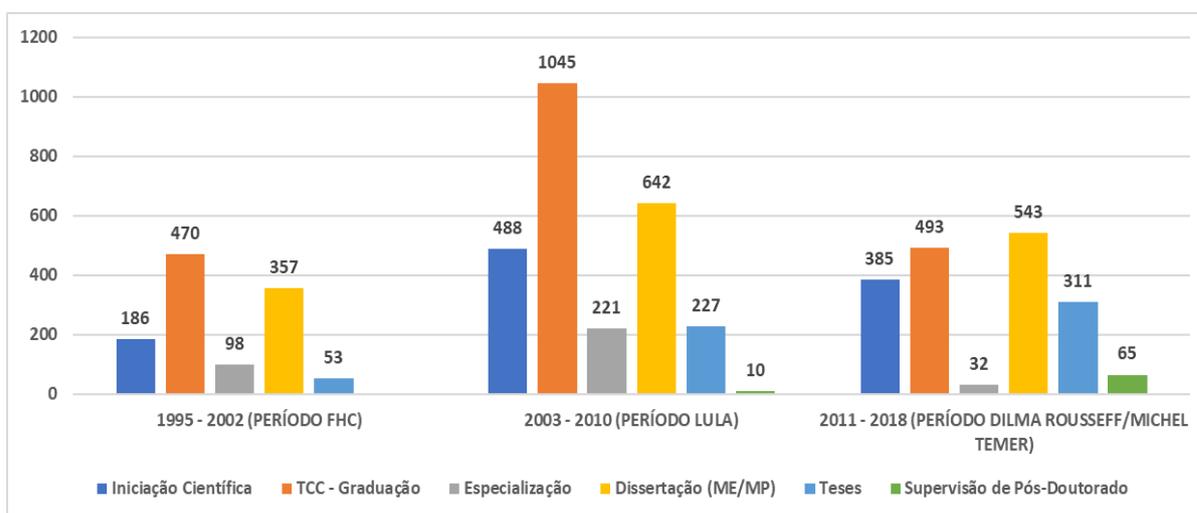
			(conclusão)
<b>Teses</b>	1987	659	<b>11%</b>
<b>Especialização</b>	1987	357	<b>6%</b>
<b>Supervisão de Pós-Doutorado</b>	2004	85	<b>1%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim como as produções bibliográficas, a mineração das informações que serviram de base para a Tabela 7 também demonstrou que o ápice de envolvimento dos 83 bolsistas PQ com atividades de orientação (considerando orientações finalizadas) ocorreu no início da primeira década do ano 2000. Mais uma vez, esses dados correlacionam-se com o sensível aumento dos PPGs em Ciência da Informação percebidos no Brasil, em especial, na região Nordeste e Sul. É verificada relações no fundamento da historicidade na percepção da perspectiva transversalista, entendida aqui nos regimes de produção disciplinar. No caso do campo disciplinar da CI no Brasil, é contextual, além das demandas endógenas e exógenas, o cenário positivo da política científica.

O Gráfico 3 apresenta, por meio de três recortes temporais [1995 – 2002 (Período FHC); 2003 – 2010 (Período Lula); 2011 – 2018 (Período Dilma Rousseff/Michel Temer)], o aumento expressivo passando para a estabilidade de atividades de orientação realizadas pelos bolsistas PQ.

Gráfico 3 - Crescimento das atividades de orientação dos bolsistas PQ em CI (FHC; Lula; Dilma Rousseff/Michel Temer)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa análise diacrônica sugere o aparecimento de novos regimes de distintas atividades de orientação. Os dados apresentam-se, potencialmente, relacionados a elementos históricos, tanto do campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil, quanto ao incentivo proposto pela política científica do início do século XXI. É possível verificar na Tabela 8, com base na apresentação do Gráfico 3, o estabelecimento/presença dos bolsistas PQ em atividades voltadas a pós-graduação, exclusivamente *stricto sensu*. Para fins de análise comparativa, verifica-se, na Tabela 8, o estabelecimento e emigração da presença das atividades docentes voltadas à pós-graduação.

Tabela 8 - Variação percebida em atividades de orientação dos bolsistas PQ em CI entre períodos políticos (FHC; Lula; Dilma Rousseff/Michel Temer)

ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO	Variação da Produtividade				
	1995-2002	2003-2010		2011-2018	
	Quant.	Quant.	(%)	Quant.	(%)
<b>Iniciação Científica</b>	186	488	<b>162%</b>	385	<b>-21%</b>
<b>TCC – Graduação</b>	470	1045	<b>122%</b>	493	<b>-53%</b>
<b>Especialização</b>	98	221	<b>126%</b>	32	<b>-86%</b>
<b>Dissertação (ME/MP)</b>	357	642	<b>80%</b>	543	<b>-15%</b>
<b>Teses</b>	53	227	<b>328%</b>	311	<b>37%</b>
<b>Supervisão de Pós-Doutorado</b>	--	10	--	65	<b>550%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

As movimentações percebidas na Tabela 8 confirmam, potencialmente, possíveis dinâmicas de valorização de ações desses agentes. O sistema de reconhecimento, assim como demonstrado na Tabela 6, configura-se a uma rede de exigências posta por agentes e instituições científicas (MELO, 2015).

Como ressalva necessária aos números enquadrados nas representações dos Gráficos 2 e 3 e, respectivamente das Tabelas 6 e 8, verifica-se que, mesmo seguindo uma alta na média de produtividade e de atividades de orientação, as políticas públicas voltadas à CT&I no Brasil vêm sofrendo cada vez mais ataques. Um dos exemplos mais claros sobre esse evento vem da Emenda Constitucional 95, aprovada no ano de 2016 após o *impeachment* de Dilma Rousseff, sob a justificativa de prover

o equilíbrio dos gastos públicos. Ainda em vigor no ano de 2020, a emenda limita investimentos públicos, diminuindo recursos, principalmente, em áreas essenciais, como, por exemplo, a educação.

Por fim, as atividades de orientação obedecem, em sua finalização, ao que Shinn (2008b, p.16) confirma como mercado de comunicação disciplinar. Em síntese, vale frisar:

Novamente é importante sublinhar o caráter dual do regime disciplinar – reproduzir o conhecimento na forma de ensino, o que resulta na obtenção de diplomas pelos estudantes; e produzir conhecimento original na forma de pesquisa, o que toma a forma de publicações. [...] Cada disciplina com seu departamento intendente, insiste em sua porção de autonomia. O ponto aqui é que o regime disciplinar de produção e difusão científica está sólida e historicamente baseado na universidade.

Os ritos acadêmicos para obtenção de título estão, em sua maioria, consolidados na proposta de submissão/análise entre pares, gerando um número significativo de literatura cinzenta (MUELLER, 2000).

#### **4.1.4 Publicações bibliográficas: coautoria, produtividade e o grupo de bolsistas PQ**

A coautoria relaciona-se a fatores como produtividade e/ou apoio financeiro à pesquisa (MAIA; CAREGNATO, 2008). Para Bufrem (2010), o entendimento da coautoria suscita a compreensão da presença de processos de comunicação, de compartilhamento, de otimização de recursos, de divisão de trabalho, de popularidade, de sinergia, do reconhecimento científico, do avanço necessário das disciplinas, de negociações, de trocas, de relacionamentos colaborativos e interação entre pesquisadores e instituições.

A forma e a ocorrência dos processos de coautoria são únicas para cada produção, por isso, elas são imprecisas. As especificidades dos esforços colaborativos não costumam ser informados nas comunicações científicas. Para Melo, Bufrem e Correia (2018, p. 4374) “a natureza e magnitude vão variar de acordo com as diferentes disciplinas/domínios (natureza do problema; ambiente da pesquisa; características demográficas)”. A coautoria pode indicar, assim, potencialidades de

aproximação entre autores, instituições, domínios temáticos e facilitadores de tempo-espaço (posições geográficas).

A ética é fundamental no processo de coautoria, sendo respeitadas cooperações de cunho técnico e/ou científico (conteúdo ou prática científica). Segundo Hilário, Grácio e Guimarães (2018, p. 18):

[...] a colaboração científica é medida pela análise de coautorias, em função da dificuldade de se obter uma metodologia que identifique objetivamente as colaborações entre pesquisadores em domínios grandes. Considera-se que a análise das colaborações por outra metodologia, por exemplo, qualitativa - entrevistas ou questionários-, em lugar das coautorias, pode levar a uma visualização distinta do comportamento científico colaborativo, evidenciando colégios científicos, afinidades temáticas e pessoais, assim como colaborações informais nos diferentes domínios, que não tenham sido evidenciados nas redes de coautoria. Todavia, a favor da análise de coautoria, destaca-se que, além de ser a forma objetiva de se visualizar o trabalho coletivo entre pesquisadores, a partir da formalização e registro do resultado da investigação, ela evidencia a assinatura conjunta de um trabalho, identificando a responsabilidade ética e moral do conhecimento gerado.

Analisando de forma fechada o grupo dos 83 bolsistas PQ, selecionado para este estudo, buscou-se levantar o número de interações e respectivo quantitativo compartilhado de produções de caráter bibliográfico (artigos em periódicos; livros; capítulos de livros; trabalhos completos em anais; resumos expandidos/anais; e apresentações de trabalho/congressos) alcançado por meio do regime de produção *coautoria*. Visando demonstrar o quantitativo compartilhado de produções acumuladas pelos bolsistas por meio de coautoria(s), salienta-se que, para a apresentação dos seguintes números, duplicações não foram excluídas.

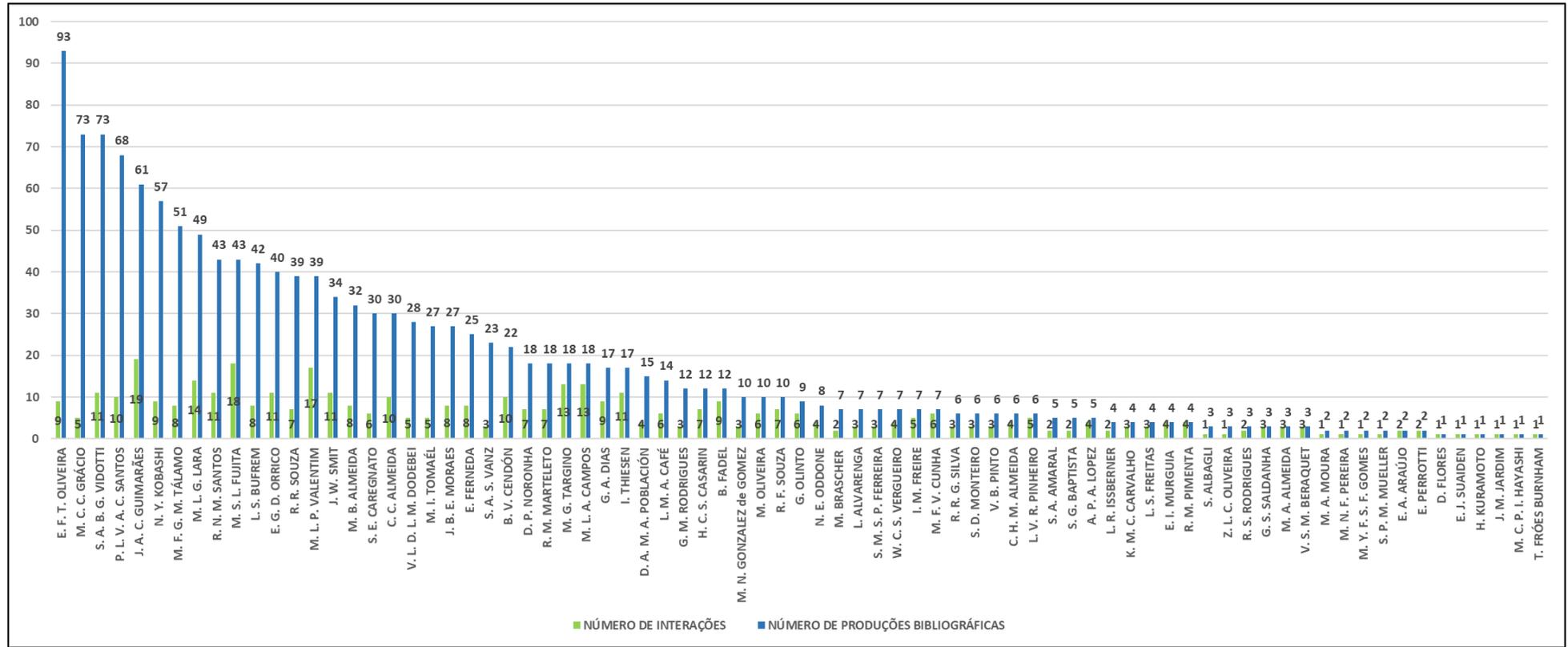
Por exemplo, no caso da bolsista E. F. T. OLIVEIRA por meio de nove interações (coautorias), a pesquisadora desenvolveu 93 produções bibliográficas. Ou seja, utilizando-se do método de não exclusão das duplicações, essas 93 produções realizadas pela bolsista estarão representadas, equitativamente ou não, no quantitativo das produções bibliográficas dos nove pesquisadores(as) que trabalharam em regime de coautoria com a bolsista. Sucessivamente, esse efeito segue entre o grupo estudado.

Salienta-se que os números apresentados refletem, apenas, interações de coautoria de, no mínimo, dois bolsistas PQ em CI. É reforçado o argumento de que

colaborações podem ser, potencialmente, responsáveis por ascendência de produtividade, intercâmbio de ideias, interações interinstitucionais, colaborações em diferentes domínios, entre outros aspectos. No Apêndice D, sob apresentação de matriz de arranjo bidimensional, é possível ver as diversas interações interinstitucionais realizadas entre bolsistas PQ em CI.

O Gráfico 4 apresenta os bolsistas PQ com ao menos uma produção de caráter bibliográfico resultante de interação.

Gráfico 4 - Relação de coautoria de produções bibliográficas entre bolsistas PQ em CI



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para um agente, as necessidades de manutenção em um sistema de troca de capital científico podem ser refletidas em ações e processos presentes na cadeia de produção e consumo do regime disciplinar. Em outras palavras, as ações dos pesquisadores são, possivelmente, condicionadas às cobranças sociais exercidas pelo conjunto de agentes e instituições científicas. Como considerações, acredita-se que as coautorias podem oferecer possibilidades de parcerias entre agentes de instituições diferentes (interações interinstitucionais), bem como colaborações interdominiais, ou seja, são auxiliares em processos de cobrança e estabelecem proximidades aos fundamentos das fronteiras e travessias.

#### 4.2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O REGIME UTILITÁRIO

Para Shinn (2008b), a ciência material pode ser um conceito síntese do regime utilitário. O surgimento da Ciência da Informação veio atender, na metade do século XX, demandas referentes à produção e a necessidades de informações científicas/técnicas, às exigências industriais das indústrias de informação e telecomunicação, e à preparação de tecnologias eletrônicas de informação em bibliotecas, centros de documentação, museus e instituições culturais (LE COADIC; 1996).

A consolidação desse recente campo disciplinar inspira a investigação de sua vertente utilitária. Para Le Coadic (1996, p. 21), a percepção do surgimento dessa ciência, além das ligações com as fortes demandas estreitamente contidas nos adventos tecnológicos em informação e comunicação correntes à época, sugere uma preocupação dominante dos pesquisadores com a “[...] utilidade, a eficácia, o prático e a prática, e muito pouco o teórico, a teoria”.

Em um comparativo histórico da autonomia desse regime no país com a Europa, percebe-se que o regime utilitário no Brasil, de maneira contrária ao continente europeu, ainda está em um processo de convergência e simbiose com o regime disciplinar. Significa afirmar que as produções utilitárias dos agentes científicos, de maneira geral, ainda estão concentradas, majoritariamente, nos departamentos e laboratórios das universidades (SBPC, 2011), bem como em institutos voltados a C&T, como, por exemplo, o IBICT (FERREIRA, 1999). Iniciativas como Parques Científicos e Tecnológicos (PCT), Educação Corporativa

(Universidade-Empresa), Incubadora de Empresas demarcam, por exemplo, preocupações a respeito da necessidade de maior vigor na autonomia desse regime (SBPC, 2011; TARAPANOFF, 2010).

Apresenta-se, nesta seção, a dependência desse regime com o regime disciplinar (convergência e simbiose), para isso, demonstram-se quantitativos dos cursos *stricto sensu* na área de Ciência da Informação (modalidade profissional) e demonstrativos gerais da modalidade *lato sensu*. É observado, ainda, as direções utilitárias dos 83 bolsistas de produtividade em pesquisa em CI (2001-2017), verificando os agentes e suas respectivas ações utilitárias (produções técnicas; patentes).

A política científica brasileira, por meio do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG 2005-2010), demarcou atenção necessária às demandas tecnológicas do setor empresarial, além da preocupação com a expansão do número de formandos para atender as demandas do ensino superior. Encontra-se, a partir desse período do governo Lula, o desafio de “[...] formar mestres e doutores para atuarem no setor empresarial, inclusive com capacidade inovadora e empreendedora suficiente para criarem suas próprias empresas” (SBPC, 2011, p. 44). Essa política estava alinhada à ideia da cadeia de produção e consumo do regime utilitário, em que os membros não constituem o mercado desse regime. Shinn (2008b, p. 23) demonstra que “os produtos frequentemente correspondem às demandas da clientela, possuindo um caráter bem específico”, buscando soluções de problemas pontuais e de curto prazo. Instituiu-se, nesse período, a modalidade da pós-graduação *stricto sensu* profissional. A Tabela 9 apresenta o crescimento das modalidades *stricto sensu*.

Tabela 9 - Crescimento das modalidades *stricto sensu* 2009-2020 (%)

<i>Stricto sensu</i> BR 2009-2020				<i>Stricto sensu</i> CI – BR 2009-2020			
	2009	2020	+ (%)		2009	2020	+ (%)
MESTRADO ACADÊMICO	2600	3709	43%	MESTRADO ACADÊMICO	12	19	58%
MESTRADO PROFISSIONAL	280	867	210%	MESTRADO PROFISSIONAL	1	8	700%
DOCTORADO ACADÊMICO	1500	2455	64%	DOCTORADO ACADÊMICO	5	13	160%
DOCTORADO PROFISSIONAL	0	52	--	DOCTORADO PROFISSIONAL	0	0	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na perspectiva de crescimento apresentada na Tabela 9 (2009-2020), nacionalmente a modalidade *stricto sensu* profissional, uma das principais frentes do PNPG 2005-2010, apresenta aumento considerável. Especificamente na CI, a modalidade profissional apresenta um inflado crescimento percentual, podendo ser considerado aquém da tendência real nacional. Representada atualmente por meio oito cursos de mestrados profissionais<sup>81 82</sup>, a maioria desses tiveram início recente, possuindo menos de uma década de atividade, como demonstra o Quadro 10.

Quadro 10 - Mestrados profissionais na área de Ciência da Informação (2020)

IES	CURSO	ANO DE INÍCIO
<b>NORDESTE</b>		
Universidade Federal de Sergipe	Ciência da Informação	2017
Universidade Federal do Cariri	Biblioteconomia	2016
Universidade Federal do Rio Grande Do Norte	Gestão da Informação e do Conhecimento	2015
<b>SUDESTE</b>		
Fundação Casa de Rui Barbosa	Memória e Acervos	2016
Universidade de São Paulo	Gestão da Informação	2016
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Biblioteconomia	2012
	Gestão de Documentos e Arquivos	2012
<b>SUL</b>		
Universidade do Estado de Santa Catarina	Gestão da Informação	2013

Fonte: Elaborado pelo autor.

De forma mais próxima da realidade, a Ciência da Informação, área reconhecidamente nova no Brasil, ainda desbrava sua consolidação acadêmica nas diversas regiões do país, como já apontado na apresentação do regime disciplinar. Considera-se que, por meio do fomento da política científica nacional dos governos Lula (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2018), é iniciado e continuado o

<sup>81</sup> O primeiro curso *stricto sensu* na modalidade profissional em CI (Gestão da Informação) foi ofertado pela Universidade Estadual de Londrina em 2008. O Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da UEL foi descontinuado.

<sup>82</sup> Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaAvaliacao.xhtml>>. Acesso em: 23 jan. 2010.

atendimento processual, por meio da qualificação de recursos humanos específicos, das demandas utilitárias da sociedade.

#### **4.2.1 A consolidação institucional do regime utilitário por meio de pós-graduações *lato sensu***

Estudos recentes atestam a expansão do ensino superior brasileiro e sua relação com as demandas do mercado de trabalho. As demandas utilitárias mostram-se cada vez mais exigente em termos de conhecimento, ou seja, recursos humanos especializados.

Ao tratar da pós-graduação *lato sensu* no Brasil, Barbosa (2010) comenta sobre a forte demanda do mercado em especializações em áreas técnicas, e inclui as pós-graduações voltadas às discussões sobre informação nesse círculo. Porém, mesmo evidenciando a necessidade do fortalecimento utilitário, a autora, criticando a lei 11.892 (BRASIL, 2008), que institui a rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, reconhece deficiências estruturais nesse processo, evidenciando os seguintes aspectos:

Tal como foi concebida, a Lei 11.892 não percebe a importância dos saberes especializados para o controle do próprio processo de trabalho e, menos ainda, para a empregabilidade dos egressos dos cursos tecnológicos. Desse ponto de vista, seria importante refletir sobre a importância da especialização técnica: os grandes avanços, as grandes inovações da ciência são produzidas em laboratórios tanto aqueles que funcionam na academia como nas empresas que utilizam trabalho altamente especializado, que combina saberes práticos e conhecimento teórico. Mais ainda, dados recentes evidenciam a profunda carência de profissionais especializados em áreas técnicas. Essa carência tem levado algumas empresas a importar técnicos, tecnólogos e engenheiros nessa primeira década do século 21. (BARBOSA, 2010, p. 245).

No Brasil, ao contrário da pós-graduação *stricto sensu*, as especializações, mesmo ligadas a instituições de ensino (regime disciplinar), ainda não dispõem de meios regulatórios satisfatórios que garantam estabilidade desse dispositivo do regime utilitário.

Para sobre esse julgamento as poucas menções sobre critérios regulatórios qualitativos dos cursos *lato sensu* contidas na Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e as tentativas do Conselho

Nacional de Educação da Câmara de Educação Superior em estabelecer, por meio de Projeto de Resolução, diferentes normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação *lato sensu* (BRASIL, 2005).

Nesse sentido, é possível afirmar o relativo baixo compromisso, em sentido estratégico, no desenvolvimento de políticas públicas em ciência e tecnologia na área de formação em recursos humanos na modalidade *lato sensu* (SBPC, 2011; BARBOSA, 2010). É possível encontrar no Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Ensino Superior (Cadastro e-MEC)<sup>83</sup> o registro de, aproximadamente<sup>84</sup>, 137.570 cursos de especialização *lato sensu* em todo Brasil, como representado na Tabela 10.

Tabela 10 - Quantitativo de cursos *lato sensu* – Brasil (2020)

ÁREA	ATIVOS	INATIVOS
EDUCAÇÃO	47046*	7471
SAÚDE E BEM-ESTAR	39853*	5690
NEGÓCIOS, ADMINISTRAÇÃO E DIREITO	38537*	7824
ENGENHARIA, PRODUÇÃO E CONSTRUÇÃO	3859	930
ARTES E HUMANIDADES	2767	743
COMPUTAÇÃO E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)	2724	982
SERVIÇOS	1237	341
AGRICULTURA, SILVICULTURA, PESCA E VETERINÁRIA	1124	442
CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E INFORMAÇÃO	294	39
CIÊNCIAS NATURAIS, MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA	127	3
PROGRAMAS BÁSICOS	2	1

\*Os referentes demonstrativos não são precisos em sua fonte documental (e-MEC), o que pode resultar em pequena margem de erro, para menos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Ciência da Informação tem potencial suficiente de figurar, por meio de cursos de pós-graduação *lato sensu*, principalmente, na área “Ciências Sociais, Jornalismo e Informação”. Mas, a característica interdominial desse campo disciplinar possibilita intersecções com temas periféricos de seu principal objeto, a informação.

<sup>83</sup> Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 mar. 2020.

<sup>84</sup> O portal apresentou até a data 14 de março de 2020 instabilidades na recuperação do número de cursos *lato sensu* ativos nas áreas de “Educação”, “Negócios, Administração e Direito” e “Saúde e Bem-Estar”.

Nesse sentido é possível entender, mesmo na perspectiva de um regime utilitário dessa área do conhecimento, a coexistência de regimes, não só com o disciplinar, como já foi demonstrada a relação de simbiose (disciplinar-utilitário), mas, também, em uma perspectiva de consolidação, a travessia do objeto da Ciência da Informação por áreas correlatas.

#### **4.2.2 As produções utilitárias dos bolsistas PQ em CI: circulações de uma ciência material**

Não só as instituições<sup>85</sup> são responsáveis pela presença de processos voltados ao regime utilitário da Ciência da Informação no Brasil, as ações dos agentes mostram-se fundamentais. Pontua-se que as próprias instituições nada mais são do que a materialização organizada, revestidas de relativa robustez, de diversas ações dos agentes científicos. A estabilidade das instituições é resultado de atividades individuais e/ou coletivas dos agentes. São essas ações que resultam, inclusive, no acúmulo de capital científico e respectivo reconhecimento das instituições e dos agentes.

Esta seção visa demonstrar a percepção das direções utilitárias (ciência material) presente na área de Ciência da Informação, por meio das ações dos bolsistas PQ dessa área (elite consagrada). Para fins de classificação adequada do termo 'produtos tecnológicos', segundo a CAPES (2019b, p. 40), "entende-se que uma produção que possua uma alta aplicabilidade, apresentará uma abrangência elevada, ou que poderá ser potencialmente elevada, incluindo possibilidades de replicabilidade". Para mensurar esses produtos, recorre-se ao CNPq, por meio da Plataforma Lattes – Currículo Lattes, que sugere padrões de registro sobre a vida pregressa e atual de pesquisadores.

É possível perceber no Currículo Lattes a reserva de espaço para o pesquisador registrar/expor produtos tecnológicos desenvolvidos, demonstrando, com isso, alinhamento entre as citadas instituições. Enquadram-se, nesse propósito, possibilidades de exposição de confecções de *softwares*, processos técnicos, cartas gráficas, maquetes, editorações, produtos com registros de patente ou não, por exemplo. Dessa maneira, para fins metodológicos desta pesquisa, em aderência ao

---

<sup>85</sup> Aqui reconhecidas não só como as universidades, departamentos, laboratórios, entre outros, mas também os cursos *stricto sensu* (modalidade profissional) e *lato sensu*.

referencial teórico apresentado e às categorias escolhidas para análise, foi realizado o levantamento dos registros de produtos tecnológicos realizados pelo grupo dos 83 bolsistas PQ em CI contidos na Plataforma Lattes.

A Tabela 11 apresenta as produções utilitárias de 30 bolsistas PQ em CI. Em especial, foi percebido que 13 produções foram realizadas em regime de coautoria, entre, no mínimo, dois bolsistas PQ [G. S. SALDANHA/R. F. SOUZA (um produto tecnológico); G. S. SALDANHA/R. M. MARTELETO (um produto tecnológico); G. S. SALDANHA/M. A. MOURA (um produto tecnológico); M. BRASHER/L. M. A. CAFÉ (uma produção técnica sem patente); P. L. V. A. C. SANTOS/S. B. A. G. VIDOTTI (nove produções técnicas sem patente)]. A descrição completa dessas produções utilitárias encontra-se no Apêndice E (Ano de Produção; Produto Tecnológico – Descrição; Coautoria; Coautoria – Grupo PQ).

Tabela 11 - Produções utilitárias dos 30 bolsistas PQ em Ciência da Informação  
(1981-2019)

(continua)

	PERÍODO	PRODUTOS TECNOLÓGICOS	PROGRAMAS DE COMPUTADOR - SEM PATENTE	INOVAÇÃO - PATENTES
A. BARRETO	2013	8	-	-
A. P. A. LOPEZ	2006-2014	-	2	2
B. V. CENDÓN	1999-2010	-	5	-
D. FLORES	1997-2019	135	54	-
E. B. M. VALIO	1997	1	-	-
E. FERNEDA	2001-2019	-	7	1
E. F. T. OLIVEIRA	1996	-	1	-
G. A. DIAS	2002-2015	-	1	1
G. S. SALDANHA	2005-2014	6	-	-
J. ROBREDO	1981-2005	2	6	-
L. ALVARENGA	1987-1990	2	-	-
L. S. BUFREM	2009	-	1	-
L. S. FREITAS	2014	1	-	-
L. M. A. CAFÉ	1989-2004	-	3	-
L. V. R. PINHEIRO	2003	1	-	-
M. A. AQUINO	2001	-	1	-
M. A. MOURA	2004-2015	7	5	-
M. L. A. CAMPOS	1987-2018	12	-	-
M. S. L. FUJITA	1990	-	1	-
M. BRASCHER	1989	-	1	-
M. B. ALMEIDA	2009-2013	-	6	-
N. Y. KOBASHI	2008-2009	-	1	1
N. E. ODDONE	2006	-	1	-
P. L. V. A. C. SANTOS	1991-2012	-	9	2
R. F. SOUZA	2013	1	-	-

				(conclusão)
<b>R. M. MARTELETO</b>	2007	1	-	-
<b>R. R. SOUZA</b>	2004-2013	-	4	-
<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>	1991-2016	-	44	-
<b>S. M. S. P. FERREIRA</b>	1998-2009	17	4	-
<b>V. M. KERN</b>	1998-2004	-	4	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisar as produções dos 83 bolsistas, verifica-se que o primeiro registro de produção tecnológica é percebido em 1981. É possível identificar na Tabela 11, em análise histórica, que, dos 30 bolsistas PQ, 13 pesquisadores apresentam uma marca de 191 produtos tecnológicos<sup>86</sup>, 21 bolsistas desenvolveram 155 programas de computador sem patente<sup>87</sup> e cinco registram sete patentes, sendo cinco do tipo Programa de Computador, um de Privilégio de Inovação e um de Marca Registrada de Produto<sup>88 89</sup>.

Vale notar ainda dois outros aspectos: 1) a liderança absoluta de um pesquisador na produtividade de bens utilitários em comparação aos demais (189 produções), e 2) sete patentes depositadas/registradas. Enquanto o primeiro fator pode ser interpretado como um agente de perfil acadêmico utilitário, o segundo, fator pode apresentar relação direta com a cultura científica estabelecida no Brasil com o passar dos anos, em que incentivos político-legais proporcionados à carreira docente privilegiaram diretamente o fortalecimento do regime disciplinar nas instituições bem como nas relações e natureza da produtividade docente.

Lembrando que a ativa produção e consumo desse regime está ligada à liberdade estabelecida entre a produção científica tecnológica e o domínio público ou privado. Uma política científica que dificulte o diálogo dos agentes e das instituições que produzem ciência com a iniciativa privada atrapalha os mecanismos de expansão do regime utilitário. Esse debate no Brasil não é novo (ROCHA NETO, 2010) e deve ser tratado com seriedade.

Atualmente, a política científica do Brasil vem lidando de forma preocupante com esse tema, como foi o caso da proposição do Ministério da Educação (MEC), no ano de 2019, do programa “Future-se” (MEC, 2019), em que, na promessa de aumentar a autonomia financeira das IES, estimulava a desigualdade mascarada de

<sup>86</sup> Foram identificadas produções em regime de coautoria entre pares PQ.

<sup>87</sup> Foram identificadas produções em regime de coautoria entre pares PQ.

<sup>88</sup> Essas informações foram coletadas e estão disponíveis na Plataforma Lattes desses pesquisadores.

<sup>89</sup> Período de registros: 1981-2019.

meritocracia e a entrega do potencial desenvolvimento de produções utilitárias das universidades públicas para iniciativa privada. Criticada amplamente pela sociedade a proposta não avançou na agenda política do governo Bolsonaro.

Como foi visto, é possível afirmar a coexistência do regime utilitário com o regime disciplinar. Fica evidenciado que esse sistema ainda sofre dependências quanto à autonomia plena, estando o regime disciplinar como seu principal aporte. Na conferência de credibilidade de seus mecanismos institucionais, dispositivos reguladores de estabilidade são ausentes.

#### 4.3 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O REGIME TRANSITÓRIO

Perceber as movimentações transitórias dos agentes científicos é o ato pretendido nesta subdivisão do estudo. O Apêndice F apresenta descrições relativas ao envolvimento dos 83 bolsistas PQ em CI (2001-2017) com grupos de pesquisa registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP).

As correlações envolvidas nesta parte do estudo são complexas e envolvem quantitativos expressivos. Para a análise do regime transitório foram investigados: 83 bolsistas; 133 grupos de pesquisas (e respectivas lideranças); 233 linhas de pesquisa; cinco grandes áreas do conhecimento e 16 áreas do conhecimento.

Em relação às 233 linhas de pesquisa, foi realizado um tratamento conceitual no intuito de apreender as temáticas de investigação realizadas nesses grupos de pesquisa. Esse tratamento teve o intuito de identificar a transitoriedade e validação de conceitos da Ciência da Informação, visto que “o que traz a uma palavra o *status* de conceito, em muitos casos, é o campo no qual ela se encontra” (BARROS, 2016, p. 29, grifo do autor). Ou seja, neste aspecto do regime transitório, verificou-se a tentativa de bolsistas PQ em CI em levar e validar conceitos, reconhecidamente da Ciência da Informação<sup>90</sup>, para outros campos disciplinares (GIDDENS; SUTTON, 2017).

Tomando a área de Ciência da Informação como núcleo, classificou-se como transitoriedade exógenas a presença e potencial movimentação de pesquisadores PQ das Ciências Sociais Aplicadas/Ciência da Informação para outras Grandes Áreas do Conhecimento e como endógenos a presença e potencial movimentação de

---

<sup>90</sup> Foi estabelecido como parâmetro as ementas dos Grupos de Trabalhos da ANCIB e o índice de palavras-chave da BRAPCI, em que constam os reconhecidos conceitos da área. Disponível em: <<https://www.ancib.org.br/menu-lateral/ancib-25-anos>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

pesquisadores PQ dentro da própria Grande Área das Ciências Sociais Aplicadas, contudo, em diferentes Áreas. Verificou-se, dessa forma, transitoriedades exógenas, endógenas e suas respectivas ligações com o núcleo, no caso, a área de Ciência da Informação.

A plataforma DGP possibilitou a consulta direta dos dados sobre os grupos de pesquisa (identificação dos grupos; linhas de pesquisa; áreas predominantes). A partir dessa investigação, foi possível, frente ao desafio de visualizar e entender o regime transitório, iniciar processos de organização e representações desses dados. Indica-se o êxito metodológico de investigação empreendida ao perceber a existência de relações profícuas de transitoriedade exógenas e endógenas ao campo disciplinar da Ciência da Informação, como demonstrado no Quadro 11.

Quadro 11 - Transitoriedades Exógenas e Endógenas

TRANSITORIEDADE	GRANDE ÁREA	ÁREA	BOLSISTA PQ
<b>E X O G E N A</b>	Ciências da Saúde	Saúde Coletiva	D. P. <b>NORONHA</b>
		Medicina	D. A. M. A. <b>POBLACIÓN</b> M. B. <b>ALMEIDA</b>
		Enfermagem	R. M. <b>MARTELETO</b>
	Ciências Exatas e da Terra	Matemática	R. R. <b>SOUZA</b>
	Ciências Humanas	Antropologia	M. A. <b>ALMEIDA</b> V. L. D. L. M. <b>DODEBEI</b>
		Educação	G. A. <b>DIAS</b> L. S. <b>BUFREM</b> M. C. P. I. <b>HAYASHI</b> M. A. <b>AQUINO</b> T. <b>FRÓES BURNHAM</b>
		Psicologia	E. G. D. <b>ORRICO</b> R. M. <b>PIMENTA</b> V. L. D. L. M. <b>DODEBEI</b>
		Sociologia	M. C. P. I. <b>HAYASHI</b>
		Linguísticas, Letras e Artes	Linguística
	<b>E N D O G E N A</b>	Ciências Sociais Aplicadas	Administração
Comunicação			B. <b>FADEL</b> G. M. <b>RODRIGUES</b> M. A. <b>MOURA</b> S. A. S. <b>VANZ</b> S. E. <b>CAREGNATO</b> W. C. S. <b>VERGUEIRO</b>
Economia			B. <b>FADEL</b> R. R. <b>SOUZA</b>
Museologia			L. V. R. <b>PINHEIRO</b>
Planejamento Urbano e Regional			R. M. <b>MARTELETO</b> R. M. <b>PIMENTA</b>
Serviço Social			Z. L. C. <b>OLIVEIRA</b>

Fonte: Elaborado pelo ator.

As movimentações de transitoriedade exógenas são marcadas com a percepção de movimentação e presença de 14 dos 83 bolsistas PQ em Ciência da Informação em outras Grandes Áreas do Conhecimento (Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas; Linguísticas, Letras e Artes) nas Áreas de Saúde Coletiva, Medicina, Enfermagem, Matemática, Antropologia, Educação, Psicologia, Sociologia, Linguística.

Foram percebidos movimentos transitórios endógenos (Ciências Sociais Aplicadas) em 13 dos 83 bolsistas PQ selecionados para o estudo. As Áreas do Conhecimento que possibilitam o compartilhamento são Administração, Comunicação, Economia, Museologia, Planejamento Urbano e Regional e Serviço Social.

O Quadro 12 detalha uma importante característica dos movimentos de transitoriedade, que seria, mesmo diante a tentativa de transitar em outros campos disciplinares, permanecer com laços nucleares, ou seja, possuindo presença em grupos de pesquisa da Ciência da Informação.

Fora desses três grupos (exógeno, endógeno e nuclear) figuram 10 pesquisadores que não apresentam relações com nenhum grupo de pesquisa registrado no DGP (C. H. M. ALMEIDA; E. I. MURGUIA; E. B. M. VALIO; H. KURAMOTO; J. ROBREDO; L. ALVARENGA; M. OLIVEIRA; S. G. BAPTISTA; S. M. S. P. FERREIRA; V. S. M. BERAQUET). É preciso, contudo, uma análise mais precisa desses dados, afinal, a análise diacrônica desses bolsistas acaba lidando com diversos perfis, alguns, inclusive, que não estão mais ativos, mas que tiveram relevante contribuição na formação do campo disciplinar da Ciência da Informação.

Quadro 12 - Percepção nuclear e transitória de bolsistas PQ em CI

	EXÓGENO	ENDÓGENO	NUCLEAR
<b>B. FADEL</b>	--	X	X
<b>D. A. M. A. POBLACIÓN</b>	X	--	--
<b>D. P. NORONHA</b>	X	--	--
<b>E. G. D. ORRICO</b>	X	--	X
<b>G. A. DIAS</b>	X	--	X
<b>G. M. RODRIGUES</b>	--	X	X
<b>L. S. BUFREM</b>	X	--	X
<b>L. V. R. PINHEIRO</b>	--	X	X
<b>M. A. ALMEIDA</b>	X	--	X

M. A. AQUINO	X	--	--
M. A. MOURA	--	X	X
M. B. ALMEIDA	X	--	X
M. C. P. I. HAYASHI	X	--	X
M. L. P. VALENTIM	--	X	X
R. M. MARTELETO	X	X	X
R. M. PIMENTA	X	X	X
R. N. M. SANTOS	--	X	X
R. R. SOUZA	X	X	X
S. A. S. VANZ	--	X	X
S. E. CAREGNATO	--	X	X
T. FRÓES BURNHAM	X	--	X
V. L. D. L. M. DODEBEI	X	--	X
W. C. S. VERGUEIRO	--	X	X
Z. L. C. OLIVEIRA	--	X	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foi notado no Quadro 12 que três pesquisadores realizaram movimentos endógenos, exógenos e nucleares (R. M. MARTELETO; R. M. PIMENTA; R. R. SOUZA). Também foi percebido que quatro bolsistas PQ em CI estabelecem vínculo exógenos ou endógenos, mas não apresentam relações nucleares (D. A. M. A. POBLACIÓN; D. P. NORONHA; M. A. AQUINO; Z. L. C. OLIVEIRA). Mesmo sendo um número ínfimo, considera-se o programa de bolsas de produtividade um dos maiores incentivos responsáveis por avanços qualitativos na pós-graduação. Questiona-se, com isso, a falta de ligação mínima desses pesquisadores PQ com a CI em grupos de pesquisa devidamente cadastrados. Para esse questionamento, deve-se considerar, por exemplo, o impacto de indicadores científicos para a área que possam proporcionar maior estabilidade para o campo disciplinar da Ciência da Informação e suas respectivas instituições. Mais uma vez é preciso uma análise mais aprofundada dessas informações, como mencionado anteriormente, a análise diacrônica desses bolsistas acaba lidando com diversos perfis, inclusive, com pesquisadores que não estão mais ativos.

Criando parâmetros qualitativos na investigação de movimentos transitórios, foi estabelecida a percepção de conceitos comuns à CI e a classificação de dois movimentos realizados pelos bolsistas PQ: i) movimento transitório centrípeto, ou seja, que se aproxima do núcleo Ciência da Informação; ii) movimento transitório centrífugo, que vai em direção oposta ao núcleo Ciência da Informação. As

perspectivas teóricas de apoio para o estudo do regime transitório, bem como as respectivas conceituações e percepções dos movimentos centrífugos e centrípetos serão tratadas nas seções a seguir.

#### **4.3.1 A Ciência da Informação, os conceitos e o regime transitório**

Visou-se qualificar o movimento transitório em duas frentes: i) a presença de bolsistas PQ em CI em grupos de pesquisas de áreas periféricas à Ciência da Informação, mas ainda dentro do grupo das Ciências Sociais Aplicadas e a presença de bolsistas em CI em outras grandes áreas do conhecimento; ii) identificação de transitoriedade de conceitos da Ciência da Informação (análise dos registros em linhas de pesquisa dos grupos do DGP).

Em perspectiva teórica, recorreu-se aos estudos semióticos, por meio da dicotomia língua e fala, proposta por Saussure (2006), e da dimensão social de uma língua comum, proposta por Greimas (1981). Complementares, esses estudos de semiologia indicam a linguagem<sup>91</sup> como um dos fundamentos da sociedade humana e como um instrumento utilizado pelo indivíduo capaz de enquadrar atos, vontades, projetos (CARMELO, 2003). Estando a linguagem como um sistema social e essencial aos indivíduos, e aqui estão sujeitos os agentes científicos, ela, a língua, “[...] apresenta-se como um sistema preexistente, uma instituição social que acumulou historicamente uma série de valores e sobre a qual, em princípio, o indivíduo não tem nenhuma ascendência enquanto indivíduo” (COELHO NETTO, 2014, p. 16).

Mas, como pontua Greimas (1981), a coercitividade é papel da Gramática e não da linguagem. Mesmo a fala sendo um ato individual de utilização da linguagem é ela quem atualiza e dá existência concreta da linguagem. As relações dialéticas presentes entre linguagem e fala não são fechadas, ou seja, “[...] a fala formula a língua e é simultaneamente formulada por esta” (COELHO NETTO, 2014, p. 18).

Neste sentido, emerge o entendimento do uso dos conceitos no campo científico. O campo disciplinar da Ciência da Informação não está inerte. Como ciência social, está envolvida nas inúmeras e sensíveis questões sociais e aplicadas de seu objeto de estudo. A revisão, ou até mesmo criação de outros conceitos, não é

---

<sup>91</sup> Barthes (2007) colocava língua e linguagem, praticamente, no mesmo patamar.

característica exclusiva dessa área e já acontece em outros campos disciplinares, como, por exemplo, a Sociologia (BARROS, 2016; GIDDENS; SUTTON, 2017).

O léxico conceitual da Ciência da Informação está ligado a coexistência viva dos regimes tratados neste trabalho. Para esses conceitos se manterem pulsantes no campo disciplinar da CI são necessárias estruturas plurais, dinâmicas e realistas minimamente consolidadas de aportes disciplinares, utilitários, transitórios e transversais. Ou seja, esses regimes garantem a vida de um campo disciplinar, pois são eles que irão sugerir, revisar, validar uma língua viva entre seus pares cientistas e a sociedade, ora por meio da presença de instituições, ora por meio das ações e movimentações dos agentes científicos.

O repertório conceitual da Ciência da Informação é vasto e de natureza interdominial. A Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) estabelece e atualiza as discussões conceituais voltadas a área da CI. Os programas de pós-graduação e os encontros nacionais da pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) proporcionam movimentos de sugestão, revisão e validação conceitual de uma língua comum entre pesquisadores envolvidos com a CI. Outros eventos científicos também cumprem esse papel sugestivo e de abertura conceitual, contudo são experiências voltadas a subáreas específicas do conhecimento, como é o caso da *International Society for Knowledge Organization* (organização do conhecimento), e seu respectivo capítulo no Brasil, e do Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria (estudos métricos).

A edição número XX do ENANCIB proporcionou um repertório conceitual amplo, potencialmente capaz de movimentar e/ou possibilitar perspectivas teóricas e aplicadas do conhecimento produzido, ou em produção, na área. O Quadro 13 detalha o repertório conceitual contido nas ementas dos GTs. Esses conceitos são explorados nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação em todo Brasil e anualmente são trazidos à revisão por meio do Fórum dos Coordenadores dos Grupos de Trabalhos promovido pela ANCIB.

Quadro 13 - Repertório conceitual dos Grupos de Trabalho (XX ENANCIB)

GRUPO DE TRABALHO	REPERTÓRIO CONCEITUAL
<p><b>GT 1</b> <i>Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação</i></p>	<p>Ciência da Informação; Estudos históricos; Estudos epistemológicos; Campo científico; Questões históricas; Questões epistemológicas; Informação (objeto de estudo); Disciplinaridade; Interdisciplinaridade; Transdisciplinaridade</p>
<p><b>GT 2</b> <i>Organização e Representação do Conhecimento</i></p>	<p>Teorias, Metodologias e Práticas; Organização e Preservação; Documentos; Informação; Conhecimento registrado; Conhecimento socializado; Ambiências informacionais; Arquivos; Museus; Bibliotecas; Processos, Produtos e Instrumentos; Representação do conhecimento; Tecnologias de informação; Interdisciplinaridade; Transdisciplinaridade; Políticas de organização e preservação; Memória institucional</p>
<p><b>GT 3</b> <i>Mediação, Circulação e Apropriação da Informação</i></p>	<p>Processos e Relações; Mediação; Circulação; Apropriação; Informação; Campo científico; Ciência da Informação; Interdisciplinaridade; Transdisciplinaridade</p>
<p><b>GT 4</b> <i>Gestão da Informação e do Conhecimento</i></p>	<p>Gestão de ambientes; Sistemas informacionais; Unidades informacionais; Serviços informacionais; Produtos de informação; Recursos informacionais; Fluxos, Processos, Usos e Usuários de informação; Gestão; Gestão do conhecimento; Ciência da Informação; Aprendizagem organizacional; Marketing; Informação; Monitoramento ambiental; Inteligência competitiva; Redes; Tecnologias de informação e comunicação; Gestão da informação</p>
<p><b>GT 5</b> <i>Política e Economia da Informação</i></p>	<p>Políticas de informação; Regimes de informação; Informação, Estado e Governo; Propriedade intelectual; Acesso à informação; Economia política; Informação e Comunicação; Produção colaborativa; Poder, Ativismo e Cidadania; Conhecimento, Aprendizagem e Inovação; Ética (informação); Informação e ecologia</p>
<p><b>GT 6</b> <i>Informação, Educação e Trabalho</i></p>	<p>Trabalho informacional; Atores, Cenários e competências (trabalho informacional); Organização, Processos e Relações de trabalho; Unidades de informação; Sociedade do Conhecimento, Tecnologia e Trabalho; Saúde, Mercado de trabalho e Ética; Profissões da informação; Perfis de educação; Campo informacional; Formação profissional; Campos disciplinares; Paradigmas educacionais; Estudo comparado (modelos curriculares)</p>
<p><b>GT 7</b> <i>Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia &amp; Inovação</i></p>	<p>Estudos teóricos, Aplicados e Metodológicos; Produção, Comunicação e Uso da informação; Ciência, Tecnologia e Inovação; Processos de comunicação, Divulgação e Análise; Formulação de indicadores; Planejamento, Avaliação e Gestão (CT&amp;I)</p>
<p><b>GT 8</b> <i>Informação e Tecnologia</i></p>	<p>Estudos teórico-práticos; Pesquisas teórico-práticas Tecnologias de informação e comunicação; Geração, representação, armazenamento, recuperação, disseminação, uso, gestão, segurança e preservação (processos); Informação; Ambientes digitais</p>

<b>GT 9</b> <i>Museu, Patrimônio e Informação</i>	Museu; Patrimônio; Informação; Patrimônio musealizado
<b>GT 10</b> <i>Informação e Memória</i>	Ciência da Informação; Memória Social; Transdisciplinaridade; Informação; Memória; Memória coletiva; Coleções; Coleccionismo; Discurso; Representações sociais; Conhecimento; Arte, Cultura, Tecnologia, Informação e Memória; Contemporaneidade; Preservação; Virtualização
<b>GT 11</b> <i>Informação &amp; Saúde</i>	Teorias, Métodos, Estruturas e Processos informacionais; Saúde; Informação, Tecnologias e Inovação; Informação; Organizações de Saúde; Informação, Saúde e Sociedade; Políticas de informação em Saúde; Formação, Capacitação e Informação em Saúde

Fonte: Elaborado pelo autor.

Seguindo o pensamento de Barros (2016, p. 26-27), admite-se as pretensões científicas e/ou filosóficas contidas nesses conceitos, entendendo que:

Os conceitos sempre implicam discussões entre os seus praticantes, comportando escolhas derivadas de demandas específicas. Eles movimentam ou possibilitam perspectivas teóricas, e reaparecem com frequência nos trabalhos produzidos pelos pesquisadores e pensadores do campo passando a integrar certo repertório conceitual. Os conceitos são pontos de apoio sistemáticos para um tipo de conhecimento a ser produzido no interior de um campo específico de reflexões.

Verifica-se, com base no entendimento do regime transitório (SHINN, 2008b; SHINN; RAGOUET; 2008), por meio das movimentações centrípetas e centrífugas, a identificação de tentativas de validação de conceitos da CI em outras arenas de legitimação científica.

#### **4.3.2 O regime transitório: a percepção de movimentos centrípetos e centrífugos**

Tendo os movimentos dos agentes científicos da Ciência da Informação como ponto referencial, é estabelecida aqui, apropriando-se de conceitos da Física, uma analogia a movimentações transitórias. Em linhas gerais, os movimentos centrípetos são classificados como tendências (forças) que aproximam trajetórias para o centro. No caso das movimentações centrífugas, as tendências (forças) são de afastamento

do ponto referencial, nos dois casos, a analogia é feita com a área da Ciência da Informação.

Por meio da observação dos registros de grupos de pesquisa contidos no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), as análises dos movimentos centrípetos e centrífugos partiram, com a verificação de dois pontos: i) a participação do bolsista PQ em grupos de pesquisa; ii) a atuação específica do bolsista PQ em linhas de pesquisa; iii) a possível liderança do bolsista PQ no grupo.

Essas verificações, em primeiro momento, ajudam a identificar dois movimentos específicos: movimentos intencionais, que acusam a participação, a atuação, a colaboração e a '*liderança*'; e movimentos colaborativos, que apontam a participação, a atuação e a '*colaboração*' (convidada e/ou voluntária). Reafirmando a diferença desses movimentos, é verificado que o fator da '*liderança*' do bolsista PQ no grupo de pesquisa fora da área Ciência da Informação é determinante para considerar que o movimento transitório é/foi deliberado, diferente dos movimentos de participação e atuação '*colaborativos*', efetivados, exclusivamente, por meio de convites e/ou participação voluntária, a partir da anuência do líder do grupo de pesquisa.

O estudo dos movimentos transitórios contribui com o entendimento da complexa rede responsável pela institucionalização científica do campo disciplinar da Ciência da Informação. As Grande Áreas e as Áreas de predominância, neste caso específico, estão alinhadas às classificações do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico<sup>92</sup>. O CNPq estabelece oito grandes áreas, 82 áreas e 359 subáreas do conhecimento<sup>93</sup>.

#### *4.3.2.1 Os movimentos centrífugos e a presença de conceitos comuns à Ciência da Informação*

Os movimentos centrífugos são, exclusivamente, percepções de transitoriedade exógenas de agentes, ou seja, para fora da Grande Área das Ciências Sociais Aplicadas. Do grupo de 83 bolsistas PQ em CI, 14 estabelecem laços e trocas com outras Grandes Áreas do Conhecimento, ou seja, trajetórias centrífugas

---

<sup>92</sup> As classificações de predominância de Grandes Área e Áreas diferem, por exemplo, das adotadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>93</sup> Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

exógenas. Ciências da Saúde (Medicina; Saúde Coletiva; Enfermagem), Ciências Exatas e da Terra (Matemática), Ciências Humanas (Antropologia; Educação; Psicologia; Sociologia) e Linguística, Letras e Artes (Linguística) foram as Grandes Áreas que estabeleceram presença/trocas de conhecimento com a Ciência da Informação. O Quadro 14 apresenta as movimentações centrífugas, trazendo a identificação dos bolsistas, dos grupos de pesquisa (Grande Área e Área) e o fator liderança (movimentos intencionais ou colaborativos).

Quadro 14 - Movimentações transitórias centrífugas

BOLSISTA	GRUPO DE PESQUISA	LÍDER
<b>- CIÊNCIAS DA SAÚDE -</b>		
<b>SAÚDE COLETIVA</b>		
<b>D. P. NORONHA</b>	Comunicação Científica em Saúde Pública	N
<b>MEDICINA</b>		
<b>D. A. M. A. POBLACIÓN</b>	Núcleo de Comunicação Científica em Ciências da Saúde – NCCCS	S
<b>M. B. ALMEIDA</b>	Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em HTLV (GIPH)	N
<b>ENFERMAGEM</b>		
<b>R. M. MARTELETO</b>	Configurações do Trabalho de Saúde e Enfermagem: Processos, Redes Sociais e Formação	N
<b>- CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA -</b>		
<b>MATEMÁTICA</b>		
<b>R. R. SOUZA</b>	Núcleo de Análise e Modelagem de Dados	S
<b>- CIÊNCIAS HUMANAS -</b>		
<b>ANTROPOLOGIA</b>		
<b>M. A. ALMEIDA</b>	Grupo de Estudos de Práticas Culturais Contemporâneas	N
<b>V. L. D. L. M. DODEBEI</b>	Memória, Cultura e Patrimônio	N
<b>EDUCAÇÃO</b>		
<b>G. A. DIAS</b>	Cultura Digital e Educação	N
<b>L. S. BUFREM</b>	Didática, Práticas Escolares e Publicações Didáticas	N
<b>M. C. P. I. HAYASHI</b>	Promoção do Desenvolvimento Infantil no Contexto da Vida Familiar e da Escola	S
	Conhecimento e Produção Científica em Educação	S
	História, Sociedade e Educação no Brasil: HISTEDBR/UFSCar	N
<b>M. A. AQUINO</b>	Grupo de Estudos Formando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientistas (GEINCOS)	N

<b>T. FRÓES BURNHAM</b>	Epistemologia do Educar e Práticas Pedagógicas	N
<b>PSICOLOGIA</b>		
<b>E. G. D. ORRICO</b>	O Ato de Educar e suas Incidências no Campo da Criminalidade	N
<b>R. M. PIMENTA</b>	Individuação, Subjetividade e Criação	N
<b>V. L. D. L. M. DODEBEI</b>	O Ato de Educar e suas Incidências no Campo da Criminalidade	N
<b>SOCIOLOGIA</b>		
<b>M. C. P. I. HAYASHI</b>	Núcleo de Estudos Sociais da Ciência, Tecnologia, Inovação	S
<b>- LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES -</b>		
<b>LINGUÍSTICA</b>		
<b>R. R. SOUZA</b>	Interfaces Linguagem, Cognição e Cultura – INCOGNITO	N

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por meio da percepção do fator liderança, movimentos intencionais centrífugos foram percebidos nas seguintes Grandes Áreas: Ciências da Saúde – Medicina (D. A. M. A. POBLACIÓN); Ciências Exatas e da Terra – Matemática (R. R. SOUZA); Ciências Humanas – Educação e Sociologia (M. C. P. I. HAYASHI). Sendo intencional a trajetória transitória centrífuga desses agentes PQ percebidos no Quadro 14, torna-se emergente o conhecimento dos conceitos trabalhados por eles nos distintos campos disciplinares. Incluídos nesse ritmo, os movimentos de colaboração, também demandam análises conceituais que esclareçam possíveis movimentações transitórias profícuas entre campos disciplinares distintos.

O Quadro 15 apresenta as linhas de pesquisa de atuação dos três bolsistas PQ em CI com movimentações transitórias centrífugas intencionais. Nessas linhas, verifica-se a evocação de conceitos comuns à Ciência da Informação, estabelecendo relações transitórias. Percebe-se a Ciência da Informação em expansão para outras Grandes Áreas, devido a movimentos transitórios que podem promover receptivas trocas e contribuições. Vale notar que os grupos de pesquisa não estão registrados na Grande Área das Ciências Sociais Aplicadas/Ciência da Informação, porém é notório nos registros conceituais, presentes nas linhas de pesquisa das áreas de Ciências da Saúde, de Ciências Humanas e de Ciências Exatas e da Terra, a intenção de validação de conceitos comuns à Ciência da Informação.

Quadro 15 - Movimentações transitórias centrífugas intencionais: linhas de pesquisa e conceitos

INTENCIONAIS				
BOLSISTA	ÁREA	LINHAS	CONCEITOS	CI (ANCIB/ BRAPCI)
D. A. M. A. POBLACIÓN	Medicina	Comunicação Científica em Ciências da Saúde	comunicação científica; ciências da saúde	comunicação científica
		Comunicação Científica em Cirurgia	comunicação científica; cirurgia	comunicação científica
R. R. SOUSA	Matemática	Análise de Dados Jurídicos	dados jurídicos	--
		Processamento de Linguagem Natural	processamento; Linguagem Natural	processamento; linguagem natural
		Análise de Mídia Textualmente Orientada	mídia textualmente orientada	--
M. C. P. I. HAYASHI	Educação	Programas de Intervenção com educadores/professores para promoção do ambiente escolar	intervenção; educadores/professores; ambiente escolar	--
		Análise bibliométrica e metanálise do conhecimento na interface saúde-educação	bibliometria; metanálise do conhecimento; saúde-educação	bibliometria
		Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas a Educação	tecnologias da informação e comunicação; educação	tecnologias da informação e comunicação
		Análise da produção científica em educação	produção científica; educação	produção científica
		Conhecimento científico em educação a distância	conhecimento científico; educação a distância	--
	Sociologia	Ciência, Tecnologia e Governo Eletrônico	ciência; tecnologia; governo eletrônico	ciência, tecnologia
		Expertise científica e <i>think tanks</i>	expertise científica; <i>think tanks</i>	--
		Participação feminina na Ciência e Tecnologia	participação feminina; ciência e tecnologia	ciência e tecnologia
		Cooperação Internacional em C&T	cooperação internacional; ciência e tecnologia (C&T)	ciência e tecnologia (C&T)

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Quadro 16 demonstra as movimentações transitórias centrífugas colaborativas, apresentação das linhas de pesquisa dos grupos de pesquisa dos pesquisadores que realizaram esse tipo de ação e respectivo tratamento e análise de compatibilidade conceitual. Assim como nos movimentos centrífugos intencionais, verificam-se, nessas linhas de pesquisa, a evocação de conceitos comuns à Ciência da Informação. Configura-se, mais uma vez, a expansão de um campo disciplinar por meio de ações de agentes específicos (bolsistas PQ). Possibilidades interdominiais mostram-se possíveis entre áreas, podendo-se, inclusive, indagar questões de

pertencimento, como, por exemplo, o conceito de “linguística”, legítimo aos estudos da área de Linguística, mas, também fundamental aos estudos da Ciência da Informação. Com isso, é possível perceber influências da CI para outras áreas como também a emergência conceitual de outras áreas em relação à Ciência da Informação.

Quadro 16 - Movimentações transitórias centrífugas colaborativas: linhas de pesquisa e conceitos

COLABORATIVOS				
ÁREA	BOLSISTA	LINHAS	CONCEITOS	CI (ANCIB/ BRAPCI)
SAÚDE COLETIVA	D. P. NORONHA	NÃO POSSUI	NÃO POSSUI	NÃO POSSUI
MEDICINA	M. B. ALMEIDA	Ontologia aplicada à Biologia e Medicina	ontologia; biologia; medicina	ontologia
ENFERMAGEM	R. M. MARTELETO	Redes sociais no trabalho na Atenção Primária - estudos comparativos nacionais e internacionais	redes sociais; atenção primária; estudos comparativos	redes sociais
		Abordagem Interdisciplinar das Condições de Trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde	abordagem interdisciplinar; condições de trabalho; agentes comunitários de saúde	--
ANTROPOLOGIA	M. A. ALMEIDA	Diversidade cultural contemporânea e políticas culturais	diversidade cultural; contemporaneidade; políticas culturais	diversidade cultural; contemporaneidade; políticas culturais
		Imaginário e representações estéticas	imaginário estético; representações estéticas	imaginário estético; representações estéticas
		Cultura, Economia e novas tecnologias de informação e comunicação	cultura; economia; tecnologias da informação e comunicação	cultura; economia; tecnologias da informação e comunicação
	V. L. D. L. M. DODEBEI	A patrimonialização das diferenças: a dinâmica das "culturas" e os processos de patrimonialização	patrimonialização (patrimônio); cultura	patrimonialização (patrimônio); cultura
EDUCAÇÃO	G. A. DIAS	Gestão de Projetos educativos e Tecnologias Emergentes	gestão; projetos educativos; tecnologias emergentes	gestão; tecnologias emergentes

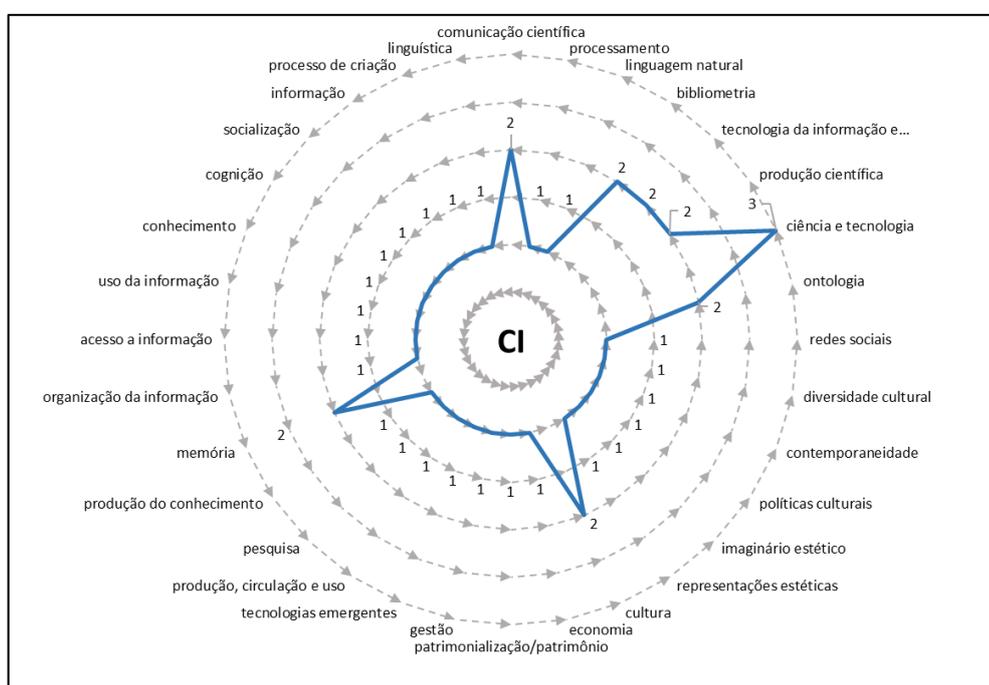
	<b>L. S. BUFREM</b>	Manuais escolares: produção, circulação e uso	manuais escolares; produção, circulação e uso	produção, circulação e uso
		Pesquisa e produção do conhecimento no campo educacional	pesquisa; produção do conhecimento; campo educacional	pesquisa; produção do conhecimento
	<b>M. C. P. I. HAYASHI</b>	Análises bibliométricas sobre a produção científica em Educação	bibliometria; produção científica; educação	bibliometria; produção científica
	<b>M. A. AQUINO</b>	Memória, organização, acesso e uso da informação	memória; organização da informação; acesso da informação; uso da informação	memória; organização da informação; acesso da informação; uso da informação
	<b>T. FRÓES BURNHAM</b>	CAOS - Conhecimento: Análise Cognitiva, Ontologia e Socialização	conhecimento; cognição; ontologia; socialização	conhecimento; cognição; ontologia; socialização
		Epistemologia Transdisciplinar da Complexidade – EpisTransComplex	epistemologia transdisciplinar; complexidade	--
<b>PSICOLOGIA</b>	<b>E. G. D ORRICO</b>	A construção da memória da educação prisional no estado do Rio de Janeiro	memória; educação prisional; Estado do Rio de Janeiro	memória
	<b>R. M. PIMENTA</b>	Subjetividade, Informação e Processos de Criação	subjetividade; informação; processo de criação	informação; processo de criação
	<b>V. L. D. L. M. DODEBEI</b>	A construção da memória da educação prisional no estado do Rio de Janeiro	memória; educação prisional; Estado do Rio de Janeiro	memória
<b>LINGÜÍSTICA</b>	<b>R. R. SOUZA</b>	Estudos linguísticos baseados em corpora	linguística; corpora	linguística

Fonte: Elaborado pelo autor

O Gráfico 5 ilustra a ocorrência dos conceitos considerados comuns à Ciência da Informação, tomando por base a participação, atuação e liderança dos bolsistas de produtividade selecionados para este estudo. Foram percebidas movimentações transitórias centrífugas de 14 bolsistas em 18 grupos registrados na Plataforma DGP.

Verificou-se atividade-vínculo em 31 linhas de pesquisa e dos 74 conceitos percebidos nessas linhas, 32 eram compatíveis ao repertório conceitual da Ciência da Informação. O parâmetro comparativo conceitual foi realizado por meio de consulta aos conceitos propostos pela ANCIB para confecção das ementas dos grupos de trabalhos (GTs) dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação e, como reforço, consulta de termos na Base de Dados Referencias de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI).

Gráfico 5 - Ocorrência dos conceitos comuns à CI em outras Grandes Áreas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisando os conceitos que apresentaram maior ocorrência ( $\geq 2$ ), percebeu-se que a maioria (50%) está voltada aos estudos métricos (comunicação científica; bibliometria; produção científica; ciência e tecnologia). As áreas que registraram a presença desses conceitos foram Educação, Sociologia e Medicina. Esse fator segue a afirmação indicada por Oliveira (2018, p. 53), em que é possível perceber que “as análises e avaliações que auxiliam o mapeamento e a visualização das atividades e produções científicas de um grupo, campo do conhecimento ou país vêm aumentando progressivamente”. Ainda segundo a autora, a produção científica vem sendo cada vez mais analisada, especialmente nas últimas décadas.

Ainda assim, vale salientar que nos grupos de pesquisa analisados, a presença de conceitos comuns à CI chega a 43,24% do total, ou seja, apresenta uma variedade de 32 conceitos. Como visto no Gráfico 5, a ocorrência é baixa (repetição do conceito), por exemplo, o conceito de “ciência e tecnologia” é o que detém maior ocorrência em diferentes linhas de pesquisa (três vezes, menos de 10%).

#### 4.3.2.2 Os movimentos centrípetos e a presença de conceitos comuns à Ciência da Informação

Complementares às análises dos movimentos transitórios centrífugos estão os movimentos transitórios centrípetos. Em uma perspectiva menor de distanciamento do núcleo (CI), esses movimentos continuam a fornecer uma melhor compreensão da complexa malha de movimentações dos agentes científicos e do tráfego e utilização de conceitos capazes de tornar dinâmica e realista o entendimento dos campos disciplinares e suas respectivas relações.

Os movimentos centrípetos dizem respeito às movimentações de transitoriedade endógenas, ou seja, mesmo fora do núcleo/centro (CI), estabelecem maior proximidade com a área da Ciência da Informação por estarem na mesma Grande Área, a saber, Ciências Sociais Aplicadas.

É possível perceber no Quadro 17 que dos 83 bolsistas PQ em CI, 13 estabeleceram movimentos centrípetos, aproximando do núcleo da Ciência da Informação áreas periféricas e semelhantes em contextos teóricos, epistemológicos, aplicados, situacionais e de objeto de estudo. Foi possível perceber movimentos centrípetos para CI nas áreas de Administração, Comunicação, Economia, Museologia, Planejamento Urbano e Regional e Serviço Social.

Quadro 17 - Movimentações transitórias centrípetas

BOLSISTA	GRUPO DE PESQUISA	LÍDER
<b>- CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS -</b>		
<b>ADMINISTRAÇÃO</b>		
<b>M. L. P. VALENTIM</b>	Dinâmica das micro e pequenas empresas	N
<b>R. N. M. SANTOS</b>	INNOVA+ Research Labs	N
<b>COMUNICAÇÃO</b>		
<b>B. FADEL</b>	Comunicação Organizacional, Inovação e Gestão (CIG) - UNESP	N

<b>G. M. RODRIGUES</b>	Ouvindo as ouvidorias do sistema prisional: Lei de acesso à informação, sociedade e cidadania	N
<b>M. A. MOURA</b>	Coragem - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero	N
<b>S. A. S. VANZ</b>	CECOM - Centro de Estudos do Campo da Comunicação	N
<b>S. E. CAREGNATO</b>	CECOM - Centro de Estudos do Campo da Comunicação	N
<b>W. C. S. VERGUEIRO</b>	Observatório de Histórias em Quadrinhos	S
<b>ECONOMIA</b>		
<b>B. FADEL</b>	GEDE - Grupo de Estudos de Desenvolvimento	N
<b>R. R. SOUZA</b>	Previsão de Probabilidades de falhas de Sinistros em Estruturas, Equipamentos e Circuitos das Redes de Distribuição Subterrâneas	N
<b>MUSEOLOGIA</b>		
<b>L. V. R. PINHEIRO</b>	Campo da Museologia: perspectivas teóricas e práticas, musealização e patrimonialização.	N
<b>PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL</b>		
<b>R. M. MARTELETO</b>	Rede de Políticas Públicas	N
	INCT - Rede de Política, Inovação e Desenvolvimento	N
<b>R. M. PIMENTA</b>	Perspectivas Interdisciplinares do Desenvolvimento Regional	N
<b>SERVIÇO SOCIAL</b>		
<b>Z. L. C. OLIVEIRA</b>	Núcleo de Políticas Públicas, Identidades e Trabalho	N

Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim como realizado no processo de análise dos movimentos centrífugos, procurou-se identificar os movimentos intencionais (participação, atuação/colaboração e 'liderança') e colaborativos (participação, atuação e 'colaboração') desses bolsistas. A verificação de atividade-vínculo em linhas de pesquisa e estudo de compatibilidade conceitual também se apresentam como uma etapa metodológica.

No estudo da transitoriedade centrípeta, percebe-se apenas um pesquisador estabelecendo movimentos intencionais, como demonstra o Quadro 18. Área historicamente próxima ao campo disciplinar da CI, verifica-se na área "Comunicação" a presença das atividades científicas (intencionais ou colaborativos) de agentes de capital científico reconhecido na Ciência da Informação.

Quadro 18 - Movimentações transitórias centrípetas intencionais: linhas de pesquisa e conceitos

INTENCIONAIS				
BOLSISTA	ÁREA	LINHAS	CONCEITOS	CI (ANCIB/ BRAPCI)
W. C. S. VERGUEIRO	COMUNICAÇÃO	Comunicação e Cultura	comunicação; cultura	comunicação; cultura

Fonte: Elaborado pelo autor.

O movimento intencional isolado do bolsista PQ agrega compartilhamentos voltados aos estudos da comunicação e da cultura (linha de pesquisa) aplicados a Histórias em Quadrinhos (grupo de pesquisa).

A leitura do repertório conceitual identificado no Quadro 19 revela, de fato, um movimento de inserção da Ciência da Informação com temáticas muito semelhantes em contextos teóricos, epistemológicos, aplicados, situacionais e de objeto de estudo. Metodologicamente, cabe frisar que alguns verbetes cabem, em discussão e definição, dentro de outro conceito (política>política pública, por exemplo).

Quadro 19 - Movimentações transitórias centrípetas colaborativas: linhas de pesquisa e conceitos

COLABORATIVOS				
ÁREA	BOLSISTA	LINHAS	CONCEITOS	CI (ANCIB/ BRAPCI)
ADMINISTRAÇÃO	M. L. P. VALENTIM	Proposição e teste do <i>Personal Knowledge Management</i> aplicado ao contexto de análise e emissão de parecer em órgãos públicos	<i>personal knowledge management</i> ; análise de parecer; emissão de parecer; órgãos públicos	<i>personal knowledge management</i>
		Propriedade Intelectual, Prospecção e Transferência Tecnológica	propriedade intelectual; prospecção tecnológica; transferência de tecnologia	propriedade intelectual; prospecção tecnológica; transferência de tecnologia
	R. N. M. SANTOS	Gestão de Sistemas e Tecnologias da Informação	gestão de sistemas; tecnologias da informação	gestão de sistemas; tecnologias de informação e comunicação/tecnologias de informação
COMUNICAÇÃO	B. FADEL	Gestão e mediação da Comunicação e da Informação	gestão da comunicação e da informação; mediação da comunicação e da informação	gestão da comunicação e da informação; mediação da comunicação e da informação
		Comunicação organizacional, Informação e Conhecimento	comunicação organizacional; informação; conhecimento	informação; conhecimento

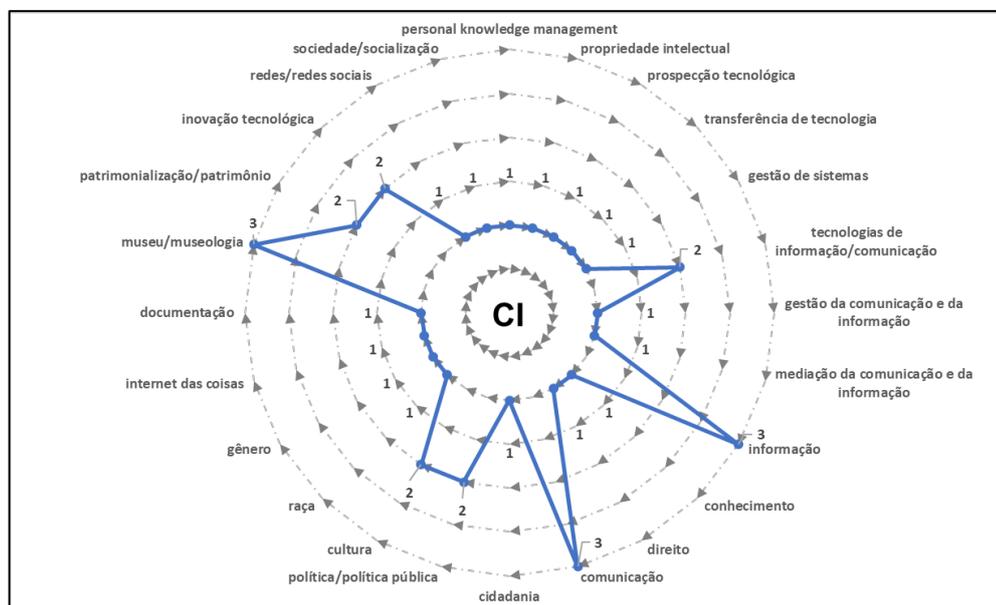
	<b>G. M. RODRIGUES</b>	Direito à comunicação e à informação e cidadania	direito; comunicação; informação; cidadania	direito; comunicação; informação; cidadania	
		Políticas de Comunicação e de Cultura	política; comunicação; cultura	política; comunicação; cultura	
	<b>M. A. MOURA</b>	Comunicação, raça e gênero	comunicação; raça; gênero	comunicação; raça; gênero	
	<b>S. A. S. VANS</b>	Campo da comunicação: produção e institucionalização	campo da comunicação	--	
		A formação em Comunicação	formação; comunicação	--	
	<b>S. E. CAREGNATO</b>	Campo da comunicação: produção e institucionalização	campo da comunicação	--	
		A formação em Comunicação	formação; comunicação	--	
	<b>ECONOMIA</b>	<b>B. FADEL</b>	Dinâmicas Territoriais e Desenvolvimento Regional	dinâmicas territoriais; desenvolvimento regional	--
		<b>R. R. SOUZA</b>	Impactos Regulatórios e Mercadológicos da Internet das Coisas e Aprendizado de Máquinas em Infraestrutura	impactos regulatórios; impactos mercadológicos; internet das coisas; aprendizado de máquinas; infraestrutura	internet das coisas
	<b>MUSEOLOGIA</b>	<b>L. V. R. PINHEIRO</b>	Documentação e Informação em Museologia e Patrimônio	documentação; informação; museu/museologia; patrimônio	documentação; informação; museu/museologia; patrimonialização/patrimônio
Inclusão social e Acessibilidade em Museus e Espaços Assemelhados			inclusão social; acessibilidade; museu/museologia	museu/museologia	
Museologia-Patrimônio: Relações Teóricas e Práticas com outros Campos do Conhecimento			museu/museologia; patrimonialização/patrimônio	museu/museologia; patrimonialização/patrimônio	
<b>PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL</b>	<b>R. M. MARTELETO</b>	Inovação tecnológica, redes e territórios	inovação tecnológica; redes; territórios	inovação tecnológica; redes/redes sociais	
		Política Pública, Inovação e Desenvolvimento	política pública; inovação e desenvolvimento	política/política pública; inovação	

	R. M. PIMENTA	Território e Desenvolvimento Sustentável	território; desenvolvimento sustentável	--
		Cultura e Sociedade	cultura; sociedade	cultura; sociedade/socialização
SERVIÇO SOCIAL	Z. L. C. OLIVEIRA	TICs, Trabalho, Gênero e Família	tecnologias de informação e comunicação; trabalho; gênero; família	tecnologias de informação e comunicação/tecnologias de informação;

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nessa análise dos movimentos centrípetos colaborativos, foi percebido uma variedade aproximada de 40 conceitos nas linhas de pesquisa que esses 13 bolsistas PQ em CI mantêm atividade-vínculo. Nesse conjunto, 24 conceitos são comuns ao campo disciplinar da Ciência da Informação, o que equivale a 60% de presença. O Gráfico 6 ilustra a ocorrência isolada dos conceitos julgados comuns à CI.

Gráfico 6 - Ocorrência dos conceitos comuns à CI em Áreas das Ciências Sociais Aplicadas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Verifica-se por meio da ocorrência representada no gráfico acima um espaço de troca e conquista, em que há, por parte dos 13 bolsistas PQ, uma movimentação da identidade do campo disciplinar da CI entre 13 grupos de pesquisa fora da Ciência da Informação, mas dentro das Ciências Sociais Aplicadas. Analisando os conceitos

de maior ocorrência ( $\geq 2$ ), percebeu-se uma maior variedade representativa, não ocorrendo um indicativo de reconhecimento referente a presença de determinado campo de estudo, como foi o caso dos estudos métricos nas movimentações transitórias centrífugas. É verificado, portanto, além da multiplicidade, o diálogo de conceitos comuns entre a CI e as áreas levantadas.

Em resumo, perceber movimentações requer o estudo das ações propostas pelos agentes científicos. Eles propõem às estruturas dos campos disciplinares (ações/agentes/instituições) “[...] a existência de uma linguagem comum mínima, inteligível pelos praticantes que desejam trocar informações para além de sua própria comunidade” (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 139). Dessa forma, considera-se que o regime transitório pode ser entendido como um sistema de trocas simbólicas, uma arena tênue de aceitação e negações de movimentos. Manter pulsante esse regime exige sensibilidade e insistência dos agentes científicos de ambos os lados, os que transitam e os que concedem as devidas permissões.

#### 4.4 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O REGIME TRANSVERSAL

Em estudos sobre regimes, em específico ao objeto informação, voltados diretamente sobre a relações entre economia, política e informação, González de Gómez (2002) evidencia imprevisibilidade contextuais envolvidas a esse conceito. Ao tratar do conceito regime, escopo e a abrangência de análise dependem da pluralidade de agentes, ações, recursos, processos e meios envolvidos. Com isso, como pontua a autora (2019, p. 138), fica claro a necessidade de “[...] delimitações conceituais e fatuais, tanto de domínio de construção de objeto como dos objetivos da pesquisa ou reflexão. O que é alvo de investigação excederá sempre os recortes de sua inscrição disciplinar e metodológica”.

Em concordância ao percebido por González de Gómez (2002), este trabalho assinalou como desafio a sensibilidade de percepção de diferentes características sobre os regimes de produção e comunicação relacionados ao campo disciplinar da Ciência da Informação (regime disciplinar, regime utilitário, regime transitório e regime transversal), respeitando pluralidades históricas e contextuais responsáveis por delimitar e caracterizar os respectivos escopos e abrangências das análises.

Estabelecendo como categorias de análises a formação e atuação profissional dos bolsistas PQ, a trajetória desses agentes científicos é entendida como um

potencial indicador de suas transições, suas aderências conceituais e natureza de suas respectivas produções. Essa seção da investigação percorre a linha metodológica de investigação das trajetórias transversais dos 83 bolsistas PQ selecionados para o estudo.

Como característica mostrada anteriormente no regime transitório, mesmo existindo a liberdade de movimentação, há naqueles deslocamentos, na maioria quase absoluta, a presença de fidelidade dos pesquisadores ao campo disciplinar de origem, no caso a CI. Esses movimentos geram contribuições pontuais de interesse individual ou coletivo de agentes científicos e/ou instituições. O regime transversal é semelhante ao regime transitório e, como explica Shinn e Ragouet (2008), teve suas percepções negligenciadas pelos estudiosos da ciência, muito provavelmente pela dificuldade de apreensão. É um regime que emerge das transições, das características genéricas das produções, dos conceitos-troncos e, de forma geral, devido à trajetória dos agentes.

No estudo das trajetórias dos bolsistas PQ em CI, desenvolve-se a tentativa de relacionar a influência transversal do passado no presente, pretendendo verificar, nos levantamentos, oscilações que demarquem a presença desses agentes em arenas intersticiais, ou seja, que suas identidades não estejam vinculadas permanentemente ao campo disciplinar da CI (SHINN; RAGOUET, 2008). Para isso, esta seção estabelece demandas de percepções referentes a: formações disciplinares (formação superior, *stricto sensu* e *lato sensu*); e a trajetória de atuação profissional.

#### **4.4.1 Formações disciplinares: formação superior, *stricto sensu* e *lato sensu* dos 83 bolsistas PQ em CI**

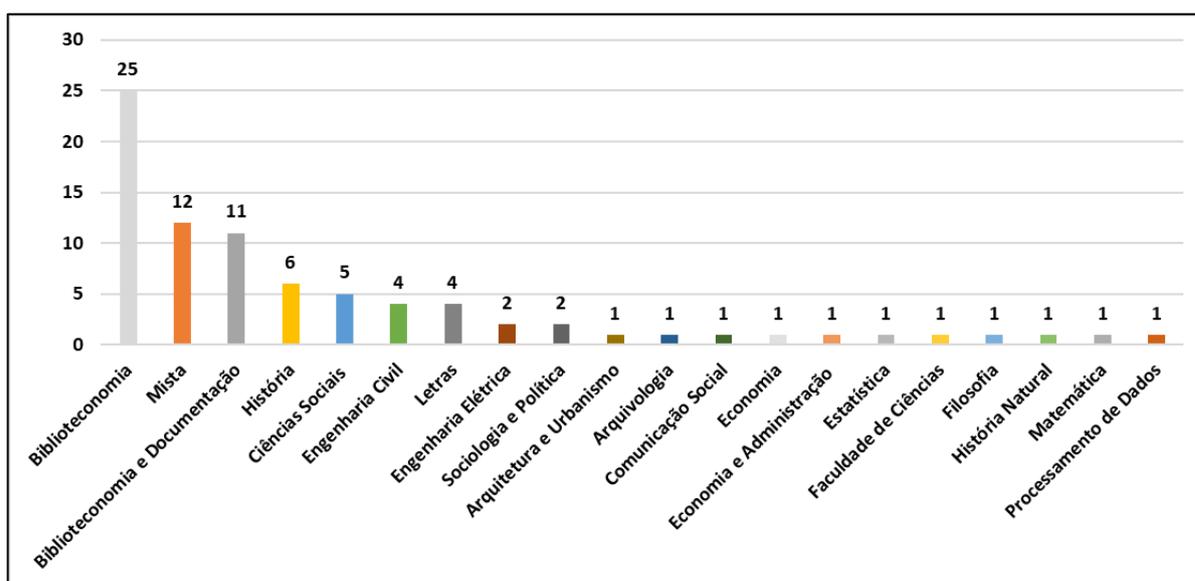
Em um contexto de trajetória, pensar a formação disciplinar de agentes científicos como característica de influência transversal é levar em consideração o fundamento da historicidade como responsável por eventos capazes de configurar e/ou emergir ações específicas. Isso significa afirmar que o entendimento da constituição da materialidade singular e múltipla percebida na ciência, em dado percurso da história, não deve ser entendido como fortuito, mas sim correlacionado às pressões regulares sofridas e reproduzidas pelos agentes científicos constituintes.

Estabelecendo como recorte de análise os 83 bolsistas PQ em CI (2001-2017), demonstra-se, primeiramente, a formação disciplinar inicial desses agentes. Trata-se

da percepção de trajetória de formação disciplinar histórica que pode servir de indicativo de contribuição transversal para a formação do campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil. Como fundamento, em consonância às leituras de Shinn (2008b) e Shinn e Ragouet (2008), verifica-se que os registros, pressões e adaptações históricas são autorreferentes à percepção da identidade e dinamicidade de um campo disciplinar. Ou seja, o presente e futuro da CI não se mostram desvinculados às marcas assinaladas no passado.

O Gráfico 7 detalha a área de formação superior (graduação) de 82 bolsistas PQ<sup>94</sup>. Mesmo diante de um vasto cenário de perfis de graduações encontrado na análise, destaca-se, majoritariamente, a formação superior desses agentes nas áreas de “Biblioteconomia” e “Biblioteconomia e Documentação”.

Gráfico 7 - Formação superior dos Bolsistas PQ em CI (2001-2017)



Fonte: Elaborado pelo autor

Essas percepções iniciais serviram para ajudar na identificação de trajetórias disciplinares lineares e intersticiais dos agentes científicos que hoje contribuem na consolidação do campo disciplinar da Ciência da Informação do Brasil. Neste trabalho, delinea-se o entendimento de *'linear'* as trajetórias dos agentes que se inserem no campo disciplinar da CI sem tensões relacionadas a formações disciplinares e a atuações profissionais passadas. Ou seja, trajetórias lineares são percepções de

<sup>94</sup> S. G. BATISTA apenas declarou o doutorado em Ciência da Informação (Currículo Lattes), dificultando, com isso, respectiva análise de trajetória disciplinar linear ou transversal.

caminhos que seguem um ordenamento regular e originário do campo da CI e suas respectivas bases. A trajetória *'intersticial'*, com isso, pode ser entendida pela existência de qualquer ponto de tensão, ou seja, algum indicativo de heterogeneidade presente na trajetória do agente científico constituinte do campo disciplinar da CI.

Demonstra-se no Gráfico 7 o número de bolsistas PQ que têm formação superior em mais de um curso, representados com o índice "Mista". Dos 12 bolsistas com formação mista, quatro pesquisadores têm, ao menos, uma formação em "Biblioteconomia" e três bolsistas tem, ao menos, uma formação em "Biblioteconomia e Documentação". O Quadro 20 identifica os 12 bolsistas que possuem mais de uma formação, bem como suas respectivas graduações.

Quadro 20 - Formações superiores mistas dos bolsistas PQ em CI

	GRADUAÇÃO PRIMÁRIA	GRADUAÇÃO SECUNDÁRIA
<b>B. FADEL</b>	História	Biblioteconomia
<b>E. F. T. OLIVEIRA</b>	Pedagogia	Matemática
<b>E. G. D. ORRICO</b>	Medicina	Letras
<b>G. A. DIAS</b>	Ciência da Computação	Direito
<b>J. A. C. GUIMARÃES</b>	Direito	Biblioteconomia
<b>L. S. BUFREM</b>	Biblioteconomia e Documentação	Filosofia
<b>M. G. TARGINO</b>	Biblioteconomia e Documentação	Comunicação
<b>M. F. G. M. TÁLAMO</b>	Linguística	Letras
<b>N. Y. KOBASHI</b>	Biblioteconomia	Jornalismo
<b>N. E. ODDONE</b>	Letras	Biblioteconomia
<b>R. M. MARTELETO</b>	Biblioteconomia	Letras
<b>R. R. G. SILVA</b>	Intendência da Marinha	História

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do cruzamento desses dados, foi possível iniciar a percepção de possíveis trajetórias disciplinares lineares e intersticiais dos bolsistas PQ estudados. Considerando a graduação e a carreira *stricto sensu*, percebe-se que 28% dos pesquisadores analisados (23 bolsistas PQ) detêm um afinamento único e específico na área de CI (lineares). Em uma análise microestrutural fechada do campo disciplinar da CI, argumenta-se que a representatividade desse grupo está associada diretamente aos conceitos de refração e retradução, responsáveis pela caracterização

de forças presentes no campo científico. Mesmo considerando que quanto mais estabelecido, estruturante e numeroso um grupo venha ser em um campo disciplinar mais as pressões de grupos minoritários podem ser adaptadas (BOURDIEU, 2004), nota-se aqui a presença de um núcleo duro, legítimo a esse campo disciplinar, detentor de capital simbólico específico para a determinação de regras e trocas entre pares lineares e intersticiais.

Nesse sentido, é possível entender esses números contextualizados nas afirmações vindas de Abdalla e Kobashi (2012, p. 56-57, grifo nosso):

A CI não tem uma única e bem delimitada origem, sendo construída sobre um conjunto de práticas, teorias e escolas diversas. [...] Ao se observar as suas especificidades, fica claro que, embora apresentem diferenças, convergem para um ponto em comum, **a centralidade dos processos de organização da informação, contido em documentos, para fins de acesso e apropriação sociais**. A Ciência da Informação se desenvolve associando distintos paradigmas. Vale lembrar que a Biblioteconomia valoriza os serviços de referência, isto é, a mediação entre pessoas e coleção. Obviamente, a Documentação, ao propor teorias e métodos para análise e síntese de conteúdos também está integrada ao acesso e à difusão de informação e conhecimento na sociedade.

Ou seja, mesmo a Ciência da Informação sendo receptiva, historicamente, aos diversos agentes, práticas, teorias e escolas, a convergência continua para processos de organização, gestão, acesso e apropriação da informação. No entanto, deve-se considerar a importância das colaborações de engajamentos intersticiais percebidas nas trajetórias disciplinares de outros agentes científicos incluídos nessa malha. É neste sentido que o regime transversal se aproxima, em partes, do regime transitório, pois são esses pesquisadores de trajetórias disciplinares consideradas não-lineares que respondem demandas específicas da Ciência da Informação, ou seja, modulando e contribuindo com maiores perspectivas para a área, em um contínuo movimento de revisão e atualização responsável pela identidade múltipla do campo disciplinar.

O Quadro 21 apresenta as trajetórias disciplinares lineares de bolsistas PQ selecionados para o estudo. São formações (graduação e *stricto sensu*) de um grupo de importância histórica específica que proporcionou/proporciona relativo vigor e identidade à área da Ciência da Informação no Brasil.

Quadro 21 - Trajetórias disciplinares lineares - 23 bolsistas PQ em CI

<b>TRAJETÓRIAS DISCIPLINARES LINEARES</b>			
	<b>GRADUAÇÃO</b>	<b>MESTRADO</b>	<b>DOCTORADO</b>
<b>C. C. ALMEIDA</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (UFSC)	Ciência da Informação (UNESP)
<b>D. A. M. A. POBLACIÓN</b>	Biblioteconomia	Ciências da Comunicação (USP)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>E. A. ARAÚJO</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (UFPB)	Ciências da Informação (UnB)
<b>E. J. SUAIDEN</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação ( <i>Universidad Complutense de Madrid</i> )
<b>G. S. SALDANHA</b>	Biblioteconomia	Ciências da Informação (UFMG)	Ciência da Informação (UFRJ)
<b>I. THIESEN</b>	Biblioteconomia e Documentação	Ciência da Informação (UFRJ)	Ciência da Informação (UFRJ)
<b>M. L. A. CAMPOS</b>	Biblioteconomia e Documentação	Ciência da Informação (UFRJ)	Ciência da Informação (UFRJ)
<b>M. Y. F. S. F. GOMES</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação e Comunicação ( <i>École des Hautes Études en Sciences Sociales</i> )	Ciência da Informação e Comunicação ( <i>École des Hautes Études en Sciences Sociales</i> )
<b>M. S. L. FUJITA</b>	Biblioteconomia	Ciências da Comunicação (USP)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>M. L. G. LARA</b>	Biblioteconomia e Documentação	Ciências da Comunicação (USP)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>M. BRASCHER</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (UnB)	Ciência da Informação (UnB)
<b>M. OLIVEIRA</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (UFRJ)	Ciência da Informação (UnB)
<b>M. L. P. VALENTIM</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (PUC - Campinas)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>M. F. V. CUNHA</b>	Biblioteconomia	<i>Information Scientifique (École des Hautes Études en Sciences Sociales)</i>	<i>Information Scientifique et Technique (Conservatoire National des Artes et Métiers)</i>
<b>R. F. SOUZA</b>	Biblioteconomia e Documentação	Ciência da Informação (IBICT)	Ciência da Informação ( <i>Polytechnic of North London</i> )
<b>S. A. S. VANZ</b>	Biblioteconomia	Comunicação e Informação (UFRGS)	Comunicação e Informação (UFRGS)
<b>S. E. CAREGNATO</b>	Biblioteconomia	<i>Information Management (University of Sheffield)</i>	<i>Information Studies (University of Sheffield)</i>
<b>S. A. AMARAL</b>	Biblioteconomia e Documentação	Ciência da Informação (UnB)	Ciência da Informação (UnB)
<b>S. M. S. P. FERREIRA</b>	Biblioteconomia e Documentação	Ciências da Comunicação (USP)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>S. P. M. MUELLER</b>	Biblioteconomia e Documentação	<i>Library Science (George Peabody College for Teachers Vanderbilt University)</i>	<i>Information Studies (University of Sheffield)</i>
<b>V. S. M. BERAQUET</b>	Biblioteconomia	Biblioteconomia ( <i>Loughborough University of Technology</i> )	Biblioteconomia ( <i>Loughborough University of Technology</i> )

<b>V. B. PINTO</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (UFMG)	<i>Sciences de L'information ete de la Communication (Université Stendhal-Grenoble-3-França)</i>
<b>W. C. S. VERGUEIRO</b>	Biblioteconomia	Ciências da Comunicação (USP)	Ciências da Comunicação (USP)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para fins de esclarecimento, historicamente, os programas de pós-graduação de Ciências da Comunicação (USP) e Comunicação e Informação (UFRGS) possuíam/possuem linhas de pesquisa que contemplavam/contemplam a área da CI. Por isso, para apreciação mais precisa desses dados foi necessária uma análise temática conceitual do título das teses e dissertações desses agentes científicos para considerar as formações *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em Ciências da Comunicação (USP) e Comunicação e Informação (UFRGS) como especialidades na área de Ciência da Informação. O esquema de conferência é apresentado no Quadro 22.

Quadro 22 - Apreciação temática e conceitual de teses e dissertações dos bolsistas PQ em CI: formação *stricto sensu* USP e UFRGS

	DISSERTAÇÃO	TESE	TEMA/CONCEITO (CI)
<b>D. A. M. A. POBLACIÓN</b>	Comunicação, informação e documentação na área de saúde com especial referência ao Brasil	Análise quantitativa da produção do corpo docente da área de saúde da USP	informação; documentação; produção científica
<b>M. S. L. FUJITA</b>	PRECIS na Língua Portuguesa: uma experiência com a indexação de artigos de periódicos brasileiros	Linguagem documentária em ontologia: uma aplicação do sistema de indexação PRECIS	indexação; periódicos; linguagem documentária; ontologia; sistema de indexação
<b>M. L. G. LARA</b>	A representação documentária: em jogo a significação	Representação e linguagem documentária: bases teórico-metodológicas	representação documentária; semiótica/significação; linguagem documentária
<b>M. L. P. VALENTIM</b>		Política nacional de informação para a produção de bases de dados em C&T: estabelecimento de critérios de avaliação	política científica em C&T; base de dados
<b>S. A. S. VANZ</b>	A produção discente em comunicação: análise das citações das dissertações defendidas nos programas de pós-graduação do Rio Grande do Sul	As redes de colaboração científica no Brasil	produção científica; análise de citação; rede de colaboração científica

<b>S. M. S. P.</b> <b>FERREIRA</b>	Serviço referencial: caracterização e conceituação	Redes eletrônicas e necessidades de informação: abordagem do <i>Sense-Making</i> para estudo de comportamento de usuários do Instituto de Física da USP	serviço referencial; redes eletrônicas; necessidade de informação; estudo de usuário
<b>W. C. S.</b> <b>VERGUEIRO</b>	Histórias em quadrinhos: seu papel na indústria de comunicação de massa	Bibliotecas públicas e transformação social: a contribuição do desenvolvimento de coleções	história em quadrinhos/livro; indústria cultural; bibliotecas públicas; coleções

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como percebido no Quadro 22, mesmo tendo formações nos referidos Programa de Pós-Graduação (Ciências da Comunicação/USP e Comunicação e Informação/UFRGS), existem indicativos de que a trajetória disciplinar seguida por esses agentes foi linear, ou seja, em obediência temática e conceitual à área da Ciência da Informação.

O Quadro 23 apresenta as trajetórias disciplinares intersticiais de 59 bolsistas PQ. Da mesma forma, é uma demonstração das variadas formações (graduação e pós-graduação *stricto sensu*) de um grupo de importância histórica que também proporcionou e/ou proporciona relativo vigor e identidade à área da Ciência da Informação no Brasil.

Quadro 23 - Trajetórias disciplinares intersticiais – 59 bolsistas PQ em CI

TRAJETÓRIA DISCIPLINARES INTERSTICIAIS (GRANDES ÁREAS DO CONHECIMENTO)			
	GRADUAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
<b>A. A. BARRETO</b>	Economia	Ciência da Informação ( <i>The City University</i> )	Ciência da Informação ( <i>The City University</i> )
<b>A. P. A. LOPEZ</b>	História	História Social (USP)	História Social (USP)
<b>B. FADEL</b>	Biblioteconomia; História	História da América Latina Colonial (UNESP)	História Social (USP)
<b>B. V. CENDÓN</b>	Engenharia Civil	<i>Library and Information Science (University of Austin at Texas)</i>	<i>Information Science (University of Austin at Texas)</i>
<b>C. H. M. ALMEIDA</b>	Arquitetura e Urbanismo	Ciência da Informação (UFRJ)	Ciência da Informação (UFRJ)
<b>D. P. NORONHA</b>	Biblioteconomia	Saúde Pública (USP)	Saúde Pública (USP)
<b>D. FLORES</b>	Arquivologia	Engenharia de Produção (UFSM)	Ciência da Informação (UFRJ); <i>Met y Líneas de Investigación en Bilbio y Documentación (Universidad de Salamanca)</i>

<b>E. FERNEDA</b>	Processamento de Dados	Informática (UFPB)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>E. PERROTTI</b>	Letras	Ciências da Comunicação (USP)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>E. I. MURGUIA</b>	História	Biblioteconomia (PUC - Campinas)	Educação (UNICAMP)
<b>E. B. M. VALIO</b>	Letras	Arts ( <i>University of London</i> )	Letras (USP)
<b>E. F. T. OLIVEIRA</b>	Matemática	Educação (UNESP)	Educação (UNESP)
<b>E. G. D. ORRICO</b>	Letras; Medicina	Linguística (UFRJ)	Ciência da Informação (UFRJ)
<b>G. M. RODRIGUES</b>	História	História (UnB)	História ( <i>Université Paris-Sorbonne</i> )
<b>G. M. PRADO</b>	História	Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (UFRRJ)	Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (UFRRJ)
<b>G. OLINTO</b>	Sociologia e Política	Ciência Política ( <i>University of Michigan</i> )	Comunicação e Cultura (UFRJ)
<b>G. A. DIAS</b>	Direito; Ciência da Computação	<i>Organization and Management (Central Connecticut State University)</i>	Ciências da Comunicação / Ciência da Informação (USP)
<b>H. C. S. CASARIN</b>	Biblioteconomia	Educação (UNESP)	Letras (UNESP)
<b>H. KURAMOTO</b>	Engenharia Elétrica	<i>Sciences de L'information ete de la Communication (École Nationale Supérieure de L'information et de Bibliothèques)</i>	<i>Sciences de L'information ete de la Communication (Université Lumiere Lyon)</i>
<b>I. M. FREIRE</b>	Ciências Sociais	Ciência da Informação (UFRJ)	Ciência da Informação (UFRJ)
<b>J. ROBREDO</b>	<i>Facultad de Ciencias (Universidad de Madrid)</i>	--	<i>Facultad de Ciencias (Universidad de Madrid)</i>
<b>J. A. C. GUIMARÃES</b>	Direito/Biblioteconomia	Ciências da Comunicação (USP)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>J. B. E. MORAES</b>	Letras	Letras (UNESP)	Estudos Literários (UNESP)
<b>J. W. SMIT</b>	Biblioteconomia e Documentação	Documentação ( <i>École Pratique des Hautes Études</i> )	Análise do Discurso (Universidade de Paris - I)
<b>J. M. JARDIM</b>	História	Ciência da Informação (UFRJ)	Ciência da Informação (UFRJ)
<b>K. M. C. CARVALHO</b>	Biblioteconomia e Documentação	História Social (UFBA)	Ciência da Informação (UFRJ)
<b>L. S. BUFREM</b>	Biblioteconomia e Documentação; Filosofia	Educação (UFPR)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>L. V. R. PINHEIRO</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (UFRJ)	Comunicação e Cultura (UFRJ)
<b>L. ALVARENGA</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (UFRJ)	Educação (UFMG)
<b>L. S. FREITAS</b>	Ciências Sociais	Ciência da Informação (UFRJ)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>L. M. A. CAFÉ</b>	Biblioteconomia e Documentação	Biblioteconomia e Documentação (UnB)	Linguística ( <i>Université Laval</i> )
<b>L. R. ISSBERNER</b>	Economia e Administração	Engenharia de Produção (UFRJ)	Engenharia de Produção (UFRJ)

<b>M. A. ALMEIDA</b>	Ciências Sociais	Sociologia (USP)	Ciências Sociais (UNICAMP)
<b>M. A. MOURA</b>	Biblioteconomia	Educação (UFMG)	Comunicação e Semiótica (PUC - São Paulo)
<b>M. C. C. GRÁCIO</b>	Estatística	Estatística (UNICAMP)	Filosofia (UNICAMP)
<b>M. C. P. I. HAYASHI</b>	Ciências Sociais	Educação (UFSCar)	Educação (UFSCar)
<b>M. G. TARGINO</b>	Biblioteconomia e Documentação / Comunicação	Biblioteconomia e Documentação (UFPB)	Ciência da Informação (UnB)
<b>M. F. G. M. TÁLAMO</b>	Letras; Linguística	Ciências da Comunicação (USP)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>M. N. F. PEREIRA</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (UFRJ)	Ciências Humanas (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro)
<b>M. I. TOMAÉL</b>	Biblioteconomia	Educação (UEL)	Ciências da Informação (UFMG)
<b>M. N. GONZALEZ de GOMEZ</b>	Filosofia ( <i>Universidad Nacional de Rosario</i> )	Ciência da Informação (UFRJ)	Comunicação (UFRJ)
<b>M. B. ALMEIDA</b>	Engenharia Civil	Ciência da Informação (UFMG)	Ciência da Informação (UFMG)
<b>M. A. AQUINO</b>	Letras	Biblioteconomia (UFPB)	Educação (UFRN)
<b>N. Y. KOBASHI</b>	Biblioteconomia/ Jornalismo	Ciências da Comunicação (USP)	Ciências da Comunicação (USP)
<b>N. E. ODDONE</b>	Letras/Biblioteconomia e Documentação	Ciência da Informação (UnB)	Ciência da Informação (UFRJ)
<b>P. L. V. A. C. SANTOS</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (PUC - Campinas)	Linguística (USP)
<b>R. N. M. SANTOS</b>	Engenharia Civil	<i>Information Stratégique et Critique Veille Technol (Université Paul Cézanne aix Marseille III)</i>	<i>Information Stratégique et Critique Veille Technol (Université Paul Cézanne aix Marseille III)</i>
<b>R. M. MARTELETO</b>	Biblioteconomia / Letras	<i>Sciences de L'information ete de la Comunication (École des Hautes Études en Sciences Sociales)</i>	Comunicação (USP)
<b>R. R. SOUZA</b>	Engenharia Elétrica	Engenharia de Produção (UFSC)	Ciência da Informação (UFMG)
<b>R. M. PIMENTA</b>	História	Memória Social (UNIRIO)	Memória Social (UNIRIO)
<b>R. S. RODRIGUES</b>	Comunicação Social	Engenharia de Produção (UFSC)	Engenharia de Produção (UFSC)
<b>R. R. G. SILVA</b>	História; Intendência da Marinha	História da Arte (UFRJ)	Ciência da Informação (UFRJ)
<b>S. ALBAGLI</b>	Ciências Sociais	Engenharia de Produção (UFRJ)	Geografia (UFRJ)
<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>	Matemática	Ciências da Computação e Matemática Computacional (USP)	Educação (UNESP)
<b>S. D. MONTEIRO</b>	Biblioteconomia	Ciência da Informação (PUC - Campinas)	Comunicação e Semiótica (PUC - São Paulo)
<b>T. FRÖES BURNHAM</b>	História Natural	Educação (UFBA)	Filosofia ( <i>University of South Hampton</i> )
<b>V. L. D. L. M. DODEBEI</b>	Biblioteconomia e Documentação	Ciência da Informação (UFRJ)	Comunicação e Cultura (UFRJ)

<b>V. M. KERN</b>	Engenharia Civil	Engenharia de Produção (UFSC)	Engenharia de Produção (UFSC)
<b>Z. L. C. OLIVEIRA</b>	Sociologia e Política	Planejamento Urbano e Regional (Inst. de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional)	Sociologia (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram percebidas trajetórias disciplinares intersticiais em 59 bolsistas PQ. A presença desses agentes demonstra potencial aspecto de influência transversal, afinal, é considerável a intervenção do capital cultural obtido por esses agentes (BOURDIEU, 1996a), de forma a possivelmente sugerir, em dado momento histórico, pressões e adaptações de estruturas presentes no campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil.

Formações nas Grandes Áreas de Ciências Humanas, Filosofia, Educação, História, Saúde Coletiva, Engenharias, Linguística e Literatura, Ciências Políticas e Relações Internacionais, Sociologia, Matemática, Probabilidade e Estatística, convergem para a Ciência da Informação atendendo demandas específicas ou de caráter genérico (SHINN, 2008b), mas que, de certo modo, garantiram o funcionamento da economia de trocas científicas (BOURDIEU, 2007), estabilizando a relação de agentes lineares e, também, dos agentes de engajamento intersticial (estrangeiros).

Acrescentando o entendimento das forças heterogêneas, verificou-se a presença das trajetórias disciplinares utilitárias lineares e intersticiais dos agentes selecionados para o estudo. A categoria de análise para esta percepção foi a formação *lato sensu* dos bolsistas PQ em CI. Sendo formações que visam a aplicação de conhecimentos, as especializações abrem possibilidades de fusão de características práticas ao perfil do pesquisador, interagindo diretamente em suas ações. O Quadro 24 demonstra essas trajetórias.

Quadro 24 - Trajetórias disciplinares utilitárias (*lato sensu*) dos bolsistas PQ em CI – lineares e intersticiais

TRAJETÓRIA DISCIPLINAR UTILITÁRIA LINEAR	
<b>A. P. A. LOPEZ</b>	Archives of Political Parties After the Collapse of the Communism ( <i>Central European University of Budapest</i> )
<b>D. FLORES</b>	Organização de Arquivos (USP)
<b>D. A. M. A. POBLACIÓN</b>	Ciência da Informação (USP)
<b>E. I. MURGUIA</b>	Librarianship and Information Work ( <i>Leeds Polytechnic</i> )

E. A. ARAÚJO	Estudo de Usuários (UFPB)
G. S. SALDANHA	Aperfeiçoamento em Ciências da Informação e Comunicação ( <i>Université Toulouse III Paul Sabatier</i> )
I. THIESEN	Documentação e Informação Científica (UFRJ)
J. M. JARDIM	Documentação Científica (UFRJ)
K. M. C. CARVALHO	Sistemas de Informação (Unesco - França)
L. V. R. PINHEIRO	Rede de Bibliotecas (USP)
M. N. F. PEREIRA	Redes e Sistema de Informação (USP)
M. Y. F. S. F. GOMES	Informação e Documentação Científica ( <i>École des Hautes Études en Sciences Sociales</i> )
M. S. L. FUJITA	Documentação Científica (IBICT)
N. E. ODDONE	Produção Editorial (Universidade Católica do Salvador - UCSAL)
P. L. V. A. C. SANTOS	Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares (UNESP)
R. F. SOUZA	Documentação Científica (IBICT)
S. M. S. P. FERREIRA	Organização, Disseminação, Informação (Faculdade Teresa D'Ávila de Lorena)
V. B. PINTO	Informação, Ciência e Tecnologia (UFSC); Aperfeiçoamento em Informação Agrícola (Biblioteca Nacional de Agricultura)
<b>TRAJETÓRIA DISCIPLINAR UTILITÁRIA INTERSTICIAL</b>	
B. V. CENDÓN	Especialização e Aperfeiçoamento em Engenharia Econômica (Fundação Dom Cabral)
D. P. NORONHA	Saúde Pública (USP)
E. F. T. OLIVEIRA	Álgebra (FFCLTM); Orientação Educacional (USP)
G. M. RODRIGUES	História ( <i>Université Paris-Sorbonne</i> )
G. S. SALDANHA	Filosofia Medieval (Faculdade São Bento do Rio de Janeiro)
J. ROBREDO	Determinação de Estrutura de Compostos Inorgânicos; Computerized Documentation System; Les Ordinateurs Et L'informatique ( <i>Institut National Supérieur D'enseignement Programme</i> )
L. S. BUFREM	Ação Cultural (USP); Cultura Portuguesa (Universidade de Lisboa); Métodos e Técnicas de Ensino (UFPR)
L. V. R. PINHEIRO	Aperfeiçoamento em Metodologia do Ensino Superior (UFPA)
M. A. MOURA	Estudos Diplomáticos (Instituto de Altos Estudos em Direito)
M. G. TARGINO	<i>Máster Internacional de Comunicación y Educación (Universitat Autònoma de Barcelona)</i>
M. I. TOMAÉL	Administração, Marketing e Propaganda (UFPR)
M. B. ALMEIDA	Engenharia de Software (PUC - Minas Gerais); Administração Financeira (União Nacional de Negócios)
M. A. AQUINO	Pesquisas Educacionais (UFPB)
N. E. ODDONE	Língua Inglesa (Centro de Cultura Anglo-Americana)
R. N. M. SANTOS	Ensino Superior e Docência (PUC - Campinas)
R. R. SOUZA	Informática na Educação (PUC - Minas Gerais)
R. M. PIMENTA	História do Brasil (Universidade Cândido Mendes)
S. A. B. G. VIDOTTI	Formação de Professores para Cursos Semipresenciais (UNESP); Ciência da Computação (USP)
V. S. M. BERAQUET	Administração Universitária (PUC - Minas Gerais)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Além das formações utilitárias lineares originárias do campo disciplinar da CI, somam-se contribuições formativas *lato sensu* de outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, Saúde Pública, Matemática, Física, Educação, História, Ciência da Computação, Letras, Ciências Humanas, Administração e Economia.

Mesmo diante de todos os levantamentos e cruzamentos até aqui demonstrados, um desafio ainda se mostra presente: “[...] as transações de praticantes do regime transversal revelam-se difíceis de detectar e analisar” (SHINN; RAGOUEY, 2008, p. 151). De fato, indicativos transversais podem ser percebidos e levados, em um primeiro momento, a uma rápida reflexão objetiva, porém, é difícil, em um segundo momento, mensurar, por exemplo, o impacto e influência que essas características transversais presentes nas trajetórias dos agentes científicos venham a representar no campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil.

A área da Ciência da Informação emergiu e se expande, historicamente, por meio dos diálogos interdominiais (BUFREM; FREITAS, 2015; REDÓN-ROJAS, 2008) e, aqui sendo importante frisar, isso não é característica exclusiva de agentes que mostrem histórico de trajetórias intersticiais. Por outro lado, este trabalho assume, humildemente, a responsabilidade de contribuir na busca de respostas mais completas e sólidas possíveis para a percepção da perspectiva da sociologia transversalista presente nos agentes científicos (SHINN, 2008b), neste caso, em específico, trabalhando com o campo disciplinar da CI no Brasil.

#### **4.4.2 Trajetória de atuação profissional dos bolsistas PQ em CI**

Esta seção apresenta indícios de atuações profissionais passadas dos bolsistas PQ em arenas anteriores à CI, ou seja, demonstra-se o histórico de progressos campos laborais potencialmente transversais dos agentes científicos que, provavelmente, em dado momento, foram pontos de tensão responsáveis por adaptações ou até mesmo estimularam a receptividade desses agentes pela garantia de trocas simbólicas/científicas.

O movimento de revisão e atualização responsável pela identidade múltipla do campo disciplinar da CI no Brasil pode ser caracterizado por diversas frentes e a existência de características transversais presentes nas trajetórias dos agentes científicos pode ser uma delas.

Dentre os 83 bolsistas PQ em CI estudados, 18 (22%) registram em suas trajetórias atividades profissionais intersticiais. O Quadro 25 traz informações relativas à identidade desses bolsistas, à atividade intersticial exercida e ao período em que a atividade foi desempenhada.

Para confecção do Quadro 25, dois fatores foram levados em consideração: foram identificadas como atividades profissionais intersticiais aquelas com atributos utilitários não originárias do campo disciplinar da CI<sup>95</sup>; seguindo um ordenamento metodológico que garantisse uma melhor e possível representação dos dados analisados, foi preterida a análise de atividades disciplinares intersticiais presentes nas trajetórias docentes desses agentes científicos, dada a complexa multiplicidade e pontual incompletude presente nas fontes de informação (Currículo Lattes). É reconhecido que esse fator possa ser uma limitação importante em relação ao resultado desse regime, no entanto, as fontes documentais não proporcionaram igual perspectiva de análise para a trajetória desses bolsistas PQ.

Quadro 25 - Atividades profissionais intersticiais dos bolsistas PQ em CI

<b>BOLSISTA PQ</b>	<b>ATIVIDADE INTERSTICIAL</b>	<b>PERÍODO</b>
<b>B. V. CENDÓN</b> (Engenharia Civil)	<b>Engenheira</b> Exacta Engenharia de Projetos	1980 - 1983
	<b>Engenheira</b> HS Consultoria	1983 - 1984
	<b>Assistente de Exportação</b> DIMAP - Distribuidora de Produtos e Matérias Primas	1984 - 1985
	<b>Pesquisadora</b> Instituto Nacional em Ciência e Tecnologia – Informação Genético-Sanitária	2011 - 2012
<b>C. H. M. ALMEIDA</b> (Arquitetura e Urbanismo)	<b>Analista de Sistemas</b> Comissão Nacional de Energia Nuclear – CNEN	1982 - 1992
<b>D. FLORES</b> (Arquivologia)	<b>Analista de Sistemas</b> Instituto Master de Ensino	1995 - 1997

<sup>95</sup> A atividade utilitária “Tecnologista”, exercida por alguns bolsistas PQ no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), foi considerada transversal dada a multiplicidade das demandas científicas institucionais que eram/são desenvolvidas no referido instituto (FERREIRA, 1999).

<b>E. FERNEDA</b> (Processamento de Dados)	<b>Programador</b> Bandeirantes S A Processamento de Dados	1986 – 1987
	<b>Analista de Sistemas</b> Digibanco Banco Comercial S A	1987 – 1988
	<b>Analista de Sistemas</b> E F Houghton do Brasil	1988 – 1989
	<b>Analista de Sistemas</b> Tecnosan Engenharia S A	1989 – 1990
<b>E. F. T. OLIVEIRA</b> (Pedagogia; Matemática)	<b>Supervisora de Ensino</b> Secretaria da Educação do Estado de São Paulo	1993 – 1993
<b>E. J. SUAIDEN</b> (Biblioteconomia)	<b>Analista em Ciência e Tecnologia</b> Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT	1980 – 1993
<b>G. M. PRADO</b> (História)	<b>Consultor Autônomo</b> Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo	1968 – 1976
	<b>Consultor Autônomo</b> Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ	1976 – 1979
<b>G. A. DIAS</b> (Ciência da Computação; Direito)	<b>Analista de Informação</b> Johnson Johnson do Nordeste	1990 – 1992
	<b>Analista de Sistemas</b> Companhia de Processamento de Dados da Paraíba	1995 – 1996
<b>H. KURAMOTO</b> (Engenharia Elétrica)	<b>Analista de Sistemas</b> Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA	1979 – 1983
	<b>Tecnologista</b> Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT	1983 – 2013
<b>I. THIESEN</b> (Biblioteconomia e Documentação)	<b>Tecnologista</b> Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT	1974 – 1998
<b>I. M. FREIRE</b> (Ciências Sociais)	<b>Assessora Técnica</b> Fundação Norte Rio-grandense de Pesquisa e Cultura – FUNPEC	1980 – 1982
	<b>Tecnologista</b> Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT	1998 – 2008
<b>L. M. A. CAFÉ</b> (Biblioteconomia e Documentação)	<b>Tecnologista</b> Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT	1996 – 2004
<b>L. R. ISSBERNER</b> (Economia e Administração)	<b>Analista de Informações Sócio Econômicas</b> Serviço Federal de Processamento de Dados	1979 – 1991
	<b>Coordenadora Geral de Indicadores</b> Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações	2008 – 2009

<b>M. F. G. M. TÁLAMO</b> (Linguística; Letras)	<b>Consultoria</b> (Elaboração de projeto de vocabulário para o setor energético) Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo	2003 – 2003
<b>R. N. M. SANTOS</b> (Engenharia Civil)	<b>Pesquisador/Engenheiro Portuário</b> Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo	1975 – 2000
<b>R. R. G. SILVA</b> (Intendência Marinha; História)	<b>Técnico Industrial</b> Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro - AMRJ	1977 – 1979
	<b>Projetista Naval</b> Ishikawagima do Brasil Estaleiros S A - ISHIBRAS	1979 – 1984
	<b>Fotógrafo</b> Departamento de Jornalismo de Bloch Editores AS – BLOCH	1983 – 1983
	<b>Projetista Naval</b> Verolame Estaleiros Reunidos do Brasil - VEROLAME	1984 – 1986
	<b>Coordenador de Fotografia</b> Jornal O Dia	1995 - 1996
<b>R. R. SOUZA</b> (Engenharia Elétrica)	<b>Analista de Sistemas</b> IBM Brasil - IBM	1992 - 1996
<b>S. ALBAGLI</b> (Ciências Sociais)	<b>Tecnologista</b> Centro de Tecnologia Mineral - CETEM	1989 - 1994

Fonte: Elaborado pelo autor.

As atividades intersticiais percebidas em 18 trajetórias dos bolsistas PQ ligam-se, na maior parte dos casos, à formação disciplinar desses pesquisadores. Isso leva à dedução de que características transversais, quando percebidas em agentes e seus respectivos produtos, precisam ser interpretadas de modo remissivo, reafirmando o argumento anteriormente levantado. Ou seja, não é possível fazer uma leitura descontextualizada desse regime, principalmente ao levar em consideração aspectos temporais. Na tentativa de mapear possíveis engajamentos transversais, coerentemente ao referencial proposto, alguns indicativos são confirmados até aqui:

- (2) **Os pesquisadores engajados no regime transversal operam em arenas “intersticiais”**. Isso significa que **sua identidade não está ligada a uma disciplina ou a um empregador particular**. [...] Eles mudam constantemente de instituições e são dotados de um capital de relações com cientistas, administradores ou engenheiros, que trabalham em especialidades e organizações muito diferentes.
- (3) Além disso, **os praticantes do regime transversal não se detêm nas fronteiras institucionais e cognitivas**. (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 146, grifo nosso).

Sobre as trajetórias profissionais utilitárias dos 65 bolsistas PQ restantes (78%), confere-se que é possível classificá-las como lineares, visto que, nesse grupo, não houve a percepção de traços que pudessem resultar em possíveis pontos de tensão social entre agentes científicos. As trajetórias utilitárias profissionais desses agentes demonstraram pouca variedade e, majoritariamente, estão voltadas à carreira docente ou a ações utilitárias regulares próprias do campo disciplinar da Ciência da Informação, ou seja, é um grupo com histórico de atuação como professores do magistério superior, pesquisadores em CI, bibliotecários, arquivistas, editores, entre outros. A trajetória profissional dos 83 bolsistas PQ, declaradas no Currículo Lattes, está organizada em detalhes no Apêndice G.

Recapitulando alguns dados, é percebido que dos 82 bolsistas PQ, 23 (28%) detêm ligações formativas disciplinares com as respectivas bases da Ciência da Informação (Arquivologia; Biblioteconomia; Biblioteconomia e Documentação). Desses 23 bolsistas PQ originários de bases da CI, três registraram atividades profissionais intersticiais, todos na mesma instituição (IBICT). Enquanto isso, dos 59 bolsistas restantes (72%), que possuem formações disciplinares intersticiais, 15 realizaram algum tipo de atividade utilitária intersticial.

Esses dados delineiam mais uma vez a afirmação de que é possível correlacionar a formação disciplinar não-linear (graduação) com engajamentos e produções intersticiais/transversais. No entanto, outros fatores não podem ser desconsiderados, o fundamento da travessia demarca a necessidade de oxigenação cognitiva e social de um agente e/ou campo disciplinar, visando a busca de elementos que atendam exigências individuais e/ou coletivas.

Em um apanhado geral (formações disciplinares, formação/atuação/produção utilitária, e movimentação transitória), observa-se que as trajetórias dos agentes se demonstraram erráticas e de difícil precisão, como é possível perceber na representação do Apêndice H. A respectiva ilustração detalha a natureza das trajetória (formação e produção) individuais dos agentes apresentando-as como '*linear*' (sem pontos de tensão), '*intersticial*' (com pontos de tensão) e "*linear e intersticial*" (trajetórias lineares com incrementos intersticiais). O Apêndice H também apresenta ligações com o regime transitório, atestando possibilidades de apreensão da existência de correlações entre esses regimes.

Contudo, pela presença de multiplicidade de trajetórias intersticiais entre esses agentes científicos, elite considerada consagrada pelos pares e pelas instituições

científicas, é possível deduzir que no campo disciplinar da CI no Brasil ocorra a existência de sinergia entre domínios distintos. Reforça-se, com isso, o argumento de que quando diferenças entre domínios se apresentam de forma sinérgica, existe a busca de maneiras de integração que se materializam em bens/instrumentos genéricos, procurando utilidade para além das expectativas disciplinares.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apreensão sobre o desenvolvimento de um campo disciplinar requer uma gama complexa de informações. O presente estudo, ao propor uma visão pluralista da organização e do desenvolvimento da ciência, apresenta o processo de institucionalização do campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil de forma realista e dinâmica.

A materialidade percebida na ciência, nos agentes e nas instituições científicas, é parte de um curso histórico, que está em constante processo dialético. Com isso, é permitido à ciência a evolução. A visão pluralista da organização e do desenvolvimento científico sugere dinâmicas transversais envolvendo o campo disciplinar da Ciência da Informação por meio de relações com outros microcosmos sociais.

Com os levantamentos realizados, foi possível perceber desenvolvimentos históricos e os modos de produção e circulação da ciência no campo disciplinar da CI no Brasil. Com a possibilidade de amadurecer reflexões a respeito da operação, coexistência e autonomia dos regimes disciplinar, utilitário e transitório, por meio de proposta metodológica alternativa de análise, o entendimento sobre a institucionalização de um campo disciplinar foi potencializado.

Recorre-se à afirmação de que foi realizada uma sugestão metodológica alternativa de análise devido ao reconhecimento por Shinn (2008b), responsável pela proposta de análise baseada na sociologia transversalista, de que suas investidas se tratavam de algo ainda inicial. O estudo, nesse sentido, apresenta um modelo de identificação, categorização e respectiva proposta analítica baseada nas sugestões de Shinn (2008b) e Shinn e Ragouet (2008), orientando em cada estágio os interlocutores do presente documento.

A sociologia transversalista, ao recorrer à visão pluralista da organização e do desenvolvimento da ciência, gira em torno de três princípios fundantes: fronteiras, travessia e historicidade. Esses três elementos da perspectiva transversalista estiveram presentes, em variados graus, nas análises deste estudo. Fortemente cumprindo seu papel autorreferente, a historicidade modela a CI no Brasil com novas pressões e exigindo adaptações. Isso pode ser percebido em cobranças de agentes e instituições circunscritos no campo científico, político e econômico, revelando interesses sociais legítimos ao campo disciplinar da Ciência da Informação. Com isso,

percebe-se, em uma perspectiva dialética, um campo disciplinar em movimento, que está amadurecendo positivamente desde 1950, década histórica que marca a expansão sistematizada da área no Brasil.

As fronteiras do campo disciplinar da Ciência da Informação conferem o reconhecimento das ações sociais específicas entre pares científicos. Diferem-se as práticas próprias e originárias desse campo disciplinar dos demais campos. Mas o diálogo interdominial com outras áreas também figura no desenvolver da CI no Brasil, enriquecendo e expandindo, por exemplo, quadros teóricos seminais.

Fronteiras e travessias apresentam tênue relação, e isso foi perceptível nos resultados e discussões. Ao campo disciplinar da Ciência da Informação são possibilitadas, e até mesmo facilitadas, por instituições político-científicas, travessias que extrapolem as fronteiras acadêmicas. Seja na esfera disciplinar, promovendo institucionalmente canais específicos de reconhecimento compartilhado em áreas distintas, como, por exemplo, a organização e estratificação de periódicos de campos disciplinares correlatos realizada pela CAPES; seja na esfera econômica, com a promoção de políticas científicas estratégicas que visaram atender a demandas tecnológicas do setor empresarial brasileiro, perceptíveis desde o governo Lula e mais acentuadas e desmedidas no governo Bolsonaro, provavelmente pela postura neoliberal assumidamente praticada por sua equipe econômica.

Fronteiras, travessia e historicidade estão presentes vividamente nos quatro regimes de produção e comunicação da ciência. Com a operação, coexistência e autonomia dos regimes disciplinar, utilitário, transitório e transversal foram verificadas características de relações sociais multidiversificadas no campo disciplinar da Ciência da Informação. Predicativos de autonomia são próprios a cada regime, isso significa afirmar que interferências externas, seja de outros regimes, seja de outros microcosmos sociais podem conferir maior ou menor poder de refração a exigências de ações, resultando, por fim, em uma autonomia plena ou relativa dos regimes de produção e comunicação.

Sobre o regime disciplinar, percebem-se avanços na CI brasileira graças às práticas acadêmicas. Os resultados demonstram que as ações individuais e coletivas, incluindo o fortalecimento e maior participação das instituições, tiveram, no regime disciplinar, terreno fértil para o estabelecimento de uma estrutura estável. Foi percebido, por exemplo, o aumento significativo de programas de pós-graduação (mestrado e doutorado); a oferta de cursos *stricto sensu* na área em todas as regiões

do país; a presença ativa de entidade de classe (ANCIB); os 1760 periódicos validados pela CAPES na área de Comunicação e Informação (Comunicação, Ciência da Informação, Museologia e Desenho Industrial); a possibilidade de oferta e consulta de 88 base de dados, nacionais e internacionais, específicas e/ou correlatas à CI (Portal de Periódicos CAPES); o desenvolvimento nacional de base de dados como a BDTD, SciELO e BRAPCI, essa última específica ao campo disciplinar da CI, disponibilizando uma coleção indexada de 66 periódicos nacionais, 16 internacionais e anais de eventos como o ENANCIB, ISKO-Brasil e EBBC; e, por último, os esforços conjuntos para manter a periodicidade de eventos da área, sendo o ENANCIB o mais representativo.

Partindo da presença e contribuição histórica dos 83 bolsistas de produtividade para o campo disciplinar da CI no Brasil, representando uma análise diacrônica, o estudo consegue verificar 13.875 produções de caráter bibliográfico registradas entre 1956-2019 e 6.119 atividades de orientação entre os anos de 1985-2019. Nesse sentido, o programa PQ figura como fator importante para o aperfeiçoamento da pesquisa no país. Fluxos de produção científica, por meio do regime de coautoria entre bolsistas do grupo PQ estudado, também foram percebidos, levando ao julgamento de que a promoção da coautoria entre esses bolsistas estabelece vínculos necessários na construção, compartilhamento e reconhecimento do capital científico.

Ao analisar o regime utilitário, foi nítida a percepção de relações de coexistência com o regime disciplinar. Esse último, fornecendo suportes institucionais, como universidades e laboratórios, por exemplo, e se configurando como aporte necessário para o desenvolvimento de produtos. Pontua-se uma relação de convergência e simbiose, sendo o regime utilitário o maior beneficiado. No Brasil, o regime utilitário vem alcançando crescimento significativo em alguns aspectos, valendo citar, por exemplo, o crescimento dos cursos *stricto sensu* na modalidade profissional, passando de 280 em 2009 para 867 em 2020, representando um aumento de 206,4% no período de 11 anos. No campo da Ciência da Informação, esse aumento também foi perceptível, registrando em 2009 um mestrado profissional e chegando a marca de oito cursos *stricto sensu* profissionais em 2020.

Um quantitativo percebido nesse regime diz respeito ao número de cursos *lato sensu*, aproximadamente 137.570 cursos espalhados pelo Brasil. Desse montante, 294 são da área de “Ciências Sociais, Jornalismo e Informação”. Nessa análise específica, estando a CI representada no montante de 294 cursos, junto com outras

áreas, verifica-se uma parcela quase inexpressível (0,21%) de participação desse campo disciplinar na promoção de cursos *lato sensu*. Ainda assim, vale considerar possibilidades de inserção e presença da Ciência da Informação em outras áreas do conhecimento que possuam correlação com o principal objeto de investigação da CI, a informação.

Sobre os cursos *lato sensu*, de forma geral, é necessário destacar o baixo compromisso na criação de meios regulatórios satisfatórios capazes de garantir estabilidade no funcionamento desses cursos e segurança no reconhecimento do capital científico conquistado por egressos. Em sentido estratégico para o desenvolvimento das esferas econômicas e sociais, o Brasil carece de políticas públicas em C&T que efetivem, de maneira equitativa, uma qualidade satisfatória nas diversas áreas de formação em recursos humanos na modalidade *lato sensu*.

Para perceber a tendência utilitária dos 83 bolsistas PQ selecionados para este estudo, buscou-se verificar a participação desses pesquisadores referente a produções técnicas, aplicadas e de caráter inovador. Dos 83 bolsistas PQ envolvidos na análise, 30 estiveram ligados com produções utilitárias, representando 36,14% do total. O trabalho evidenciou o desenvolvimento de 353 produtos utilitários, sendo 191 produtos tecnológicos, 155 programas de computador sem patentes e sete produções patenteadas, sendo cinco do tipo Programas de Computador, uma do tipo Privilégio de Inovação e uma Marca Registrada de Produto.

Na perspectiva transversalista, o fundamento da travessia é traduzido facilmente no regime transitório. É um sistema que permite os agentes científicos se movimentarem intencionalmente, no intuito de promover o desenvolver da ciência e da tecnologia. Para perceber esse regime, este estudo propôs trabalhar duas frentes: i) a presença dos 83 bolsistas PQ em CI em grupos de pesquisa de outras áreas (Plataforma DGP); ii) caso fosse percebido a presença de algum bolsista, identificar conceitos comuns à Ciência da Informação nas linhas de pesquisa cujo bolsista tivesse vínculo.

O universo dessa seção foi composto por: 83 bolsistas PQ em CI; 133 grupos de pesquisa; 233 linhas de pesquisa, contendo a análise dos respectivos conceitos presentes nessas linhas; cinco grandes áreas do conhecimento; e 16 áreas do conhecimento. A análise exigiu o desenvolvimento de metodologia própria para compreensão dos dados e proposta de representação desse conhecimento. Na perspectiva do regime transitório, determinou-se que alguns bolsistas PQ da CI

promovem transitoriedades exógenas, ou seja, movimentos fora da Grande Área das Ciências Sociais Aplicadas, e endógenas, com mobilizações que não fugiam a Grande Área na qual se encontra, a Ciência da Informação. Os levantamentos indicaram que 14 bolsistas realizavam movimentos de transitoriedade exógena, 13 pesquisadores promoveram transitoriedade endógena.

Para as movimentações que se distanciavam do núcleo da Ciência da Informação (transitoriedade exógena), determinou-se que esses seriam classificados como movimentos centrífugos e para os movimentos que estabeleciam proximidade com o núcleo da Ciência da Informação (transitoriedade endógena), foi determinada a classificação de movimentos centrípetos. Outra linha de investigação foi a verificação de movimentações intencionais, em que o bolsista PQ era líder do grupo de pesquisa não pertencente a área da CI, e movimentos colaborativos, em que apenas era percebida a presença e o vínculo com alguma linha de pesquisa.

A percepção do léxico conceitual da CI foi verificada nos registros dos dois movimentos analisados, a saber, os movimentos exógenos centrífugos e movimentos endógenos centrípetos. Como resultados, 14 bolsistas PQ em CI registraram movimentos centrífugos (três intencionais e onze colaborativos) nas Grandes Áreas de Ciências da Saúde, de Ciências Exatas e da Terra, de Ciências Humanas e de Linguística, Letras e Artes. Esses 14 bolsistas estão alinhados em 18 grupos e vinculados em 31 linhas de pesquisa. Foram contabilizados 74 conceitos nas 31 linhas de pesquisa, desses, 32 eram comuns à Ciência da Informação, ou seja, 43,24% do total.

Próximos a CI, 13 bolsistas PQ realizaram movimentos centrípetos (doze colaborativos e um intencional). As áreas correlatas que contam com a presença desses bolsistas foram: Administração, Comunicação, Economia, Museologia, Planejamento Urbano e Regional e Serviço Social. Esses 13 bolsistas estão envolvidos com 14 grupos de pesquisa, vinculando-se a 20 linhas de pesquisa. Foram contabilizados 40 conceitos nas 20 linhas de investigação. Desses 40 conceitos, 24 eram compatíveis ao léxico conceitual da Ciência da Informação, compreendendo 60% de presença.

O regime transitório configura-se como um sistema de trocas simbólicas que promove expansões dos campos disciplinares envolvidos. Pode ser reconhecido como uma arena tênue de aceitações e negações de movimentos. Os bolsistas PQ

em CI mantêm pulsante esse regime. São pesquisadores sensíveis e insistentes na busca, adaptação e promoção de novos conhecimentos.

Por último, a investigação do regime transversal mostrou ser um intenso desafio. Perceber engajamentos transversais dos bolsistas PQ, registrados em respectivas formações disciplinares (graduação, *stricto* e *lato sensu*), atuações profissionais utilitárias e movimentações/atuações transitórias em grupos de pesquisa, foi objetivo norteador desta etapa do estudo. Pela análise das trajetórias dos bolsistas PQ em CI, realizaram-se cruzamentos capazes de abrir margem para considerar que nesse campo disciplinar específico exista a presença de sinergia entre domínios distintos, visto a considerável multiplicidade de trajetórias intersticiais.

Entende-se que em um campo disciplinar como a CI no Brasil, a busca pela estabilidade, resultando na sinergia das ações entre agentes de diferentes domínios e de trajetórias múltiplas, proporciona ambientes integrados capazes de materializarem produções transversais (ciência transversal), superando, inclusive, expectativas do regime disciplinar.

No desenvolvimento deste estudo, algumas dificuldades foram encontradas. Fatores como instabilidade na Plataforma Sucupira, Cadastro e-MEC e no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) foram complicadores que demandaram mais tempo para confecção dos resultados e análises.

Vale o registro de problemas técnicos na execução do *software* scriptLattes, razão pela qual não foi possível minerar dados referentes a dimensão utilitária (programas de computador sem registro; programas de computador com registro; patentes), sendo, para isso, necessário um trabalho manual e isolado de conferência em todos os 83 Currículos Lattes dos bolsistas de produtividade selecionados para este estudo. Houve, no curso do trabalho, revisões referentes à percepção sincrônica dos bolsistas PQ, postura adotada inicialmente, mas que, posteriormente, foi estabelecido que a análise diacrônica dos bolsistas de produtividade seria a mais indicada. A pandemia causada pela Covid-19 (*Corona Virus Disease-19*) foi determinante na adaptação de posicionamentos técnicos para o desenvolvimento deste material. Ainda assim, o estudo superou exigências estabelecidas no cronograma de atividades.

Foi requerido, para a percepção dos regimes de produção e circulação da ciência do campo disciplinar da CI, ir além da obediência teórica proposta na perspectiva transversalista. Como lance inicial, parafraseando Shinn (2008b), a

perspectiva transversalista apresenta fragmentos históricos capazes de identificar os quatro regimes de produção e circulação da ciência. A apresentação proposta em teoria dificultou uma análise sistemática de um campo particular, neste caso, a Ciência da Informação. Relacionar a teoria com os elementos do objeto estudado foi essencial para a apresentação de proposta metodológica alternativa de análise.

A validação deste estudo sugere possibilidades de verificação dos regimes de produção e circulação da ciência em contextos diversos do campo disciplinar da Ciência da Informação, bem como em outros campos disciplinares. Percebeu-se a CI como um campo disciplinar plural e multidiversificado, em que redes sociais e institucionais estão imbricadas desde a gênese da área no Brasil até a sua consolidação atual.

À medida que a proposta de identificação dos regimes de produção e comunicação da ciência não se mostra fechada à escolha de novas categorias, expandem-se as possibilidades de sugestão de aplicação desse modelo. Potencialmente, replicam-se alternativas de investigação voltadas ao entendimento histórico de um campo disciplinar, bem como estudos métricos voltados ao desenvolvimento científico. Este trabalho, em particular, diante da variedade de possibilidades existente em seu objeto de estudo, almeja encontrar em investigações futuras outras variáveis responsáveis por conferir características de exclusividade ao campo disciplinar da CI no Brasil. Mostraram-se mais desafiadores nesse sentido os regimes transitório e transversal, em que a envergadura metodológica criativa foi determinante para o processo de investigação e alcance de resultados.

Estando sensível à percepção da ciência como resultado de processo dialético proposto por diversas frentes, vindas de variados campos sociais, apreende-se, de forma mais clara, possíveis mecanismos capazes de interagir de maneira significativa com os modos de produção e circulação da ciência, caracterizando-a de forma única. Foi possível, dessa forma, a sugestão de uma representação mais dinâmica e realista do campo disciplinar da Ciência da Informação no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ABDALLA, R. B.; KOBASHI, N. Y. Ciência da Informação: reflexões sobre a constituição de um campo científico. *In*: GUIMARÃES, J. A. C; DODEBEI, V. (Org.). **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. Marília: ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2012. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CEDHUM/livro-isko-brasil-finalizado.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- ÁGOAS, F. História das ideias, história das ciências humanas e sociologia do conhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 465-482, abr./jun., 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v24n2/0104-5970-hcsm-24-2-0465.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2019.
- ALMEIDA, M. A. Refletindo sobre mediações, cultura e informação com Pierre Bourdieu. *In*: LUCAS, E. R. O.; SILVEIRA, M. A. A. **A ciência da informação encontra Pierre Bourdieu**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017.
- ALVES, B. H. **Sociologia de Pierre Bourdieu e os pesquisadores bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq em Ciência da Informação**. 2018. 158 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152704>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- ARAÚJO, C. A. A. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- ARBOIT, A. E. **O processo de consolidação da Ciência da Informação no Brasil: a realidade expressa pelas instituições científicas**. Dissertação (Mestrado em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ANCIB). **Estatuto**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://www.ancib.org.br/documentos-1>>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- BALBACHEVSKY, E. Processos decisórios em política científica, tecnológica e de inovação no Brasil: análise crítica. *In*: CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Nova geração de política em ciência, tecnologia e inovação: seminário internacional**. Brasília: CGEE, 2010. cap. 4, p. 61-90.
- BARBOSA, M. L. O. Educação tecnológica no Brasil: contribuições e limites na formação de recursos humanos. *In*: CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Formação de recursos humanos em áreas estratégicas de ciência, tecnologia e inovação**. Brasília: CGEE, 2010. cap. 6, p. 231-248.

BARROS, J. D'A. **Os conceitos**: seus usos nas ciências humanas. Petrópolis: Vozes, 2016.

BARROS, J. D'A. Uma “disciplina” – entendendo como funcionam os diversos campos de saber a partir de uma reflexão sobre a história. **OP SIS**, Catalão, v. 11, n. 1, p. 252-270, jan./jun., 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/Opsis/article/download/11246/9500/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. 14 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

BLOOR, D. **Conhecimento e imaginário social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. q9, n. 1, p. 3-5, jan., 1968. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/MRI%201%20-%20Borko,%20H%20-%201968.pdf>>. Acesso em: 13 jul 2019.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, P. Modos de dominação. *In*: BOURDIEU, P. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3 ed. Porto Alegre: Zouk, 2008a.

BOURDIEU, P. O campo científico. *In*: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983a. cap. 4, p. 122-155.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2008b.

BOURDIEU, P. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 11 ed. Campinas: Papirus, 1996a.

BOURDIEU, P. Três estados do campo. *In*: BOURDIEU, P. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b. cap. 1, p. 63-202.

BOURDIEU, P. Uma entrevista com Pierre Bourdieu: “é preciso reinventar uma espécie de intelectual coletivo tendo como modelo os Enciclopedistas”. [Entrevista cedida a] Frank Nouchi. *In*: VALLE, I. R.; SOULIÉ, C. (Org.). **Pierre Bourdieu**: uma

sociologia ambiciosa da educação. Florianópolis: Editora da UFSC: 2019. cap. 8, p. 359-368.

BRAGA, M.; GUERRA, A.; REIS, J. C. **Breve história da ciência moderna, volume 1: convergência de saberes**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 9.283, de 7 de fevereiro de 2018**. Regulamenta a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016, o art. 24, § 3º, e o art. 32, § 7º, da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, o art. 1º da Lei nº 8.010, de 29 de março de 1990, e o art. 2º, caput, inciso I, alínea "g", da Lei nº 8.032, de 12 de abril de 1990, e altera o Decreto nº 6.759, de 5 de fevereiro de 2009, para estabelecer medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, com vistas à capacitação tecnológica, ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento do sistema produtivo nacional e regional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/decreto/d9283.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9283.htm)>. Acesso em: 29 mai. 2019.

BRASIL. **Lei nº 5.539, de 27 de novembro de 1968**. Modifica dispositivos da Lei nº 4.881-A, de 6 de dezembro de 1965, que dispõe sobre o Estatuto do Magistério Superior, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/1950-1969/L5539.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L5539.htm)>. Acesso em: 29 mai. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 14 fev. 2020.

BRASIL. **Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004**. Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/lei/l10.973.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.973.htm)>. Acesso em: 29 mai. 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Reanálise do Parecer CNE/CES nº 66, de 24/2/2005, que propôs a alteração do art. 6º da Resolução CNE/CES nº 1, de 3/4/2001, que estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces263\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces263_06.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BUFREM, L. S. A prática da pesquisa e os quadros teóricos concorrentes no campo de produção científica em Ciência da Informação. **P2P & Inovação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 35-58, set./fev., 2018. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/p2p/article/view/3983/3314>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

BUFREM, L. S. Ciência da Informação e história: o caso do IBICT. **Transinformação**, v. 9, n. 1, p. 58-79, jan./abr., 1997. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/22744>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

BUFREM, L. S. Colaboração científica: revisando vertentes na literatura em ciência da informação no Brasil. **Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 127-151, jan./dez., 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000009333/e1ff89e3499c4ebdffced378af92b62b>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

BUFREM, L. S. *et al.* Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1069>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

BUFREM, L. S.; FREITAS, J. L. Interdomínios na literatura periódica científica da Ciência da Informação. **Datagramazero: revista de Ciência da Informação**, v. 16, n. 3, ago., 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/50746>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

BURAWOY, M. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento I: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAJUEIRO, R. L. P. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CALLON, M (Org.). **La science et ses réseaux: genèse et circulation des faits scientifiques**. Paris: La Découverte, 1989.

CARMELO, L. **Semiótica: uma introdução**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: volume I**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Doutores 2010: estudo da demografia da base técnico-científica brasileira**. Brasília: Centro de Gestão de Estudos Estratégicos, 2010.

CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Mestres e doutores 2015: estudo da demografia da base técnico-científica brasileira**. Brasília: Centro de Gestão de Estudos Estratégicos, 2016.

CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Mestres 2012**: estudo da demografia da base técnico-científica brasileira. Brasília: Centro de Gestão de Estudos Estratégicos, 2012.

COELHO, G. B. Sociologia do conhecimento e da ciência: da sua emergência a Pierre Bourdieu. **Sinais**, Vitória, v. 21, n. 2, p. 266-294, jul./dez., 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/willi/Downloads/15045-Texto%20do%20artigo-52274-1-10-20171216%20(1).pdf>. Acesso em: 25 jul. 2020.

COELHO NETTO, J. T. **Semiótica, informação e comunicação**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CONFERENCES ON TRAINING SCIENCE INFORMATION SPECIALISTS, 12-13, October 1961, Atlanta, 12-13 April 1962, Atlanta. **Proceedings...** Atlanta: Georgia Institute of Technology, 1962.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Resolução RN nº 016/2006**, de 06 de julho de 2006. Bolsas individuais no país. Disponível em: <[http://www.cnpq.br/web/guest/view/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_0oED/10157/100343#16061](http://www.cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/100343#16061)>. Acesso em: 7 jan. 2019.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Documento de Área**: Área 31: Comunicação e Informação. [S.I.], 2019a. Disponível em: <[http://capes.gov.br/images/Documento\\_de\\_%C3%A1rea\\_2019/COMUNICACAO.pdf](http://capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/COMUNICACAO.pdf)>. Acesso em: 27 dez. 2019.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Produção técnica**: grupo de trabalho. [S.I.] 2019b. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf/view>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Relatório de avaliação quadrienal 2017**: comunicação e informação. [S.I.], 2017. Disponível em: <<http://capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4662-ciencias-sociais-aplicadas-i>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. 21 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FERREIRA, J. R. Editorial: os 45 anos do IBICT. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 1, jan., 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-19651999000100001>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 21 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

GARCIA, J. C. R. Conferências do Georgia Institute of Technology e a Ciência da Informação: “de volta para o futuro”. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 54-66, 2002. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/91917>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

GIDDENS, A.; SUTTON, P. W. **Conceitos essenciais da Sociologia**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GOMES, M. Y. F. S. F. Desafios atuais da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 3, p. 190-205, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n3/12.pdf> >. Acesso em: 13 jul. 2019.

GOMES, M. Y. F. S. F. Tendências atuais da produção científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil. **Datagramazero: revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2393>>. Acesso em: 24 jan. 2020.

GONZÁLEZ de GOMÉZ, M. N. As relações entre ciência, estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões de informação. **Ciência da informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 60-76, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1020>>. Acesso em: 14 ago. 2020.

GONZÁLEZ de GOMÉZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, 2002. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/975>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

GONZÁLEZ de GOMÉZ, M. N. Reflexões sobre a genealogia dos regimes de informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 29, n. 1, p. 137-158, jan./mar., 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/44357>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

GREIMAS, A. J. **Semiótica e ciências sociais**. São Paulo: Cultrix, 1981.

GRENFELL, M. Parte I – Biografia, teoria e prática. In: GRENFELL, M (Org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018. *E-Book* (não paginado). Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=gFRYDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=Pierre+Bourdieu:+conceitos+fundamentais&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiMu9Oqma3pAhVUEbkGHR-kCO0Q6AEIKDAA#v=onepage&q=Pierre%20Bourdieu%3A%20conceitos%20fundamentais&f=false>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

GUIMARÃES, J. A. C. Apresentação: Organização do Conhecimento: passado, presente e futuro em um contexto de diversidade cultural. In: GUIMARÃES, J. A. C.; DODEBEI, V. (org.). **Organização do Conhecimento e diversidade cultural**. Marília: ISKO-Brasil; FUNDEPE, 2015. p. 13-19. Disponível em: <<http://isko-brasil.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Organiza%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o-do>>

Conhecimento-e-Diversidade-Cultural-ISKO-BRASIL-2015.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2019.

HILÁRIO, C.M.; GRÁCIO, M. C. C.; GUIMARÃES, J. A. C. Aspectos éticos da coautoria em publicações científicas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 12-36, mai./ago., 2018. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/76312>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

HJØRLAND, B. Informetrics needs a foundation in the theory of Science. *In*: SUGIMOTO, C. (Org.) **Theories of Informetrics and Scholarly Communication**. Berlin: Walter de Gruyter, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). **Pós-Graduação em Ciência da Informação**. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT, [2018]. Disponível em: <<https://www.ibict.br/pesquisa-e-pos-graduacao/pos-graduacao-em-ciencia-da-informacao>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

IZIQUE, C. Marco legal da inovação estreita relação entre instituições científicas e empresas. **Agência FAPESP**, São Paulo, 2 mar. 2018. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/marco-legal-da-inovacao-estreita-relacao-entre-instituicoes-cientificas-e-empresas/27239/>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE COADIC, Y-F. **A ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MACULAN, A. M. D. A importância das interações para a inovação e a busca por indicadores. *In*: CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Bases conceituais em pesquisa, desenvolvimento e inovação**: implicações para políticas no Brasil. Brasília: CGEE, 2010. cap. 5, p. 165-186.

MAIA, M. F. S.; CAREGNATO, S. E. Co-autoria como indicador de redes de colaboração científica. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 13, n. 2, p. 18-31, mai./ago., 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362008000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362008000200003)>. Acesso em: 23 jun. 2019.

MARTINS, R. O. O que ocorreu com os cursos sequenciais? Reflexões sobre as contradições e descontinuidades das políticas de educação superior no Brasil entre 1997 e 2009. *In*: CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Formação de recursos humanos em áreas estratégicas de ciência, tecnologia e inovação**. Brasília: CGEE, 2010. cap. 5, p. 199-230.

MEC lança programa para aumentar a autonomia financeira de universidades e institutos. *In*: Portal do MEC. [S. l.], 17 jul. 2019. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=78211:mec-lanca-programa-para-aumentar-a-autonomia-financeira-de-universidades-e-institutos&catid=212&Itemid=86](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=78211:mec-lanca-programa-para-aumentar-a-autonomia-financeira-de-universidades-e-institutos&catid=212&Itemid=86)>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MELO, W. M. **Indicativos sobre o campo científico da comunicação**: uma análise da produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa entre os anos de 2004-2013. 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/14109>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

MELO, W. L.; BUFREM, L. S.; CORREIA, A. E. G. C. Bolsistas de produtividade em pesquisa 1 em Ciência da Informação: verificação da produtividade e percepções autorais em um ambiente de comunicação científica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais...** Londrina: ANCIB, 2018. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/102879>>. Acesso em: 10 dez 2018.

MELO, W. L.; CORREIA, A. E. G. C. A produção científica dos bolsistas de produtividade PQ 1 em Comunicação (2004-2013): indicativos sobre o campo científico. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ANCIB, 2015. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/2682>>. Acesso em: 11 dez 2018.

MELO, W. L.; CORREIA, A. E. G. C. A produtividade dos bolsistas PQ 2 (2004-2013): possíveis leituras sobre o campo científico. *In*: ENCONTRO BRASILEIRO DE BIBLIOMETRIA E CIENTOMETRIA, 5., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2016. p. A10. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/46134>>. Acesso em: 11 dez 2018.

MELO, W. L.; CORREIA, A. E. G. C. Bourdieu e a noção de campo: a intencionalidade cognitiva informacional versus capital simbólico. *In*: LUCAS, E. R. O.; SILVEIRA, M. A. A (Org.). **A ciência da informação encontra Pierre Bourdieu**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017a.

MELO, W. L.; CORREIA, A. E. G. C. Indicativos do campo científico: análise da produtividade dos bolsistas PQ 1 e PQ 2 em Comunicação (2004-2013). **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, p. 9-30, Edição Especial 5 EBBC, 2017b. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/11147>>. Acesso em: 10 out 2017.

MENA-CHALCO, J. P.; CESAR JÚNIOR, R. M. Prospecção de dados acadêmicos de currículos Lattes através de scriptLattes. *In*: HAYASHI, M. C. P. I.; LETA, J. (Org.) **Bibliometria e Cientometria: reflexões teóricas e interfaces**. São Carlos: Pedro & João, 2013. p. 109-128. Disponível em: <<http://scriptlattes.sourceforge.net/>>. Acesso em: 25 dez. 2019.

MENA-CHALCO, J. P.; CESAR JÚNIOR, R. M. ScriptLattes: an open-source knowledge extraction system from the Lattes platform. **Journal of the Brazilian Computer Society**, v. 15, n. 4, p. 31-39, 2009. Disponível em: <<http://scriptlattes.sourceforge.net/>>. Acesso em: 25 dez. 2019.

MERTON, R. K. A ciência e a estrutura social democrática. *In*: MARCOVICH, A.; SHINN, T. (Org.). **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia; Editora 34, 2013. cap.7, p.181-198.

MERTON, R. K. **La sociología de la ciencia**, 1. Madrid: Alianza, 1977.

MERTON, R. K. Science and technology in a democratic order. **Journal of Legal and Political Sociology**, v. 1, p. 115-26, 1942.

MOREL, R. L. M. **A pesquisa científica e seus condicionamentos sociais**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

MOTA, A. C. S *et al.* A evolução dos bolsistas de produtividade e de desenvolvimento tecnológico do CNPq: um estudo de caso para Ciências Ambientais. **Parcerias Estratégicas**, Distrito Federal, v. 23, n. 46, p. 135-154, jan./jun., 2018. Disponível em: <[http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias\\_estrategicas/article/viewFile/893/811](http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/893/811)>. Acesso em: 13 nov. 2019.

MUELLER, S. P. M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. *In*: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. cap. 1 p. 21-34.

NASCIMENTO, B. S. **A produção científica dos bolsistas de produtividade do CNPq: trajetórias da elite consagrada do campo da Educação no Brasil**. 2016. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47357>>. Acesso em: 10 out. 2019.

NAVES, R.; PANNUNZIO, E. Marco Regulatório. *In*: SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC). **Ciência, tecnologia e inovação para um Brasil competitivo**. São Paulo: SBPC, 2011. cap. 5, p. 67-78.

ODONNE, N. O IBBB e a informação científica: uma perspectiva histórica para a Ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr., 2006.

OLIVEIRA, E. F. T. **Estudos métricos da informação no Brasil**: indicadores de produção, colaboração, impacto e visibilidade. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.

OLIVEIRA, P. S. **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 1998.

REIS, V. M. S.; VIDEIRA, A. A. P. John Ziman e a ciência pós-acadêmica: consensibilidade, consensualidade e confiabilidade. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 583-611, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ss/v11n3/07.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

ROCHA NETO, I. Oferta e demanda de pessoal qualificado no Brasil. *In*: CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Formação de recursos humanos em áreas estratégicas de ciência, tecnologia e inovação**. Brasília: CGEE, 2010. cap. 3, p. 95-174.

RENDON-ROJAS, M. A. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas: ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. **Datagramazero**: revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/51091>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

SANTOS, R. N. M.; KOBASHI, N. Y. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 155-172, jan./dez., 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000007766/1fb17e6a59d9cabe4075b9cb19dfc10>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

SARACEVIC, T. A Ciência da Informação sob a ótica de Tefko Saracevic. [Entrevista cedida a] Bruno Lara. **Agencia iberoamericana para la difusión de la ciencia y la tecnología**, Rio de Janeiro, 19 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.dicyt.com/viewNews.php?newsId=29684>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

SAUSSURE, F. Linguística da língua e linguística da fala. *In*: BALLY, C.; SECHEHAYE, A.; RIEDLINGER, A. (Org.). **Curso de linguística geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. cap. 4, p. 26-28.

SCHWARTZMAN, S. **Ciência e tecnologia no Brasil**: uma nova política para um mundo global. São Paulo: [s.n.], 1993.

SCHWARTZMAN, S. **Um espaço para a ciência**: a formação da comunidade científica do Brasil. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

SHAPIN, S. Here and everywhere: sociology of scientific knowledge. **Annual Review of Sociology**. v.21, p. 289-321, 1995. Disponível em:

<<https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.so.21.080195.001445>>. Acesso em: 7 out. 2017.

SHINN, T. Axes thématiques et marches de diffusion: la science en France, 1975-1999. **Sociologie et sociétés**, v. 32, n. 1, p. 43-69, 2000.

SHINN, T. Entrevista com Terry Shinn. [Entrevista cedida a] Pablo Rubén Mariconda. **Scientiae Studia**, São Paulo, v.6, n.1, p. 139-150, 2008a. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-31662008000100007](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662008000100007)>. Acesso em: 14 jun 2018.

SHINN, T. Regimes de produção e difusão de ciência: rumo a uma organização transversal do conhecimento. **Scientiae Studia**, São Paulo, v.6, n.1, p. 11-42, 2008b. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-31662008000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662008000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 5 dez 2017.

SHINN, T.; RAGOUET, P. **Controvérsias sobre a ciência**: por uma sociologia transversalista da atividade científica. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia: Editora 34, 2008.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC). **Ciência, tecnologia e inovação para um Brasil competitivo**. São Paulo: SBPC, 2011.

SOUZA, C. D. **Impacto de las políticas brasileñas de ciencia y tecnología en la actividad investigadora de las universidades federales**: un estudio cuantitativo del período 2003-2015. 2018. 339f. Tese (Doutorado em Documentação) – Programa de Doctorado en Documentación: Archivos y Bibliotecas en el Entorno Digital, Universidad Carlos III de Madrid (UC3M), Getafe (Madrid), 2018.

TARAPANOFF, K. Educação corporativa: interação universidade-empresa. *In*: CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Formação de recursos humanos em áreas estratégicas de ciência, tecnologia e inovação**. Brasília: CGEE, 2010. cap. 7, p. 249-270.

TAYLOR, R. S. Professional aspects of information science and technology. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 1, p. 15-40, 1966.

VASCONCELLOS, V. G. Editorial: a função do periódico científico e do editor para a produção do conhecimento no Direito e nas ciências criminais. **Revista Brasileira de Direito Processual Penal**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, jan./abr., p. 9-17, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.22197/rbdpp.v3i1.34>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

VELHO, L. M. L. S. Introdução: a política científica, tecnológica e de inovação baseada em evidência: a “velha” e a “nova” geração. *In*: CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Nova geração de política em ciência, tecnologia e inovação**: seminário internacional. Brasília: CGEE, 2010a. cap. 1, p. 09-22.

VELHO, L. M. L. S. Modos de produção de conhecimento e inovação. Estado da arte e implicações para a política científica, tecnológica e de inovação. *In*: CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Nova geração de política em ciência, tecnologia e inovação**: seminário internacional. Brasília: CGEE, 2010b. cap. 2, p. 23-40.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. **Competência em Informação**: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019.

WHITLEY, R. **Social processes of scientific development**. London: Routledge and Kegan, 1974.

**APÊNDICE A – DETALHAMENTO DOS BOLSISTAS PQ EM CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO (2001-2017)**

<b>BOLSISTA</b>	<b>ID LATTES</b>
Aldo de Albuquerque BARRETO	ID Lattes: 3535540171060950
André Porto Ancona LOPEZ	ID Lattes: 2683882609392455
Barbara FADEL	ID Lattes: 5026852253317250
Beatriz Valadares CENDÓN	ID Lattes: 5217795669575718
Carlos Cândido de ALMEIDA	ID Lattes: 3901317157203491
Carlos Henrique MARCONDES de Almeida	ID Lattes: 6126712875843734
Daisy Pires NORONHA	ID Lattes: 9025959233466881
Daniel FLORES	ID Lattes: 9640543272532398
Dinah Aparecida de Mello Aguiar POBLACIÓN	ID Lattes: 1283555258053066
Edberto FERNEDA	ID Lattes: 8596568228676820
Edmir PERROTTI	ID Lattes: 3159202958465443
Eduardo Ismael MURGUIA Marañon	ID Lattes: 8804558693582234
Eliany Alvarenga de ARAÚJO	ID Lattes: 5523971366877609
Else Benetti Marques VALIO	ID Lattes: 5202244410979193
Ely Francina Tannuri de OLIVEIRA	ID Lattes: 8938252042140828
Emir José SUAIDEN	ID Lattes: 5651552109380543
Evelyn Goyannes Dill ORRICO	ID Lattes: 4299342469360586
Georgete Medleg RODRIGUES	ID Lattes: 3170566653824541
Geraldo Moreira PRADO	ID Lattes: 4611487449721174
Gilda OLINTO de Oliveira	ID Lattes: 9123225715599547
Guilherme Ataíde DIAS	ID Lattes: 9553707435669429
Gustavo Silva SALDANHA	ID Lattes: 6143079905555041
Helen de Castro Silva CASARIN	ID Lattes: 0592809928580900
Helio KURAMOTO	ID Lattes: 8778071496682261
Icleia THIESEN	ID Lattes: 2196624633172103
Isa Maria FREIRE	ID Lattes: 8430720903326399
Jaime ROBREDO	ID Lattes: 9669125022187444
João Batista Ernesto de MORAES	ID Lattes: 5819951651545585
Johanna Wilhelmina SMIT	ID Lattes: 4543503393775701
José Augusto Chaves GUIMARÃES	ID Lattes: 6380929054652063
Jose Maria JARDIM	ID Lattes: 3804765278248712
Katia Maria Coelho de CARVALHO Custódio	ID Lattes: 0261657442726518
Leilah Santiago BUFREM	ID Lattes: 1526528881898399
Lena Vania Ribeiro PINHEIRO	ID Lattes: 9613980184982976
Lidia ALVARENGA	ID Lattes: 9205421345814071
Lídia Silva de FREITAS	ID Lattes: 1168388763137714
Ligia Maria Arruda CAFÉ	ID Lattes: 9103205400963118
Liz Rejane ISSBERNER	ID Lattes: 5424368847166565
Marco Antônio de ALMEIDA	ID Lattes: 1950508075947990
Maria Aparecida MOURA	ID Lattes: 3179079966117749
Maria Cláudia Cabrini GRÁCIO	ID Lattes: 5170688300970006

<b>Maria Cristina Piumbato Innocentini HAYASHI</b>	ID Lattes: 7263318849588556
<b>Maria das Graças TARGINO</b>	ID Lattes: 2459023723937220
<b>Maria de Fátima Gonçalves Moreira TÁLAMO</b>	ID Lattes: 6110614407789789
<b>Maria de Nazaré Freitas PEREIRA</b>	ID Lattes: 0817031652271267
<b>Maria Inês TOMAÉL</b>	ID Lattes: 5712777858869471
<b>Maria Luiza de Almeida CAMPOS</b>	ID Lattes: 9545682339961651
<b>Maria Nelida GONZALEZ de GOMEZ</b>	ID Lattes: 3087665610359216
<b>Maria Yêda Falcão Soares de Filgueiras GOMES</b>	ID Lattes: 5868624012981211
<b>Mariângela Spotti Lopes FUJITA</b>	ID Lattes: 6530346906709462
<b>Marilda Lopes Ginez de LARA</b>	ID Lattes: 6050796477124925
<b>Marisa BRASCHER Basilio Medeiros</b>	ID Lattes: 8951909489273046
<b>Marlene OLIVEIRA</b>	ID Lattes: 0146077522102988
<b>Marta Lígia Pomim VALENTIM</b>	ID Lattes: 1484808558396980
<b>Maurício Barcellos ALMEIDA</b>	ID Lattes: 5218069708058487
<b>Miriam Figueiredo Vieira da CUNHA</b>	ID Lattes: 4269312045890881
<b>Mirian de Albuquerque AQUINO</b>	ID Lattes: 2023496822513593
<b>Nair Yumiko KOBASHI</b>	ID Lattes: 7888755937461651
<b>Nanci Elizabeth ODDONE</b>	ID Lattes: 2233874942329402
<b>Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa SANTOS</b>	ID Lattes: 7408791408049766
<b>Raimundo Nonato Macedo dos SANTOS</b>	ID Lattes: 2595121603577953
<b>Regina Maria MARTELETO</b>	ID Lattes: 6352285207676599
<b>Renato Rocha SOUZA</b>	ID Lattes: 4726949697973381
<b>Ricardo Medeiros PIMENTA</b>	ID Lattes: 0416440515458304
<b>Rosalí Fernandez de SOUZA</b>	ID Lattes: 1722582102636346
<b>Rosângela Schwarz RODRIGUES</b>	ID Lattes: 6722222615474343
<b>Rubens Ribeiro Gonçalves da SILVA</b>	ID Lattes: 6376683794840711
<b>Samile Andréa de Souza VANZ</b>	ID Lattes: 5243732207004083
<b>Sarita ALBAGLI</b>	ID Lattes: 8946328562221916
<b>Silvana Aparecida Borsetti Gregorio VIDOTTI</b>	ID Lattes: 7390573927636069
<b>Silvana Drumond MONTEIRO</b>	ID Lattes: 7380589344668739
<b>Sofia Galvão BAPTISTA</b>	ID Lattes: 4313460890626558
<b>Sonia Elisa CAREGNATO</b>	ID Lattes: 5627209208288722
<b>Sueli Angelica do AMARAL</b>	ID Lattes: 1986609559174583
<b>Sueli Mara Soares Pinto FERREIRA</b>	ID Lattes: 7369575632657650
<b>Suzana Pinheiro Machado MUELLER</b>	ID Lattes: 4140890737112740
<b>Teresinha FRÓES BURNHAM</b>	ID Lattes: 5856767352117805
<b>Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos DODEBEI</b>	ID Lattes: 1112112146102164
<b>Vera Silvia Marao BERAQUET</b>	ID Lattes: 8768411033062300
<b>Vinícius Medina KERN</b>	ID Lattes: 4588973096462209
<b>Virginia Bentes PINTO</b>	ID Lattes: 8992341585329383
<b>Waldomiro de Castro Santos VERGUEIRO</b>	ID Lattes: 9487332055549431
<b>Zuleica Lopes Cavalcanti de OLIVEIRA</b>	ID Lattes: 0558586299081668

Fonte: Elaborado pelo autor.

**APÊNDICE B – LISTA DAS 88 BASES DE DADOS DISPONÍVEIS NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES EM/OU CORRELATAS À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

<b>Academic Search Premier - ASP (EBSCO)</b>
<b>Annual Reviews</b>
<b>Applied Social Sciences Index and Abstracts - ASSIA (ProQuest)</b>
<b>Biblioteca Digital de Teses e Dissertações: BDTD</b>
<b>Biblioteca Nacional (Brasil). Acervo Digital</b>
<b>Booklist - ASP (EBSCO)</b>
<b>Britannica Academic Edition</b>
<b>Cambridge Core</b>
<b>Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadadas: CCN</b>
<b>Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES)</b>
<b>Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades: CLASE</b>
<b>Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)</b>
<b>CrossRef Search</b>
<b>CWTS Leiden Ranking</b>
<b>Cybertesis : Tesis Electrónicas en Línea</b>
<b>Directory of Open Access Journals – DOAJ</b>
<b>Directory of Open Access Repositories: OpenDOAR</b>
<b>Dissonline.de: Digitalen Dissertationen im Internet</b>
<b>DOAB: Directory of Open Access Books</b>
<b>Duke University Press</b>
<b>Duke University Press</b>
<b>Eigenfactor.org - ranking and mapping scientific knowledge</b>
<b>Elektronische Zeitschriftenbibliothek (EZB) = Electronic Journals Library</b>
<b>Emerald Insight</b>
<b>E-Scholarship</b>
<b>European Library</b>
<b>Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)</b>
<b>Gale - Academic OneFile</b>
<b>Gale Virtual Reference Library - ebook (Gale Group / InfoTrac)</b>
<b>Google Scholar</b>
<b>GUAIACA - Repositório Institucional da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)</b>
<b>Handbook of Latin American Studies: HLAS Online</b>
<b>Highwire Press</b>
<b>Hyper Article en Ligne: HAL</b>
<b>Incites Journal Citation Reports - JCR (Clarivate Analytics)</b>
<b>Information Science &amp; Technology</b>
<b>Inmetro. Acervo Digital</b>
<b>Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)</b>
<b>International Network for the Availability of Scientific Publications : INASP</b>
<b>JSTOR Arts &amp; Sciences III Collection (Social Sciences)</b>
<b>Latin American Open Archives Portal: LAOAP</b>
<b>Latin American Periodicals Tables of Contents : LAPTOC</b>
<b>Latindex: Portal de Portales</b>

**Latindex: Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina**  
**Library and Information Science Abstracts – LISA (ProQuest)**  
**Library of Congress (United States Library of Congress – LOC)**  
**Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text (EBSCO)**  
**Networked Digital Library of Theses and Dissertations: ND LTD**  
**OAlster**  
**OAPEN Library**  
**OECD iLibrary: Books**  
**OECD iLibrary: Papers**  
**OECD iLibrary: Statistics**  
**Online Books Page**  
**Open Access and Scholarly Information System: OASIS.BR**  
**Open Science Directory**  
**OpenAIRE (Open Access Infraestructure for Research in Europe)**  
**Oxford Journals (Oxford University Press)**  
**Persée – Portail de revues scientifiques en sciences humaines et sociales**  
**Plataforma Lattes**  
**Programa de Publicações Digitais da Proppg (Unesp)**  
**Qualis Periódicos (CAPES)**  
**re3data.org**  
**Reference Reviews (Emerald)**  
**Repositório Institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi**  
**ROAD Directory of Open Access scholarly Resources**  
**SAGE Journals Online**  
**Scholarpedia: the peer-reviewed open-access encyclopedia**  
**SciELO Analytics**  
**SciELO Citation Index (Web of Science)**  
**SciELO Cuba - Scientific Electronic Library Online**  
**SciELO Livros**  
**SciELO.ORG**  
**Science (AAAS)**  
**ScienceDirect (Elsevier)**  
**Scopus (Elsevier)**  
**SENAC. Biblioteca Digital**  
**SocINDEX with Full Text (EBSCO)**  
**SpringerLink**  
**Sumários.org**  
**Taylor & Francis Online**  
**Universia**  
**Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Biblioteca Digital da UNICAMP: Dissertações e Teses**  
**Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**  
**Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Programa de Pós-Graduação em Física Ambiental**

---

**Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics)**

---

**Wiley Online Library**

---

**WorldCat**

---

Fonte: elaborado pelo autor.

**APÊNDICE C – LISTA DOS 82 PERIÓDICOS INDEXADOS NA BRAPCI E OS RESPECTIVOS ESTRATOS QUALIS (COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO)**

<b>PERIÓDICO</b>	<b>ESTRATO</b>
<b>NACIONAIS</b>	
<b>Acervo - Revista do Arquivo Nacional</b>	B2
<b>Ágora</b>	B1
<b>Archeion Online</b>	C
<b>Arquivística.net</b>	SE
<b>Arquivo &amp; Administração</b>	A2
<b>AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento</b>	B2
<b>Bibliocanto</b>	SE
<b>Biblionline</b>	B2
<b>Biblioteca Escolar em Revista</b>	B3
<b>Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas</b>	C
<b>BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação</b>	C
<b>Brazilian Journal of Information Science</b>	B1
<b>Cadernos de Biblioteconomia</b>	SE
<b>Cadernos de Informação Jurídica (Cajur)</b>	B2
<b>Ciência da Informação</b>	B2
<b>Ciência da Informação em Revista</b>	B5
<b>Comunicação &amp; Informação</b>	B2
<b>Convergência em Ciência da Informação</b>	SE
<b>CRB8 Digital</b>	B5
<b>DataGramZero</b>	B3
<b>Em Questão</b>	A2
<b>Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação</b>	A2
<b>Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação</b>	SE
<b>InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação</b>	B1
<b>Inclusão Social</b>	B4
<b>Infociência</b>	SE
<b>Informação &amp; Informação</b>	A2
<b>Informação &amp; Sociedade: Estudos</b>	A1
<b>Informação &amp; Tecnologia</b>	B5
<b>Informação Arquivística</b>	B5
<b>Informação em Pauta</b>	B5
<b>Informação@Profissões</b>	B5
<b>Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação</b>	SE
<b>IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia</b>	B3

<b>Liinc em revista</b>	B1
<b>Logeion: filosofia da informação</b>	B5
<b>Memória e Informação</b>	SE
<b>Múltiplos Olhares em Ciência da Informação</b>	B5
<b>P2P e INOVAÇÃO</b>	C
<b>Perspectivas em Ciência da Informação</b>	A1
<b>Perspectivas em Gestão &amp; Conhecimento</b>	B1
<b>Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia</b>	B1
<b>Ponto de Acesso</b>	B1
<b>Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina</b>	B2
<b>Revista Analisando em Ciência da Informação</b>	B5
<b>Revista Bibliomar</b>	SE
<b>Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação</b>	B1
<b>Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação</b>	B5
<b>Revista Cajueiro</b>	SE
<b>Revista Conhecimento em Ação</b>	B5
<b>Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG</b>	SE
<b>Revista de Biblioteconomia &amp; Comunicação</b>	SE
<b>Revista de Biblioteconomia de Brasília</b>	SE
<b>Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias</b>	SE
<b>Revista Digital de Biblioteconomia &amp; Ciência da Informação</b>	B1
<b>Revista do Departamento de Biblioteconomia e História</b>	SE
<b>Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde</b>	SE
<b>Revista Eletrônica Informação e Cognição</b>	SE
<b>Revista Folha de Rosto</b>	B5
<b>Revista Fontes Documentais</b>	SE
<b>Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação</b>	B1
<b>Revista Informação na Sociedade Contemporânea</b>	SE
<b>Revista Latinoamericana de Documentacion</b>	SE
<b>Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins</b>	SE
<b>Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação</b>	B1
<b>Transinformação</b>	A1
<b>INTERNACIONAIS</b>	
<b>Biblios (Peru)</b>	A1
<b>Biblioteca Universitaria (México)</b>	SE
<b>Bibliotecas. Anales de Investigación (Cuba)</b>	SE
<b>Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas (Mexico)</b>	SE
<b>Cadernos BAD (Portugal)</b>	SE
<b>Ciencias de la Información (Cuba)</b>	B1
<b>e-Ciencias de la Información (Costa Rica)</b>	SE
<b>Hipertext.net (Espanha)</b>	SE
<b>Huellas en papel (Argentina)</b>	SE
<b>Métodos de información (Espanha)</b>	SE

<b>Páginas A&amp;B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)</b>	B4
<b>Palabra Clave (Argentina)</b>	A2
<b>Prisma.com (Portugal)</b>	B5
<b>Revista Alexandria (Peru)</b>	B1
<b>Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud (Cuba)</b>	B1
<b>Revista Interamericana de Bibliotecología (Colombia)</b>	A2

Fonte: Elaboarado pelo autor.

**APÊNDICE D – MATRIZ DE COLABORAÇÕES INTERINSTITUCIONAIS**

	UFBA	UFC	UFPB	UFPE	UFPI	UFG	UnB	FGV-RJ	IBICT	PUC CAMPINAS	UFF	UFMG	UFRJ-ESS	UFSCar	UNESP	UNIRIO	USP	UEL	UFRGS	UFSC	PESQUISADORES	IES	REGIÕES
K. M. C. CARVALHO (UFBA)				1					1							1					3	3	2
M. Y. F. S. F. GOMES (UFBA)																1					1	1	1
R. R. G. SILVA (UFBA)							1		1								1				3	3	2
T. FRÓES BURNHAM (UFBA)												1									1	1	1
L. S. BUFREM (UFPE)					1										4			1	1		7	4	3
R. N. M. SANTOS (UFPE)	1				1					1	1				1		2		1	2	10	8	3
G. A. DIAS (UFPB)					1	1	1	1				2			2						8	6	3
I. M. FREIRE (UFPB)					1				1						2						4	3	2
M. G. TARGINO (UFPI)			2	2			1		1						2	1	2	1		1	13	9	4
V. B. PINTO (UFC)									1						2						3	2	1
A. P. A. LOPEZ (UnB)					1										1	1	1				4	4	2
E. J. SUAIDEN (UnB)			1																		1	1	1
G. M. RODRIGUES (UnB)	1															1			1		3	3	3
S. A. AMARAL (UnB)																	1				1	1	1
E. A. ARAÚJO (UFG)			1									1									2	2	2

	UFBA	UFC	UFPB	UFPE	UFPI	UFG	UnB	FGV-RJ	IBICT	PUC CAMPINAS	UFF	UFMG	UFRJ-ESS	UFSCar	UNESP	UNIRIO	USP	UEL	UFRGS	UFSC	PESQUISADORES	IES	REGIÕES
<b>B. FADEL (UNESP)</b>							1					1				2					4	3	2
<b>C. C. ALMEIDA (UNESP)</b>											1							1		1	3	3	2
<b>E. F. T. OLIVEIRA (UNESP)</b>				1													1				2	2	2
<b>E. FERNEDA (UNESP)</b>			1	1																	2	2	1
<b>J. A. C. GUIMARÃES (UNESP)</b>				1	1						3					2	3				10	5	2
<b>J. B. E. MORAES (UNESP)</b>				1					1							1	1				4	4	2
<b>M. C. C. GRÁCIO (UNESP)</b>				1															1		2	2	2
<b>M. L. P. VALENTIM (UNESP)</b>			1		1				1								4	1		1	9	6	3
<b>M. S. L. FUJITA (UNESP)</b>		1							1		1					1	3			1	8	6	3
<b>P. L. V. A. C. SANTOS (UNESP)</b>			1								1						1				3	3	2
<b>S. A. B. G. VIDOTTI (UNESP)</b>		1	1						1		1					1		1			6	6	3
<b>D. A. M. A. POBLACIÓN (USP)</b>												1									1	1	1
<b>D. P. NORONHA (USP)</b>																1					1	1	1
<b>E. PERROTTI (USP)</b>					1										1						2	2	2
<b>J. W. SMIT (USP)</b>							1		1		1				4						7	4	2
<b>M. A. ALMEIDA (USP)</b>															2	1					3	2	1
<b>M. F. G. M. TÁLAMO (USP)</b>				1								1			1	1					4	4	2

	UFBA	UFC	UFPB	UFPE	UFPI	UFG	UnB	FGV-RJ	IBICT	PUC CAMPINAS	UFF	UFMG	UFRJ-ESS	UFSCar	UNESP	UNIRIO	USP	UEL	UFRGS	UFSC	PESQUISADORES	IES	REGIÕES
M. L. G. LARA (USP)	1						1		1		1	1			3				1	1	10	8	4
N. Y. KOBASHI (USP)				1							1				1	1					4	4	2
S. M. S. P. FERREIRA (USP)					1														1		2	2	2
W. C. S. VERGUEIRO (USP)															1						1	1	1
G. OLINTO (IBICT)					1								1		2						4	3	2
L. V. R. PINHEIRO (IBICT)	1	1														1					3	3	2
R. F. SOUZA (IBICT)	1		1								2						1				5	4	2
R. M. MARTELETO (IBICT)															2	1	1	1			5	4	2
R. M. PIMENTA (IBICT)																1					1	1	1
C. H. M. ALMEIDA (UFF)												1				1					3	3	1
D. FLORES (UFF)																1					1	1	1
E. I. MURGUIA (UFF)															3		1				4	2	1
L. S. FREITAS (UFF)															1	1					2	2	1
M. L. A. CAMPOS (UFF)				1				1	1						3	2	2		1		11	7	3
GONZALEZ de GOMEZ (UFF)									1			1				1					3	3	1
B. V. CENDÓN (UFMG)	1		1					1							1	1	2				7	6	2
H. KURAMOTO (UFMG)											1										1	1	1
L. ALVARENGA (UFMG)								1													1	1	1
M. A. MOURA (UFMG)																	1				1	1	1
M. B. ALMEIDA (UFMG)			1					1			2					1				1	6	5	3
M. OLIVEIRA (UFMG)						1		1									1				3	3	2

	UFBA	UFC	UFPB	UFPE	UFPI	UFG	UnB	FGV-RJ	IBICT	PUC CAMPINAS	UFF	UFMG	UFRJ-ESS	UFSCar	UNESP	UNIRIO	USP	UEL	UFRGS	UFSC	PESQUISADORES	IES	REGIÕES
<b>E. G. D. ORRICO (UNIRIO)</b>									1		3				3		1	1			9	5	2
<b>I. THIESEN (UNIRIO)</b>							2		2		1	1			1		3				10	6	2
<b>J. M. JARDIM (UNIRIO)</b>											1										1	1	1
<b>N. E. ODDONE (UNIRIO)</b>	2										1				1						4	3	2
<b>V. DODEBEI (UNIRIO)</b>					1							1			2						4	3	2
<b>M. HAYASHI (UFSCar)</b>										1											1	1	1
<b>R. R. SOUZA (FGV-RJ)</b>			1								1	4								1	7	4	3
<b>BERAQUET (PUC-CAMPINAS)</b>				1										1						1	3	3	3
<b>Z. OLIVEIRA (UFRJ-ESS)</b>									1												1	1	1
<b>L. M. A. CAFÉ (UFSC)</b>				1				1							1						3	3	2
<b>M. BRASCHER (UFSC)</b>										1											1	1	1
<b>M. F. V. CUNHA (UFSC)</b>					1							1			2		1				5	4	2
<b>R. S. RODRIGUES (UFSC)</b>				1																	1	1	1
<b>M. I. TOMAÉL (UEL)</b>					1				1						2	1					5	4	2
<b>S. D. MONTEIRO (UEL)</b>				1								1			1						3	3	2
<b>S. A. S. VANZ (UFRGS)</b>				1											1						2	2	2
<b>S. E. CAREGNATO (UFRGS)</b>				1			1				1						2				5	4	3

Fonte: Elaborado pelo autor.

**APÊNDICE E – HISTÓRICO E DETALHAMENTO DE PRODUÇÃO UTILITÁRIA DOS BOLSISTAS PQ EM CI: PRODUTO TECNOLÓGICO; PRODUÇÃO TÉCNICA SEM PATENTE; INOVAÇÕES PATENTEADAS**

	<b>ANO DE PRODUÇÃO</b>	<b>PRODUTO TECNOLÓGICO</b>	<b>COAUTORIA</b>	<b>COAUTORIA (GRUPO PQ)</b>
<b>A. BARRETO</b>	2013	<b>DataGramZero</b>	N	
		<b>LINKEDIN</b>	N	
		<b>Construção e manutenção de URL pessoal com pesquisas em ciência da informação na WEB</b>	N	
		<b>Montagem, atualização e operação de lista de discussão e divulgação na WEB</b>	N	
		<b>Criação e Manutenção de Blog</b>	N	
		<b>Criação de estrutura de divulgação no TWITTER</b>	N	
		<b>Criação de estrutura de divulgação de CT no FACEBOOK</b>	N	
		<b>Construir, adaptar e manter metodologia para ambiente de educação a distância</b>	N	
<b>D. FLORES</b>	2019	<b>Appliance - Máquina virtual do AtoM 2.5 em formato .ova e ubuntu 18.04 para a descrição arquivística, acesso e transparência ativa de documentos e informações</b>	S	
		<b>VM (Máquina Virtual) do AtoM na sua versão 2.5.3 para o Curso Ministrado no Encontro Catarinense de Arquivos, com customizações e PCSs incluídos para exercícios</b>	S	
	2018	<b>Remasterização ISO em Pendrive para o curso na Universidad Autónoma de Baja California - UABC: Descrição Arquivística com o AtoM (ICA-AtoM), Plataforma em Software Livre de</b>	N	

<b>Transparência Ativa de Documentos e Informações</b>	
<b>Produto Piloto: XML em SKOS do Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação implementado no AtoM (ICA-AtoM) versão 2.4</b>	<b>S</b>
<b>Mapeamento de Metadados do NUXEO Document Management para os Metadados da Norma Internacional ISAD(G) de acordo com o Padrão .CSV do AtoM (ICA-AtoM)</b>	<b>S</b>
<b>Remasterização de ISO em Pendrive para Curso no TSE - Tribunal Superior Eleitoral com o Archivematica como Arquivo Permanente e de manutenção da Autenticidade dos Documentos Arquivísticos</b>	<b>S</b>
<b>Remasterização de pendrive .ISO para o curso no Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios - TJDFT: AtoM: descrição, acesso e difusão de documentos arquivísticos</b>	<b>S</b>
<b>Remasterização ISO em pendrive para o curso no Tribunal de Justiça de Pernambuco - TJPE: AtoM: descrição, acesso e difusão de documentos arquivísticos</b>	<b>S</b>
<b>Elaboração de Máquina Virtual para o curso no Ministério do Planejamento Desenvolvimento e Gestão - MPDG: Ambiente de Preservação: Archivematica como Arquivo Permanente e de manutenção da Autenticidade dos Documentos Arquivísticos</b>	<b>S</b>

Elaboração de Máquina Virtual para o curso no Tribunal Regional do Trabalho 4ª Região - TRT4	S
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Tribunal Regional do Trabalho 4ª Região - TRT4: AtoM (ICA-AtoM) como Plataforma Arquivística Institucional de transparência ativa, descrição, acesso e difusão de documentos	S
Elaboração de Máquina Virtual para o curso no Laboratório de Preservação Digital do Curso de Arquivologia da UFSM: Descrição Arquivística no AtoM (ICA-AtoM) e explorações com o EAD	S
Elaboração de Máquina Virtual para o curso no Ministério do Planejamento Desenvolvimento e Gestão - MPDG: Plataforma arquivística de transparência ativa (AtoM, descrição, acesso e difusão de documentos)	S
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Tribunal Superior Eleitoral - TSE: Plataforma arquivística de transparência ativa (AtoM, descrição, acesso e difusão de documentos)	S
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios - TJDF: RDC-Arq - Repositório Arquivístico Digital Confiável: Archivematica, para o apoio aos SIGADs, Administração de Arquivos Permanentes, Preservação, Acesso a longo Prazo, Digitalização, Descrição e Difusão de Documentos Arquivísticos	S

	Elaboração de Máquina Virtual para o curso no Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios - TJDFT: RDC-Arq - Repositório Arquivístico Digital Confiável: AtoM (ICA-AtoM), para o apoio aos SIGADs, Administração de Arquivos Permanentes, Preservação, Acesso a longo Prazo, Digitalização, Descrição e Difusão de Documentos Arquivísticos	S
	Container Docker do AtoM (ICA-AtoM) versão 2.4 para a Descrição, Difusão, Acesso e Transparência Ativa de Documentos e Informações	N
	Remasterização do Nuxeo - Software para Gestão de Documentos em Software Livre Linux Ubuntu	S
	Extensão Inovadora em Digitalização de Documentos no Archivematica RDC-Arq em Software Livre remasterizado com Ubuntu 14.04	S
	Extensão Tecnológica: Transferência de Tecnologia na elaboração de Máquina Virtual com o AtoM (ICA-AtoM) versão 2.4.0 para o TRT4 - Tribunal Regional do Trabalho 4ª Região - Porto Alegre, para o Curso de Descrição, Digitalização e Difusão de Documentos com a Plataforma de Transparência Ativa em Software Livre	S
2017	Remasterização ISO em Pendrive para o curso na Fundação Casa de Rui Barbosa: Descrição, Difusão e Acesso de Informações e Documentos no ICA-AtoM (AtoM) para Arquivos, Bibliotecas e Museus.	N

Elaboração de Máquina Virtual para o curso no Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM: e-ARQ Brasil: especificações técnicas e funcionais para sistemas confiáveis de gestão de documentos	N
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Conselho de Arquitetura e Urbanismo - CAU/RS: Ica-Atom: Descrição, Difusão e Acesso com Software Livre	N
Elaboração de Máquina Virtual para o Grupo CNPq UFSM Ged/A no curso: Digitalização de Documentos e Empacotamento OAIS SIP para Repositórios Arquivísticos Digitais	N
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Tribunal Regional do Trabalho - TRT: Documentos Arquivísticos Digitais: Gestão, Preservação e Acesso/Difusão	N
Remasterização ISO em Pendrive para o Treinamento no Sistema Archivematica	N
Elaboração de Máquina Virtual para o curso na Fundação Casa de Rui Barbosa: RDC-Arq: Archivematica como ambiente de preservação - repositório digital confiável segundo o Modelo OAIS para Arquivos, Bibliotecas e Museus	N
Elaboração de Máquina Virtual para o curso na Universidade Federal do Alagoas - UFAL: RDC-Arq Repositórios arquivísticos digitais confiáveis - o ambiente de Preservação e Acesso	S

RDC-Arq Repositório Digital Archivemática remasterizado em Pendrive (.ISO) para Preservação Digital e contemplação da Resolução nº 43/2015 do Conarq, utilizando o Ubuntu 14.04	S
Remasterização ISO em Pendrive para o curso na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul: Descrição, Difusão e Acesso de Documentos no ICA-AtoM (AtoM)	S
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Tribunal de Contas do Estado do Maranhão - TCE MA: Plataforma Arquivística de Descrição, Acesso e Difusão: o AtoM (ICA-AtoM)	S
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Tribunal Regional Eleitoral TRE - Tocantins: Plataforma Arquivística de Descrição, Acesso e Difusão: o AtoM (ICA-AtoM)	S
Elaboração de Máquina Virtual para o curso na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul: Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos - SIGADs e os Sistemas de Negócio: e-ARQ Brasil e orientações técnicas do CONARQ	S
Remasterização ISO em Pendrive para o curso na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG: Os Ambientes e as Plataformas para a Gestão, Preservação e Acesso de Documentos Digitais: SIGAD e RDC-Arq	S

Remasterização ISO em Pendrive para o curso na Sede do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul: Treinamento do Software Ica-AtoM para os Colaboradores do CAU/RS	S
Sistema de Gestão Documental em Software Livre OrfeoLIBRE remasterizado e com metadados e requisitos e-ARQ Brasil: estudo, teste e geração de arquivo .ISO para download e instalação	N
Identificação dos Metadados PREMIS no RDC-Arq Archivematica	N
PRODUTO: Análise do Blockchain e os Repositórios Arquivísticos Digitais Confiáveis - RDC-Arq	N
Repositório Digital Remasterizado com Archivematica 1.6 e ICA-AtoM - AtoM 2.3 (Software Livre)	S
Análise do NUXEO como Sistema de Gestão de Documentos com uso da versão Live em Pendrive do NUXEO DM - Document Management: abordagem do Modelo OAIS (ISO 14.721) e Orientação Técnica nº 03/2015 do CONARQ	S
Repositório Digital Remasterizado com Archivematica e Metadados para Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia (Software Livre)	S
Implementação dos Metadados e-ARQ Brasil no Software Nuxeo de Gestão de Documentos	S
Extensão Tecnológica: Criação da Remasterização do AtoM (ICA-AtoM) em Software Livre para o Curso de Descrição e Digitalização na Universidade Federa de Santa Maria	S

2016	<b>Produto do Mestrado Profissional - RECOMENDAÇÕES PARA GARANTIR A ORGANICIDADE E A AUTENTICIDADE NOS ACERVOS FOTOGRÁFICOS DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL</b>	S
	<b>Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Centro de Documentação da Aeronáutica - CENDOC: ACESSO E DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL ARQUIVÍSTICO VIA WEB COM O SOFTWARE LIVRE ICA- AtoM</b>	N
	<b>Elaboração de Máquina Virtual para o curso no SESC e na PINACOTECA de São Paulo: Archivematica - Repositório Arquivístico Digital Confiável - RDC-Arq</b>	N
	<b>Elaboração de Máquina Virtual para o curso na Escola do Parlamento da Câmara Municipal de Vereadores de São Paulo: Manutenção da autenticidade, confiabilidade e fonte de prova dos documentos arquivísticos digitais (do SIGAD ao RDC-Arq)</b>	N
	<b>Remasterização ISO em Pendrive para o curso ao Grupo CNPq UFSM Ged/A: Oficina de Archivematica e Ica- AtoM</b>	N
	<b>Elaboração de Máquina Virtual para o curso na Universidade Federal de Goiás - UFG: Archivematica - Parte Prática</b>	N
	<b>Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ: Atom e Archivematica</b>	N

Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro: Software livre para repositórios: AtoM (ICA-AtoM) e Archivematica	N
Remasterização ISO em Pendrive para o curso na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP: AtoM (ICA-AtoM): Descrição, Difusão e Acesso de Documentos Arquivísticos	S
Elaboração de Máquina Virtual para o curso no Arquivo Público do Estado da Bahia: AtoM (ICA-AtoM) Descrição, Difusão e Acesso de Documentos Arquivísticos - Workshop	S
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Arquivo Público do Estado do Mato Grosso: AtoM (ICA-AtoM) Descrição, Difusão e Acesso de Documentos Arquivísticos e Introdução ao Archivematica para Preservação Digital	S
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Instituto Federal do Espírito Santo - IFES: AtoM (ICA-AtoM) Descrição, Difusão e Acesso de Documentos Arquivísticos e workshop de Archivematica para Preservação Digital	S
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Instituto Federal do Espírito Santo - IFES: Documentos Digitais: o uso de Softwares Livres para a Gestão, Preservação e Acesso	S
Elaboração de Máquina Virtual para o curso na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM: Archivematica - Parte Prática	S

<b>A Função de Descrição e a Cadeia de Custódia dos documentos arquivísticos digitais: do SIGAD ao RDC-Arq</b>	N
<b>Sistemas de Informação Autênticos em uma Cadeia de Custódia Arquivística</b>	N
<b>Sistemas informatizados de acesso e gestão da preservação em documentos históricos permanentes</b>	N
<b>Sistemas informatizados de acesso e gestão da preservação em documentos históricos permanentes</b>	N
<b>Gestão da informação orgânica universitária: autenticidade, interoperabilidade e cadeia de custódia digital</b>	N
<b>Disseminação e instrumentos: acesso autenticado e referenciado por RDC-Arq em uma Cadeia de Custódia</b>	N
<b>RDC-Arq e a Cadeia de Custódia dos Documentos Arquivísticos</b>	N
<b>Cadeia de custódia dos documentos arquivísticos digitais: do SIGAD ao RDC-Arq</b>	N
<b>Documentos Digitais: o uso de Softwares Livres para a Gestão, Preservação e Acesso</b>	N
<b>Documentos digitais autênticos em Arquivos Municipais: cadeia de custódia</b>	N
<b>Documentos arquivísticos digitais autênticos ou autenticados: cadeia de custódia do SIGAD ao RDC-Arq</b>	N
<b>Archivematica para a Gestão de Arquivos: componente da Cadeia de Custódia Digital no RDC-Arq</b>	N

<b>Interoperabilidade de Documentos Arquivísticos: dos Sistemas de Negócio ao SIGAD e ao RDC-Arq</b>	N
<b>Cenário de Usos do RDC-Arq: Os Arquivos Permanentes Digitais e os SIGADs de Negócio</b>	N
<b>Desafio do acesso e disseminação da informação arquivística e o avanço da tecnologia</b>	N
<b>Estudos sobre o SEI e suas necessidades de melhorias: Considerações do GT SEI Avaliação do AN, CTDE CONARQ e Grupo CNPq UFSM Ged/A</b>	N
<b>Manutenção da autenticidade, confiabilidade e fonte de prova dos documentos arquivísticos digitais (do SIGAD ao RDC-Arq)</b>	N
<b>Estudos sobre o SEI e suas necessidades de melhorias: Considerações do GT SEI Avaliação do AN, CTDE CONARQ e Grupo CNPq UFSM Ged/A</b>	N
<b>Instrumento de Pesquisa Arquivística: Guia do Patrimônio Documental custodiado pela Divisão de Arquivo da UFCSPA</b>	S
<b>Instrumento de Pesquisa Arquivística: Inventário da Documentação custodiada pela Divisão de Arquivo da UFCSPA</b>	S
<b>RDC-Arq Repositório Digital Archivematica remasterizado em Pendrive (.ISO) para Preservação Digital e contemplação da Resolução nº 43/2015 do Conarq</b>	S

	<b>Produto do Mestrado Profissional - ?Recomendações para a construção ou reestruturação de websites de Setores de Arquivo de Instituições Federais de Ensino Superior?</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - GUIA DO FUNDO ARQUIVO FIDENE DE DOCUMENTOS SONOROS</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - FUNDO DO ARQUIVO FIDENE (AF) INVENTÁRIO DOS DOCUMENTOS SONOROS</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - FUNDO DO ARQUIVO FIDENE (AF) CATÁLOGO DE DOCUMENTOS SONOROS</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - PROPOSTA DE POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO DIGITAL PARA A UFSM</b>	S
2015	<b>Elaboração de Máquina Virtual para o curso no Câmara dos Deputados: A Manutenção da Cadeia de Custódia no Archivemática: Preservação, Autenticidade e Acesso a Longo Prazo no Repositório Arquivístico Digital Confiável - RDC-Arq</b>	N
	<b>Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Museu Antropológico Diretor Pestana - MADP: Acesso a longo prazo e transparência ativa de Documentos Arquivísticos Autênticos</b>	N
	<b>Elaboração de Máquina Virtual para o curso no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT: Archivemática - Acesso a longo prazo e Autenticidade de</b>	N

---

**Documentos Arquivísticos Digitais:  
RDC-Arq**

Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Superior Tribunal Militar - STM: Archivematica como componente dos RDC-Arq para garantia da autenticidade e acesso a longo prazo de documentos arquivísticos digitais	N
Remasterização ISO em Pendrive para o curso na Remasterização ISO em Pendrive para o curso no: Gestão Arquivística de Documentos Digitais	N
Elaboração de Máquina Virtual para o curso na Universidade de Brasília - UnB: O Software Livre de preservação digital Archivematica: ferramenta para a preservação do patrimônio documental da UnB	N
Elaboração de Máquina Virtual para o curso na Associação dos Arquivistas do Estado de São Paulo - ARQ-SP: Administração de Arquivos Permanentes com Software Livre	N
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no AARS e IFRS: A Gestão Arquivística de Documentos Digitais e a Administração de Arquivos Permanentes em Ambientes Digitais	S
Remasterização do ICA-AtoM e Archivematica para a Preservação Digital, Descrição e Acesso a Longo Prazo	S
Remasterização ISO em Pendrive para o curso no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT: AtoM (ICA-AtoM) - Acesso a	S

---

<b>longo prazo e Autenticidade de Documentos Arquivísticos Digitais: RDC-Arq</b>	
<b>Elaboração de Máquina Virtual para o curso na Universidade Federal do Ceará - UFC: ICA-AtoM (AtoM) e Archivemática Repositório Arquivístico Digital Confiável - RDC-Arq</b>	S
<b>Remasterização ISO em Pendrive para o curso na Universidade Federal do Ceará - UFC: ICA-AtoM: Descrição, digitalização, acesso e difusão de documentos arquivísticos</b>	S
<b>Elaboração de Máquina Virtual para o curso no Arquivo Central - UNB: Preservação, Autenticidade e Acesso a Longo Prazo no Repositório Arquivístico Digital Confiável - RDC-Arq: O Archivemática</b>	S
<b>ICA-AtoM (AtoM): Acesso à Informação e Transparência Ativa através da Plataforma Arquivística em Software Livre para Arquivos na Internet</b>	N
<b>Archivemática - Acesso a longo prazo e Autenticidade de Documentos Arquivísticos Digitais: RDC-Arq</b>	N
<b>Aplicação dos Metadados para Museus VRA Core no Archivemática</b>	N
<b>Produto do Mestrado Profissional - RECOMENDAÇÕES PARA UM REPOSITÓRIO ARQUIVÍSTICO DIGITAL PARA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL DIGITAL ORIUNDO DO PROCESSO JUDICIAL ELETRÔNICO</b>	S

2014	<b>Produto do Mestrado Profissional - Guia e Inventário do Patrimônio Arquivístico Custodiado pela Divisão de Documentação</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - Quadro hierárquico do Arranjo Documental da UFRGS</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - Quadro hierárquico do Arranjo Documental para os Fundos Fechados custodiados pela Divisão de Documentação da UFRGS</b>	S
	<b>Distribuição Remasterizada do AtoM 2.0.1 e Ubuntu Linux para a Descrição de Documentos Arquivísticos e Acesso via Web</b>	N
	<b>Sistema de Gestão Documental OrfeoLibre remasterizado com Ubuntu para desempenho das Funções Arquivísticas de Carol Couture</b>	N
	<b>Protótipo de Metadados SIP para o Repositório Arquivístico Digital Archivematica</b>	N
	<b>Compilação do ArchivistaBox para análise dos Requisitos do e-ARQ Brasil</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - INSTRUMENTO ARQUIVÍSTICO DE PESQUISA CATÁLOGO DE FOTOGRAFIAS 1890 - 2000</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - Recomendações e Diretrizes para a Implementação de Políticas de Arquivo nos municípios integrantes da Associação dos Municípios da Grande Santa Rosa (AMGSR)</b>	S

	<b>Produto do Mestrado Profissional - Inventário documental do Fundo Coordenação do Campus Avançado de Roraima ? Projeto Rondon</b>	S
2013	<b>Produto de Mestrado Profissional - Catálogo online das resoluções do reitor da Universidade Federal de Santa Maria</b>	S
	<b>Distribuição Remasterizada do ICA-Atom e Ubuntu Linux para a Descrição de Documentos Arquivísticos e Acesso via Web</b>	N
	<b>Produto do Mestrado Profissional - Recomendações para a digitalização de documentos: finalidade de acesso às informações arquivísticas</b>	S
2012	<b>Produto do Mestrado Profissional - Patrimônios de Maria: Registro de Fotografias Digitais para Salvar Informações do Patrimônio Arquitetônico da Cidade de Santa Maria no Ambiente Web 2.0 com Softwares Livres</b>	S
	<b>Produto: Orientações para a submissão de Pacotes OAIS com Documentos Arquivísticos para Repositórios Arquivísticos Digitais Confiáveis</b>	N
	<b>Manual para preservação digital dos documentos dos Departamentos do Centro de Artes e Letras - CAL - UFSM</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - MANUAL PARA PRESERVAÇÃO DIGITAL DE DOCUMENTOS DO CENTRO DE ARTES E LETRAS (UFSM)</b>	S
	<b>Guia de Fundos do Arquivo Geral da FURG</b>	S

	<b>Inventário da Faculdade de Direito Clovis Bevilacqua</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - Guia de Fundos do Arquivo Geral da FURG</b>	S
2011	<b>Proposta de um conjunto de metadados com potencial de uso em Prontuários Eletrônico de Pacientes</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - Conjunto de metadados com potencial de uso em Prontuários Eletrônico de Pacientes</b>	S
	<b>A produção e classificação de documentos arquivísticos no software NUXEO</b>	N
	<b>Elaborador de Metadados para Pacotes SIPs de Recolhimento de Documentos Digitais em Lote</b>	N
	<b>Aplicação dos Requisitos Arquivísticos nos Repositórios Digitais: O Archivematica e o RODA - Repositório de Objetos Digitais Autênticos</b>	N
	<b>Repositórios Digitais e sua adequação aos metadados Arquivísticos</b>	N
	<b>Recomendações para maior consistência das informações arquivísticas do sistema de registro e alterações de projetos no SIE/UFSM</b>	S
	<b>Produto do Mestrado Profissional - Recomendações que visam conferir maior consistência das informações arquivísticas do sistema de registro e alterações de projetos no SIE</b>	S
2010	<b>Projeto de estudo de adequação do Repositório Digital DSpace com os Requisitos e Metadados Arquivísticos</b>	N

		Catálogo seletivo de fotografias: 'Concretizando um ideal: a cidade Universitária da UFSM, de 1960 a 1973'	S	
		Produto do Mestrado Profissional - Catálogo Seletivo de Fotografias da UFSM	S	
	2009	Sistema de Elaboração de Planos de Classificação de Documentos - PCDs	N	
	2004	Sistema de Importação e Exportação de Metadados ISAD(G)	N	
	2003	Projeto de implementação de um sistema de GED com os metadados contemplandoas sete funções arquivísticas	N	
		Sistema de Descrição Arquivística com a ISAD(G)	S	
<b>E. B. M. VALIO</b>	1997	Base de Dados Em Literatura Infanto-Juvenil - Badali	S	
	2014	Ficha catalográfica - Current mechanisms for financing audiovisual content in latin america 2 = Mecanismos actuales de financiación de contenidos audiovisuales en latinoamérica 2 / organizado por Steve Solot. - 1a. edição bilíngue. - Rio de Janeiro: LATC, 2014	N	
<b>G. S. SALDANHA</b>		Modelo Arc. de desenvolvimento de bases de dados científicos seriados: memória da ciência, recuperação da informação científica e indicadores métricos	N	
	2013	Roteiro de entrevista - Ética, Epistemologia e Política - Perspectivas filosóficas da Informação	S	
		Ontologia para gestão pública de ciência, tecnologia e inovação	S	R. F. SOUZA

	2007	Zine Violento: Identidade	S	R. M. MARTELETO
	2005	Micro-tesauros de ciências criminais	S	M. A. MOURA
<b>J. ROBREDO</b>	1994	Infodoc	N	
	1981	Bib/Batch	N	
<b>L. ALVARENGA</b>	1990	Índice da publicação: Linhas e Projetos em Andamento - 1990 - Universidade de Brasília	N	
	1987	Macrotesauro de Transportes		
<b>L. S. FREITAS</b>	2014	BENANCIB - Repositório dos Trabalhos e Palestras apresentados nos ENANCIBs- 1994-2013	S	
<b>L. V. R. PINHEIRO</b>	2003	Portal de Informação Científica e Tecnológica do Prossiga	N	
	2015	Saberes Plurais - museu virtual : postais	S	
	2012	Agenda IN	N	
<b>M. A. MOURA</b>	2009	Tesauro João Guimarães Rosa - TJGR	S	
	2008	Tesauro Informação e Sociedade	N	
	2005	Tesauro em Ciência da Informação - TCI	S	
		Micro-tesauros de ciências criminais	S	G. S. SALDANHA
	2004	Tesauro de Cinema Brasileiro	N	
	2018	Tesauro Globosat	N	
	2016	Manual de Indexação do Acervo Audiovisual GLOBOSAT	S	
	2015	Manual de Metadados do acervo de vídeos GLOBOSAT	S	
<b>M. L. A. CAMPOS</b>		Requisitos para softwares de tesauros	S	
	2004	Tesauro de Folclore e Cultura Popular Brasileira	N	
		Ações Afirmativas no Brasil: Entre o projeto e o gesto	S	
	1999	BETI - Biblioteca Virtual em Tecnologia da Informação	N	
	1997	Tesauro em Seguros - SUSEP	N	

	1994	Informação e Documentação em Filosofia Antiga	S	
	1990	Manual de Elaboração de Tesouros Monolíngues. MEC-PNBU. (Participante da equipe responsável pelo trabalho - bolsista CNPq)	S	
	1988	Tesouro de Engenharia Civil	S	
	1987	Tabela de Classificação em Engenharia Civil	N	
<b>R. F. SOUZA</b>	2013	Ontologia para gestão pública de ciência, tecnologia e inovação	S	G. S. SALDANHA
<b>R. M. MARTELETO</b>	2007	Zine Violento: Identidade	S	G. S. SALDANHA
	2009	Portal Univerciencia.org - Produção Científica em Ciências da Comunicação	N	
		Portal de Revistas de Acesso Aberto em Turismo	S	
		Portal de Eventos Científicos em Turismo	S	
	2008	Portal de Revistas de Acesso Aberto em Ciências da Comunicação	N	
	2007	Portal Expocom 2007	N	
		Portal Quem é Quem em Comunicação	N	
<b>S. M. S. P. FERREIRA</b>	2006	Portal Franco-Brasileiro em Ciências da Comunicação	S	
	2005	Portal Reposcom	S	
		Responsabilidade Social Empresarial e Investimento Social - tutorial para a Universidade SABESP	S	
	2002	Base PORTDATA	N	
		Portal em Ciências da Comunicação da Portcom	S	
		Portal REVCOM - Coleção eletrônica de revistas científicas em comunicação dos países de língua portuguesa	S	

2001	<b>Portal USP (USPONLINE)</b>	S
	<b>Tutorial trilingue - Portal USP</b>	S
2000	<b>Website do Serviço "Acontece na ECA"</b>	S
	<b>Website do Tótem Multimídia da ECA</b>	S
1998	<b>Website da ECA/USP</b>	S

Fonte: Elaborado pelo autor.

	<b>ANO DE PRODUÇÃO</b>	<b>PRODUÇÃO TÉCNICA - SEM PATENTE</b>	<b>COAUTORIA</b>	<b>COAUTORIA (GRUPO PQ)</b>
<b>A. P. A. LOPEZ</b>	2013	<b>DIGIFOTO: Mapeamento e digitalização de documentos fotográficos de Maringá e região Versão on-line</b>	S	
	2006	<b>DIGIFOTO: mapeamento e digitalização de documentos fotográficos de Maringá e região</b>	S	
<b>B. V. CENDÓN</b>	2010	<b>Website da Escola de Ciência da Informação da UFMG</b>	S	
	2002	<b>Website: Fontes Eletrônicas de Informação para negócios</b>	N	
		<b>Website: Ferramentas de busca na Internet</b>	N	
	1999	<b>Website: Disciplina Serviços de Disseminação da Informação</b> <b>Website para apoio à disciplina Acesso a fontes eletrônicas de informação</b>	N	
<b>D. FLORES</b>	2020	<b>AtoM (ICA-AtoM) versão de testes em VM 2.6. 2020</b>	N	
		<b>RDC-Arq Archivematica compilado em VM VirtualBox com Linux Ubuntu 18.04. 2020</b>	N	
	2019	<b>AtoM (ICA-AtoM) 2.5 remasterizado para execução em Pendrive com Ubuntu Linux 18.04 e SystemBack</b>	S	
		<b>AtoM (ICA-AtoM) Software Livre: Digitalização e Transparência Ativa de Documentos Digitais</b>	S	

	remasterizado em Ubuntu 19.04 - Release 2.5.1	
	VM do AtoM 2.5.3 com Vagrant e compilado com Português do Brasil	N
	Máquina Virtual para Empacotamento OAIS AIP de Documentos do Carta Certa da DTS Software (Carta Certa 3.3C para MS-DOS, 1989 Desenvolvido por Convergente Desenvolvimento de Sistemas Ltda)	S
	Empacotador de Documentos Digitais e Metadados VRA Core para o Software Livre Archivematica RDC-Arq	N
	VM do Nuxeo DM (Sistema de Gestão de Documentos) via Distro Debian para as Funções Arquivísticas de Produção, Classificação e Avaliação de Documentos (gerados .VMDK e .OVA para compartilhamento e uso)	S
	Software para Gestão de Documentos Nuxeo DM remasterizado para o ensino em Graduação de Arquivologia - Disciplina de Gestão de Documentos	N
	Sistema para o Empacotamento OAIS SIP padrão BagIT da LoC para o Archivematica (para o Curso ministrado no Arquivo do Estado de Santa Catarina com a Associação dos Arquivistas de SC)	N
	Software Livre AtoM (ICA-AtoM) 2.5 remasterizado para execução em Pendrive com Ubuntu Linux 18.04 e SystemBack	N
2018	Script em Shell para Instalação do AtoM (ICA-AtoM) versão 2.4: Plataforma Arquivística de Descrição, Acesso e Transparência Ativa de Documentos e Informações na Web em Software Livre	N
	Empacotador de Documentos Arquivísticos Digitais e Metadados Dublin Core para o Software Livre Archivematica	N

	<b>Nuxeo Remasterizado para Produção e Tramitação de Documentos Arquivísticos Digitais em uma Cadeia de Custódia</b>	S
	<b>Remasterização do Software Livre AtoM (ICA-AtoM) versão 2.4.1 com o SystemBack em Arquivo .ISO para Boot em Pendrive/HD Externo: Plataforma Arquivística de Transparência Ativa, Descrição Arquivística e Cadeia de Custódia com o Modelo OAIS</b>	N
	<b>Sistema de Gestão Documental ORFEO remasterizado em Linux Ubuntu 14.04</b>	N
	<b>Sistema de elaborador de Metadados e-ARQ com Crosswalk para Metadados ISAD(G)</b>	N
2017	<b>Repositório Arquivístico Digital Remasterizado com Archivematica 1.6 e Ubuntu 14.04 (Software Livre)</b>	N
	<b>Elaborador de Pacotes OAIS SIP para Admissão em Repositórios Arquivísticos Digitais Confiáveis - RDC-Arq</b>	N
2016	<b>ICA-AtoM e Archivematica Remasterizado para a Descrição Arquivística e a Cadeia de Custódia com Linux Ubuntu 14.04</b>	N
	<b>Archivematica Remasterizado para a Cadeia de Custódia com Linux Ubuntu 14.04</b>	N
	<b>Repositório de Objetos Digitais Autênticos - RODA em Software Livre Virtualizado em VM formato .OVA</b>	N
	<b>Nuxeo Remasterizado para a Gestão de Documentos visando a contemplação dos Requisitos do e-ARQ Brasil</b>	N
	<b>OrfeoLIBRE - Sistema de Gestão de Documentos compilado em uma Máquina Virtual para o VirtualBox</b>	N
	<b>Adoção do SepiaDES em JAVA para a Descrição de Fotografias, remasterizada em Ubuntu 14.04</b>	N

	<b>Distribuição Remasterizada com o AtoM versão 2.2.1 para a Descrição Arquivística</b>	N
	<b>Repositório Arquivístico Digital Remasterizado com Archivematica e Ubuntu 14.04 (Software Livre)</b>	N
2015	<b>Elaboração de Pacotes OAIS BagIT da LoC (Biblioteca do Congresso Americano) com base em Digitalização de Documentos Arquivísticos e os Metadados da ISAD(G)/NOBRADE</b>	N
2014	<b>Archivematica Remasterizado com Ubuntu (Repositórios Arquivísticos Digitais)</b>	N
	<b>ICA-AtoM Remasterizado com Linux Mint (Descrição Arquivística, Difusão e Acesso via Web com Software Livre)</b>	N
	<b>Sistema Elaborador de Etiquetas para Caixa-arquivo para indexação de Acervos</b>	N
	<b>Repositório Arquivístico Digital Archivematica Remasterizado com Ubuntu Server</b>	N
	<b>Sistema de Gestão e Controle de Documentos Sigilosos da Comissão Científica do VI CNA 2014 Santa Maria - Congresso Nacional de Arquivologia</b>	N
2013	<b>Distribuição remasterizada do ICA-AtoM 1.3.1 com Linux Mint para Descrição Arquivística via Pendrive</b>	N
2012	<b>Distribuição remasterizada do ICA-AtoM com Ubuntu 12.10 para Descrição Arquivística via Pendrive</b>	N
	<b>Integração do Repositório Arquivístico Digital Archivematica ao ICA-AtoM</b>	N
2011	<b>Portal Multimídia com os Objetos Digitais do Curso de Arquivologia da UFSM</b>	S

	2010	<b>Sistema de Digitalização de Documentos e preparação de Metadados Arquivísticos EAD (<i>Encoded Archival Description</i>)</b>	N
	2008	<b>Elaboração do Portal Multimídia PPGPPC - Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural</b>	S
	2002	<b>25 Anos do Curso de Arquivologia da UFSM</b>	S
	1997	<b>Gerenciamento Eletrônico de Documentos e Gerenciador de Banco de Dados</b>	N
		<b>SLP - Sistema de Licitações Públicas - Comissão de Licitações/DEMAPA/UFSM</b>	N
		<b>SEO - Sistema de Execução Orçamentária - Pró-Reitoria de Administração e Unidades Vinculadas</b>	N
		<b>FROTA - Sistema de Controle da Frota da UFSM cfe. MEC - PREFEITURA/UFSM</b>	N
		<b>SCD - Sistema de Controle de Despesas - Pró-Reitoria de Administração e Unidades Vinculadas</b>	N
		<b>CONVÊNIO - Sistema de Controle dos Convênios do Protocolo - DCF/UFSM</b>	N
		<b>PROTOCOLO - Sistema de Gerenciamento de Protocolo - DCF/UFSM</b>	N
		<b>SUPORTE - Sistema de Suportes às unidades vinculadas</b>	N
		<b>Vestibular Multimídia</b>	N
		<b>Brincando com o Alfabeto</b>	S
		<b>Figuras Geométricas</b>	S
		<b>Brincando com as Palavras</b>	S
		<b>Atributos</b>	N
		<b>Conhecendo os Números</b>	S
<b>E. FERNEDA</b>	2019	<b>Biblioteca Interativa</b>	N
	2016	<b>Easy(sql)</b>	N

	2010	Sistema Odilla Mestriner	N	
	2008	SintagMed	N	
		Sistema de Gestão de Projetos do NEIMPI - Hospital das Clínicas - Ribeirão Preto	N	
	2007	Sistema LUND	S	
	2001	Mapeamento e Sistematização do Acervo DEOPS/SP - Série Dossiês	N	
<b>E. F. T. OLIVEIRA</b>	1996	Base de dados	N	
<b>G. A. DIAS</b>	2002	Revista científica eletrônica Informação & Sociedade: Estudos - Versão comemorativa em CD-ROM	S	
	2005	Produção Científica Técnica e Artística da UnB (1994-2003)	S	
		InfoCluster - Autores	S	
<b>J. ROBREDO</b>	2004	X Congresso de Iniciação Científica da UnB e 1 Congresso de Iniciação Científica do DF	S	
	2003	9 Congresso de Iniciação Científica da Unb	S	
	2001	InfoMARC	N	
	1998	BIB/Dialogo e BIB/Batch	N	
<b>L. S. BUFREM</b>	2009	Base de Dados de Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação	S	
	2004	Diálogo Científico	S	
<b>L. M. A. CAFÉ</b>		SEER-Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas	S	
	1989	TECER - Programa de elaboração de tesouros em microcomputador	S	<b>M. BRASCHER</b>
	2014	Agenda IN	S	
<b>M. A. MOURA</b>	2012	E- Book - Educação científica e cidadania: abordagens teóricas e metodológica para a formação de pesquisadores juvenis	N	
	2011	E-BOOK - CULTURA INFORMACIONAL E LIDERANÇA COMUNITÁRIA: Concepções e práticas	N	

	2006	Space de connaissance - Mondialisation et diversité culturelle	S	
	2003	Ouro Preto : Ouro Preto	S	
<b>M. S. L. FUJITA</b>	1990	SPI - Sistema PRECIS de Indexação	N	
<b>M. BRASCHER</b>	1989	TECER - Programa de elaboração de tesouros em microcomputador	S	<b>L. M. A. CAFÉ</b>
	2013	Ontology of Document Acts	S	
	2011	Blood Ontology Extension: HTLV - HAM/TSP	S	
	2010	Blood Ontology (CORE)	N	
<b>M. B. ALMEIDA</b>	2010	BLO-WIKI - Knowledge Acquisition Environment	S	
	2009	Protótipo para avaliação de ontologias	S	
		Modelo baseado em ontologias para organizações	N	
<b>M. A. AQUINO</b>	2001	Sistema de Controle de Softwares (SISCONSOFT)	S	
	2009	Vocabulário controlado USP: base de dados de descritores em língua portuguesa para indexação e recuperação de informação (Desenvolvimento de software)	S	
<b>N. Y. KOBASHI</b>				
	2006	Holmes - Descobrimo a Ciência da Informação por você! ( <a href="http://www.holmes.feudo.org">http://www.holmes.feudo.org</a> )	S	
<b>N. E. ODDONE</b>				
	2000	Andersen para crianças	S	<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>
		Formação do educador e avaliação educacional - V Congresso Estadual Paulista Sobre Formação de Educadores	S	<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>
	1997	CBU - Controle Bibliográfico Universal	S	<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>
<b>P. L. V. A. C. SANTOS</b>				
		Formação; dever do estado, tarefa da universidade - IV Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores	S	<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>
	1996	Catálogo em hipertexto	S	<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>
	1995	FRAGME: base de dados em Micro-ISIS	S	<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>

		<b>PROCIENT: Base de dados da produção científica do Departamento de Biblioteconomia da UNESP</b>	S	<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>
	1991	<b>PC-UNESP: banco de dados da produção científica da UNESP</b>	S	<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>
		<b>Representação Descritiva Automatizada</b>	S	<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>
<b>R. R. SOUZA</b>	2013	<b>PyPLN</b>	S	
	2009	<b>Ogma X - Ferramenta para análise de texto, cálculo da similaridade entre documentos e extração de sintagmas nominais</b>	S	
	2008	<b>Ogma - Ferramenta de POS Tagging e mensuração de similaridade textual</b>	S	
	2004	<b>Ferramenta de Mapas Conceituais - CMAP Tools - Versão em Português</b>	S	
	2016	<b>Repositório Institucional da Unesp</b>	S	
		<b>Web Site Internautis - blog do Curso de Informática da UNATI ? UNESP/Marília</b>	S	
	2015	<b>Repositório Institucional da Unesp</b>	S	
		<b>Web Site Internautis - blog do Curso de Informática da UNATI ? UNESP/Marília</b>	S	
		<b>Customização e manutenção tecnológica e informacional da Biblioteca Digital da Unesp - Memória Social</b>	S	
<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>	2014	<b>Web Site do II Encontro Internacional sobre Dados, Tecnologia e Informação ? DTI</b>	S	
		<b>Repositório Institucional da Unesp</b>	S	
		<b>Customização e manutenção tecnológica e informacional da Biblioteca Digital da Unesp - Memória Social</b>	S	
	2013	<b>Customização e manutenção tecnológica e informacional do Repositório Institucional da Unesp e do Repositório CRUESP</b>	S	
	2011	<b>Web Site do VII Encontro Internacional de Informação, Conhecimento e Ação ? EIICA</b>	S	
		<b>Web Site Internautis o blog do Curso de Informática da UNATI ? UNESP/Marília</b>	S	

2010	Repositório Digital da UNATI - Unesp	S
	Twitter do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp	N
	Web Site do Internautis	S
	Web Site do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp	S
	Web Site do Encontro Internacional de Informação, Conhecimento e Ação - EIICA	S
2009	Web Site da Brazilian Journal of Information Science – BJIS	S
	Web Site do Internautis	S
	Repositório - Acervo Digital da Unesp	S
	Repositório Digital da UNATI - Unesp	S
	Twitter do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp	N
	Web Site do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp	S
2007	Web Site do Annual Review of Biomedical Sciences – ARBS	S
	Web Site da Revista Eletrônica Informação e Cognição	S
	Web Site do V Encontro Internacional de Informação, Conhecimento e Ação	S
	Web Site do Brazilian Journal of Information Science – BJIS	S
	Web Site da Revista de Iniciação Científica da FFC	S
	Web Site da Interface - Comunicação, Saúde e Educação	S
2006	Web Site do VII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação	S
	Web Site da Revista Eletrônica Informação e Cognição	S
	Web Site da Revista ARBS - Annual Review of Biomedical Sciences	S

		Web Site do Brazilian Journal of Information Science	S	
	2004	Web Site da Revista de Iniciação Científica da FFC	S	
	2003	Sistema hipermídia Andersen para crianças	S	
	2000	ANDERSEN para crianças	S	P. L. V. A. C. SANTOS
		CD-ROM - V Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores: formação do educador e avaliação educacional	S	P. L. V. A. C. SANTOS
	1997	CD-ROM - IV Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores: formação do educador: dever do estado, tarefa da universidade	S	P. L. V. A. C. SANTOS
		CBU - Controle Bibliográfico Universal	S	P. L. V. A. C. SANTOS
	1996	Catologação em hipertexto	S	P. L. V. A. C. SANTOS
	1995	FRAGME: base de dados em Micro-ISIS	S	P. L. V. A. C. SANTOS
		PROCIENT: Base de dados da produção científica do Departamento de Biblioteconomia da UNESP	S	P. L. V. A. C. SANTOS
	1993	Resolução de corte bidimensional guilhotinado não-estagiado e irrestrito de peças	S	
	1991	PC-UNESP: banco de dados da produção científica da UNESP	S	P. L. V. A. C. SANTOS
		RDA: Representação Descritiva Automatizada	S	P. L. V. A. C. SANTOS
	2008	Customização do software PKP Harvester	S	
	2007	Customização do software OJS para a EXPOCOM 2007	N	
<b>S. M. S. P. FERREIRA</b>	2005	Customização do software ARC- A Cross Archive Search Service	S	
	2004	Customização do software DSpace	S	
<b>V. M. KERN</b>	2004	GeraLattes - Gerador de Relatório XML-HTML	S	
	2002	Emergo	S	

1999	<b>IDEFClasses, um software para modelagem da informação objeto-orientada usando IDEF1X/IDEFObject</b>	S
1998	<b>Sherlock SQLDesk</b>	S

Fonte: Elaborado pelo autor.

	<b>INOVAÇÃO - PATENTES</b>	<b>COAUTORIA</b>
		S
	Patente: <b>Programa de Computador</b> . Número do registro: <b>BR5120130004837</b> , data de registro: 23/09/2014, título: "LightDigifoto", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial	
<b>A. P. A. LOPEZ</b>		S
	Patente: <b>Programa de Computador</b> . Número do registro: <b>BR5120130004845</b> , data de registro: 23/09/2014, título: "DIGIFOTOUNB: repositório digital de materiais fotográficos de arquivo - acervo Cedoc/UnB", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial.	
<b>E. FERNEDA</b>		S
	Patente: <b>Programa de Computador</b> . Número do registro: <b>000034-6</b> , data de registro: 25/11/2014, título: "OntoSmart", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial	
<b>G. A. DIAS</b>		S
	INSTRUMENTO DE VERIFICAÇÃO DE LEGIBILIDADE DE CARACTERES ALFANUMÉRICOS EM DOCUMENTOS. 2015, Brasil. Patente: <b>Privilégio de Inovação</b> . Número do registro: <b>BR1020150277830</b> , título: "INSTRUMENTO DE VERIFICAÇÃO DE LEGIBILIDADE DE CARACTERES ALFANUMÉRICOS EM DOCUMENTOS", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Depósito: 10/10/2015	

---

<b>N. Y. KOBASHI</b>	Patente: <b>Programa de Computador</b> . Número do registro: <b>RS 08398-4</b> , data de registro: 09/01/2008, título: "Vocabulário controlado USP: base de dados de descritores em língua portuguesa para indexação e recuperação de informação (Desenvolvimento de software)".	S
<b>P. L. V. A. C. SANTOS</b>	Patente: <b>Programa de Computador</b> . Número do registro: <b>018120010662</b> , título: "Scan for MARC", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial	S
<b>P. L. V. A. C. SANTOS</b>	Scan for MARC'. 2012, Brasil. Patente: <b>Marca Registrada de Produto</b> . Número do registro: <b>904747972</b> , título: "Scan for MARC", Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial.	S

---

Fonte: Elaborado pelo autor.

**APÊNDICE F – LEVANTAMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISA DOS 83 BOLSISTAS PQ EM CI (2001-2017): NOME DO GRUPO; LINHA DE PESQUISA; GRANDE ÁREA; ÁREA; LIDERANÇA**

<b>PESQUISADOR PQ</b>	<b>GRUPO DE PESQUISA</b>	<b>LINHA DE PESQUISA</b>	<b>GRANDE ÁREA</b>	<b>ÁREA</b>	<b>LÍDER</b>
<b>A. A. BARRETO</b>	Filosofia e Política da Informação - IBICT	Filosofia e política da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>A. P. A. LOPEZ</b>	Acervos Fotográficos	Comunicação e usos da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Acervos Fotográficos	Gestão Documental e Gestão da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>B. FADEL</b>	Comunicação Organizacional, Inovação e Gestão (CIG) - UNESP	Gestão e mediação da Comunicação e da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Comunicação	N
	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	Comunicação organizacional, Informação e Conhecimento			
		Informação, Conhecimento e Tecnologia	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
		Gestão da Informação			
		Gestão, Mediação e Uso da Informação			
		Cultura e Comportamento Informacional			
		Gestão do Conhecimento			
	GEDE - Grupo de Estudos de Desenvolvimento	Dinâmicas Territoriais e Desenvolvimento Regional	Ciências Sociais Aplicadas	Economia	N
<b>B. V. CENDÓN</b>	Representação do Conhecimento, Ontologias e Linguagem	Ciência da Informação, com ênfase em armazenagem, recuperação e representação da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Produção de Conhecimento e Interdisciplinaridade	Ferramentas para Produtividade em Pesquisa	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Informação e sistemas de informação: Estudos de usuários e usos	Gestão & Tecnologia (GET)	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>C. C. ALMEIDA</b>	Fundamentos Teóricos da Informação	Teorias Semióticas	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
		Comunicação e Mediação			
		Epistemologia da Ciência da Informação			
<b>C. H. M. ALMEIDA</b>	--	--	--	--	--

<b>D. P. NORONHA</b>	Comunicação Científica em Saúde Pública	--	Ciências da Saúde	Saúde Coletiva	N
<b>D. FLORES</b>	Fundamentos históricos, epistemológicos e teóricos da Arquivologia	Construção do conhecimento arquivístico: produção científica, tecnologias aplicadas aos arquivos	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Grupo CNPq UFF Ged/A - Documentos Digitais: Gestão, Preservação, Acesso e Transparência Ativa	Informação, tecnologias e documentos arquivísticos Preservação Digital Sistêmica (Active Digital Preservation) Gestão Eletrônica de Documentos Arquivísticos/Gerenciamento Eletrônico de Documentos Arquivísticos; Digitalização de Documentos e Documentos Arquivísticos Digitais Manutenção da Autenticidade de Documentos Arquivísticos Digitais em Cadeia de Custódia Digital Digitalização Arquivística de Documentos em uma Cadeia de Custódia Uso de ferramentas digitais para descrição, acesso e preservação de documentos arquivísticos	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>D. A. M. A. POBLACIÓN</b>	Núcleo de Comunicação Científica em Ciências Da Saúde - NCCCS	Comunicação Científica em Ciências da Saúde Comunicação Científica em Cirurgia	Ciências da Saúde	Medicina	S
<b>E. FERNEDA</b>	Representação Temática da Informação	Tecnologia e inovação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Web, Representação do Conhecimento e Ontologias	Memória, organização, acesso e uso da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Novas Tecnologias em Informação	Ambientes informacionais digitais	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	NEITI - Núcleo de Estudos em Informação, Tecnologia e Inovação	Tecnologias de Representação e Organização	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>E. PERROTTI</b>	Educação Cultural	Apropriação Social da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S

<b>E. I. MURGUIA</b>	--	--	--	--	--
<b>E. A. ARAÚJO</b>	Núcleo de Pesquisas em Gestão, Políticas e Tecnologias de Informação	Gestão e Políticas de Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>E. B. M. VALIO</b>	--	--	--	--	--
<b>E. F. T OLIVEIRA</b>	Estudos Métricos em Informação	Aspectos Epistemológicos dos Estudos Métricos Estudos Métricos para a Análise do Comportamento Da Ciência Métodos, Procedimentos e Instrumentos nos Tratamentos Métricos	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Formação e atuação profissional em organização da informação	Formação profissional em organização da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>E. J. SUAIDEN</b>	Biblioteca e Sociedade	Biblioteca e Sociedade	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Inteligência Organizacional e Competitiva	Gestão da Informação e do Conhecimento Monitoramento Ambiental e Inteligência Competitiva	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Competência em Informação e Populações Vulneráveis	Comunicação da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Laboratório de Tecnologias Informacionais e Inclusão Sociodigital (LTI Digital)	Inclusão Sociodigital, Políticas Públicas de Educação e Informação voltada para cultura digital	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	INSUMO - Informação para Inovação, Sustentabilidade e Monitoramento	Informação para a Inovação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>E. G. D. ORRICO</b>	MIDisC Memória, Informação, Discurso e Ciência	A informação científica na media: a memória de um discurso identitário (INCIME)	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S

		Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade da Ciência da Informação			
		DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: imagem da ciência no discurso da construção de memória e identidade (DICIMI)			
		Memória e discurso-informacional: da, para e na ciência (MEDIC)			
		A volta dos que não foram: informação e memória da violência na berlinda (AVIMVIOBER)			
	O ato de educar e suas incidências no campo da criminalidade	A construção da memória da educação prisional no estado do Rio de Janeiro	Ciências Humanas	Psicologia	N
<b>G. M. RODRIGUES</b>	Memória e Espaço	Memória e Espaço	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Estado, Informação e Sociedade (EIS)	Políticas, legislação e outros dispositivos normativos e de controle da informação Documento de arquivo: dimensões conceituais e tecnológicas Mediação cultural e difusão de acervos Informação e Memória Arquivos, Arquivologia, instituições arquivísticas e afins	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO	Políticas Públicas de Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Ouvindo as ouvidorias do sistema prisional: Lei de acesso à informação, sociedade e cidadania	Direito a comunicação e à informação e cidadania Políticas de Comunicação e de Cultura	Ciências Sociais Aplicadas	Comunicação	N
<b>G. M. PRADO</b>	Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade em Ciência da Informação	Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Gênero, Ciência, Tecnologia e Sociedade	Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade Gênero e as tecnologias de informação e comunicação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S

		Gênero e a ciência brasileira	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Organização do conhecimento e uso de tecnologias digitais em museus, arquivos e bibliotecas	Configurações Socioculturais, Políticas e Econômicas da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>G. A. DIAS</b>	BRIET: Biblioteconomia, Recuperação de Informação, E-Science e suas teorias	Gestão e Curadoria de dados de pesquisa:	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Web, Representação do Conhecimento e Ontologias	Memória, organização, acesso e uso da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Novas Tecnologias em Informação	Ambientes informacionais digitais	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Cultura Digital e Educação	Gestão de Projetos educativos e Tecnologias Emergentes	Ciências Humanas	Educação	N
<b>G. S. SALDANHA</b>	Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade em Ciência da Informação	Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Cultura e processos infocomunicacionais	Redes na interface ciência e sociedade	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Perspectivas Filosóficas em Informação (Perfil-i)	Ética, política e epistemologia: interfaces da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Ecce Liber: filosofia, linguagem e organização dos saberes	Filosofia e epistemologia histórica dos estudos informacionais Linguagem, Cultura & Informação Organização dos saberes	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	BIBLIOTHECA DISCIPLINATA - USP	Organização e Mediação da Informação e do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>H. C. S. CASARIN</b>	Comportamento e competência informacionais	Competência informacional Comportamento informacional	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>H. KURAMOTO</b>	--	--	--	--	--
<b>I. THIESEN</b>	Memória e Espaço	Cultura, Poder e Representações Memória e Espaço	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S

	Organização e Representação do Conhecimento				
	Organização do Conhecimento para Recuperação da Informação	--	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>I. M. FREIRE</b>	Observatório do Mercado de Trabalho em Informação e Documentação	Profissional em Informação e a Era Digital	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade em Ciência da Informação	Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Epistemologia e Políticas de Informação	Políticas de informação Epistemologia da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Filosofia e Política da Informação	Filosofia e política da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Informação e Inclusão Social	Identidade cultural e inclusão digital Gestão de competências em informação Tecnologias Intelectuais Ética, Gestão e Políticas de Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Núcleo de Estudos em Informação, Tecnologia e Inovação - NESITI	Práticas informacionais, mediação e gestão	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Competência em Informação e Populações Vulneráveis	Comunicação da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Comunicação, Redes, Políticas de Informação	Políticas e Gestão da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>J. ROBREDO</b>	--	--	--	--	--
<b>J. B. E. MORAES</b>	Organização e representação do conhecimento	Análise e representação documentária	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Organização e Representação em Arquivos e Bibliotecas	Organização e Representação em Arquivos: Aspectos Históricos-Conceituais Organização e Representação em Bibliotecas: Aspectos histórico-conceituais	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N

	Linguagem, discurso e organização do conhecimento	Análise do Discurso e Organização do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>J. W. SMIT</b>	Formação e atuação profissional em organização da informação	Atuação profissional em organização da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>J. A. C. GUIMARÃES</b>	Linguagem, discurso e organização do conhecimento	Linguagem e Organização do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Diplomática Arquivística	Ética e diplomática	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Estudos Métricos em Informação	Aspectos Epistemológicos dos Estudos Métricos	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Formação e atuação profissional em organização da informação	Atuação profissional em organização da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
		Formação profissional em organização da informação		Ciência da Informação	S
<b>J. M. JARDIM</b>	Estudos sobre Política e Gestão Pública de Informação	Configurações socioculturais, políticas e econômicas da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>K. CARVALHO</b>	DIFUSAS - Difusão do Conhecimento e Apropriação de Saberes: Acesso e uso da Informação na Sociedade	Produção, Circulação e Mediação da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Núcleo de Estudos em Mediação, Apropriação e Gestão da Informação e do Conhecimento (NEMAGI)	Formação do profissional da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>L. S. BUFREM</b>	Educação, Pesquisa e Produção Científica	Educação, pesquisa e perfil profissional em informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
		Produção e Comunicação do Conhecimento Científico e Tecnológico	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Estudos Métricos em Informação	Aspectos Epistemológicos dos Estudos Métricos	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N

		Estudos Métricos para a Análise Do Comportamento da Ciência	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
		Métodos, Procedimentos e Instrumentos nos Tratamentos Métricos	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	SCIENTIA	Indicadores de Produção Científica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Didática, práticas escolares e publicações didáticas	Manuais escolares: produção, circulação e uso	Ciências Humanas	Educação	N
		Pesquisa e produção do conhecimento no campo educacional	Ciências Humanas	Educação	N
<b>L. V. R. PINHEIRO</b>	Comunicação e Divulgação Científicas	Metrias da Comunicação Científica Comunicação Científica Comunicação e Informação em Museus	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade em Ciência da Informação	Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Campo da Museologia: perspectivas teóricas e práticas, musealização e patrimonialização	Documentação e Informação em Museologia e Patrimônio Inclusão social e Acessibilidade em Museus e Espaços Assemelhados Museologia-Patrimônio: Relações Teóricas e Práticas com outros Campos do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Museologia	N
	BRIET: Biblioteconomia, Recuperação de Informação, E-Science e suas teorias	--	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>L. ALVARENGA</b>	--	--	--	--	--
<b>L. S. FREITAS</b>	MIDisC Memória, Informação, Discurso e Ciência	Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade da Ciência da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	INFOÉTICA - Estudos em Epistemologia, Ética e Política de Informação	Ética da informação e ética da pesquisa	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>L. M. A. CAFÉ</b>	Representação e Organização do Conhecimento (ROC)	Comunicação científica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N

	Estudos de Representação e Organização da Informação e do Conhecimento	Análise da informação Sistemas de Organização da Informação Representação e organização da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>L. R. ISSBERNER</b>	Informação, conhecimento, inovação e sustentabilidade ambiental	informação e implicações socioambientais Inovação e redes de informação e conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>M. A. ALMEIDA</b>	Grupo de Estudos de Práticas Culturais Contemporâneas	Diversidade cultural contemporânea e políticas culturais Imaginário e representações estéticas Cultura, Economia e novas tecnologias de informação e comunicação	Ciências Humanas	Antropologia	N
	BIBLIOTHECA DISCIPLINATA	Organização e Mediação da Informação e do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>M. A. MOURA</b>	Coragem - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero	Comunicação, raça e gênero	Ciências Sociais Aplicadas	Comunicação	N
	Núcleo de Estudos das Mediações e Usos Sociais dos Saberes e Informações em Ambientes Digitais (NEMUSAD)	Mobilidade, sociabilidade e redes sociais Organização da informação em ambientes colaborativos	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>M. C. C. GRÁCIO</b>	Estudos Métricos em Informação	Aspectos Epistemológicos dos Estudos Métricos Estudos Métricos para a Análise do Comportamento da Ciência Métodos, Procedimentos e Instrumentos nos Tratamentos Métricos	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Formação e atuação profissional em organização da informação	Atuação profissional em organização da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N

	Grupo de Estudos Críticos sobre Ciência da Informação e Tecnologia	Estudos Metateóricos e Análise de Domínio	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>M. C. P. I. HAYASHI</b>	Promoção do Desenvolvimento Infantil no Contexto da Vida Familiar e da Escola	Programas de Intervenção com educadores/professores para promoção do ambiente escolar Análise bibliométrica e metanálise do conhecimento na interface saúde-educação	Ciências Humanas	Educação	S
	Ciência, Tecnologia e Sociedade	Ciência, Tecnologia e Sociedade Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas aos estudos CTS Estudos sobre redes de colaboração científica Estudos de Gênero em Ciência e Tecnologia Produção e Comunicação do Conhecimento Científico e Tecnológico Bibliometria, Cientometria e Sociologia da Ciência	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Informação e Memória	Memória, Patrimônio e Educação Tecnologias da Informação e Comunicação Fontes de Informação sobre Memória Militar Memória Científica e Tecnológica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Conhecimento e Produção Científica em Educação	Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas a Educação Análise da produção científica em educação Conhecimento científico em educação a distância	Ciências Humanas	Educação	S
	Núcleo de Estudos Sociais da Ciência, Tecnologia, Inovação	Ciência, Tecnologia e Governo Eletrônico Expertise científica e think tanks Participação feminina na Ciência e Tecnologia COOPERAÇÃO INTERNACIONAL EM C&T	Ciências Humanas	Sociologia	S

	História, Sociedade e Educação no Brasil: HISTEDBR/UFSCar	Análises bibliométricas sobre a produção científica em Educação	Ciências Humanas	Educação	N
<b>M. G. TARGINO</b>	Da Informação e do Conhecimento	Ética, gestão e política de informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>M. F. G. M. TÁLAMO</b>	Linguagem, discurso e organização do conhecimento	Linguagem e Organização do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>M. N. F. PEREIRA</b>	Estudos e Práticas de Preservação Digital	*	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>M. I. TOMAÉL</b>	Redes de Conhecimento	Redes Sociais: espaços da informação Compartilhamento da Informação e do Conhecimento Informação para Inovação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Interfaces Contemporâneas da Informação	Compartilhamento da Informação e do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Cultura e processos infocomunicacionais	Redes sociais, narrativas, dispositivos e processos de ação coletiva	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>M. L. A. CAMPOS</b>	Modelagem Conceitual para Organização e Representação da Informação Hipertextual-MHTX	Arquitetura e Organização do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	DIFUSAS - Difusão do Conhecimento e Apropriação de Saberes: Acesso e uso da Informação na Sociedade	Produção, Circulação e Mediação da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Estudos Ônticos e Ontológicos em Contextos Informacionais: representação, recuperação e métricas	Fluxos e Mediações Sócios Técnicas da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Organização do Conhecimento para Recuperação da Informação	Organização e Representação do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N

<b>M. N. GONZALEZ de GOMEZ</b>	Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade em Ciência da Informação	Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	INFOÉTICA - Estudos em Epistemologia, Ética e Política de Informação	Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade Ética da informação e ética da pesquisa Regimes de informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>M. Y. F. S. F. GOMES</b>	Grupo de Estudos e Pesquisa em Mediação e Comunicação da Informação - GEPEMCI	Estudos históricos e epistemológicos da informação e da Ciência da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Competências e comportamento: processos de produção, inovação e comunicação da informação (COMPORTI)	Produção, Circulação e Mediação da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>M. S. L. FUJITA</b>	Leitura, organização, representação, produção e uso da informação	Produção, Circulação e Mediação da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Representação Temática da Informação	Organização, Acesso e Uso da Informação Tratamento Temático da Informação Tecnologia e inovação Organização e Representação da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>M. L. G. LARA</b>	Linguagem, discurso e organização do conhecimento	Linguagem e Organização do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>M. BRASCHER</b>	Formação e atuação profissional em organização da informação	Atuação profissional em organização da informação Formação profissional em organização da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Comunicação e Divulgação Científicas	Metrias da Comunicação Científica Comunicação Científica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Organização do Conhecimento e Gestão Documental	Organização do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>M. OLIVEIRA</b>	--	--	--	--	--

<b>M. L. P. VALENTIM</b>	Inteligência Organizacional e Competitiva	Gestão da Informação e do Conhecimento Monitoramento Ambiental e Inteligência Competitiva	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Dinâmica das micro e pequenas empresas	Proposição e teste do Personal Knowledge Management aplicado ao contexto de análise e emissão de parecer em órgãos públicos	Ciências Sociais Aplicadas	Administração	N
	Gestão da Informação e do Conhecimento na Amazônia	Geração e Uso da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	Informação, Conhecimento e Tecnologia Gestão da Informação Inteligência Competitiva Organizacional Formação e Atuação Profissional em Gestão da Informação Gestão Documental/Gestão de Documentos Gestão, Mediação e Uso da Informação Cultura e Comportamento Informacional Gestão do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>M. B. ALMEIDA</b>	Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em HTLV (GIPH)	Ontologia aplicada à Biologia e Medicina	Ciências da Saúde	Medicina	N
	Representação do Conhecimento, Ontologias e Linguagem	Ontologia Aplicada	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>M. F. V. CUNHA</b>	Representação e Organização do Conhecimento (ROC)	Mercado de Trabalho dos Profissionais da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>M. A. AQUINO</b>	Grupo de Estudos Formando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientistas (GEINCOS)	Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação	Ciências Humanas	Educação	N
<b>N. Y. KOBASHI</b>	Modelagem Conceitual para Organização e Representação da	Arquitetura e Organização do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N

	Informação HIPERTEXTUAL- MHTX				
	SCIENTIA	Institucionalização Cognitiva e Social da Pesquisa Científica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>N. E. ODDONE</b>	SocioTec	Biblioteconomia, Cultura e Sociedade	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>P. L. V. A. C. SANTOS</b>	Novas Tecnologias em Informação	Ambientes informacionais digitais	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	GPERTIC - Grupo de Pesquisas e Estudos em Representação do Conhecimento e Tecnologias da Informação e Comunicação	Ambientes informacionais digitais e Representação do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Dados e Metadados	Representação e organização de recursos informacionais	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>R. N. M. SANTOS</b>	Laboratório de Pesquisa em Informação e Informática em Saúde - LAPIIS	Produção Científica em Informação e Saúde	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Informação Científica: métricas e publicações (INFOCIENT)	Publicação Científica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	SCIENTIA	Indicadores de Produção Científica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Agadê - Tecnologia da Informação	Estudos Métricos da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	INNOVA+ Research Labs	Propriedade Intelectual, Prospecção e Transferência Tecnológica Gestão de Sistemas e Tecnologias da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Administração	N
<b>R. M. MARTELETO</b>	Rede de Políticas Públicas	Inovação tecnológica, redes e territórios	Ciências Sociais Aplicadas	Planejamento Urbano e Regional	N
	Configurações do trabalho de saúde e enfermagem:	Redes sociais no trabalho na Atenção Primária - estudos comparativos nacionais e internacionais	Ciências da Saúde	Enfermagem	N

	processos, redes sociais e formação	Abordagem Interdisciplinar das Condições de Trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde			
	Cultura e processos infocomunicacionais	Redes sociais, narrativas, dispositivos e processos de ação coletiva Redes na interface ciência e sociedade Construção e gestão compartilhada de conhecimentos em saúde	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	INCT - Rede de Política, Inovação e Desenvolvimento	Política Pública, Inovação e Desenvolvimento	Ciências Sociais Aplicadas	Planejamento Urbano e Regional	N
<b>R. R. SOUZA</b>	Interfaces linguagem, cognição e cultura - INCOGNITO	Estudos linguísticos baseados em corpora	Linguística, Letras e Artes	Linguística	N
	Núcleo de Análise e Modelagem de Dados	Análise de Dados Jurídicos Processamento de Linguagem Natural Análise de Mídia Textualmente Orientada	Ciências Exatas e da Terra	Matemática	S
	Previsão de Probabilidades de falhas de Sinistros em Estruturas, Equipamentos e Circuitos das Redes de Distribuição Subterrâneas	Impactos Regulatórios e Mercadológicos da Internet das Coisas e Aprendizado de Maquinas em Infraestrutura	Ciências Sociais Aplicadas	Economia	N
	Representação do Conhecimento, Ontologias e Linguagem	Representação e Linguagem	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>R. M. PIMENTA</b>	Perspectivas Filosóficas em Informação (Perfil-i)	Fluxos Informacionais, Cultura Política e Competência Crítica em Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Informação, Memória e Sociedade	Memória, Espaço e Instituições Tecnogênese da Informação e do conhecimento: controle, resistência e criação Estudos críticos e práticas em Humanidades Digitais	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S

	Individuação, Subjetividade e Criação	Subjetividade, Informação e Processos de Criação	Ciências Humanas	Psicologia	N
	Perspectivas Interdisciplinares do Desenvolvimento Regional	Território e Desenvolvimento Sustentável Cultura e Sociedade	Ciências Sociais Aplicadas	Planejamento Urbano e Regional	N
	Escritos - Estudos críticos em informação, tecnologia e organização social	Regimes de informação e o novo regime de informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Base Bibliográfica Referencial da Ciência Brasileira (BReCiBr)	Ciência de Dados Aplicada Humanidades digitais; Bibliotecas digitais; Repositórios Digitais; Curadoria Digital; Preservação digital; Organização e representação do conhecimento.	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>R. F. SOUZA</b>	Organização do Conhecimento	Comunicação, Organização e Gestão da Informação e do Conhecimento Organização de domínios do conhecimento Sistemas de organização do conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	NetLab - Microsociologia e Estudos de Rede	Sociologia da Ciência Análise interdisciplinar de redes sociais	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Organização do Conhecimento para Recuperação da Informação	Organização e Representação do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>R. S. RODRIGUES</b>	Informação Científica: métricas e publicações (INFOCIENT)	Recursos educacionais em acesso aberto Publicação Científica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>R. R. G. SILVA</b>	Grupo de Estudos sobre Cultura, Representação e Informação Digitais - CRIDI	Conservação e preservação de acervos fotográficos, audiovisuais e sonoros Políticas e tecnologias da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N

	Estudos e Práticas de Preservação Digital - IBICT	*	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>S. A. S. VANZ</b>	Comunicação Científica	Estudos de Comportamento Informacional na Comunicação Científica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
		Estudos Métricos na Comunicação Científica			
	CECOM - Centro de Estudos do Campo da Comunicação	Campo da comunicação: produção e institucionalização	Ciências Sociais Aplicadas	Comunicação	N
<b>S. ALBAGLI</b>	Liinc - Laboratório Interdisciplinar sobre Informação e Conhecimento	Informação, Conhecimento e Mudança Sociotécnica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
		Ciência aberta e inovação cidadã			
<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>	Web, Representação do Conhecimento e Ontologias	Memória, organização, acesso e uso da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Novas Tecnologias em Informação	Ambientes informacionais digitais	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	iMclusoS - Informação, Memória, Tecnologias e Sociedade	Informação, Tecnologias e Memória	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Representação Temática da Informação	Tecnologia e inovação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Tecnologia e Gestão da Informação e do Conhecimento	Informação, Mediação e Tecnologia	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>S. D. MONTEIRO</b>	Novas Tecnologias em Informação	Ambientes informacionais digitais	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>S. G. BAPTISTA</b>	--	--	--	--	--
<b>S. E. CAREGNATO</b>	Comunicação Científica	Estudos de Comportamento Informacional na Comunicação Científica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
		Estudos Métricos na Comunicação Científica			
		Estudos em Organização do Conhecimento para a Comunicação Científica			

	CECOM - Centro de Estudos do Campo da Comunicação	Campo da comunicação: produção e institucionalização A formação em Comunicação	Ciências Sociais Aplicadas	Comunicação	N
	Grupo de Estudos Métricos em Ciência da Informação	Comunicação Científica	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
		Recuperação de informações	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
		Estudos sobre redes de colaboração científica			
		Bibliometria			
		Busca e Uso de Informação			
		Cientometria			
<b>S. A. AMARAL</b>	Grupo de Pesquisa de Tecnologias e Comunicação em Instituições de Memória (GPTICIM)	Humanidades digitais; Bibliotecas digitais; Repositórios Digitais; Curadoria Digital; Preservação digital; Organização e representação do conhecimento.	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>S. M. S. P. FERREIRA</b>	--	--	--	--	--
<b>S. P. M. MUELLER</b>	Comunicacao cientifica	Estudos de comunicação em Ciência, Tecnologia e Inovação Estudos sobre comunicação científica A comunidade científica das áreas de informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Da Informação e do Conhecimento	Ética, gestão e política de informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>T. FRÓES BURNHAM</b>	Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção em (In)Formação, Currículo e Trabalho	Cognição, Análise Ontologia e Sociedade - CAOS	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Epistemologia do Educar e Práticas Pedagógicas	CAOS - Conhecimento: Análise Cognitiva, Ontologia e Socialização Epistemologia Transdisciplinar da Complexidade - EpisTransComplex	Ciências Humanas	Educação	N
<b>V. L. D. L. M. DODEBEI</b>	Memória nacional e organização do conhecimento	Redes, informação e sociedade	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S

Memória, Cultura e Patrimônio	A PATRIMONIALIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS: A DINÂMICA DAS "CULTURAS" E OS PROCESSOS DE PATRIMONIALIZAÇÃO	Ciências Humanas	Antropologia	N
O ato de educar e suas incidências no campo da criminalidade	A construção da memória da educação prisional no estado do Rio de Janeiro	Ciências Humanas	Psicologia	N
Memória Social, Tecnologia e Informação	Performances didáticas II: produção, representação e documentação Bibliografia como memória e banco de dados: um estudo do documento/monumento à luz da memória social Rastros memoriais na web: informação e memória no ambiente online História da Cultura na Web: Restos Digitais das Ferramentas de Busca na Internet:: Ladome (Camila G. Dantas; Vera Dodebei) Memória e ciclo de vida dos objetos digitais no Instagram Cultura digital Enquadramentos da memória em ambiente online Patrimônio-Vandalismo:Tintas, Memória e Educação. João do Rio e Rio Invisível: a Memória Social da Cidade do Rio de Janeiro pelas Narrativas dos Marginalizados Coleção Leandro Konder: fragmentos de memória nas marcas de uma biblioteca particular Tecnicidade e transindividualidade: os sentidos da memória no século XXI e os modos de coexistência e constituição de mundos	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
Comunidades de Prática, Organização do Conhecimento e Inovação	Organização e Representação do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N

<b>V. S. M. BERAQUET</b>	--	--	--	--	--
<b>V. M. KERN</b>	Informação, Tecnologia e Sociedade	Gestão da Informação, qualidade e tecnologia	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
<b>V. B. PINTO</b>	Grupo de Pesquisa em Representação da Informação	Representação da Informação e do conhecimento e Tecnologia Representação Cognitiva da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Web, Representação do Conhecimento e Ontologias	Memória, organização, acesso e uso da informação	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Novas Tecnologias em Informação	Ambientes informacionais digitais	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Cultura, Mediação e Gestão da Informação	Gestão da Informação e do Conhecimento	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
	Tecnologias Aplicadas à Gestão e Representação da Informação	Representação da Informação e do Conhecimento e Tecnologia	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	N
<b>W. C. S. VERGUEIRO</b>	Observatório do Mercado de Trabalho em Informação e Documentação	Biblioteca Digital Competências, Habilidades e Aptidões Profissionais	Ciências Sociais Aplicadas	Ciência da Informação	S
	Observatório de Histórias em Quadrinhos	Comunicação e Cultura	Ciências Sociais Aplicadas	Comunicação	S
<b>Z. L. C. OLIVEIRA</b>	Núcleo de Políticas Públicas, Identidades e Trabalho	TICs, Trabalho, Gênero e Família	Ciências Sociais Aplicadas	Serviço Social	N

\* Informação não disponibilizada na plataforma DGP

Fonte: Elaborado pelo autor.

## APÊNDICE G – TRAJETÓRIAS DISCIPLINARES E UTILITÁRIAS DOS 83 BOLSISTAS PQ EM CI

	TRAJETÓRIAS DISCIPLINARES	TRAJETÓRIAS UTILITÁRIAS
<b>A. A. BARRETO</b>	UNAMA (Professor); CNPq (Pesquisador); IBICT (Professor; Pesquisador); UFRJ (Professor); UFF (Professor); UNIGRANRIO (Professor)	<b>Revista Datagramazero</b> (Editor – <b>atual/último vínculo</b> ); ANCIB (Gestão/Assessoria/Consultoria)
<b>A. P. A. LOPEZ</b>	Instituto Tecnológico Metropolitano - Colômbia (Professor); Centro Nacional del Patrimonio Fotográfico - Chile (Pesquisador); Universidad Complutense de Madrid - Espanha (Professor); Centro de Investigación e Difusão de Imagem - Espanha (Pesquisador); Universidad de Antioquia - Colômbia (Pesquisador); <b>Universidade de Brasília - UnB</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (Pesquisador); Universidade Estadual de Maringá (Professor); Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (Pesquisador); Universidade de São Paulo - USP (Auxiliar de Pesquisa/Estágio); Governo do Estado de São Paulo (Professor); Curso Supletivo Prospecto (Professor); Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Pesquisador/Estagiário); Universidad de la Salle - Colômbia (Professor); Universidad Nacional de Lujan - Argentina (Professor)	International Council Archives - França (Pesquisa e Desenvolvimento); Prefeitura Municipal da Estância de Amparo (Prestação de Serviços/Arquivo); Associação dos Arquivistas Brasileiros Núcleo Regional de São Paulo - AAB-SP (Prestação de Serviço/Arquivo); Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Pesquisador/Estagiário/Arquivo)
<b>B. FADEL</b>	Centro Universitário de Franca (Professora/ Pesquisadora); <b>Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); C E I José Martiniano da Silva Ribeirão Preto (Professora); Estala Estadual de Segundo Grau Cônego de Barros Ribeirão Preto (Professora); Colégio Estadual de Cristais Paulista (Professora); Centro Universitário Municipal de Franca (Professora)	Fundação para Desenvolvimento do Ensino, Pesquisa e Extensão (Gestão/Assessoria/Editora); Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (Bibliotecária); Faculdade Pestalozzi de Educação e Tecnologia de Franca (Bibliotecária); Centro Universitário Municipal de Franca (Assessoria; Gestão/Bibliotecária)
<b>B. V. CENDÓN</b>	<b>UFMG</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); CNPq (Pesquisadora); University of South Flórida - USF Estados Unidos	CNPq (Assessoria); CAPES (Assessoria); FAPESP (Assessoria/Consultoria); ANCIB

	(Professora); University of Texas System - Estados Unidos (Professora/Pesquisadora); Instituto Nacional em Ciência e Tecnologia - Informação Genética e Sanitária (Pesquisadora)	(Assessoria/Consultoria); University of South Florida - USF Estados Unidos (Assessoria/Consultoria); Centrais Elétricas de Minas Gerais (Prestação de Serviços: cálculos estruturais e verificação de desenhos técnicos); Distribuidora de Produtos e Matérias Primas (Prestação de serviços); Exacta Engenharia de Projetos (Prestação de serviços: engenharia); HS Consultoria (Prestação de serviços: engenharia); EPC - Engenharia, Projetos, Consultoria (Prestação de serviços/estagiária: desenhos técnicos); De Gruyter Open - DEG Alemanha (Assessoria/Consultoria)
<b>C. C. ALMEIDA</b>	Universidad Nacional de Misiones - Argentina (Professor); <b>UNESP</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); UFAL (Professor); Universidade Federal do Rio Grande (Professor);	Universidade Estadual de Londrina (Editor); Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação - ABECIN (Gestão/Assessoria/Consultoria)
<b>C. H. M. ALMEIDA</b>	IBICT (Professor); Escola de Biblioteconomia da Fundação Educacional Formiguense (Professor); Fundação Escola de Serviço Público do RJ (Professor); Fundação Oswaldo Cruz (Professor); Fundação Getúlio Vargas (Professor); CNPQ (Pesquisador); <b>UFF</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> )	Programa de Informação e Comunicação para a Pesquisa - PROSSIGA (Consultoria); IBICT (Consultoria: Projeto Biblioteca Digital Brasileira); Fundação Oswaldo Cruz (Consultoria; Serviços Técnicos Especializados); Universidade Federal de Ouro Preto (Consultoria/ Serviços técnicos especializados); CNPQ (Consultoria/ Serviços técnicos especializados); UFF (Pesquisa e Desenvolvimento); Comissão nacional de Energia Nuclear - CNEN (Prestação de Serviços: Analista de Sistemas)
<b>D. P. NORONHA</b>	<b>USP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de São Paulo (Professora)	USP (Prestação de Serviços: Bibliotecária)

<b>D. FLORES</b>	CNPq (Pesquisador); Universidade Federal de Santa Maria (Professor); UNIRIO (Professor); Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul (Professor); Fundación Carolina (Pesquisador); Universidade do Rio Grande do Sul (Professor); Centro Universitário Franciscano (Professor); Instituto Riachuelo LTDA (Professor); Universidad de Salamanca (Professor); <b>UFF</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> )	Universidade Federal de Santa Maria (Pesquisa e desenvolvimento/Consultoria/ Prestação de Serviços: Programador); Conselho Nacional de Arquivos (Gestão/Assessoria); Universidade Federal do Espírito Santo (Assessoria); Universidade Estadual de Londrina (Assessoria); Instituto Master de Ensino LTDA (Serviços Técnicos Especializados: Analista de Sistemas); Prefeitura Municipal de Júlio de Castilho (Serviços Técnicos Especializados: Programador)
<b>D. A. M. A. POBLACIÓN</b>	PUC - Campinas (Professora); Faculdade de Medicina do ABC (Professora); Fundação Escola de sociologia e Política de São Paulo (Professora); Universidade Federal de São Paulo (Professora); Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae (Professora); <b>USP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> )	ANCIB (Gestão/Assessoria/Consultoria); Faculdade de Medicina do ABC (Prestação de Serviços: Bibliotecária)
<b>E. FERNEDA</b>	<b>UNESP</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); USP (Professor); Escola Técnica Federal de Alagoas (Professor); Universidade de Santo Amaro (Professor); Universidade Federal da Paraíba (Professor)	Bandeirantes S A Processamento de Dados (Prestação de Serviços: Programador); Digibanco Banco Comercial S A (Prestação de Serviços: Analista de Sistema); E F Houghton do Brasil (Prestação de Serviços: Analista de Sistema); Tecnosan Engenharia S A (Prestação de Serviços: Analista de Sistema); Unimed do Brasil (Prestação de Serviços: Analista de Sistema);
<b>E. PERROTTI</b>	<b>USP</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); Faculdade de Comunicação Social da OSEC (Professor); Faculdade Anhembí (Professor); Universidade Metodista de São Paulo (Professor); Université Bordeaux 1 Sciences et Technologies (Pesquisador)	--
<b>E. I. MURGUIA</b>	UNIRIO (Professor); <b>UFF</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); USP (Professor); UNESP (Professor); Universidade	Museu da Imagem e do Som (Consultoria/Prestação de Serviços: Coordenação de Acervos)

	Metodista de Piracicaba (Professor); Pontificia Universidad Catolica del Peru (Professor)	
<b>E. A. ARAÚJO</b>	<b>Universidade Federal de Goiás</b> (Professora/Pesquisadora – atual/último vínculo); UFPB (Professora)	--
<b>E. B. M. VALIO</b>	<b>PUC - Campinas</b> (Professora/Pesquisadora – atual/último vínculo)	--
<b>E. F. T. OLIVEIRA</b>	Aliança Brasileira de Ass. Soc. Educacional (Professora); Instituto Educacional Sagrado Coração de Jesus (Professora); Escola Técnica Federal de São Paulo (Professora); <b>UNESP</b> (Professora/Pesquisadora – atual/último vínculo); Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Professora)	--
<b>E. J. SUAIKEN</b>	Universidad de la República - PRODIC Uruguai (Professor); Universidad Carlos III de Madrid (Professor/Pesquisador); <b>UnB</b> (Professor/Pesquisador – atual/último vínculo)	Biblioteca Nacional (Consultoria); Secretaria do Desenvolvimento Tecnológico (Serviços Prestados: Tecnologia da Informação); Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (Gestão/Assessoria/Consultoria); <b>IBICT</b> (Gestão/Serviços Prestados: Analista em Ciência e Tecnologia)
<b>E. G. D. ORRICO</b>	<b>UNIRIO</b> (Professora/Pesquisadora – atual/último vínculo)	--
<b>G. M. RODRIGUES</b>	École Nationale des Chartes - Sorbone França (Professora); Université de Paris X Nanterre - França (Professora); <b>UnB</b> (Professora/Pesquisadora – atual/último vínculo); Centro de Ensino Unificado de Brasília (professora)	Arquivo Público do distrito Federal (Serviços Prestados: Gerente Cultural do Arquivo); Arquivo Nacional do Brasil (Consultoria)
<b>G. M. PRADO</b>	Universidade Estácio de Sá (Professor); <b>IBICT</b> (Professor/Pesquisador – atual/último vínculo)	<b>IBICT</b> FIOCRUZ (Consultoria); Secretaria de agricultura do Estado de São Paulo (Consultoria)
<b>G. OLINTO</b>	UFRJ (Professora); UFF (Pesquisadora); <b>IBICT</b> (Professora/Pesquisadora – atual/último vínculo)	--

<b>G. A. DIAS</b>	<b>UFPB</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas (Professor)	ANCIB (Gestão); Johnson Johnson do Nordeste (Serviços Prestados: Analista de Informação); Light Infocon (Serviços Prestados: Analista de Informação); Companhia de Processamento de Dados da Paraíba (Serviços Prestados: Analista de Sistemas)
<b>G. S. SALDANHA</b>	<b>IBICT</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); UNIRIO (Professor); Faculdades Integradas Tereza D'Ávila (Professor); Faculdade de Tecnologia do Comércio (Professor)	Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Serviço Prestado: Analista); Biblioteca Euclides da Cunha/Fundação Biblioteca Nacional (Gestão); Escola Nacional de Ciências Estatísticas (Serviços Prestados: Supervisor de Biblioteca)
<b>H. C. S. CASARIN</b>	<b>UNESP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Universidade Federal de São Carlos (Professora); Universidade Estadual de Londrina (Professora); Universidade Aberta de Lisboa - Portugal (Professora); UFSC (Professora)	--
<b>H. KURAMOTO</b>	<b>UFMG</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> )	IBICT (Tecnologista); Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Analista de Sistema); UnB (Serviços Prestados: Analista de Processamento de Dados)
<b>I. THIESEN</b>	<b>UNIRIO</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> )	IBGE (Tecnologista)
<b>I. M. FREIRE</b>	UFRN (Pesquisadora); <b>UFPB</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ) UFBA (Professora); UNESP (Professora)	Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (Tecnologista); Development Network - Brasil (Serviços Prestados: Editora); Fundação Norte Riograndense de Pesquisa e Cultura (Assessoria)
<b>J. ROBREDO</b>	<b>UnB</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); Universidade de Porto Rico - Estados Unidos (Professor); Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Espanha (Pesquisador)	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Serviços Prestados: Diretor de Projeto); Institut du Verre - França (Serviços Prestados: Chefe de Serviço de Informação)

<b>J. B. E. MORAES</b>	Fundação Educacional do Município de Assis (Professor); Fundação Educação Miguel Mofarrej (Professor); Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Professor); <b>UNESP</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> )	--
<b>J. W. SMIT</b>	<b>USP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Institut National de L'audiovisuel - França (Professora); Université Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis - França (Professora)	CAPES (Consultoria); Rhodia S A - Brasil (Assessoria); Colégio Rio Branco (Serviços Prestados: Auxiliar de Biblioteca)
<b>J. A. C. GUIMARÃES</b>	UFPE (Professor); Universidad de la Republica Uruguay - Uruguai (Professor); University of Wiskonsin-Milwaukee - Estados Unidos (Professor); Universidad Carlos III de Madrid - Espanha (Professor); <b>UNESP</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); USP (Professor)	CAPES (Consultoria); CNPq (Assessoria); Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Assessoria)
<b>J. M. JARDIM</b>	<b>UNIRIO</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); UFF (Professor); UFBA (Professor)	Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (Assessoria); Arquivo Nacional (Serviços Prestados: Técnicos em Assuntos Culturais)
<b>K. M. C. CARVALHO</b>	Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão (Professora); <b>UFBA</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); CNPq (Pesquisadora); Faculdade de Turismo da Bahia (Professora) UFRJ (Professora); UNIRIO (Professora); Universidade Estadual de Feira de Santana (Professora); Réseu Franco-Brésilien de Chercheurs en Médiations et Usages Siciaux - França (Professora)	Gabinete Português de Leitura - Brasil (Prestação de Serviço: Coordenação de Biblioteca); Associação Cultural Brasil Portugal (Prestação de Serviços: Diretora de Planejamento); Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Consultoria/Assessoria); INEP (Assessoria); ANCIB (Consultoria); CAPES (Consultoria); CNPq (Consultoria); Núcleo de Arquivos de Repressão Política (Consultoria); Fundação Biblioteca Nacional (Consultoria); Fundação Cultural do Estado da Bahia (Prestação de Serviços: Coordenadora do Sistema de Biblioteca)
<b>L. S. BUFREM</b>	UFPB (Professora); CNPq (Pesquisadora); UFPR (Professora/Pesquisadora); <b>UFPE</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UNESP (Professora/Pesquisadora); USP	--

	(Professora/Pesquisadora); Universidade Carlos III de Madrid - Espanha (Professora/Pesquisadora); Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Professora); Associação Brasileira de Odontologia (Professora); Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de Palmas (Professora)	
<b>L. V. R. PINHEIRO</b>	<b>IBICT</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UFRJ (Professora); UNIRIO (Professora)	IBICT (Tecnologista); ANCIB (Gestão); Fundação Nacional de Artes (Prestação de Serviços: Chefe de Coordenação e Pesquisa)
<b>L. ALVARENGA</b>	<b>UFMG</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Grupo Escolar Professora Júlia Kubitschek (Professora);	Serviço Central de Informações Bibliográficas da UFMG (Prestação de Serviços: Bibliotecária); Fundação Projeto RONDON (Prestação de Serviços: Bibliotecária); Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Prestação de Serviços: Bibliotecária); INEP (Assessoria/Gestão); Ministério dos Transportes (Consultoria/Prestação de Serviços: Coordenadora de Documentação))
<b>L. S. FREITAS</b>	<b>UFF</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UFRJ (Pesquisadora); PUC - SP (Pesquisadora); Associação de Ensino Superior São Judas Tadeu (Professora); Fundação Hélio Alonso de Comunicação e Turismo (Professora)	Centro Ecumênico de Documento e informação (Prestação de Serviços: Documentalista); Fundação Nacional d Índio (Prestação de Serviços: Documentalista); Editora Terceiro Mundo (Prestação de Serviços: Documentalista)
<b>L. M. A. CAFÉ</b>	<b>UFSC</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> )	IBICT (Tecnologista); ANCIB (Gestão)
<b>L. R. ISSBERNER</b>	<b>IBICT</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UFRJ (Professora/Pesquisadora)	Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (Coordenadora Geral de Indicadores); Serviço Federal de Processamento de Dados (Analista de Informações)
<b>M. A. ALMEIDA</b>	<b>USP</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); PUC - SP (Professor/Pesquisador); Universidade Santo Amaro (Professor)	Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (Consultoria)

<b>M. A. MOURA</b>	<p><b>UFMG</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b>); PUC - MG (Professora); Universidade do Estado da Bahia (Professora); Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (Pesquisadora); Centro Universitário UMA (Pesquisadora); Ciclope LTDA (Pesquisadora); Fundação de Desenvolvimento de Pesquisa (Professora); Instituto Anísio Teixeira - Educação - Bahia (Professora); Maison de Sciences de l'Homme (Professora); Universidad Nacional de Educación a Distancia - Espanha (Professora); Université Paris Est - França (Pesquisadora)</p>	<p>Grupo de Estudos e Trabalho em Educação Comunitária (Prestação de Serviços: Documentalista); Tv Minas Cultural e Educativa (Prestação de Serviços: Documentalista); Centro Cultural Lagoa do Nado (Prestação de Serviços: Bibliotecária); Fundação João Pinheiro (Consultoria); ISKO - França (Consultoria); O Movimento do Graal no Brasil (Assessoria); Universidade Eduardo Modlane - Moçambique (Consultoria)</p>
<b>M. C. C. GRÁCIO</b>	<p><b>UNESP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b>)</p>	<p>--</p>
<b>M. C. P. I. HAYASHI</b>	<p>UNICAMP (Pesquisadora); <b>UFSCAR</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b>)</p>	<p>--</p>
<b>M. G. TARGINO</b>	<p>Curso Passport to English (Professora); Ginásio Estadual de Piri-piri (Professora); <b>UFPI</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b>); UFPB (Professora/Pesquisadora); Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Pesquisadora); Instituto Interuniversitario de Iberoamérica da Universidad de Salamanca - Espanha (Pesquisadora); Programa Nacional de Informática na Educação (Professora); Universidade Estadual do Piauí (Professora); Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Pesquisadora); CNPq (Pesquisadora); Centro de Ensino Unificado de Teresina (Professora); Associação de Ensino Superior do Piauí (Professora); Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (Professora); Escola Superior de Advocacia do Piauí (Professora); Instituto Camilo Filho (Professora); Universidade Federal de Alagoas (Professora); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Professora); UFMG (Pesquisadora); Universidade Federal do Ceará (Professora); Universidade Federal do Maranhão (Professora); Secretaria de Saúde do Estado do Piauí (Professora); Instituto Nacional do Livro (Professora); Associação Brasileira de</p>	<p>ANCIB (Consultoria); Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Consultoria); Prefeitura Municipal de Teresina (Consultoria); Conselho Regional de Biblioteconomia 3ª Região (Consultoria/Gestão); Fundação Cultural do Estado do Piauí (Bibliotecária); Secretaria de Educação do Estado do Piauí (Prestação de Serviços: Direção de Biblioteca)</p>

	Odontologia Secção Piauí (Professora); Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Professora); Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (Professora); UFPE (Professora); Colégio Coração de Jesus (Professora)	
<b>M. F. G. M. TÁLAMO</b>	Universidade Paulista (Professora); <b>USP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Universidade Presbiteriana Mackenzie (Professora); PUC - Campinas (Professora)	Fundação Padre Anchieta (Prestação de Serviços: Documentalista); Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo (Consultoria); INEP (Consultoria)
<b>M. N. F. PEREIRA</b>	<b>IBICT</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Ministério da Ciência e Tecnologia (Pesquisadora); CGEE (Pesquisadora); UFPA (Pesquisadora)	Prefeitura de São Paulo (Consultoria); UNESCO (Consultoria); Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Prestação de Serviço: Técnica Bibliotecária); Instituto Evandro Chagas (Prestação de Serviço: Estágio/Biblioteca0)
<b>M. I. TOMAÉL</b>	<b>UEL</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> )	--
<b>M. L. A. CAMPOS</b>	<b>UFF</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); <b>IBICT</b> (Professora); UFRJ (Professora); UNIRIO (Professora); Universidade Santa Úrsula (Professora); FIOCRUZ (Professora); Universidad Carlos III de Madrid (Professora); Universidad de Salamanca (Professora); Universidade da Argentina (Professora)	CNPq (Consultoria); CAPES (Consultoria); FINEP (Consultoria); Fundação Nacional de Artes (Consultoria); Universidade de Pernambuco (Consultoria)
<b>M. N. GONZALEZ de GOMEZ</b>	<b>UFF</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); <b>IBICT</b> (Professora/Pesquisadora)	--
<b>M. Y. F. S. F. GOMES</b>	<b>UFBA</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UFPB (Professora/Pesquisadora)	--
<b>M. S. L. FUJITA</b>	<b>UNESP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Instituto de Políticas Públicas de Marília (Pesquisadora); USP (Professora); UFPA (Professora)	CNPq (Assessoria); FAPESP (Assessoria); <b>IBICT</b> (Consultoria); INEP (Assessoria); UEL (Assessoria)

<b>M. L. G. LARA</b>	<b>USP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Professora)	ISKO - BRASIL (Consultoria); Escola Dominicana de Teologia/Sociedade Impulsionadora da Instrução (Prestação de Serviços: Auxiliar de Biblioteca); Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Prestação de Serviços: Analista de Documentação); Cia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo (Prestação de Serviços: Analista de Informação)
<b>M. BRASCHER</b>	<b>UFSC</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UnB (Professora)	CAPES (Gestão/Assessoria); IBICT (Tecnologista); ANCIB (Gestão/Consultoria)
<b>M. OLIVEIRA</b>	<b>UFMG</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UFAL (Professora); UFPB (Professora); CNPq (Pesquisadora)	IBICT (Técnica em Informação)
<b>M. L. P. VALENTIM</b>	<b>UNESP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Universidad de la Republica Uruguay (Professora); Universidad de Buenos Aires (Professora); Universidad de Antioquia (Professora); UnB (Pesquisadora); UFAM (Pesquisadora); UEL (Professora); Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Professora); Faculdade de Biblioteconomia Teresa Martin (Professora)	ABECIN (Gestão); ANCIB (Consultoria); EDICIC (Gestão/Consultoria); Fundação para o Desenvolvimento do Ensino, Pesquisa e Extensão (Gestão/Consultoria); Asociación de Educación e Investigación em Bibliotecologia, Archivologia ... - Costa Rica (Gestão); Mundoquelê uma ONG de Leitura (Consultoria); ABEBD (Gestão); Associação Paulista de Bibliotecários (Gestão); Metal Leve S A Indústria e Comércio (Prestação de Serviços: Coordenadora de Informação); Planejamento e Assessoria Administrativa LTDA (Prestação de Serviços: Bibliotecária); Fundação Getúlio Vargas (Prestação de Serviços: Bibliotecária)
<b>M. B. ALMEIDA</b>	<b>UFMG</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); State University of New York at Buffalo - Estados Unidos (Pesquisador); PUC - MG (Professor); Fundação Hemominas (Pesquisador); Faculdade Cotemig (Professor)	--

<b>M. F. V. CUNHA</b>	<b>UFSC</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Universidade Eduardo Mondlane (Professora)	Centro Latino Americano de Informação em Ciências da Saúde - BIREME (Prestação de Serviços: Atendimento ao Usuário); INEP (Coordenação de Sistemas de Informação); UNESCO - França (Prestação de Serviços: Indexação de Documentos)
<b>M. A. AQUINO</b>	<b>UFPB</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UESB (Professora)	--
<b>N. Y. KOBASHI</b>	IBICT (Professora); <b>USP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); PUC - Campinas (Professora); UNESP (Professora); UFMG (Professora)	CAPES (Assessoria)
<b>N. E. ODDONE</b>	<b>UNIRIO</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); University of Kent - Inglaterra (Pesquisador); UFBA (Professor)	Fundação Biblioteca Nacional (Consultoria); ISKO - BRASIL (Consultoria)
<b>P. L. V. A. C. SANTOS</b>	Universitat de València - Espanha (Professora); Universidad de Murcia - Espanha (Professora); <b>UNESP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); CNPq (Pesquisadora)	ANCIB (Gestão/Consultoria)
<b>R. N. M. SANTOS</b>	<b>UFPE</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (Pesquisador); PUC - Campinas (Professor); USP (Professor); UFSC (Professor)	Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (Gestão/Engenheiro Portuário); INEP (Consultoria)
<b>R. M. MARTELETO</b>	Université Toulouse III Paul Sabatier (Professora/Pesquisadora); FIOCRUZ (Pesquisadora); <b>IBICT</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UFMG (Professora/Pesquisadora); UNIRIO (Professora/Pesquisadora); UERJ (Pesquisadora)	Serviço Social do Comércio (Prestação de Serviços: Bibliotecária)
<b>R. R. SOUZA</b>	<b>FGV</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); UFMG (Professor/Pesquisador); Columbia University - Estados Unidos (Professor/Pesquisador); University of South Wales - Gales (Pesquisador); UFSC (Professor); PUC - Minas (Professor); Centro	INEP (Consultoria); IBM Brasil (Prestação de Serviços: Analista de Sistemas)

	Universitário UMA (Professor); Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (Professor)	
<b>R. M. PIMENTA</b>	<b>IBICT</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); FIOCRUZ (Professor); Universidade de Vassouras (Professor/Pesquisador); Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Professor); Universidade Candido Mendes (Professor); ABEU Centro Universitário (Professor); Revista de História da Biblioteca Nacional (Pesquisador); École des Hautes Études en Sciences Sociales - França (Pesquisador); UNIRIO (Professor); Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do estado do Rio de Janeiro (Professor); Fundação Educacional Duque de Caxias (Professor); Colégio Anglo-americano (Professor); Colégio Militar do Rio de Janeiro (Professor)	Arquivo Nacional (Consultoria); Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (Prestação de Serviços: Tratamento e Organização de Acervos); Museu Nacional da UFRJ (Prestação de Serviços: Projeto de Restauração);
<b>R. F. SOUZA</b>	<b>IBICT</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Universidade Santa Úrsula (Professora)	Centro Latino Americano de Física (Prestação de Serviços: Bibliotecária)
<b>R. S. RODRIGUES</b>	<b>UFSC</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> )	--
<b>R. R. G. SILVA</b>	<b>UFBA</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); CNPq (Pesquisador); Fundação Biblioteca Nacional (Pesquisador); Instituto Nacional de Tecnologia (Professor); IBICT (Pesquisador); Escolinha de Arte do Brasil (Professor); Fotoriografia Escola de Fotografia (Professor); Associação dos Arquivistas Brasileiros (Pesquisador); INEP (Professor)	Câmara Técnica de Capacitação de Recursos Humanos do CONARQ (Gestão/Consultoria); CNPq (Consultoria); IBICT (Consultoria); Arquivo Nacional (Prestação de Serviços: Restauração e Conservação de Documentos); Instituto Português de Fotografia (Consultoria); FGV (Consultoria); Fundação Casa Rui Barbosa (Assessoria); Museu de Arte Moderna da Bahia (Consultoria); Jornal O Dia (Prestação de Serviços: Organização de Acervo); Centro de Estudos Etnográficos da Mulher Idosa da Universidade Santa Úrsula (Assessoria); Instituto Cultural Casa da Flor (Consultoria); Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (Prestação de Serviços: Técnico Industrial); Ishikawagima do Brasil Estaleiros S A (Prestação de Serviços: Projetista Naval); Verolme Estaleiros

		Reunidos do Brasil (Prestação de Serviços: Projetista Naval)
<b>S. A. S. VANZ</b>	<b>UFRGS</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Sociedade Educacional Cristo Redentor (Professora)	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões Erechim (Prestação de Serviços: Bibliotecária); Centro Educacional Dom LTDA (Prestação de Serviços: Bibliotecária)
<b>S. ALBAGLI</b>	<b>IBICT</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Museu de Astronomia e Ciências Afins (Pesquisadora); CNPq (Pesquisadora)	Centro de Tecnologia Mineral (Tecnologista); CNPq (Analista de Desenvolvimento)
<b>S. A. B. G. VIDOTTI</b>	<b>UNESP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); CNPq (Pesquisadora)	FAPESP (Consultoria); EDICIC (Consultoria); ANCIB (Gestão/Consultoria); INEP (Consultoria)
<b>S. D. MONTEIRO</b>	<b>UEL</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UNESP (Professora)	--
<b>S. G. BAPTISTA</b>	<b>UnB</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> )	--
<b>S. E. CAREGNATO</b>	<b>UFRGS</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> )	--
<b>S. A. AMARAL</b>	<b>UnB</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); CNPq (Pesquisadora); IBICT (Professora); Universidad Nacional Autónoma de México - México (Professora); Governo do Estado do Rio de Janeiro (Professora)	CAPES (Consultoria); ANCIB (Gestão Consultoria); Federação Internacional de Associações Bibliotecárias e Instituições (Assessoria/Consultoria); Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (Gestão/ Consultoria); Associação Profissional dos Bibliotecários do Rio de Janeiro (Gestão/Consultoria); Senado Federal (Bibliotecária); Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (Bibliotecária); Governo do Estado do Rio de Janeiro (Bibliotecária)
<b>S. M. S. P. FERREIRA</b>	<b>USP</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Professora); Centro Universitário Teresa D'Ávila (Professora)	Associação Brasileira de Cibercultura (Gestão/Consultoria); FAPESP (Consultoria); IBICT (Consultoria); Fundação Escola de Sociologia e

		Política de São Paulo (Consultoria); Centro de Documentação em Comunicação dos Países de Língua Portuguesa (Gestão/Consultoria); Sociedade Brasileira dos Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Gestão/Consultoria); Fundação de Tecnologia Industrial (Prestação de Serviços: Bibliotecária/Consultoria/Assessoria); UNESP (Prestação de Serviços: Bibliotecária); Faculdade de Medicina de Taubaté (Prestação de Serviços: Bibliotecária); SENAI - Departamento Regional da Paraíba (Prestação de Serviços: Bibliotecária); International Federation of Library Association - Holanda (Consultoria)
<b>S. P. M. MUELLER</b>	<b>UnB</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); IBGE (Professora)	--
<b>T. FRÓES BURNHAM</b>	University of London - Inglaterra (Professora/Pesquisadora); <b>UFBA</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); Instituto de Educação Superior Ocidentemnte (Professora/Pesquisadora)	Universidade Aberta - Portugal (Consultoria); Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Consultoria); CAPES (Consultoria); Conselho Estadual de Educação (Consultoria); Conselho Municipal de Educação de Salvador (Consultoria); Secretaria Estadual de Educação da Bahia (Gestão/Consultoria)
<b>V. L. D. L. M. DODEBEI</b>	<b>UNIRIO</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); CAPES (Pesquisadora)	ISKO - BRASIL (Gestão/Consultoria); ANCIB (Gestão/Consultoria); Nuclebrás Equipamentos Pesados S A (Prestação de Serviços: Assistente Especializado); Cia Souza Cruz Indústria e Comércio S A (Prestação de Serviços: Bibliotecária); Ministério do Trabalho (Prestação de Serviços: Analista Ocupacional); NCR do Brasil (Prestação de Serviços: Bibliotecária)

<b>V. S. M. BERAQUET</b>	<b>PUC- Campinas</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> )	--
<b>V. M. KERN</b>	Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Pesquisador); National Institute of Standards and Technology - Estados Unidos (Pesquisador); <b>UFSC</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> ); Instituto Stela (Pesquisador); Universidade Vale do Itajaí (Professor); Virginia Polytechnic Institute and State University - Virginia Tech - Estados Unidos (Pesquisador); UFRGS (Professor); Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina (Professor); Associação Educação Leonardo da Vinci (Professor)	Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica (Gestão/Consultoria)
<b>V. B. PINTO</b>	<b>UFC</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UNESP (Professora); UFPB (Professora)	Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (Prestação de Serviço: Bibliotecária); Escola Superior de Agricultura de Mossoró (Prestação de Serviço: Bibliotecária); Fundação Núcleo de Tecnologia Industrial do Ceará (Prestação de Serviço: Bibliotecária); Obras das Vocações Missionárias Capuchinas do Ceará - Colégio Pio X (Prestação de Serviço: Auxiliar de Secretária); Instituto Educacional Lourenço Filho S A (Prestação de Serviço: Bibliotecária)
<b>W. C. S. VERGUEIRO</b>	<b>USP</b> (Professor/Pesquisador – <b>atual/último vínculo</b> )	--
<b>Z. L. C. OLIVEIRA</b>	<b>UFRJ</b> (Professora/Pesquisadora – <b>atual/último vínculo</b> ); UFF (Pesquisadora); IBGE (Professora/Pesquisadora)	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

### APÊNDICE H – TRAJETÓRIAS LINEARES E INTERSTICIAIS DOS BOLSISTAS PQ EM CI

BOLSISTA	TRAJETÓRIAS DOS BOLSISTAS PQ				
	FORMAÇÃO DISCIPLINAR	ATUAÇÃO UTILITÁRIA			MOVIMENTO TRANSITÓRIO
		FORMAÇÃO	PROFISSIONAL	PRODUTO	
A. A. BARRETO	INTERSTICIAL LINEAR	--	LINEAR	INTERSTICIAL - LINEAR	NUCLEAR
A. P. A. LOPEZ	INTERSTICIAL	LINEAR	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
B. FADEL	LINEAR INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	INTERSTICIAL – NUCLEAR
B. V. CENDÓN	INTERSTICIAL LINEAR	INTERSTICIAL	INTERSTICIAL – LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
C. C. ALMEIDA	LINEAR	--	LINEAR	--	NUCLEAR
C. H. M. ALMEIDA	INTERSTICIAL LINEAR	--	INTERSTICIAL – LINEAR	--	--
D. P. NORONHA	LINEAR INTERSTICIAL	INTERSTICIAL	LINEAR	--	INTERSTICIAL
D. FLORES	LINEAR INTERSTICIAL LINEAR	LINEAR	INTERSTICIAL – LINEAR	INTERSTICIAL - LINEAR	NUCLEAR
D. A. M. A. POBLACIÓN	LINEAR	LINEAR	LINEAR	--	INTERSTICIAL
E. FERNEDA	INTERSTICIAL LINEAR	--	INTERSTICIAL – LINEAR	INTERSTICIAL - LINEAR	NUCLEAR
E. PERROTTI	INTERSTICIAL LINEAR	--	LINEAR	--	NUCLEAR
E. I. MURGUIA	INTERSTICIAL LINEAR INTERSTICIAL	LINEAR	LINEAR	--	--
E. A. ARAÚJO	LINEAR	LINEAR	LINEAR	--	NUCLEAR
E. B. M. VALIO	INTERSTICIAL	--	LINEAR	LINEAR	--

BOLSISTA	TRAJETÓRIAS DOS BOLSISTAS PQ				
	FORMAÇÃO DISCIPLINAR	ATUAÇÃO UTILITÁRIA			MOVIMENTO TRANSITÓRIO
		FORMAÇÃO	PROFISSIONAL	PRODUTO	
E. F. T. OLIVEIRA	INTERSTICIAL	INTERSTICIAL	INTERSTICIAL – LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
E. J. SUAIDEN	LINEAR	--	INTERSTICIAL – LINEAR	--	NUCLEAR
E. G. D. ORRICO	INTERSTICIAL LINEAR	--	LINEAR	--	INTERSTICIAL – NUCLEAR
G. M. RODRIGUES	INTERSTICIAL	INTERSTICIAL	LINEAR	--	INTERSTICIAL – NUCLEAR
G. M. PRADO	INTERSTICIAL	--	INTERSTICIAL – LINEAR	--	NUCLEAR
G. OLINTO	INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	NUCLEAR
G. A. DIAS	INTERSTICIAL LINEAR	--	INTERSTICIAL – LINEAR	LINEAR	INTERSTICIAL – NUCLEAR
G. S. SALDANHA	LINEAR	LINEAR INTERSTICIAL	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
H. C. S. CASARIN	INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	NUCLEAR
H. KURAMOTO	INTERSTICIAL LINEAR	--	INTERSTICIAL – LINEAR	--	--
I. THIESEN	LINEAR	LINEAR	INTERSTICIAL – LINEAR	--	NUCLEAR
I. M. FREIRE	INTERSTICIAL LINEAR	--	INTERSTICIAL – LINEAR	--	NUCLEAR
J. ROBREDO	INTERSTICIAL	INTERSTICIAL	LINEAR	LINEAR	--
J. B. E. MORAES	INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	NUCLEAR
J. W. SMIT	LINEAR INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	NUCLEAR
J. A. C. GUIMARÃES	INTERSTICIAL LINEAR	--	LINEAR	--	NUCLEAR

BOLSISTA	TRAJETÓRIAS DOS BOLSISTAS PQ				
	FORMAÇÃO DISCIPLINAR	ATUAÇÃO UTILITÁRIA			MOVIMENTO TRANSITÓRIO
		FORMAÇÃO	PROFISSIONAL	PRODUTO	
J. M. JARDIM	INTERSTICIAL LINEAR	LINEAR	LINEAR	--	NUCLEAR
K. M. C. CARVALHO	LINEAR INTERSTICIAL LINEAR	LINEAR	LINEAR	--	NUCLEAR
L. S. BUFREM	LINEAR INTERSTICIAL LINEAR	INTERSTICIAL	LINEAR	LINEAR	INTERSTICIAL - NUCLEAR
L. V. R. PINHEIRO	LINEAR INTERSTICIAL	INTERSTICIAL LINEAR	LINEAR	LINEAR	INTERSTICIAL - NUCLEAR
L. ALVARENGA	LINEAR INTERSTICIAL	--	LINEAR	LINEAR	--
L. S. FREITAS	INTERSTICIAL LINEAR	--	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
L. M. A. CAFÉ	LINEAR INTERSTICIAL	--	INTERSTICIAL – LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
L. R. ISSBERNER	INTERSTICIAL	--	INTERSTICIAL – LINEAR	--	NUCLEAR
M. A. ALMEIDA	INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	INTERSTICIAL - NUCLEAR
M. A. MOURA	LINEAR INTERSTICIAL	INTERSTICIAL	LINEAR	INTERSTICIAL - LINEAR	INTERSTICIAL - NUCLEAR
M. C. C. GRÁCIO	INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	NUCLEAR
M. C. P. I. HAYASHI	INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	INTERSTICIAL - NUCLEAR
M. G. TARGINO	LINEAR INTERSTICIAL	INTERSTICIAL	LINEAR	--	NUCLEAR
M. F. G. M. TÁLAMO	INTERSTICIAL LINEAR	--	INTERSTICIAL – LINEAR	--	NUCLEAR
M. N. F. PEREIRA	LINEAR INTERSTICIAL	LINEAR	LINEAR	--	NUCLEAR

BOLSISTA	TRAJETÓRIAS DOS BOLSISTAS PQ				
	FORMAÇÃO DISCIPLINAR	ATUAÇÃO UTILITÁRIA			MOVIMENTO TRANSITÓRIO
		FORMAÇÃO	PROFISSIONAL	PRODUTO	
M. I. TOMAÉL	LINEAR INTERSTICIAL LINEAR	INTERSTICIAL	LINEAR	--	NUCLEAR
M. L. A. CAMPOS	LINEAR	--	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
M. N. GONZALEZ de GOMEZ	LINEAR INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	NUCLEAR
M. Y. F. S. F. GOMES	LINEAR	LINEAR	LINEAR	--	NUCLEAR
M. S. L. FUJITA	LINEAR	LINEAR	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
M. L. G. LARA	LINEAR	--	LINEAR	--	NUCLEAR
M. BRASCHER	LINEAR	--	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
M. OLIVEIRA	LINEAR	--	LINEAR	--	--
M. L. P. VALENTIM	LINEAR	--	LINEAR	--	INTERSTICIAL - NUCLEAR
M. B. ALMEIDA	INTERSTICIAL LINEAR	INTERSTICIAL	LINEAR	LINEAR	INTERSTICIAL - NUCLEAR
M. F. V. CUNHA	LINEAR	--	LINEAR	--	NUCLEAR
M. A. AQUINO	LINEAR INTERSTICIAL	INTERSTICIAL	LINEAR	INTERSTICIAL - LINEAR	INTERSTICIAL
N. Y. KOBASHI	LINEAR INTERSTICIAL	--	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
N. E. ODDONE	LINEAR INTERSTICIAL	INTERSTICIAL LINEAR	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
P. L. V. A. C. SANTOS	LINEAR INTERSTICIAL	LINEAR	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
R. N. M. SANTOS	INTERSTICIAL	INTERSTICIAL	INTERSTICIAL – LINEAR	--	INTERSTICIAL - NUCLEAR

BOLSISTA	TRAJETÓRIAS DOS BOLSISTAS PQ				
	FORMAÇÃO DISCIPLINAR	ATUAÇÃO UTILITÁRIA			MOVIMENTO TRANSITÓRIO
		FORMAÇÃO	PROFISSIONAL	PRODUTO	
R. M. MARTELETO	LINEAR INTERSTICIAL	--	LINEAR	LINEAR	INTERSTICIAL - NUCLEAR
R. R. SOUZA	INTERSTICIAL LINEAR	INTERSTICIAL	LINEAR/INTERSTICIAL	LINEAR	INTERSTICIAL - NUCLEAR
R. M. PIMENTA	INTERSTICIAL	INTERSTICIAL	LINEAR	--	INTERSTICIAL - NUCLEAR
R. F. SOUZA	LINEAR	LINEAR	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
R. S. RODRIGUES	INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	NUCLEAR
R. R. G. SILVA	INTERSTICIAL LINEAR	--	INTERSTICIAL – LINEAR	--	NUCLEAR
S. A. S. VANZ	LINEAR	--	LINEAR	--	INTERSTICIAL - NUCLEAR
S. ALBAGLI	INTERSTICIAL	--	INTERSTICIAL – LINEAR	--	NUCLEAR
S. A. B. G. VIDOTTI	INTERSTICIAL	INTERSTICIAL	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
S. D. MONTEIRO	LINEAR INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	NUCLEAR
S. G. BAPTISTA	NÃO DECLARADA	--	LINEAR	--	--
S. E. CAREGNATO	LINEAR	--	LINEAR	--	INTERSTICIAL - NUCLEAR
S. A. AMARAL	LINEAR	--	LINEAR	--	NUCLEAR
S. M. S. P. FERREIRA	LINEAR	LINEAR	LINEAR	LINEAR	--
S. P. M. MUELLER	LINEAR	--	LINEAR	--	NUCLEAR
T. FRÓES BURNHAM	INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	INTERSTICIAL - NUCLEAR

BOLSISTA	TRAJETÓRIAS DOS BOLSISTAS PQ				
	FORMAÇÃO DISCIPLINAR	ATUAÇÃO UTILITÁRIA			MOVIMENTO TRANSITÓRIO
		FORMAÇÃO	PROFISSIONAL	PRODUTO	
V. L. D. L. M. DODEBEI	LINEAR INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	INTERSTICIAL - NUCLEAR
V. S. M. BERAQUET	LINEAR	INTERSTICIAL	LINEAR	--	--
V. M. KERN	INTERSTICIAL	--	LINEAR	LINEAR	NUCLEAR
V. B. PINTO	LINEAR	LINEAR	LINEAR	--	NUCLEAR
W. C. S. VERGUEIRO	LINEAR	--	LINEAR	--	INTERSTICIAL - NUCLEAR
Z. L. C. OLIVEIRA	INTERSTICIAL	--	LINEAR	--	INTERSTICIAL

Fonte: Elaborado pelo autor.